

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DOUTORADO EM TEOLOGIA

PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA

**APRENDER A RECONHECER NAS VIVÊNCIAS JUVENIS O SOLO SAGRADO:
UM PEREGRINAR ANTROPOLÓGICO EM COMPROMISSO COM O *TELOS* DA
FORMAÇÃO INTEGRAL DAS JOVENS GERAÇÕES NOS PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS-
PEDAGÓGICOS DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN**

Orientador: Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA

**APRENDER A RECONHECER NAS VIVÊNCIAS JUVENIS O SOLO SAGRADO:
UM PEREGRINAR ANTROPOLÓGICO EM COMPROMISSO COM O *TELOS* DA
FORMAÇÃO INTEGRAL DAS JOVENS GERAÇÕES NOS PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS-
PEDAGÓGICOS DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Teologia. Área de Concentração: Teologia Sistemática. Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo.

Prof. Orientador: Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

T266a Teixeira, Patrícia Espíndola de Lima

Aprender a reconhecer nas vivências juvenis o solo sagrado : Um peregrinar antropológico em compromisso com o telos da formação integral das jovens gerações nos princípios teológicos-pedagógicos da fenomenologia de Edith Stein / Patrícia Espíndola de Lima Teixeira. – 2022.

294p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin.

1. Jovens. 2. Educação. 3. Formação católica. 4. Antropologia Teológica.
5. Edith Stein. I. Susin, Luiz Carlos. II. Título.

PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA

**APRENDER A RECONHECER NAS VIVÊNCIAS JUVENIS O SOLO SAGRADO:
UM PEREGRINAR ANTROPOLÓGICO EM COMPROMISSO COM O *TELOS* DA
FORMAÇÃO INTEGRAL DAS JOVENS GERAÇÕES NOS PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS-
PEDAGÓGICOS DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Teologia. Área de Concentração: Teologia Sistemática. Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo.

Aprovada em 25 de março de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PPG Teologia/PUCRS (Orientador)

Profa. Dra. Edla Eggert – PPG Educação e Teologia/PUCRS

Prof. Dr. Rafael Fernandes – PPG Teologia/PUCRS

Prof. Dr. Marcelo Bonhemberger – PPG Filosofia/PUCRS

Profa. Dra. Clélia Peretti – PPG Teologia/PUCPR

Profa. Dra. Angela Ales Bello – Pontificia Università Lateranense (Roma, Itália).

Porto Alegre
2022

Aos familiares, educadores, formadores e profissionais que se dedicam incansavelmente em promover o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens através do Bem-Belo-Verdadeiro.

A cada jovem, adolescente e criança que passou, passa e passará por minha existência. Pelas marcas profundas que imprimem no meu ser e direcionam o meu saber e o meu fazer. Com o sopro do novo, me conduziram até aqui. São vocês os meus mais potentes pedagogos. Em vocês, de modo tão sublime, encontro o divino no humano. Aqui, só busco devolver com o coração cheio de esperança, o tanto que me formam no solo sagrado da vida.

AGRADECIMENTOS

Os vocábulos latinos, *gratus* e *gratia*, são cognatos. Tal qual sua raiz, a gratidão é assim correlata quando a expresso, reconhecendo as múltiplas cooperações encontradas ao longo do processo de pesquisa. Há muito ao que agradecer e reconhecer como graça. Com tudo e com todos, aprendi algo.

Minha gratidão infinita aos jovens mais próximos de mim: meus amados filhos, Douglas e João Pedro, Elisa (*in memoriam*) e Amanda (*in memoriam*); e ao meu esposo e amigo, Humberto. Por todo suporte afetivo e estrutural em todos os anos de estudo. Às minhas famílias: Espíndola, Lima e Teixeira. Ser parte de vocês, me faz alguém melhor. Destaco minhas famílias ampliadas: Lapenta, Ulrich, Mohr, Lorenzetti, Neis, Martins, Ramos, por serem os mais valorosos amigos que alguém em doutoramento poderia ter.

À Igreja presente na Arquidiocese de Porto Alegre/RS do qual sou filha. Grata aos movimentos e serviços pastorais que me formaram desde a adolescência e aos amigos de toda uma vida surgidos neste peregrinar. Sou grata ao arcebispo Dom Jaime Spengler, pelo estímulo às mulheres leigas ao doutorado e, mais especificamente, pelo valor identificado na temática que desenvolvo. Ao Padre Talis Pagot, pelo enorme encorajamento para que eu contribuísse com o pensamento fenomenológico-teológico em nível *stricto sensu*; ao Padre Kauê Antonioli, que me fortaleceu na determinada determinação em todo o doutorado; e ao Padre Marcos Sandrini, S.D.B. (*in memoriam*), por impulsionar ainda mais, minha mente-coração-mãos à pedagogia com juventudes.

À querida Diocese de Montenegro/RS, composta por tantos padres que contribuíram com minha vocação desde a juventude. Nas pessoas dos amigos e colegas, Pe. Eduardo Haas e Pe. Ludinei Vian, estendo minha gratidão alegre e histórica.

À PUCRS, universidade que me constituiu uma acadêmica autoral e profissional multidisciplinar. Na pessoa do Decano da Escola de Humanidades, Prof. Draiton Gonzaga de Souza, agradeço aos docentes que enriqueceram meu saber como estudante dessa casa.

À Teologia da PUCRS, aos docentes e colegas, sobretudo ao meu orientador Prof. Luiz Carlos Susin, por sua referência em pesquisa teológica com rosto inclusivo, dialógico e humano. Aos Profa. Edla Eggert e Prof. Rafael Fernandes, por toda atenção e estímulo à minha pesquisa. Ao coordenador do curso de graduação em Teologia, Prof. Gustavo Haas, e ao Prof. Carlos José Monteiro Steffen, pela acolhida diligente no estágio docente. Ao coordenador do PPG, Prof.

Tiago de Fraga Gomes, pela constante motivação e à Juliane Hammerschmidt pela gentileza em cada encaminhamento.

Ao curso de Filosofia da PUCRS, do qual meu estudo doutoral se entrelaçou. Destaco os excelentes Seminários em Fenomenologia do PPG em Filosofia, conduzidos pelo Prof. Fabio Caprio Leite. Igualmente agradeço ao coordenador da graduação, Prof. Luciano Marques de Jesus, e aos docentes Leonardo Agostini e Luís Evandro Hinrichsen, pelo acolhimento e zelo nas orientações de trabalhos de conclusão com abordagens steinianas, dos quais, com apreço, pude contribuir.

Ao Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. Aos gestores, Ir. Deivis Fischer, Provincial Marista, Ir. Marcelo Bonhemberger, pró-reitor de Identidade Institucional PUCRS e José Jair Ribeiro, da Coordenação de Pastoral da Rede Marista, pelo compromisso com a formação integral das jovens gerações. Ao meu querido colega do cotidiano da pesquisa, Luiz Gustavo Santos Tessaro, e aos brilhantes jovens pesquisadores de Iniciação Científica que atuam conosco, Adriana, Fredi, João e Maicon, por todas as articulações conjuntas em prol da promoção da vida e do desenvolvimento das juventudes. Aos Irmãos e colegas da Rede Marista, principalmente aos membros do Comitê Juventudes, por enxergarmos em cada jovem nossa essência educacional.

À comunidade de pesquisa em Edith Stein presente no Brasil, dos quais saliento: Irmã Jacinta Turolo Garcia e Profa. Angela Ales Bello, por serem precursoras nas sementes steinianas em nosso país; Moisés Rocha Farias, Juvenal Savian Filho, Clio Tricarico, Maria Cecília Isatto Parise, Miguel Mahfoud, Clélia Peretti, Irmã Adair Aparecida Sberga, Magna Celi Mendes da Rocha, Manuele Porto Cruz, Vera Dullius, Suzana Filizola Brasiliense Carneiro, Ursula Anne Matthias, Maria Inês Castanho e, a partir destes, aos formidáveis colegas de grupos de estudos e pesquisas dos quais integro. Sinto-me honrada em participar de tão profícua comunidade científica.

Aos sete participantes do meu estudo doutoral que tão gentilmente compuseram comigo e com Stein esse percurso de pesquisa, possibilitando inúmeras reflexões e aprendizagens. Vocês me fizeram ter ainda mais certeza da juventude enquanto solo sagrado e fértil de sentido, empatia e ética.

Às educadoras do finito e do eterno, da sensibilidade e da razão: Tereza D'Ávila e Edith Stein. Pela espiritualidade contemplativa e ativa ao qual me inspiram. Estendo meu agradecimento às suas filhas presentes no Mosteiro Nossa Senhora do Carmo de Porto Alegre, especialmente à Madre do Mosteiro, Ir. Susana da Santíssima Trindade O.C.D., por meu acompanhamento espiritual durante o doutorado. São os rostos e colos marianos para mim.

Por fim, sigo grata a Deus, como minha Gênese, Sentido e Fim, minha Sede e Saciedade, Fonte do meu saber e da minha fé. Como fruto da minha vocação, entrego a primeira tese doutoral do PPG de Teologia da PUCRS com a temática antropológica teológica-pedagógica direcionada aos jovens e construída *com* eles.

*“Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr
mais rápido do que os lentos e medrosos.
Correi “atraídos por aquele Rosto tão amado,
que adoramos na sagrada Eucaristia e
reconhecemos na carne do irmão que sofre.
O Espírito Santo vos impulsiona nesta corrida
para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto,
das vossas intuições, da vossa fé.
Nós temos necessidade disto!
E quando chegardes aonde nós ainda não
chegamos, tende a paciência de esperar por nós.”¹*

¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 299.

RESUMO

A presente tese propõe a interface entre Teologia e a Educação com objetivo de investigar, em vivências juvenis, aspectos antropológicos teológicos-pedagógicos que possam revelar como ocorre a dinâmica de formação conducente ao sentido de vida no sagrado humano e cristão, através *do telos* da educação católica. O estudo doutoral dá continuidade à pesquisa iniciada no mestrado da autora (TEIXEIRA, 2017); porém, delimita o foco na formação humana integral de cada jovem como pessoa singular e comunitária, social e eclesial. Por objetivos específicos, a investigação visa: a) caracterizar a cultura do encontro com base antropológica proposta pelo Papa Francisco que reconhece nos jovens o *locus* teológico e na educação a via formativa do humano e do divino; b) identificar os principais fundamentos teológicos-pedagógicos na antropologia de Edith Stein contribuintes para a formação em *continuum* “desde dentro” das vivências juvenis; c) investigar realidades de juventudes católicas *com* ou *em* formação universitária a partir de suas narrativas biográficas; d) especificar prioridades na formação das jovens gerações à luz dos achados qualitativos levantados nas entrevistas; e) destacar *insights* para o compromisso com a formação humana e cristã de jovens na contemporaneidade. Para atender os objetivos, optou-se pela abordagem qualitativa fundamentada na Fenomenologia, através do método de entrevistas narrativas (ROSENTHAL, 2014) e levantamento de dados através de análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). O embasamento teórico da tese é pautado na antropologia teológica-pedagógica da fenomenóloga alemã Edith Stein (1891-1942). Apoiar-se, principalmente, nos seus escritos educacionais derivados do curso em antropologia fenomenológica filosófica e teológica organizado em 1932, que constituem a obra *A estrutura da pessoa humana – Der Aufbau der menschlichen Person*. Em Edith Stein, encontra-se um diálogo multidisciplinar que enfatiza a inteireza da pessoa humana como totalidade corpo-psique-espírito, com personalidade e intersubjetividade, formada por múltiplas potências naturais e divinas. Como resultados, o estudo identifica a necessidade de arquiteturas formativas, com bases geradas a partir de uma teologia dialógica com jovens. Para que estes possam ser reconhecidos como peregrinos em seu *status viae* e que, em seu percurso vivencial, sejam acompanhados responsabilmente por princípios educativos integrativos que potencializem a consciência do *logos, pathos e ethos* cristão. Por fim, apresenta-se *insights* para o fortalecimento de um rosto formativo aprendente, epifânico, humano e relacional com as jovens gerações.

Palavras-chave: Jovens; Educação; Formação católica; Antropologia Teológica; Edith Stein.

RIASSUNTO

La presente ricerca funge da interfaccia tra Teologia e Educazione con l'obiettivo di indagare, nelle esperienze giovanili, aspetti antropologici e teologico-pedagogici che possano rivelare in che modo ha luogo la dinamica formativa che porta al senso della vita nel sacro umano e cristiano, attraverso il *telos* dell'educazione cattolica. Con questo studio di dottorato si intende portare avanti la ricerca avviata nel corso della laurea magistrale dell'autrice (TEIXEIRA, 2017), delimitando, tuttavia, il focus sulla formazione umana integrale di ogni giovane come individuo e persona comunitaria, sociale ed ecclesiale. Gli obiettivi specifici di questa indagine sono: a) caratterizzare su base antropologica la cultura dell'incontro proposta da Papa Francesco che riconosce nei giovani il *locus* teologico e nell'educazione il percorso formativo dell'umano e del divino; b) individuare, nell'antropologia di Edith Stein, i principali fondamenti teologico-pedagogici, che contribuiscono alla formazione in *continuum* "dall'interno" delle esperienze giovanili; c) indagare le realtà dei giovani cattolici *con* o *in* formazione universitaria a partire dalle loro narrazioni biografiche; d) specificare le priorità nella formazione delle giovani generazioni alla luce dei risultati qualitativi emersi dalle interviste; e) evidenziare *insights* per l'impegno nei confronti della formazione umana e cristiana dei giovani nella contemporaneità. Per raggiungere gli obiettivi prefissi si è scelto l'approccio qualitativo basato sulla Fenomenologia, attraverso il metodo delle interviste narrative (ROSENTHAL, 2014) e la raccolta dati tramite analisi testuale discorsiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). La base teorica della tesi si fonda sull'antropologia teologico-pedagogica della fenomenologa tedesca Edith Stein (1891-1942), prendendo in considerazione soprattutto i suoi scritti educativi derivati dal corso di antropologia fenomenologica filosofica e teologica organizzato nel 1932, i quali costituiscono l'opera *La struttura della persona umana – Der Aufbau der menschlichen Person*. Negli scritti di Edith Stein è presente un dialogo multidisciplinare che enfatizza l'integralità della persona umana in quanto totalità corpo-psiche-spirito, con personalità e intersoggettività, formata da molteplici potenze naturali e divine. Di conseguenza, lo studio individua la necessità di architetture formative, con basi generate a partire da una teologia dialogica con i giovani, affinché essi possano essere riconosciuti come pellegrini nel loro *status viae* e, nel loro percorso esperienziale, siano accompagnati responsabilmente da principi educativi integrativi che fortifichino la coscienza del *logos, pathos ed ethos* cristiano. Infine, vengono presentati *insights* per il rafforzamento di un volto formativo apprendente, epifanico, umano e relazionale nei confronti delle giovani generazioni.

Parole chiave: Giovani; Educazione; Formazione cattolica; Antropologia Teologica; Edith Stein.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Ser humano em integralidade segundo Edith Stein..... | 113 |
| Figura 2 – A pessoa como um ser singular e relacional em Edith Stein | 124 |
| Figura 3 – Ciclo metodológico da Análise Textual Discursiva..... | 177 |
| Figura 4 – Categorias iniciais geradas a partir das narrativas biográficas..... | 239 |
| Figura 5 – “Vivências juvenis e a formação do si mesmo”..... | 241 |
| Figura 6 – <i>Insights</i> gerados na pesquisa doutoral..... | 271 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 – Síntese das entrevistas | 183 |
| Quadro 2 – Análise categórica “Vivências juvenis e a formação do si mesmo” | 242 |
| Quadro 3 – Prioridades na formação humana e cristã das jovens gerações | 247 |

LISTA DE SIGLAS

- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano
- CIRF – Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- EG – *Evangelii Gaudium*
- GS – *Gaudium et Spes*
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- JMJ – Jornada Mundial da Juventude
- LG – *Lumen Gentium*
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
- PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 20 |
| 1.1 O FOCO DA PESQUISA..... | 20 |
| 1.2 O PERCURSO DA PESQUISADORA | 21 |
| 1.3 INTERESSE PELA TEMÁTICA | 24 |
| 1.4 A FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA..... | 26 |
| 1.5 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA..... | 29 |
| 1.6 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 38 |
| 1.7 OBJETIVOS | 41 |
| 1.8 A METODOLOGIA QUALITATIVA | 41 |
| 1.9 A INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA | 42 |
| 1.10 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS | 44 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: A LUMINESCÊNCIA PEDAGÓGICA DO PAPA FRANCISCO NO PEREGRINAR COM AS JOVENS GERAÇÕES..... | 48 |
| 2.1 AO ENCONTRO DO CORAÇÃO DE CADA JOVEM..... | 49 |
| 2.2 AS JORNADAS PONTIFÍCIAS COM A EXPRESSÃO JUVENIL..... | 55 |
| 2.3 OS DESAFIOS EM ENCONTRAR ROTAS AFETIVAS E EFETIVAS COM JOVENS NAS MÚLTIPLAS REALIDADES HODIERNAS | 66 |
| 2.3.1 São muitas as juventudes | 68 |
| 2.3.2 Jovens contemporâneos: trilhar em contextos aceleratórios que se (con)fundem .. | 69 |
| 2.3.3 No meio do caminho tem uma pandemia (ou sindemia?) | 74 |
| 2.4 AS JOVENS GERAÇÕES NO CORAÇÃO DA IGREJA: QUE CAMINHOS APONTARAM? | 76 |
| 3 O FUNDAMENTO TEÓRICO: A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICO-PEDAGÓGICA DE EDITH STEIN COMPROMETIDA COM A FORMAÇÃO DAS JOVENS GERAÇÕES..... | 85 |
| 3.1 POR QUE A ANTROPOLOGIA EM EDITH STEIN PODE CONTRIBUIR COM PESQUISAS SOBRE E COM AS JOVENS GERAÇÕES?..... | 85 |
| 3.1.1 A humanidade na cientificidade: brevíssimos acentos narrativos de uma jovem pensadora | 86 |
| 3.1.2 Concisas chaves de leitura para compreender o pensamento global na obra antropológica de Edith Stein | 92 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2 A TRAVESSIA FORMATIVA “DESDE DENTRO DAS VIVÊNCIAS”: A INTEGRALIDADE COMO DIRETRIZ ANTROPOLÓGICA | 96 |
| 3.2.1 Pedagogia do ser: o sentido de ser pessoa (Person) | 100 |
| 3.2.2 Pedagogia, educação e formação (Bildung) | 102 |
| 3.2.3 Pessoa como corpo-psique-espírito: o corpo vivenciado (Leib) | 105 |
| 3.2.4 Pessoa como ser anímico-psíquico (Seele) | 108 |
| 3.2.5 Pessoa como ser anímico-espiritual (Geistseele) | 111 |
| 3.2.6 Pessoa e interioridade: o núcleo “alma da alma” (Kern) | 114 |
| 3.2.7 A pedagogia do sentir: o sentido afetivo (Gemüt) | 116 |
| 3.2.8 Pessoa, intellectus, razão natural e supranatural | 119 |
| 3.3 ANDANÇAS PARA ALÉM DE SI: AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS | 121 |
| 3.3.1 Pedagogia da relação: a empatia (Einfühlung) | 121 |
| 3.3.2 Pessoa e inter-relação: constituições comunitárias | 126 |
| 3.4 EM ITINERÂNCIA AO SENTIDO DO SAGRADO: POR UMA CONSCIÊNCIA EPIFÂNICA DA HABITAÇÃO DIVINA NA PESSOA HUMANA | 130 |
| 3.4.1 Consciência do sagrado e experiência religiosa: o ser humano em busca do divino | 131 |
| 3.4.2 Pedagogia e os fundamentos da Revelação Cristã: o Divino ao encontro do humano | 135 |
| 3.4.3 O encontro potencial: o desvelamento do ser humano enquanto Imago Dei | 138 |
| 3.4.4 Um Deus que habita a interioridade da alma humana: a vivência mística | 143 |
| 3.5 TELEOLOGIA DA FORMAÇÃO: A JUVENTUDE “ <i>IN STATUS VIAE</i> ” DESDE DENTRO DO AMOR SAGRADO NA PEDAGOGIA CATÓLICA..... | 147 |
| 3.5.1 O amor divino-humano na pedagogia de Jesus Cristo | 148 |
| 3.5.2 O amor como sentido vocacional da vida: o ser como dom | 153 |
| 3.5.3 As bem-aventuranças como transfiguração do amor ético-formativo | 157 |
| 3.5.4 A presença da feminilidade no processo formativo: o amor livre e volitivo do “fiat” de Maria | 159 |
| 3.5.5 O vínculo do amor corresponsável: formar em espírito comunitário | 161 |
| 3.5.6 Trajetórias juvenis progressivas: vontade do sagrado e irradiação do Bem Eterno | 166 |
| 4 “TIRA AS SANDÁLIAS DOS TEUS PÉS”: NO SAGRADO SOLO DAS VIVÊNCIAS EM PRIMEIRA PESSOA | 170 |
| 4.1 AO ENCONTRO DAS VIVÊNCIAS: A ENTREVISTA NARRATIVA | 171 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.2 A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS NARRATIVAS | 174 |
| 4.3 DOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS | 180 |
| 4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA | 182 |
| 4.5 PRÉ-ANÁLISE COM APOIO DO <i>SOFTWARE</i> ATLAS.TI..... | 184 |
| 4.6 SÍNTESES VIVENCIAIS: RECONHECENDO OS SOLOS SAGRADOS JUVENIS ... | 185 |
| 4.6.1 A jovem com raízes e asas..... | 185 |
| 4.6.2 O jovem em construção sinodal..... | 195 |
| 4.6.3 A jovem entre os doutores..... | 202 |
| 4.6.4 A jovem cosmopolitana | 205 |
| 4.6.5 O jovem evangelizador digital | 211 |
| 4.6.6 O jovem vocacionado ao cuidado | 218 |
| 4.6.7 O jovem entre dois mundos | 226 |
| 5 ENTRECAMINHOS QUE FORMAM O NOVO: ANÁLISES CATEGÓRICAS DOS DADOS | 237 |
| 5.1 VIVÊNCIAS JUVENIS E A FORMAÇÃO DO SI MESMO | 240 |
| 5.2 PRIORIDADES DESTACADAS NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DAS JOVENS GERAÇÕES | 246 |
| 5.3 O QUE POTENCIALIZAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS? ... | 248 |
| 5.3.1 Antropologia integral e integradora | 248 |
| 5.3.2 Ética cristã..... | 249 |
| 5.3.3 Comunidades familiares | 251 |
| 5.3.4 Formação pela via da educação..... | 252 |
| 5.3.5 Instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta | 253 |
| 5.3.6 Horizonte de projeto de vida e futuro..... | 254 |
| 5.3.7 Inclusão, responsabilidade social e cidadania empática | 254 |
| 5.4 O QUE CONSTATAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS? | 255 |
| 5.4.1 Intergeneracionalidade | 255 |
| 5.4.2 Influencers digitais como referenciais eclesiais..... | 257 |
| 5.4.3 Ambientes e comunidades digitais | 258 |
| 5.4.4 Os impactos da pandemia COVID-19 | 261 |
| 5.5 O QUE ALERTAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS? | 261 |
| 5.5.1 Polarizações e cultura da discórdia..... | 261 |
| 5.5.2 Fenômenos de massa | 263 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.6 O PASSO DO COMPROMISSO EM FORMAR A PESSOA: <i>INSIGHTS</i> PARA O ACOMPANHAMENTO DAS JOVENS GERAÇÕES | 264 |
| 6 À GUIA DE CONCLUSÃO | 272 |
| REFERÊNCIAS | 278 |
| APÊNDICE 1 – CARTA-CONVITE E TERMO DE ANUÊNCIA DA PESQUISA | 291 |

1 INTRODUÇÃO

Esta introdução apresenta o foco da pesquisa, o percurso da pesquisadora e o seu interesse pela temática, explica como foram formulados o problema de investigação, a justificativa e a relevância do estudo com uma revisão bibliográfica, pontua os objetivos e destaca a sistematização dos capítulos.

1.1 O FOCO DA PESQUISA

A presente tese doutoral investiga a formação humana integral das jovens gerações através da teleologia da educação católica. Para identificar o *telos* (do grego τέλος), isto é, a razão de ser e a finalidade de tais princípios educativos, o estudo parte dos alertas que a pedagogia² do Papa Francisco faz aos aspectos antropológicos intrínsecos na formação humana e cristã ao encontro dos jovens.

Por objeto de estudo, a investigação visa identificar, nas vivências juvenis, os contextos formativos conducentes nesse processo de significação da vida cristã, expressos em seus modos de ser, estar e agir no mundo, por meio das trilhas de encontro com o sagrado.

Reconhecendo que a contemporaneidade desafia a conexão entre a Igreja Católica e os jovens, identificam-se as múltiplas complexidades de concepções e atitudes que ampliam os desafios de compreensão do fenômeno humano e do fenômeno divino enquanto relação de finitude e eternidade.

Desse modo, entendeu-se como crucial buscar fundamentos antropológicos, teológicos e pedagógicos no esteio da fenomenologia cristã, visando compor um estudo ontológico, epistemológico e metodológico, iniciando-se dentro dos conteúdos das vivências juvenis, através dos fundamentos fenomenológicos da filósofa Edith Stein (1891-1942).

² Para fins desta tese, a expressão “pedagogia” refere-se ao processo vivo, crítico-reflexivo, sistemático e educativo da aprendizagem humana.

1.2 O PERCURSO DA PESQUISADORA

Considerando este estudo em sua base antropológica e a pesquisadora como parte do processo investigativo,³ aqui relato brevemente meu percurso pessoal. Foi o peregrinar vivencial, o profissional e o acadêmico articulados e integrados em mim que me colocam neste momento como pesquisadora de um estudo doutoral.

Aos 14 anos, aderi aos princípios da fé católica, impactada por uma experiência de encontro que alterou minha rota, reconduzindo o restante de minha existência e de minhas decisões nos modos de ser, estar e agir no mundo. Ali, enxerguei “Caminho, Verdade e Vida”.⁴ Minha juventude foi marcada pela sede de conhecimento sobre a fé católica e pelas ações pastorais nas quais me engajava na Arquidiocese de Porto Alegre (RS), Brasil, em que, assim como eu, muitos jovens se protagonizavam como lideranças engajadas na Igreja que rumava ao novo milênio.

Escolhi minha profissão na área da Educação como Pedagoga (2000) especializada em Psicopedagogia (2007), justamente pela consciência da vocação laical contribuinte com a formação de crianças, adolescentes e jovens por meio da educação. Por 20 anos, atuei na Educação Básica, tanto em escolas confessionais católicas – que exigiam pensar na educação evangelizadora sem ser proselitista e, dentre as disciplinas em que exercia a docência, desenvolvê-las com ética e profundo respeito aos estudantes – quanto na educação pública – onde aprendi o que é ser educadora cristã fora das paredes identitárias, experimentando na pele como a precarização e a displicência ao ensino público em nosso país vêm comprometendo integralmente o desenvolvimento pleno das crianças, dos adolescentes e dos jovens, que já estão tão marcados por múltiplas carências.

Foi preciso aprender e reaprender a ser, a conviver, a fazer e a conhecer⁵ com a multiculturalidade, no desafio de dialogar com todo o outro que estava diante de mim. Tanto

³ Diferentes abordagens das ciências humanas de paradigma qualitativo apontam para os sujeitos da pesquisa e, além dos participantes, também para o pesquisador como ator do processo. O pesquisador é sujeito na medida em que não está alheio ao fenômeno, mas é um *eu* consciente posicionado no mundo que pesquisa. A principal função do sujeito pesquisador é a de compreender e interpretar o objeto de pesquisa. Para isso, precisa se dedicar aos estudos, com ênfase nos contextos em suas significações (BOLÍVAR, Carlos Ruiz. *El enfoque multimétodo en la investigación social y educativa: Una mirada desde el paradigma de la complejidad*, 2008; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*, 2002; GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão?*, 2006).

⁴ Jo 14, 6.

⁵ Referência aos pilares da educação, conforme o “Relatório Delors da UNESCO”, que marcaram as conceitualizações pedagógicas nas primeiras décadas do século XXI (DELORS, Jacques. *Educação: um*

quanto, identificar como a educação é potente em contribuir com a sociedade e como cada pessoa é impactada por ela se tornou um motor de inquietações e, paradoxalmente, de esperanças.

Nesse período, em concomitância à docência, estive atuando como psicopedagoga e supervisora pedagógica. Atendia estudantes, professores e famílias. Convivi com adultos engajados e inspiradores e outros com seus desinteresses diante das realidades infantojuvenis. Desafios que, na maioria das vezes, advinham do próprio contexto do universo adulto, no lugar ou não lugar que ocupava nas vivências dos jovens. Atuei com todos os segmentos de Ensino da Educação Básica – da Educação Infantil ao Ensino Médio –, com distintas configurações familiares e classes sociais. Tudo o que foi vivido com todas as pessoas me deixou ensinamentos e a certeza do meu ser ensinante, porque aprendente.

Em 2013, primeiro ano de pontificado do Papa Francisco, tive a oportunidade de estar em encontro com o Pontífice em dois momentos: na Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro/Brasil, em que presenciei a potência da juventude católica e não católica em níveis planetários e decidi, para além das ações pastorais, estudar mais profundamente a Antropologia a partir dos jovens; e na Peregrinação das Famílias em Roma, na Itália, por ocasião do ano da fé, quando visualizei a Praça de São Pedro com tom de ânimo pedagógico e relacional, congregando crianças, adolescentes, jovens, adultos e anciãos: famílias que peregrinavam como uma só família humana e cristã.⁶

A educadora que habita em mim reconhece o consistente magistério católico, inclusive com missão evangelizadora, mediante a educação *na, da e para* a fé. Por um bom tempo de minha juventude e vida adulta, fui a catequista que, através dos fundamentos mistagógicos da iniciação à vida cristã, contribuiu na formação de crianças, adolescentes e jovens. Em todo esse percurso, venho seguindo como assessora psicopedagógica que contribui com a formação de agentes de pastoral e daqueles em discernimento à vida consagrada, atenta ao percurso eclesiológico com as jovens gerações.

O que mais me surpreende nessa trajetória é a quantidade de jovens universitários a me procurar para assessorias formativas aos seus grupos e/ou em seus trabalhos de conclusão de curso, pois desejam dar razões à sua fé e, academicamente, unir fé e razão. A sede dos jovens aumenta a minha. Foi exatamente nesse percurso que brotou a certeza de que tanto a área

tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 2010).

⁶ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco às famílias em peregrinação por ocasião do ano da fé*, 2013.

pedagógica quanto a teológica se encontram em aliança nas minhas concepções de fundo e, por isso, também, nas ações intelectuais e cotidianas que venho desenvolvendo.

Assim, aprouve ao momento em que a inquietação se moveu em firmar essa unicidade pela via acadêmica, levando-me à interface Teologia e Educação, de modo *stricto sensu*. Entre 2015 e 2017, iniciei meu percurso acadêmico teológico-pedagógico e recebi o título de mestre em Teologia Sistemática, com a pesquisa bibliográfica-analítica *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*.⁷ No percurso *stricto sensu*, venho investigando os escritos antropológicos e pedagógicos de Edith Stein por encontrar, nesta, tematizações articuladas entre a filosofia, a pedagogia e a teologia. Ademais, a autora direcionou importante parte de sua obra aos que atuam com jovens, impulsionando, por meio da educação, o gesto que aproxima natureza e graça divina.

Em 2018, ingressei no doutorado, com o forte anseio de ampliar o estudo bibliográfico em uma pesquisa qualitativa. Há um lema na pedagogia dialógica e inclusiva que me movia: “Nada sobre nós sem nós”.⁸ Eu queria escutar os jovens. Não queria apenas discorrer sobre suas realidades a partir do meu olhar. Era preciso escutar deles sobre sua relação com a Igreja, com a família, com as instituições de ensino e com a sociedade e identificar como os processos formativos acontecem “desde dentro” das vivências humanas. Além disso, no cerne do axioma “não se nasce cristão, torna-se cristão”,⁹ queria verificar, por meio do olhar dos próprios participantes dos estudos, como eles foram se (re)conhecendo enquanto cristãos, em sua juventude, a ponto de dar uma resposta de vida pessoal, social e eclesial.

Mais do que uma educadora de certezas, sou uma psicopedagoga de perguntas e, por isso, uma pesquisadora peregrina. Hoje, atuando desde 2019 no Ensino Superior da universidade que me formou academicamente como licenciada, especialista e mestre, integrada à arquidiocese que me formou cristã, meu estudo doutoral traz o tom antropológico por base. São esses os fundamentos que me motivam a seguir na peregrinação, como a andarilha que insiste na aproximação do humano com o divino e vê, nas vivências juvenis, a possível resposta para a teologia-pedagógica (ou pedagogia-teológica) que insiste em potencializar.

⁷ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. O texto dissertativo pode ser consultado em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7719>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁸ DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Nada sobre nós sem nós*, 2019. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/201905/10173021-nada-sobre-nos-sem-nos.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁹ Tertuliano, autor das primícias do cristianismo, em seus escritos apologéticos. Nascido em Cartago, na África, possivelmente entre 160 e 220 d.C.

1.3 INTERESSE PELA TEMÁTICA

A crescente via pela pesquisa, sobretudo na dimensão humana e espiritual, está conjugada com os estudos psicocognitivos pertinentes ao meu campo profissional. A temática da pedagogia dialógica com as jovens gerações me remeteu aos estudos na Psicologia da Educação, a partir de autores interacionistas da Psicologia do Desenvolvimento, unidos à Filosofia e Antropologia Educacional, na abordagem humanista-existencial, compondo meu itinerário acadêmico. A temática da educação cristã e formação pastoral era estudada em paralelo, inicialmente, nos documentos do magistério Católico pós Concílio Vaticano II e nos teólogos contemporâneos e filósofos da tradição judaico-cristã.

O tema específico em teologia-pedagógica com base antropológica fenomenológica conheci, em agosto de 2015, no III Simpósio Pessoa e Comunidade em Edith Stein, ocorrido em Belo Horizonte na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foram quatro dias que iniciaram um novo capítulo do meu percurso acadêmico *stricto sensu*. Foi onde conheci o pensamento de Edith Stein, a filósofa judia e cristã que vem embasando meus estudos; também, desde lá, iniciei a caminhada conjuntamente com a comunidade de pesquisa steiniana brasileira.

Nesses quase sete anos de passos ritmados pela pesquisa, decidi não estudar apenas sozinha, mas sim me integrar em grupos de pesquisa e de estudos steinianos, pela densidade teórica e pelo rigor científico que a pesquisa na antropologia de Edith Stein exige. Tal decisão vem contribuindo para a apreensão de um pensamento autônomo construído através das redes de relações comunitárias.

Atualmente, no Brasil, sou membro dos seguintes grupos: “O pensamento de Edith Stein”, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), orientado pelo Prof. Juvenal Savian Filho; “Teologia, Gênero e Educação”, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), orientado pela Profa. Clélia Peretti; e “Grupo de Estudos em Filosofia Fenomenológica”, da Universidade Federal do Ceará (UFC), orientado pela Profa. Ursula Anne-Matthias. Além disso, integro projetos de propagação da pesquisa steiniana no Brasil, a convite do Prof. Moisés Rocha Farias, organizador dos Simpósios Internacionais em Edith Stein, da Profa. Magna Celi Rocha, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), e da Profa. Maria Cecília Isatto Parise.¹⁰

¹⁰ Através do *site*: edithstein.com.br. Acesso em: 16 fev. 2022.

Em nível internacional, desde 2020, acompanho os estudos apresentados no Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche (CIRF), com pesquisadores steinianos de diferentes países, coordenado pela Profa. Angela Ales Bello, da Itália. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), integro, pelo programa de pós-graduação, o grupo de pesquisa “Teologia, Experiência Religiosa e Pastoral”, orientado pelo Prof. Tiago de Fraga Gomes; ainda, como colaboradora da universidade, colidero o grupo de pesquisa do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista, orientado pelo Prof. Marcelo Bonhemberger.

O interesse pela temática da teologia-pedagógica e o compromisso com a educação integral, humanizadora e solidária¹¹ me levam a cooperar com a propagação do conhecimento na antropologia steiniana, nos estudos acerca da pedagogia com as jovens gerações e da teologia contemporânea e pastoral. Destaco alguns dos eventos em que integrei a comissão organizadora: Seminário Internacional em Antropologia Teológica – Pessoa e Comunidade em Edith Stein (PUCRS, 2016); Encontro Regional da Pastoral da Educação (Regional Sul3 da CNBB, 2017); Encontro Internacional Educar para Eternidade (PUCSP, 2020), além de mediar e realizar comunicações e participar de mesas redondas em eventos organizados pelos grupos de pesquisa dos quais integro, sobretudo pela PUCPR e PUCRS.

Como autora e coautora, possuo os seguintes capítulos publicados ligados à temática: *Aprendizagem humana: interfaces entre e Psicopedagogia e a Fenomenologia do ser de Edith Stein* (2021);¹² *A essência feminina segundo a fenomenologia de Edith Stein* (2020);¹³ *A educação em Edith Stein: breve análise histórica e conceitual* (2019);¹⁴ *A pessoa humana à luz da revelação cristã: contribuições da Antropologia Fenomenológica-Teológica De Edith Stein* (2018);¹⁵ e *A antropologia de Edith Stein como paradigma da educação* (2016).¹⁶

Em periódicos, a organização e as principais publicações como autora e coautora são as seguintes: *A experiência humana da morte e a esperança cristã no testemunho de Edith Stein*

¹¹ Referência à Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã, de Paulo VI (1965). A Declaração *Gravissimum Educationis* está entre os documentos do Concílio Vaticano II. Assinada pelo Papa Paulo VI, em Roma na data de 28 de outubro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 16 fev. 2022.

¹² In: MENDES, Everaldo S. *Psicologia fenomenológico-existencial: reflexões, método e intervenções clínicas, sociais e comunitárias*, 2021.

¹³ In: ALES BELLO, Angela *et al. Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein*, 2020.

¹⁴ Em coautoria com BRUSTOLIN, Leomar, In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera. *A arte de Educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*, 2018.

¹⁵ In: BAVARESCO, Agemir; VIAN, Ludinei M.; FERNANDES; Rafael M. *I Semana Acadêmica do PPG em Teologia PUCRS*, 2018.

¹⁶ In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro B. *Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica: pessoa e comunidade em Edith Stein*, 2017.

(2016);¹⁷ *Do logos ao logos eterno: o encontro com a verdade através da fenomenologia-teológica de Edith Stein* (2020);¹⁸ *Pensar a formação integral de adolescentes e jovens: a cibercultura em interface com a Antropologia Fenomenológica e Teológica de Edith Stein* (2020);¹⁹ *Juventude e contemporaneidade* (2020);²⁰ *Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional* (2021);²¹ e *Pacto Educativo Global: a oportunidade de (re)construção do diálogo com as novas gerações* (2021).²²

O interesse pelo tema e as experiências anteriores me conduzem a investigar, nos elementos da antropologia teológica-pedagógica de Edith Stein, possíveis embasamentos da formação humana e cristã das jovens gerações. Porém, saliento que minha opção de pesquisa foi de ir ao encontro de vivências juvenis “*sui generis*”, isto é, vividas em primeira pessoa. No próximo tópico, descrevo essa construção.

1.4 A FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Toda pesquisa parte de uma indagação. No entanto, conforme Gil,

[...] o que se propõe com a realização de uma pesquisa é proporcionar respostas aos problemas propostos mediante a utilização de procedimentos científicos. Formular um problema adequado para pesquisa, não constitui, no entanto, tarefa das mais simples.²³

Há um conceito *a priori* que pode ser considerado o ponto do qual parto para construir o problema de investigação. Na decisão pela profissão pedagógica, o trecho a seguir, da

¹⁷ In: Revista Teocomunicação. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/29243>. Acesso em: 16 fev. 2022.

¹⁸ In: Revista Brasiliensis.

¹⁹ In: Revista Teocomunicação. Disponível em: <http://https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/37618>. Acesso em: 16 fev. 2022.

²⁰ In: Revista Teocomunicação. Disponível em: <http://https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/38628>. Acesso em: 16 fev. 2022.

²¹ In: Revista Parresia.

²² In: Revista de Educação ANEC. Disponível em: <http://https://revistas.anec.org.br/index.php/revistaeducacao/article/view/374>. Acesso em: 16 fev. 2022.

²³ GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 2019. p. 39.

Declaração *Gravissimum Educationis*,²⁴ quando refere o direito universal à educação, era trazido à frente.

A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o ser humano é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte. Por isso, é necessário que, tendo em conta os progressos da psicologia, pedagogia e didática, as crianças e os adolescentes sejam ajudados em ordem ao desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual de um sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, retamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade, vencendo os obstáculos com magnanimidade e constância.

Há, no núcleo desse princípio, um conteúdo que expande horizontes de fé e de vida de modo integral, ao referir o “desenvolvimento harmônico”. Tem-se, também, o reconhecimento qualitativo das ciências que contribuem com a constituição humana, ressaltando a infância, adolescência e juventude. Porém, há implícito algo do qual se pode clarificar tanto em conceitos quanto na práxis da educação cristã: “uma vez adulto, tomará parte”.²⁵ As ciências humanas vêm caminhando no diálogo iluminador mais intergeracional e menos adultocêntrico. Assim, exige pensar no sujeito jovem no centro do processo formativo, sendo acompanhado por contextos adultos responsáveis. O efeito “gangorra” verticalizado, em que um manda e outro obedece, além de arbitrário, indica não encontrar conexão com os jovens atuais. Acompanhar as vivências juvenis revela-se como um desafio instigante frente à complexidade do século XXI.

Nesse sentido, no advento do novo século, em 2013, a eclesiologia proposta na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,²⁶ sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, do Papa Francisco, convida a uma nova etapa na Igreja, apontando para um rosto evangelizador renovado pela alegria do encontro com Jesus Cristo e, por isso, comunicado. O tom de Francisco de modo algum dissipa a eclesiologia que já vinha sendo construída na formação dos jovens; pelo contrário, ele a resgata, atualiza diante das atuais conjunturas e sinaliza “caminhos de saída” ao mundo. Foi nesse pontificado que ocorreu o processo sinodal que colocou os jovens no centro, trazendo indicativos de encontro com as jovens gerações e reconhecendo, na

²⁴ PAULO VI. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã*, 1965. n. 1.

²⁵ *Loc. cit.*

²⁶ FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, 2013.

intergeracionalidade, um caminho solidário de encontro entre essas diferentes gerações. De acordo com o Papa, essa solidariedade deve ser entendida no seu sentido mais profundo, como forma de fazer história contra as causas estruturais que assolam as jovens gerações: pobreza, preconceitos, desigualdade e falta de trabalho, de moradia, de negação dos direitos sociais e laborais.²⁷

A partir daí, pode-se pensar: o que se configura nesse caráter intergeracional solidário na formação das jovens gerações enquanto encontro? Além disso, quais possíveis realidades contemporâneas podem ser sinalizadas como potencialidades para a ocorrência desse encontro entre Igreja e jovens?

O percurso eclesial que culminou na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*²⁸ pode trazer pistas, para que seja superado o caminhar em paralelismo a esforços desarticulados e se realize um “*caminhar conjunto*” com as jovens gerações. Mas, para isso, qual é a via articuladora que precisaria ser requisitada? Ao que parece, isso ocorre pelo próprio Pacto Educativo Global proposto pelo Papa, em que se resgata a *Gravissimum Educationis* e coloca a educação na emergência da formação integral e solidária.

No entanto, na polissemia e nas pluralidades de entendimentos conceituais acerca dos termos “educação”, “pedagogia” e “formação”, qual o caminho para uma educação cristã católica dialogal perante a multiplicidade de contextos? Qual é sua finalidade? E a sua razão de ser?

Aqui, outro princípio se ergue: a educação é feita de pessoas; a pedagogia conduz pessoas (não as induz), despertando-lhes a potência das aprendizagens e dos saberes múltiplos; e a formação humana e cristã pressupõe em si o despertar para a fé manifestada na vida vivenciada. Mas como isso ocorre?

Como ir ao encontro de uma educação aliada aos elementos da fé católica em dialógica com as juventudes? Encontrou-se, na teologia, essa possibilidade de respostas. Se a teologia nasce do coração da própria fé e esta ama saber,²⁹ bem como se é considerada como a fé em estado de ciência, pode-se considerar a fé como fonte, objeto e fim da teologia, compreendendo elementos cognitivos (fé-palavra), afetivos (fé-experiência) e ativos (fé-prática).³⁰ Mesmo dentro do estudo teológico, qual é o elo articulador com a formação de pessoas? Chegou-se à

²⁷ FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social, 2020. n. 90.

²⁸ *Id.* Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus *Christus vivit*, 2019.

²⁹ Santo Anselmo.

³⁰ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, 1998.

antropologia teológica como base da compreensão entre o divino e o humano e elemento unitivo entre a formação humana e a cristã.

Porém, voltando à condição juvenil, aos desafios e às potências contemporâneas e ao *vocare* evangelizador da Igreja Católica – que aponta para a cultura do encontro intergeracional entre adultos e jovens e aposta na via educativa como elemento para o despertar da fé, sendo esta entendida desde dentro do entendimento teológico, que tem por base uma aliança entre divino e humano enquanto antropologia integral –, convém pensar em uma teoria de aliança com acento multidisciplinar e, ainda, escutar o que as vivências juvenis têm a revelar, para não se incorrer no risco de tentar encontrar respostas sem fazer as perguntas corretas.

Na construção do objeto de pesquisa “garimpado”, que visa “lapidar” esse objeto para que ilumine o caminho da pesquisa, pensou-se em tentar indicar prioridades para a formação católica das juventudes. O risco era que se isolaria a investigação em um *checklist* instrumental que poderia trazer contribuições com a formação mais em nível pragmático. A pergunta que não se calava, em toda essa garimpagem, dirigia-se para além do pragmatismo, mais à essência nuclear da formação humana: ao priorizar elementos formativos, estaria havendo compromisso com o que/quem de fato?

Assim, “reluziu” a expressão “compromisso”. Formulou-se, portanto, o problema central da pesquisa: com que/quem a formação das jovens gerações deve se comprometer efetivamente para que encontre o sentido do sagrado humano e divino em suas existências?

1.5 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Quanto mais se adentra o século XXI, mais se evidencia o trânsito milenar e as configurações que delineiam novos paradigmas sociais. Diante de tantas transformações, estão os jovens, em suas subjetividades e sociabilidades, dentro de um universo adulto, com suas experiências, projeções, ensinagens e perspectivas. Historicamente, gerações jovens e maduras nem sempre constroem relações profícuas.

Hannah Arendt explicita os possíveis paradoxos diante da educação das jovens gerações, visto que estas são introduzidas em um mundo que já se movimentava. Princípios educativos assumem responsabilidade pelas vidas que chegam e por seu desenvolvimento, mas, também, pela continuidade do mundo. De acordo com a filósofa:

Essas duas responsabilidades não coincidem de modo algum e podem mesmo entrar em conflito. Em um certo sentido, essa responsabilidade pelo desenvolvimento da criança vai contra o mundo: a criança precisa ser particularmente protegida e cuidada para evitar que o mundo possa destruí-la. Mas o mundo também tem necessidade de proteção, de forma a evitar que ele seja devastado e destruído pela onda de recém-chegados que o invade a cada nova geração.³¹

As crianças referidas pela autora se tornam adolescentes e jovens; estão no mundo de modo presente em primeira pessoa. Nesse sentido, recorda-nos Arendt da tarefa da educação e do compromisso com as jovens gerações:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.³²

Ao reflexionarmos as questões do mundo contemporâneo, os possíveis conflitos geracionais em seus múltiplos mosaicos educacionais são exponencialmente fomentados, frente aos desafios desencadeados na humanidade no percurso da era digital. São eles: a realidade híbrida entre a presencialidade física e a digital; o percurso pandêmico; os ritmos aceleratórios de espaços-tempos; os abismos educacionais ampliados; os modelos econômicos corruptivos à vida; os regimes de poder desumanizantes; as violências contra o outro e autoinfligidas; e tantas questões mais que afetam diretamente o ser humano e, conseqüentemente, o jovem.

Se o tempo é desafiador, talvez as possibilidades de vida possam vir justamente do fator humano, por mais paradoxal que seja. A humanidade indica ser a maior possibilidade e, concomitantemente, a maior alçó de si. Se o ser humano é o ser que decide, muitas vezes aos jovens é conferido o lugar dos sem espaço contribuinte nas decisões. Os jovens são formados em contextos que os colocam como hipótese de salvação do mundo deixado pela geração anterior ou, muitas vezes, como aqueles que, por sua pouca idade, pouco têm a contribuir com a vida em sociedade.

³¹ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, 2011. p. 235.

³² *Ibid.* p. 247.

Assim, se a humanidade, em suas vivências instáveis, demanda o perquirir antropológico, ainda mais as jovens gerações carecem do descortinamento das problemáticas que enfrentam. Do grego, *anthropos*, ἄνθρωπος, remete ao “ser humano” e *logos*, λόγος, à “razão”, ao “pensamento”, ao “discurso”, à “linguagem” e ao “sentido”, conferindo-se à antropologia a ciência investigativa que abrange o gênero humano enquanto ser e humanidade.

Ao destacar uma investigação antropológica *com* jovens, é preciso ressaltar o avanço dos estudos a partir do século XX. Enquanto categoria social, estudar contextos juvenis vem contribuindo com análises de conjunturas e projeções de cenários que se transformam exponencialmente. Os aspectos já citados – socioeconômicos, culturais, políticos, religiosos, educacionais e de comunicação – impactam e são impactados pela condição juvenil.

Tanto a esfera pública quanto a privada possuem particularidades e intersectorialidades de atuação com jovens, seja em instituições de ensino, seja em organizações sociais ou em instituições religiosas; até mesmo as famílias sinalizam a necessidade de conhecer e se aproximar mais das jovens gerações. Para melhor conhecer essas realidades, há a necessidade de pesquisas (inter)(trans)(multi)disciplinares para que, além da conceitualização e das abordagens metodológicas, haja um olhar mais integrador do sujeito enquanto pessoa e coletividade, sobretudo no espaço-tempo atual.

Para fins de legislação brasileira, pode-se referir o quão jovem é o próprio Estatuto da Juventude (Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013).³³ Na esteira do Estatuto da Criança e da Adolescência, que, em 2022, completa 32 anos de vigência (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990),³⁴ o Estatuto da Juventude, com 8 anos na presente data, dispõe sobre os direitos dos jovens e os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude. Além disso, estabelece que, no Brasil, para efeitos de lei, é considerada jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos de idade. O estatuto, no artigo 2º da seção 1, aborda os princípios que devem reger as políticas de juventude no Brasil:

Art. 2º. O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios:

- I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens;
- II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações;
- III - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País;
- IV - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares;

³³ BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013, 2013.

³⁴ Id. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990.

- V - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem;
- VI - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude;
- VII - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e
- VIII - valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações.³⁵

Em contrapartida, o relatório da pesquisa nacional *Jovens, populações e percepções* (2020), disponibilizado através do Atlas das Juventudes e desenvolvido com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, apresenta o Brasil como lar de quase 50 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos (¼ da população). Nunca houve tantos jovens na história do Brasil. Porém, “a população jovem vive uma realidade de constante violação dos seus direitos e também está mais exposta a uma série de vulnerabilidades sociais”.³⁶ Tais evidências indicam o contexto excludente que barra o desenvolvimento dos jovens em violação aos seus direitos. Além disso, o texto traz uma informação alarmante:

Essa é uma janela de oportunidades importante, mas também é urgente. Após manter-se por quase duas décadas com pouco mais de 50 milhões de jovens de 15 a 29 anos de idade, em níveis sem precedentes na história do país, o Brasil verá sua população nessa faixa etária voltar para baixo desse patamar a partir de 2021. O contingente jovem brasileiro pode chegar ao fim do século reduzido quase à metade de sua magnitude atual, diminuindo as possibilidades e ampliando os desafios para a prosperidade da nação. Isso significa que os investimentos certos precisam ser feitos agora, pois amanhã pode ser tarde demais.³⁷

Tais ângulos contemporâneos, científicos e legislativos já justificariam a relevância de um estudo em vivências juvenis acerca do olhar antropológico. Porém, esta tese quer vir, ainda mais objetivamente, à emergência que eclode dos próprios núcleos eclesiais e educacionais.

Em 2018, quando a pesquisa iniciou, concomitantemente ocorria o itinerário proposto pela XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, que tematizava “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Os jovens católicos e não católicos eram convidados a participar da fase de consulta popular, para haver, assim, maior conhecimento das realidades e perspectivas juvenis, fundamentando as discussões sinodais. Em 2019, como resultado, houve o lançamento da Exortação Pós-Sinodal aos jovens, *Christus vivit*, assinada pelo Papa Francisco. É

³⁵ BRASIL. *Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013*, 2013. n.p.

³⁶ Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

³⁷ ATLAS DAS JUVENTUDES. *Jovens, populações e percepções*, 2020. p. 11.

interessante pensar que resultou do processo sinodal a exclamação da vida em Cristo como a mais bela juventude deste mundo. Ao olhar para a juventude, apontou-se para a vida. Porém, não para qualquer modo de viver.³⁸

No Brasil, a Igreja Católica vem acentuando como prioridade a formação das novas gerações como parte do processo de dinamização da ação evangelizadora. Nos princípios educacionais e pastorais, reconhece-se o direito dos jovens de conhecer a fé cristã.³⁹ No entanto, para que de fato ocorra uma opção “afetiva e efetiva”⁴⁰ em direção aos jovens, torna-se necessário ir ao encontro do perfil da(s) juventude(s) contemporânea(s) que participa(m) das instabilidades consequentes da mudança de época.

Conhecer os jovens e a sua realidade é condição tanto para a acolhida quanto para o favorecimento de seu protagonismo de vida.⁴¹ As mudanças no cenário cultural, tecnológico, histórico e social e as novas expressões da vivência do sagrado desafiam a Igreja – e a própria sociedade – a dialogar com os novos códigos e comportamentos juvenis.⁴²

Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto *Ad gentes*,⁴³ do Vaticano II. Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado.⁴⁴

O parágrafo citado considera o valor do mistério da sacralidade da juventude enquanto *locus* na perspectiva de uma habitação da realidade teológica, exigindo princípios multidisciplinares e integradores desde dentro das vivências juvenis. Falar de juventude é falar do Deus que habita em cada pessoa jovem. É reconhecer as sementes do Verbo na juventude, o que consente compreender que:

³⁸ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019.

³⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*, 2012.

⁴⁰ *Ibid.* p. 6.

⁴¹ *Op. cit.*

⁴² *Ibid.* p. 16-18.

⁴³ O trecho inicia fazendo referência ao n. 11 do Decreto *Ad gentes*.

⁴⁴ *Op. cit.*

[...] o jovem, nessa perspectiva, é uma realidade teológica que é preciso aprender a ler e desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil.⁴⁵

Em termos de concepção de pastoral com juventudes, parte-se da essência do que vem a ser pastoral. De modo sintético, pastoral é o agir da Igreja, através do esforço consciente e articulado de viver na presença de Jesus Cristo, prolongando na história, os ensinamentos por Ele revelados para uma vida digna e plena. Com esse paradigma, a Igreja não existe para a autorreferencialidade, mas para o mundo e no mundo.⁴⁶ Assim,

[...] para o educador cristão, a ação evangelizadora pastoral tem uma dimensão educativa, e a educação tem uma dimensão evangelizadora pastoral. Toda a pastoral deve ter a dimensão educativa bem pensada sob pena de perder sua eficiência e eficácia.⁴⁷

Olhar as realidades das jovens gerações traz o desafio de conhecer e agir na promoção da educação evangelizadora, no sentido de garantir suas dignidades e seu pleno desenvolvimento, unido natureza e graça, fé e vida. Mesmo para além da formação cristã, nos princípios das ciências pedagógicas e práticas educativas atuais, encontram-se alertas e exemplos de superação de modelos formativos dualistas.

O termo “formação” não pode estar direcionado para “padronização” ou colocar o humano em uma forma determinista. Tal olhar estaria ligado a teorias e práticas positivistas e arbitrárias. Na contramão desse discurso, cada vez mais se acentua a necessidade de uma educação integral que potencialize projetos formativos pessoais e comunitários, direcionados à edificação de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; isto é, uma educação que abranja visões de mundo expansivas, conscientes e produtoras de sentido, as quais remetam ao posicionamento pessoal, ético e socialmente responsável.

⁴⁵ DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*, 2004. p. 13-15.

⁴⁶ SANDRINI, Marcos. *Como estrelas no céu: desafios da pastoral da educação*, 2015. p. 7-8.

⁴⁷ *Ibid.* p. 10-11.

Esse conceito educacional é sinalizado na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC),⁴⁸ direcionada ao currículo da Educação Básica no Brasil. Ao tratar do compromisso com a educação integral, explicitamente, a BNCC afirma que isso significa:

[...] assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.⁴⁹

Na Educação Superior, potencializam-se projetos de inovação pedagógica, em que há necessidade de (re)construções de currículos, com a arquitetura mais respondente aos jovens estudantes contemporâneos, através de *percursos formativos*. Essa modelagem requer uma transição de práticas pedagógicas transmissivas, propedêuticas, fragmentadas e lineares, para arranjos investigativos mais horizontais, interativos, contextualizados, flexíveis, integradores e construtores.⁵⁰

Se a formação desde dentro das realidades juvenis possui relevância social e eclesiológica, a questão se volta ao paradigma antropológico em seu refinamento educacional mais integrado. Assim, seria parcial pensar a educação enquanto processo receptivo de aquisição de conhecimentos. O risco de se limitar a essa visão é de enxergar a educação como “uma caixa de ferramentas” da qual o ser humano deve ser “equipado” e “instrumentalizado”, limitando o processo mais no “o quê” e no “como fazer” e excetuando o “porquê” e, principalmente, “para quê” se desenvolve o que se desenvolve.

Mentes extremamente estratégicas e potentes intelectualmente podem se voltar contra a vida e a dignidade. A história está aí para nos memorar do quão algoz a espécie humana pode ser para si mesma: vide as guerras, Auschwitz, as escravizações e as crises migratórias e

⁴⁸ Conforme a sua apresentação: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, 2018, p. 13).

⁴⁹ *Loc. cit.*

⁵⁰ KAMPPFF, Adriana Justin Cerveira; HARRES, João Batista Siqueira. *Projeto de inovação pedagógica na universidade: contextualizando os percursos formativos e os ensaios investigativos relatados*, 2021. p. 13.

humanitárias. Assim, com viés antropológico, urge um olhar educativo humanizado, humanizante e humanizador, que tenha por base a educação *na e para a* condição humana.

De acordo com Morin,

Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade.⁵¹

Nesse *para além* em que se encontra a plenitude do humano, vale compreender como se dá a educação cristã católica em meio a esse processo. Seria em paralelo, como vias que não se cruzam? Um processo para os poucos “eleitos”? Quem, de fato, são os sujeitos da educação católica? E o que realmente se deve compreender por educação católica? Na perspectiva da evangelização, “Ide”⁵² expressa a catolicidade, com seu caráter eclesiológico como sacramento universal.⁵³

O termo “católico” – do grego καθολικός – refere-se a um modo visível e concreto do anúncio da fé cristã. Assim, a identidade católica, no processo educativo, não pode ser excludente, mas sim estar em diálogo com diferentes modos de ser e estar no mundo, o que inclui a pluralidade cultural e religiosa. Esse princípio é fundamental para o encontro com os contextos juvenis hodiernos.

Autores como Amedeo Cencini vêm propondo a superação de atos isolados na formação da fé cristã das jovens gerações, em prol de uma cultura vocacional, e, para isso, é preciso “fazer cultura”, isto é, pensar a fé como cultura. O autor refere três elementos conjugados: mentalidade (componente intelectual), sensibilidade (componente afetivo) e práxis (componente comportamental). Nesse sentido, Cencini aponta para a necessária cautela diante da urgência de uma pedagogia vocacional, visto que a urgência é inimiga da reflexão, o que possibilita, por vezes, reabilitar e retroagir a modelos educativos que são duvidosos.⁵⁴

Por isso, formar o humano através da educação é trazer para o centro do processo a pessoa real e concreta, singular, comunitária e socialmente responsável. O Documento de Puebla (DPb) recorda que “a educação será tanto mais humanizadora quanto mais se abrir para

⁵¹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 2003. p. 118.

⁵² Mt 28, 19-20.

⁵³ CATECISMO da Igreja Católica, 2000. n. 849.

⁵⁴ CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*, 2013.

a transcendência, ou seja, para a verdade e o Sumo Bem”.⁵⁵ Uma educação em catolicidade implica a dinâmica formativa de pessoas corpo-alma, bem como a imanência e a transcendência enquanto existências finitas e eternas. Uma teleologia, com princípios teológicos e pedagógicos, ocorre desde dentro das relações humanas, no estilo de vida comunicado, nos testemunhos pessoais e comunitários e no quanto de vida com sentido é imanado.

Nessa direção, está a proposta do Pacto Educativo Global,⁵⁶ lançada pelo Papa Francisco, em 2020, encorajando a humanidade a reavivar o compromisso com as jovens gerações, repensando paradigmas educacionais e redesenhando os princípios cristãos como “fermento na massa” que fortalece o bem comum através da educação integral e solidária. Na mesma linha, decorre a Campanha da Fraternidade para o ano de 2022, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que traz por tema a “Fraternidade e Educação”, salientando que educar é um ato eminentemente humano e, também, uma ação divina. Tais caminhos passam pelo cuidado dialogal por meio das relações interpessoais.⁵⁷

Por fim, destacando a necessidade de autores que possuam uma obra antropológica em nível teológico e pedagógico, com robustez acerca da dinâmica de formação humana e cristã que fundamentam o percurso educativo comprometido com as jovens gerações, torna-se relevante, ao campo científico, pesquisas multidisciplinares e integrativas, as quais destacam pensadores que superem os dualismos corpo e alma, fé e razão, imanência e transcendência, e interioridade e exterioridade.

Outrossim, esta tese doutoral identifica como referência teórica a Antropologia Fenomenológica e Teológica integrada à educação, proposta pela filósofa Edith Stein (1891-1942), visto que da sua obra emerge a antropologia como algo básico para a clareza pedagógica na progressiva dinâmica de formação integral aos jovens.⁵⁸

Além disso, traz à área teológica uma pesquisa de natureza qualitativa, que, em articulação com os fundamentos bibliográficos analíticos, vai ao encontro das vivências juvenis, a partir de entrevistas narrativas. Cada vez mais, diante do processo de modernização das sociedades, métodos biográficos podem sugerir uma saída para o impasse do dualismo indivíduo e sociedade,⁵⁹ o que, para estudos *em* e *com* juventudes, é uma importante premissa.

⁵⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Puebla: A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina*, 1982. n. 1024.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁵⁷ *Id. Fraternidade e Educação: Fala com sabedoria, ensina com amor*, 2021. p. 7.

⁵⁸ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁵⁹ ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada: Gestalt e estrutura de autoapresentações biográficas*, 2017. p. 18.

1.6 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Pesquisas em nível *stricto sensu* que tematizam contextos juvenis são crescentes. Diferentes áreas vêm produzindo conhecimento no campo juvenil, sobretudo nos âmbitos das Ciências Sociais, da Educação, da Psicologia e da Comunicação, destacando-se por conceitualizar e trazer aspectos do cotidiano, das singularidades, das sociabilidades, das linguagens e das metodologias de ações com jovens.

Pode-se, ainda, delimitar os assuntos nas pesquisas, através das expressões “juventude”, “juventudes”, “jovens” e “jovens gerações”. A palavra “juventude” é mais pragmática e mais habitual no senso comum, estando direcionada ao recorte cronológico de um marco temporal entre a infância e a vida adulta. Segundo a UNESCO, a juventude seria o

[...] período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero.⁶⁰

Já o vocábulo “juventudes” possui uma ótica para além da temporalidade, uma lente sociológica, abordando uma concepção à luz das realidades sociais e indicando que não existe padronização no tipo de ser jovem, mas sim juventudes, isto é, jovens heterogêneos, com distinções de contextos socioculturais, políticos, econômicos e de múltiplas vivências, nos quais fazem experimentações, reagem e lidam de modo plural e integrado, integrando-se à vida social. De acordo com Luiz Esteves e Miriam Abramovay, pode-se distinguir os dois termos da seguinte forma:

[...] uma que considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isso é, pertencerem a um dado grupo etário. Nessa linha, a prioridade é conferida à análise daqueles aspectos tidos como mais uniformes e constantes dessa etapa da existência. Outra, de caráter mais difuso, que, em função de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e interseções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural etc.), define a juventude para muito além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante, nessa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego de

⁶⁰ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*, 2004. p. 23-25.

termo *juventudes*, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria.⁶¹

O termo “jovens” se refere tanto à idade quanto à vitalidade e ao ânimo de espírito. A expressão “jovens gerações” denota as influências comportamentais e os estilos de vida dos jovens em geral, ligados à historicidade geracional como descendência. Assim, as gerações mais jovens receberiam o mundo das gerações passadas e o transformariam, com seu modo de ser, estar e atuar, para entregá-lo às gerações vindouras. Como autores que discutem a questão das culturas juvenis articuladas ao campo educacional, pode-se citar os brasileiros Paulo Carrano⁶² e Juarez Dayrell,⁶³ o cientista social português José Machado Pais⁶⁴ e o antropólogo espanhol Carles Feixa Pàmols.⁶⁵

Ao investigar pesquisas em nível doutoral no Brasil, na Plataforma Lattes gerenciada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foram encontrados: 15.721 doutores de nacionalidade brasileira e estrangeira com pesquisas, através do vocábulo “juventude”; 2.653 pesquisadores ligados ao termo “juventudes”; 53.050 com a palavra “jovens”; e 2.380, utilizando a expressão “jovens gerações”.⁶⁶

Das pesquisas *teológicas* relacionadas à temática desta tese, como *teses doutorais entre 2017 e 2021*, encontraram-se: 5 resultados com o termo “jovens”; 11 com “vivências juvenis”; 32 resultados com “Papa Francisco”; 298 resultados com “educação católica”; 135 com “formação humana”; 109 com “antropologia teológica”; e 6 com “Edith Stein”. Na grande área em Humanidades, “antropologia em Edith Stein” aparece 444 vezes, com destaque em doutorados em Filosofia e Psicologia⁶⁷ em universidades públicas e privadas.

Nos refinamentos realizados, buscaram-se investigações multidisciplinares aproximadas com a presente tese, articulando o tema central e a metodologia qualitativa. Com esses critérios de interface entre teologia contemporânea, fenomenologia steiniana, pedagogia e formação integral das jovens gerações, cita-se a tese defendida em Teologia entre 2017 e 2021, que apareceu mais recorrente nas diferentes filtragens relacionadas à formação humana

⁶¹ ESTEVES, Luiz C.; ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*, 2007. p. 21-22.

⁶² Para conhecer mais o trabalho do autor: <http://www.observatoriojovem.uff.br/?q=autor/carrano/paulo-carrano>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁶³ Para conhecer mais o trabalho do autor: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁶⁴ Para conhecer mais o trabalho do autor: <https://www.opj.ics.ulisboa.pt/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁶⁵ Para conhecer mais o trabalho do autor: <https://www.upf.edu/web/transgang/entry/-/-/CARLES%20FEIXA/adscricion/carles-feixa>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁶⁶ Busca realizada em 22 de dezembro de 2021.

⁶⁷ Busca realizada em 11 de janeiro de 2022.

integral, envolvendo a educação das jovens gerações com estudo bibliográfico e qualitativo. É a tese escrita por Vera Fatima Dullius, *A consciência no processo de formação docente: luzes a partir de uma onto-antropologia em Edith Stein*, em 2019, para o Doutorado em Teologia pela PUCPR, em Curitiba, sob orientação da Profa. Dra. Clelia Peretti.

Como pesquisa qualitativa em vivências e formação humana em Edith Stein, cita-se a tese *A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da fenomenologia de Edith Stein*, em Psicologia Clínica, de Suzana Filizola Brasiliense Carneiro, pela Universidade de São Paulo (USP), defendida em 2016.

Como pós-doutorado em Teologia, em 2020, há os estudos bibliográficos de aprofundamento de Magna Celi Mendes da Rocha, acerca do sentido de formação em Edith Stein como fundamento para uma educação integral. A tese foi defendida na PUCSP em 2014 e o pós-doutorado foi desenvolvido na PUCPR entre 2018 e 2020.

Nos estudos em formação da pessoa em Edith Stein, com abordagem nas jovens gerações em espaços escolares, pode-se referir o comparativo feito com a pedagogia de Dom Bosco, realizado por meio do método bibliográfico de Adair Aparecida Sberga, com tese em Psicologia defendida em 2013 na USP.

Em nível de pesquisas estrangeiras, a fenomenóloga italiana Profa. Dra. Angela Ales Bello possui três conferências disponibilizadas em vídeo no Youtube, ocorridas na PUCSP, em três de agosto de 2020, sob o título *O que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*,⁶⁸ pela USP, *O suicídio em jovens: uma compreensão fenomenológica*, em 15 de março de 2021,⁶⁹ e, na Itália, pela Pontificia Facoltà Teologica Teresianum de Roma, em 28 de janeiro de 2019, intitulada *Edith Stein: exemplo para os jovens de hoje*.⁷⁰ O Prof. Dr. Eric de Rus, fenomenólogo francês, vem desenvolvendo estudos em Antropologia Fenomenológica e Teoria da Educação em Edith Stein, com a tese de 2019 *Anthropologie phénoménologique et théorie de l'éducation dans l'oeuvre d'Edith Stein*.⁷¹

Integralmente, como temática, método e interfaces multidisciplinares, a presente tese visa trazer a originalidade em cientificidade para a área da Antropologia Teológica, Formação Humana Integral e Educação, além de estudos eclesiológicos com as jovens gerações de

⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4n8X16KR7X0>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LkpPAeswIvE>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁷⁰ Disponível em: <https://edithstein.com.br/videos/edith-stein-exemplo-para-os-jovens-de-hoje/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁷¹ RUS, Éric de. *Anthropologie phénoménologique et théorie de l'éducation dans l'oeuvre d'Edith Stein*, 2019.

identidade cristã católicas. Ainda, objetiva contribuir com a comunidade de pesquisa em Edith Stein presente no Brasil e em outros países.

1.7 OBJETIVOS

Partindo da proposta educativa humanista e integrativa do Papa Francisco, a pesquisa, por objetivo geral, intencionou investigar narrativas de vivências juvenis católicas, buscando elementos na Antropologia Fenomenológica e Teológica da filósofa judia e católica Edith Stein (1891-1942), para possíveis contribuições na dinâmica formativa das jovens gerações, conducentes ao sentido de vida em Deus.

Especificamente, a investigação pretende:

- a) Caracterizar a cultura do encontro com base antropológica proposta pelo Papa Francisco, que reconhece, nos jovens, o *locus* teológico e, na educação, a via formativa do humano e do divino;
- b) Identificar os principais fundamentos teológicos-pedagógicos na antropologia de Edith Stein, contribuintes para a formação em *continuum* “desde dentro” das vivências juvenis;
- c) Investigar realidades de juventudes católicas *com* ou *em* formação universitária, a partir de suas narrativas biográficas;
- d) Especificar prioridades na formação das jovens gerações à luz dos achados qualitativos levantados nas entrevistas;
- e) Destacar *insights* para o compromisso com a formação humana e cristã de jovens na contemporaneidade.

1.8 A METODOLOGIA QUALITATIVA

Abordagens qualitativas envolvem uma fonte de dados humanos, a partir de suas realidades. Para isso, há o processo de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados do estudo. A investigação qualitativa é impregnada de concepções filosóficas e de estratégias

baseadas em textos, áudios e imagens, em procedimentos emergentes, isto é, não rigidamente prescritos.⁷²

A depender do objeto de problema de pesquisa, para atingir os objetivos do estudo, princípios metodológicos encadeados podem contribuir, desde que a gênese epistemológica seja a mesma.⁷³ De um modo geral, métodos qualitativos com legitimidade acadêmica apresentam análises sistematizadas e criteriosas, partindo dos dados brutos (transcrições, anotações de campo, imagens...), seguidos da organização e da preparação dos dados para a análise, da leitura completa dos dados, da codificação dos dados, da descrição e do levantamento temático – com a expansão da pesquisa em meio digital, durante a pandemia de COVID-19, *softwares* auxiliam nesse processo de organização –, do inter-relacionamento do tema/descrição com teorias fundamentadas e da interpretação do significado de temáticas/descrições, para, só assim, haver a precisão da informação validada pela pesquisa.⁷⁴

1.9 A INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Para esta pesquisa qualitativa de vivências juvenis, optou-se, como fundamentação, pelo método fenomenológico. Do ponto de vista fenomenológico, a realidade não se isola em leis de causa e efeito, mas é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência que se volta ao fenômeno. A realidade é captada, compreendida, interpretada e comunicada.⁷⁵ De acordo com Creswell,⁷⁶ a investigação fenomenológica é uma estratégia em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas com respeito a um fenômeno descrito pelos participantes. O entendimento das experiências vividas distingue a fenomenologia como uma filosofia e como um método com procedimentos que engajam poucos participantes, visando a uma maior compreensão e a uma maior atribuição dos significados.

Nas pesquisas com enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é evidenciado. Ele considera o que está presente na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, mas sim

⁷² CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*, 2010.

⁷³ GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 2019.

⁷⁴ CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*, 2010.

⁷⁵ GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 2019.

⁷⁶ *Loc. cit.*

“o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa”.⁷⁷ Interessa o que é sabido, sentido, duvidado, internalizado e externalizado: o objeto de conhecimento da fenomenologia não é isolado nem no sujeito, nem no mundo, mas no mundo vivenciado.

O método fenomenológico encontra-se presente neste estudo por meio da conciliação da fundamentação teórica da filosofia fenomenológica com a antropologia teológica e educacional da judia e católica alemã Edith Stein (1891-1942), orientanda e assistente direta de Edmund Husserl. Esse método se articula com uma pesquisa empírica que parte de entrevistas narrativas abertas, acentuando as vivências cotidianas em seus significantes como um *continuum*.

Em Edith Stein, encontram-se os fundamentos antropológicos para as prioridades na formação humana e cristã dos jovens contemporâneos. A filósofa reconhece o fluxo de vivências em que a intersubjetividade é conectada a uma situação que precede a outra, como fundamento formativo articulado entre personalidade e comunidade.

Considerando-se que a presente pesquisa contextualiza os cenários e realiza análises bibliográficas afirmando que as jovens gerações não podem ser colocadas fora do circuito e fora da realidade da experiência em primeira pessoa, entende-se que cada contexto é um fenômeno e que cada jovem em si também o é. Assim, a essência fenomenológica como método investigativo apresenta-se como fundamental.

Segundo Gil:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada.⁷⁸

A natureza qualitativa da pesquisa das vivências cotidianas possibilita compreender os sentidos e (re)significados os quais os jovens conferem às suas existências, a experiência religiosa e a relação entre fé e vida em níveis pessoais, comunitários e sociais. A ideia de ir à essência do fenômeno – colocando o jovem como interlocutor, não o isolando como objeto de

⁷⁷ GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 2019. p. 15.

⁷⁸ *Ibid.* p. 16.

análise, mas sim o considerando como uma vida a ser escutada em sua narrativa – ressoa no paradigma científico com o qual a pesquisadora se identifica e o qual a própria antropologia steiniana estabelece: é preciso trazer o ser para que o conhecimento se desdobre.

Assim, o levantamento dos cenários sobre e com as juventudes desencadeou na pesquisadora o desejo de ir ao encontro das vivências mesmas, construindo uma pesquisa *com* jovens e adultos jovens que se decidiram pelo cristianismo católico em sua juventude e até hoje seguem contribuindo com a formação das juventudes. Ao optar pelo referencial teórico e pela metodologia qualitativa com princípios fenomenológicos, preferiu-se seguir os percursos da sociologia compreensiva na realização de entrevistas narrativas,⁷⁹ seguida da Análise Textual Discursiva,⁸⁰ visto que ambas as abordagens se encadeiam com a gênese e com o fluxo fenomenológico enquanto método.

1.10 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

A tese, a partir da introdução, encontra-se delineada em um percurso que inicia com a contextualização da investigação descrita no segundo capítulo, a partir dos princípios pedagógicos identificados na eclesiologia do Papa Francisco com as jovens gerações. O Papa alerta, cada vez mais, em seus documentos e projetos, a necessidade antropológica e a proximidade com as jovens gerações. Para isso, discorre a cultura do encontro difundida no seu magistério e assumida como ponto nuclear em sua interlocução com os jovens. Resgataram-se as peregrinações pontifícias com as juventudes, nos eventos sistemáticos das Jornadas Mundiais da Juventude, reunindo jovens do mundo inteiro e de diversas expressões da catolicidade.

Em sequência, analisa-se o cenário atual, que impõe desafios na proximidade dos contextos adultos com os contextos juvenis. Observa-se a multiplicidade de perfis e realidades juvenis (co)habitando em uma contemporaneidade aceleratória e híbrida. A necessidade da redescoberta do pacto geracional que acolhe as juventudes a partir delas próprias é identificada. Acentua-se, também, os efeitos da pandemia (ou sindemia) da COVID-19 e os seus impactos nas vivências juvenis. Foram recuperados documentos do sínodo da juventude, como fontes de

⁷⁹ Gabriele Rosenthal nasceu em 1954, é professora de métodos qualitativos no Centro de Métodos em Ciências Sociais (*Methodenzentrum Socialwissenschaften*), na Faculdade de Ciências Sociais da Georg-August-Universität. Entre 2002 e 2010, foi presidente do Comitê de Pesquisa “Biografia e Sociedade” da Associação Internacional de Sociologia. Seus estudos partem da sociologia compreensiva de Alfred Schutz (1899-1959).

⁸⁰ MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*, 2016.

apontamentos evidenciados pelos próprios jovens, com indicativos da relação com a Igreja Católica em sua dimensão planetária.

Para a fundamentação teórica do estudo, o capítulo 3 explana aspectos da antropologia teológica-pedagógica da fenomenóloga Edith Stein (1891-1942), principalmente nos aspectos contribuintes à formação das jovens gerações, como alternativa aos alertas do Papa Francisco. O capítulo ressalta a integridade entre a vida e a obra que estruturou uma antropologia como a base para a educação e a teologia. São apontadas chaves de leitura para compreensão do pensamento global de Edith Stein, destacando o que ela entende por formação e educação. Nesse aspecto, salienta-se a pedagogia do ser: o sentido de ser *pessoa* (*Person*); pedagogia, educação e formação (*Bildung*); pessoa como corpo-psique-espírito: o corpo vivenciado (*Leib*); pessoa como ser anímico-psíquico; pessoa com alma espiritual (*Geistseele*); pessoa e interioridade: o núcleo “*alma da alma*” (*Kern*); a pedagogia do sentir: o sentido afetivo (*Gemüt*); e pessoa, *intellectus*, razão natural e supranatural.

Seguindo o percurso antropológico, para além da pessoalidade, investiga-se o que Edith Stein postula sobre as relações humanas e comunitárias. Para isso, explicita-se a pedagogia da relação, isto é, a empatia (*Einfühlung*) e a pessoa, e inter-relação, ou seja, constituições comunitárias, segundo a estudiosa. O sentido do sagrado é apresentado através da consciência fundamentada na revelação cristã, que desvela o ser humano como imagem e habitação de Deus, que é amor.

Pensando na teleologia da formação católica, resgata-se o que Stein discute em suas conferências direcionadas aos formadores de jovens, em que socializa suas percepções acerca do amor divino-humano na pedagogia de Jesus Cristo, o amor como sentido vocacional da vida, as bem-aventuranças como transfiguração do amor ético-formativo, a presença da feminilidade no processo formativo, o vínculo corresponsável que forma o espírito comunitário e as trajetórias juvenis em educação da vontade e irradiação do bem eterno.

Além do estudo bibliográfico, o quinto capítulo expressa o passo a passo da pesquisa qualitativa desenvolvida, sistematizando a investigação fenomenológica ao encontro das vivências juvenis, tal qual solicita o Pontífice e postula a antropologia integral desenvolvida por Edith Stein. O método decorre de entrevistas narrativas conduzidas pelos próprios interlocutores do estudo e dos procedimentos éticos respeitados. Nesse caso, foram sete participantes universitários, identificados com a religiosidade católica, com idades entre 20 e 33 anos. Esclarece-se assim, que a opção metodológica foi investigar vivências de pessoas que na sua juventude decidiram pela catolicidade como sentido de vida e não necessariamente delimitar em faixa etária juvenil. Para a análise dos achados, o capítulo metodológico descreve

a análise textual discursiva, com a estruturação categórica e a utilização do *software* Atlas.ti como recurso de apoio na pré-análise.

No sexto capítulo, apresenta-se a síntese das narrativas, com os principais significantes e as unidades de sentido destacadas ao reportarem suas juventudes. O capítulo apresenta o *continuum* formativo em cada uma das personalidades e o que contribuiu para os tornarem si mesmos como jovens de escolhas. Dentre o olhar desde dentro das narrativas (*intus legere*), percebeu-se, no acesso das vivências, as potências juvenis, como a jovem com raízes e asas, o jovem em construção sinodal, a jovem mística carmelitana, a jovem cosmopolitana, o jovem evangelizador digital, o jovem vocacionado ao cuidado e o jovem entre dois mundos.

A partir da síntese das personalidades, a sétima parte apresenta a análise categórica dos dados, cruzando os conteúdos das vivências. As categorias iniciais são explicitadas em nuvem de palavras para melhor visualização e identificação da magnitude dos dados. Após, foi possível organizar os achados em duas macrocategorias: 1) vivências juvenis e formação do si mesmo; 2) prioridades destacadas na formação humana e cristã das jovens gerações.

Na categoria vivências juvenis e formação do si mesmo, como categorias intermediárias, identificou-se que: as vivências acontecem em fluxo; a pessoa é constituída como única em personalidade e integralidade; a afetividade e o gênero estão na esfera do ser e do conviver; as vivências comunitárias impactam e formam as singularidades; há pessoas, lugares, vivências e objetos potencialmente significantes que geram vínculo de vida; o percurso da dependência à autonomia faz parte das trajetórias juvenis; a vida pode ter sentido vocacional na forma de ser, estar e agir cristão; a relação com o sagrado pode acontecer através da experiência religiosa desde a tenra idade, mas não se isola nessa característica; os jovens possuem enfrentamentos, crises e cruces; e as suas vivências são constituídas de superações, sonhos e perspectivas.

Diante das sugestões apontadas pelos participantes, para as priorizações na formação das jovens gerações, pôde-se identificar o que potencializar, o que constatar e os sinais de alerta no acompanhamento de jovens. Como potências, os entrevistados salientaram a antropologia integral e integradora, a ética cristã, as comunidades familiares, a formação pela via da educação, as instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta e os horizontes de projeto de vida e futuro, com inclusão, responsabilidade social e cidadania empática.

Foi possível destacar, como constatação, que a intergeracionalidade é cada vez mais presente nas relações humanas, de modo que os *influencers* digitais atuam hoje como referências, inclusive eclesiais, difundindo ações nos ambientes e nas comunidades digitais e sob os impactos da pandemia de COVID-19. Como alertas, os destaques que emergiram das

entrevistas apontam para as polarizações, para a cultura da discórdia e, também, para os fenômenos de massa presentes na experiência de muitos jovens. Por fim, o capítulo se encerra com propostas de compromissos na formação humana, através de *insights* para o acompanhamento das jovens gerações que potencializam o sentido formativo com rosto aprendente no *continuum* da vida em (auto)consciência epifânica, humana e relacional.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: A LUMINESCÊNCIA PEDAGÓGICA DO PAPA FRANCISCO NO PEREGRINAR COM AS JOVENS GERAÇÕES

Educar é, antes de tudo, acompanhar os processos de crescimento, estar presente de várias formas [...]. O educador é uma pessoa que “gera” em sentido espiritual e sobretudo que “se dá” ao colocar-se em relação.⁸¹

O presente estudo encontra seu contexto na perspectiva da cultura do encontro, proposta pelo Papa Francisco, focalizando o compromisso da Igreja Católica com as jovens gerações. A expressão foi proferida pelo Papa Francisco, em 27 de julho de 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), ocorrida no Rio de Janeiro.

Cultura do encontro é uma cultura de aliança, ou seja, de construção de vínculos comprometidos. Mais do que profetizada em palavras, a expressão aponta para um percurso vivencial.

Nesse sentido, há um desvelar de uma visão teológica dialogal, solidária e jovial que se destaca no pontificado de Francisco. Não somente a Igreja Católica necessita encontrar os jovens de hoje, mas também, decisivamente, precisa (re)encontrar seu rosto e sua própria identidade nessa interlocução. As juventudes têm muito a dizer sobre si, sobre o mundo que as circundam e sobre a própria Igreja Católica em seu ser e agir. A Igreja Católica, frente aos desafios contemporâneos, segue como pedagoga enviada para anunciar o Evangelho.

Porém, cada vez mais, torna-se urgente encontrar os rumos para melhor realizar sua missão. Neste capítulo, inicia-se o percurso a partir dos apelos problematizados e das potências identificadas pelo Papa Francisco, como um peregrinar conjunto, observando os meios que o Pontífice utiliza no trilhar ao encontro das jovens gerações. O objetivo, dessa maneira, é andarilhar em possíveis sendas, que indiquem compromissos a serem assumidos na formação católica das juventudes.

⁸¹ FRANCISCO. *Carta do Santo Padre Francisco aos esposos por ocasião do ano Família Amoris laetitiae*, 2021.

2.1 AO ENCONTRO DO CORAÇÃO DE CADA JOVEM

A pesquisa parte do chão vivencial da eclesiologia do Papa Francisco marcado pela dinâmica de peregrinar com as jovens gerações: uma Igreja “em saída”,⁸² que considera “o coração de cada jovem como um solo sagrado”.⁸³ Entre 2013 e 2021, nas Exortações Apostólicas⁸⁴ assinadas pelo Pontífice, assim como em suas encíclicas,⁸⁵ observam-se as arquiteturas pedagógicas-pastorais transversalizadas por seu olhar inclusivo, humanizador, humanitário e pragmático diante da contemporaneidade.

Nas conjunturas complexas enfrentadas pelas realidades juvenis hodiernas, na essência dos documentos e pronunciamentos pontifícios, encontra-se presente uma forte indicação de qualidade educacional, sendo essa caracterizada

[...] como espaço privilegiado conducente a uma antropologia integral – entre o ser em suas realidades singulares; e integradora – entre as realidades particulares dentro de um contexto comunitário, social e planetário.⁸⁶

Desde o lançamento da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, em 2013, ano de início de seu magistério, o Papa sinalizava a ação evangelizadora inspirada pela alegria que se renova e comunica.⁸⁷ O Pontífice vem desde lá impulsionando a Igreja Católica para um movimento transformador em saída, ressaltando que “a fé atua pelo amor”.⁸⁸ Ao discorrer sobre os desafios do mundo atual, o Papa ressalta que “há uma crise antropológica profunda: a

⁸² FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*, 2013. n. 19.

⁸³ *Id.* *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 67.

⁸⁴ *Querida Amazonia*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (2 de fevereiro de 2020); *Christus vivit*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus (25 de março de 2019); *Gaudete et exsultate*: Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual (19 de março de 2018); *Amoris laetitia*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família (19 de março de 2016); *Evangelii gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013).

⁸⁵ *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020); *Laudato si'* (24 de maio de 2015); Carta Encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013).

⁸⁶ ROCHA, Magda Celi Mendes; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional*, 2021. p. 126.

⁸⁷ FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*, 2013. n. 3.

⁸⁸ *Ibid.* n. 33.

negação da primazia do ser humano”.⁸⁹ Francisco afirma, ainda, que existe uma acentuada promoção da cultura do descartável e que muitos seres humanos são considerados resíduos, “sobras”.⁹⁰

O Pontífice alerta que:

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma.⁹¹

Na mesma exortação, o Papa destacou as mudanças do novo tempo e os seus impactos sociais, educacionais e pastorais, sinalizando que já não “produzem frutos esperados”⁹² nos jovens. Segundo o Pontífice, “Nas estruturas ordinárias, os jovens habitualmente não encontram respostas para as suas preocupações, necessidades, problemas e feridas”.⁹³ Aos adultos, Francisco alerta: “A nós, adultos, custa-nos a ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas reivindicações, e aprender a falar-lhes na linguagem que eles entendem”.⁹⁴

Já na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*, o Papa apresentou o valor de ser família, frente aos desafios contemporâneos, e, nas primeiras linhas, acentuou o desejo dos jovens em encontrar o amor através da e na família.⁹⁵ Ressaltou, também, a urgente tarefa educativa dos pais em relação aos filhos, afirmando que “o abandono nunca é sadio”.⁹⁶ Além disso, conclamou as comunidades a acompanhar os jovens casais, “com propostas adaptadas aos seus horários, às suas linguagens, às suas preocupações mais concretas”.⁹⁷

⁸⁹ FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, 2013. n. 49.

⁹⁰ *Ibid.* n. 53.

⁹¹ *Ibid.* n. 54.

⁹² *Ibid.* n. 105.

⁹³ *Ibid.* n. 105.

⁹⁴ *Ibid.* n. 105.

⁹⁵ *Id. Carta do Santo Padre Francisco aos esposos por ocasião do ano Família Amoris laetitia*, 2021. n. 1.

⁹⁶ *Ibid.* n. 260.

⁹⁷ *Ibid.* n. 36.

Na medida em que o século XXI foi avançando, as palavras de Francisco seguiram ecoando, em promoção da primazia do ser, e, cada vez mais, advertindo ao dado antropológico: “estamos em época de desumanização do humano”.⁹⁸ Em 2018, em entrevista com Thomas Leoncini, reivindicou a centralidade desse olhar humanizador aos jovens, apontando a esperança e a dignidade da ação evangelizadora de juventudes, afirmando que:

O jovem sempre tem um pé na frente do outro, pronto para partir, para sair em disparada. Sempre lançado para frente. Falar sobre jovens significa falar de promessas, e isso significa falar de alegria. Os jovens têm tanta força...são capazes de olhar com esperança. Um jovem é uma promessa que carrega em si certo grau de tenacidade; tem loucura suficiente para curar-se das desilusões que podem resultar disso.⁹⁹

Em outubro de 2018, por ocasião do Sínodo da Juventude, em um itinerário que envolveu milhares de jovens, a juventude não foi somente objeto de discussão, mas, principalmente, os jovens foram sujeitos da ação. Lá, houve um paradigma pedagógico-pastoral que colocou a juventude no coração da Igreja Católica, e jovens do mundo inteiro contribuíram na pauta sinodal em participação digital e física.

A pedagogia do processo sinodal merece atenção, pois gerou uma oportuna relação no binário Igreja-jovens. Houve uma dialógica e uma renovação em olhar os jovens com os olhos da Igreja e olhar a Igreja com os olhos dos jovens.¹⁰⁰ Uma forma processual inclusiva de compreender os jovens na Igreja. Essa participação construiu um caminho de reflexão sobre a face jovem da Igreja Católica, a sua missão de acompanhamento e as trilhas de apoio ao discernimento vocacional e projeto de vida.

Em março de 2019, como resposta ao processo sinodal, é lançada a Exortação Apostólica *Christus vivit*, direcionada principalmente aos jovens e àqueles que atuam com juventudes. Dentre os aspectos apontados, o Papa afirmou que o Sínodo reconheceu a indisposição em escutar os jovens por parte de muitos, prevalecendo a tendência de formular respostas pré-fabricadas e receitas prontas, sem integrar as perguntas juvenis na novidade e interpelação eclesial e cidadã.¹⁰¹

⁹⁸ FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*, 2018. p. 29.

⁹⁹ *Ibid.* p. 21.

¹⁰⁰ ROSINA, Alessandro. *Scoprire com i Giovani i motivi dela fede*, 2018.

¹⁰¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 37.

A exortação ressalta que, como fase do desenvolvimento da personalidade, a juventude se caracteriza por sonhos que se formam, relações humanas que adquirem consistência, tentativas e experiências cotidianas e opções graduais de construção de projeto de vida. Além disso, evidencia, no texto, que os jovens são chamados a se lançar adiante, sem cortar as raízes, construindo sua autonomia, porém não sozinhos.¹⁰²

Francisco também resgata a palavra “vocação” para o sentido amplo da vida em amizade com Deus, lembrando os jovens de que nada é fruto do caos sem sentido, mas, ao contrário, tudo se insere no caminho de resposta ao projeto divino.¹⁰³

O conteúdo final da exortação traz um desejo do Papa aos jovens:

Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi «atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós.¹⁰⁴

O apelo de Francisco segue ecoando e, ainda, vem com um clamor mais emergencial no peregrinar, que envolve o itinerário pedagógico-ecclesial no impacto da pandemia da COVID-19 na história da humanidade, com sua exigência de transformações imediatas no modo de ser e estar no mundo. O perigo de haver um recorte de conteúdo aprisionado, em um momento, em torno de um Sínodo “pré-pandêmico” é real. Compreender processos em meio aos fenômenos contemporâneos e transformar palavras em vida – a partir da vida vivida, de reflexões e de problematizações em ações efetivas, além de intenções em consciência ativa, de forma e conteúdo, e dos anseios por controle e posse em perspectiva intergeracional e intercultural – são os maiores desafios de uma pedagogia ao encontro das jovens gerações.

A palavra profética de Francisco certamente não previa o que o mundo viveria em 2020. A pandemia desencadeada pelo vírus da COVID-19 acabou por alterar significativamente a história do século XXI. Imprevista e atualmente incontrolável, a pandemia impactou a

¹⁰² FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 78.

¹⁰³ *Ibid.* n. 143.

¹⁰⁴ *Ibid.* n. 169.

humanidade em suas formas de ser, conviver, fazer e conhecer.¹⁰⁵ O drama trazido pela COVID-19 acelerou e ampliou os problemas que já se enfrentavam socialmente e impactou o universo juvenil de uma forma que ainda não se sabe definir. Planos de contingência urgentes e reinvenção da comunicação, educação e pastoral mobilizaram todos os que atuam com jovens e os próprios jovens em si. Fala-se em novo futuro, porém o certo é que ainda se vive o imprevisível. É um momento propício para seguir caminhando em conjunto com os jovens, nesse novo tempo, para que seja possível realizar o que o próprio estudo propõe investigar.

Lançado em setembro 2019 e relançado em outubro de 2020 em meio à conjuntura pandêmica, o Papa Francisco conclamava a humanidade na reconstrução do que chamou de “Pacto Educativo Global”.¹⁰⁶ Com o tema “Reconstruindo o pacto educacional global”, o encontro objetivava reavivar o compromisso para e com as gerações mais jovens. O Papa indicava um caminho mais aberto e inclusivo, capaz de promover escuta paciente, diálogo construtivo e entendimento mútuo. No convite, Francisco afirmava que a contemporaneidade seguia em contínua transformação e era atravessada por múltiplas crises, próprias de uma mudança de época, em que ocorria uma metamorfose cultural e antropológica, geradora de novas linguagens que, sem discernimento, descartavam os paradigmas da história. O Papa Francisco alertou que a educação vinha em colisão com a rápida aceleração, que aprisiona o existir humano no turbilhão veloz da tecnologia digital, na qual as referências se alteram.¹⁰⁷

O primeiro ano pandêmico mudou a forma, mas ativou, com ainda mais vigor, a proposta pontífice. Lançada em outubro de 2020, a Encíclica *Fratelli Tutti* acentua o pacto intergeracional, conclamando à responsabilidade com os jovens, os adolescentes e as crianças, visando ao compromisso com as suas vidas e a vida do planeta. Pode-se afirmar que:

[...] a publicação da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* acentua corajosamente o tom do compromisso ético pessoal e comunitário, fortalecendo a arquitetura empática em que a fraternidade, em vistas de uma amizade social e planetária, é inadiável.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Referência aos quatro pilares da educação da UNESCO, baseados no Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors (DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 2010).

¹⁰⁶ Para conhecer globalmente a proposta do Pacto Educativo Global, indica-se a página oficial <https://www.educationglobalcompact.org/>. Acesso em: 17 fev. 2022. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Associação Nacional da Educação Católica do Brasil (ANEC) são exemplos de instituições articuladoras da iniciativa em meios educacionais, eclesiais e sociais.

¹⁰⁷ O convite para o encontro em Roma foi realizado em 12 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/it/invito-di-papa-francesco/> Acesso em: 13 jul. 2020.

¹⁰⁸ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Fratelli tutti e o compromisso com as jovens gerações*, 2020. n.p.

Para que a humanidade saia do que o Pontífice refere como sombras de um mundo fechado, é preciso assumir a fraternidade como caminho intencional, ressaltando que discursos são insuficientes, visto que a exigência está na *práxis* do cotidiano e no serviço diligente para e com adolescentes e jovens, e afirmando o direito ao desenvolvimento e à sustentabilidade da “casa comum”.

A partir da *Fratelli Tutti*, o Papa sinaliza os perigos trazidos pela era digital, aos quais as jovens gerações estão mais expostas. Assim, aconselha à escuta ativa e a um olhar mais poliédrico diante de adolescentes e jovens. Alerta, também, para que se busque

[...] ir ao encontro de suas necessidades, inquietações, formas singulares de expressão, atentar-se aos enfrentamentos diante dos contextos, perceber suas interlocuções e conectividades na era do *onlife*, em que real e virtual se (con)fundem.¹⁰⁹

O destaque antropológico segue saliente no texto de Francisco, sobretudo através de um novo paradigma educativo:

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir face às próprias injustiças, às aberrações, aos abusos dos poderes econômicos, tecnológicos, políticos e midiáticos.¹¹⁰

O Papa segue no percurso de seu pontificado, como um profeta do novo tempo, chamando atenção para as periferias existenciais, em que os mais atingidos são crianças, adolescentes e jovens. Diante dos quadros estatísticos alarmantes das mortes geradas pela COVID-19, “palavras como isolamento, distanciamento, adoecimento, contaminação passiva e ativa, vieram compor o cenário planetário, social, familiar e pessoal, atingindo diretamente (re)significações das realidades das jovens gerações”.¹¹¹

Diante de um contexto em que vida e morte andam juntas, o Pontífice aponta para um tempo em que a eternidade seja considerada, e não somente se isole a existência no aqui e agora.

¹⁰⁹ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Fratelli tutti e o compromisso com as jovens gerações*, 2020. n.p.

¹¹⁰ FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, 2020. n. 167.

¹¹¹ ROCHA, Magda Celi Mendes; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional*, 2021. p. 130.

Principalmente para os jovens, a morte, que parecia estar distante do dinamismo da vida, irrompeu o novo tempo, passando a ser companhia diária nas múltiplas crises pandêmicas, de modo a provocar maior consciência da finitude e eternidade.

Na sequência dos gestos pontífices com as jovens gerações, está previsto, para 2023, o encontro na Jornada Mundial da Juventude. Será a primeira edição após o impacto da contemporaneidade pandêmica. Olhar para o hoje e fazer a memória das aproximações pontífices com as juventudes será fundamental para a continuidade do processo pedagógico com os jovens.

2.2 AS JORNADAS PONTIFÍCIAS COM A EXPRESSÃO JUVENIL

No ano de 2023, está prevista a ocorrência da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, Portugal. Idealizadas por João Paulo II,¹¹² inspiradas nos acampamentos que ele realizava com os jovens estudantes quando exercia a docência e iniciadas em seu pontificado, as Jornadas Mundiais da Juventudes (JMJs) se apresentam como encontros de jovens católicos do mundo inteiro com o Papa. Como uma grande peregrinação, as JMJs reúnem milhares de jovens e integram celebrações, espaços de orações, catequeses, festas juvenis, acampamentos e atividades de ação social e vem se configurando como marco de evangelização e expressão juvenil da Igreja Católica em sua universalidade e transformação da Igreja.

¹¹² Em 22 de outubro de 1978, na Praça de São Pedro, iniciando seu pontificado, João Paulo II se dirigiu aos jovens: “*Vocês são a esperança da Igreja e do mundo. Vocês são a minha esperança*”. Tal passagem pode ser conferida em sua obra *Cruzando o limiar da esperança* (pág. 19). Em 1 de julho de 1980, na homilia, em Belo Horizonte, dirigiu-se aos jovens brasileiros do seguinte modo: “Jovens de todo o Brasil, o Papa quer muito bem a vocês! O Papa não os esquecerá nunca mais! O Papa leva daqui uma grande saudade de vocês!” (Homilia do Santo Padre para os jovens de Belo Horizonte em 1 de julho de 1980). Já ao final de sua vida, na viagem apostólica a Berna, na Suíça, ocorrida em junho de 2004, proferiu: “Jovens, não tenhais medo de encontrar Jesus. Eu também tive 20 anos como vós. Gostava de praticar esportes, esquiar, apresentar peças de teatro. Estudava e trabalhava. Tinha sonhos e preocupações. Nesses anos já longínquos, em tempos que minha terra natal estava ferida pela guerra e mais tarde pelo regime totalitário, buscava o sentido da minha vida. E o encontrei seguindo o Senhor Jesus. O convite que hoje vos dirijo é: ‘Escuta.’ Não te canses nunca de exercitar-se na difícil matéria da escuta. Escuta a voz do Senhor que te fala através dos fatos da vida diária, através das alegrias e das penas que a acompanham, das pessoas que estão ao teu lado. A voz da consciência está sedenta da verdade, da felicidade, de bondade e de beleza” (viagem apostólica a Berna, na Suíça, em junho de 2004). João Paulo II foi canonizado pelo Papa Francisco em 27 de abril de 2014. É considerado pela Igreja Católica o padroeiro da juventude. Nos dias que antecederam a morte do Papa João Paulo II, ocorrida em 02 de abril de 2005, multidões estiveram reunidas em vigília de oração na Praça de São Pedro e em diversos espaços eclesiais em nível mundial. Dentre as multidões, havia incontáveis jovens.

Há quem lhe chame a mais bela invenção de João Paulo II. Em 1984, o Papa quis organizar um encontro no Domingo de Ramos, em Roma, para celebrar o jubileu dos jovens inserido no Ano Santo da Redenção 1983-1984. Esperavam-se 60 mil peregrinos. Acorreram 250 mil de muitos países. A experiência foi de tal modo significativa para toda a Igreja, que o Santo Padre resolveu repeti-la no ano seguinte. Nesse encontro, 300 mil jovens repartiram-se entre as igrejas da cidade para momentos de oração e catequese, reunindo-se, depois, na praça de São Pedro para participar na celebração com o Papa. Ainda nesse ano de 1985, João Paulo II escreve uma Carta Apostólica aos jovens do mundo inteiro e anuncia, a 20 de dezembro, a instituição da Jornada Mundial da Juventude.¹¹³

A JMJ traz o símbolo da Cruz. Em 22 de abril de 1984, o Papa João Paulo II, do adro da Basílica de São Pedro, depois de ter fechado a Porta Santa pelo Jubileu da Redenção, confia a Cruz aos jovens de todo o mundo, pronunciando:

A grande cruz de madeira, de 3,8 metros de altura, colocada perto do altar principal, está à sua esquerda e depois de ter sido um farol de fé durante um ano inteiro, é entregue nas mãos dos peregrinos do mundo: será “anúncio” e “encontro”, se tornará a “Cruz da JMJ”.¹¹⁴

Sob o signo da Cruz de Cristo confiada aos jovens, João Paulo II exortou: “Levem-na ao mundo, como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e anunciem a todos, que somente em Cristo morto e ressuscitado há salvação e redenção”.¹¹⁵ Ao Colégio Cardinalício e à Cúria Romana, o Papa João Paulo II explicava a criação da JMJ com as seguintes palavras:

Todos os jovens devem sentir-se acompanhados pela Igreja: é por isso que toda a Igreja Católica, em união com o Sucessor de Pedro, se sente mais comprometida, a nível mundial, a favor da juventude, das suas preocupações e pedidos, da sua abertura e esperanças, para corresponder às suas aspirações, comunicando a certeza que é Cristo, a Verdade que é Cristo, o amor que é Cristo, através de uma formação apropriada.¹¹⁶

O encontro mundial objetiva a celebração da fé e do pertencimento à Igreja Católica, em cidades escolhidas pelo Papa, com sua presença ativa:

¹¹³ JMJ LISBOA 2023. *O que é a Jornada Mundial da Juventude*, n.d. n.p.

¹¹⁴ MENICHETTI, Massimiliano. *O nascimento da JMJ: João Paulo II confia a Cruz aos jovens*, 2019. n.p.

¹¹⁵ *Loc. cit.*

¹¹⁶ JMJ LISBOA 2023. *Como surgiu*, n.d. n.p.

Apresenta-se como um convite a uma geração determinada em construir um mundo mais justo e solidário. Com uma identidade claramente católica, é aberta a todos, quer estejam mais próximos ou mais distantes da Igreja.¹¹⁷

Nos países que acolhem as JMJs, espera-se um novo impulso à fé, à esperança e à caridade, visando proporcionar, principalmente, aos jovens o renovado encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo: “também promover a paz, a união e a fraternidade entre os povos e as nações de todo o mundo”.¹¹⁸

Tendo início com João Paulo II, os Pontífices Bento XVI¹¹⁹ e Francisco seguem os passos de seu predecessor. O percurso através do trânsito do milênio marca o conteúdo e a linguagem pontífice, visando aproximar a Igreja Católica de sua face jovem e evangelizadora. Os anos, locais e temas das JMJs denotam essa sistematização.

A seguir, há a síntese desse itinerário, de acordo com o *site* oficial da JMJ 2023.¹²⁰

1986 – ROMA, ITÁLIA

Tema: “Confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vô-la peça” (1Pe 3, 15).

Considerada a primeira edição, aconteceu em nível diocesano, iniciando no Domingo de Ramos. Foi o encontro em que o Papa apresentou aos jovens a proposta da Jornada Mundial da Juventude, acentuando um capítulo de esperança:

Em Jesus Cristo, Deus entrou definitivamente na história do homem. Vós jovens, deveis encontrá-lo primeiro. Deveis encontrá-lo constantemente. A Jornada Mundial

¹¹⁷ JMJ LISBOA 2023. *Como surgiu*, n.d. n.p.

¹¹⁸ *Loc. cit.*

¹¹⁹ O Papa Bento XVI foi sucessor de João Paulo II. Seu pontificado iniciou em abril de 2005 e concluiu em 28 de fevereiro de 2013, quando ocorreu sua renúncia. É de Bento XVI a mensagem para a JMJ de 2013, no Rio de Janeiro, que, com forte apelo missionário, estimulava as juventudes a ser apóstolas de um novo tempo. Em seu pontificado, foi idealizado e lançado o YouCat, com linguagem direta aos jovens, trazendo o conteúdo do catecismo da Igreja Católica. Na mensagem de lançamento, proferiu: “Algumas pessoas dizem-me que o catecismo não interessa à juventude moderna; mas não acredito nesta afirmação e estou certo de que tenho razão. A juventude não é tão superficial como é acusada de o ser; os jovens querem saber de veras no que consiste a vida. Por isso, exorto-vos: estudaí o catecismo! Estes são os meus votos de coração” (BENTO XVI. *Prefácio do Papa Bento XVI a YouCat: subsídio ao Catecismo da Igreja Católica destinado aos jovens na perspectiva da JMJ 2011 em Madrid*, 2011. n.p.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.lisboa2023.org/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

da Juventude significa precisamente isto: sair ao encontro de Deus, que entrou na história humana através do Mistério Pascal de Jesus Cristo.¹²¹

1987 – BUENOS AIRES, ARGENTINA

Tema: “Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos n’Ele” (1Jo 4, 16).

A primeira edição internacional da JMJ aconteceu em um país ferido pela ditadura militar. João Paulo II afirmou a juventude como a esperança do Papa e a esperança da Igreja. O Pontífice baseou seus discursos em 21 questões colocadas por jovens: “Comprometam a vossa energia juvenil na construção da civilização do amor”.¹²² O Papa ressaltava que,

[...] especialmente para os jovens, é essencial conhecer a si mesmo, saber qual é o seu valor, o seu verdadeiro valor, qual é o sentido da sua existência, da sua vida, saber qual é a sua vocação. Só assim você pode definir o significado de sua própria vida.^{123,124}

Além disso, João Paulo II conclama a juventude:

Jovens: *Cristo, a Igreja, o mundo esperam o testemunho das vossas vidas*, fundado na verdade que Cristo nos revelou! Jovens: O Papa agradece o vosso testemunho e encoraja-vos a ser sempre testemunhas do amor de Deus, semeadores de esperança e construtores de paz! “Senhor, para quem vamos? Você tem as palavras da vida eterna” (Jo 6,68). Aquele que se entregou tornando-se obediente até a morte de cruz, só tem palavras de vida eterna. Abraça suas palavras. Aprenda-os. Construa suas vidas com as palavras e a vida de Cristo sempre em mente. Além disso, *aprenda a ser o próprio Cristo*, identificado com Ele em tudo.^{125,126}

¹²¹ JOÃO PAULO II. *Concelebração Eucarística no Domingo de Ramos*: Homilia do Papa João Paulo II, 2002. n.p.

¹²² *Id. Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens por ocasião da II Jornada Mundial da Juventude*, 1987.

¹²³ JUAN PABLO II. *Santa misa del domingo de ramos y Segunda Jornada Mundial de la Juventud*, 1987. n. 9.

¹²⁴ Conforme: “[...] especialmente para el joven, es esencial conocerse a sí mismo, saber cuál es su valor, su verdadero valor, cuál es el significado de su existencia, de su vida, saber cuál es su vocación. Sólo así puede definir el sentido de su propia vida”.

¹²⁵ *Ibid.* n. 10.

¹²⁶ Conforme: “¡Jóvenes: Cristo, la Iglesia, el mundo esperan el testimonio de vuestras vidas, fundadas en la verdad que Cristo nos ha revelado! ¡Jóvenes: El Papa os agradece vuestro testimonio, y os anima a que seáis siempre testigos del amor de Dios, sembradores de esperanza y constructores de paz! “Señor, ¿a quién iremos? Tú tienes palabras de vida eterna” (Jn 6, 68). Aquel que se entregó a Sí mismo haciéndose obediente hasta la muerte de cruz, El solo tiene palabras de vida eterna. Acoged sus palabras. Aprendedlas. Edificad vuestras vidas teniendo siempre presentes las palabras y la vida de Cristo. Más aún: aprended a ser Cristo mismo, identificados con El en todo”.

1989 – SANTIAGO DE COMPOSTELA, ESPANHA

Tema: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6).

Ocorrida poucos meses antes da queda do Muro de Berlim, cerca de 600 mil jovens clamavam pela paz, juntamente com o Papa, como peregrinos com o cajado na mão, percorrendo o caminho de Santiago de Compostela. Referindo-se ao forte testemunho de conversão e fé de São Tiago, João Paulo II salientou aos jovens que “cada nova geração precisa de novos apóstolos. É aqui que surge uma missão especial para você. Sois os primeiros apóstolos e evangelizadores do mundo juvenil”.¹²⁷

No contexto de percurso milenar, o Pontífice exortou as juventudes a redescobrir as raízes da fé cristã, bem como a se comprometer com o coração generoso, na nova evangelização, no limiar do Terceiro Milênio, recordando que:

O mundo de hoje é uma grande terra de missão, mesmo em países de antiga tradição cristã. Em todos os lugares de hoje, o neopaganismo e o processo de secularização constituem um grande desafio à mensagem evangélica. Mas, ao mesmo tempo, surgem novas ocasiões – também nos nossos dias – de anunciar o Evangelho: por exemplo, cresce a nostalgia do sagrado, dos valores autênticos, da oração. Por isso, o mundo de hoje precisa de muitos apóstolos, especialmente de apóstolos jovens e corajosos. A vós, jovens, compete – de modo especial – dar testemunho da fé, hoje, e comprometer-vos a levar aos outros o Evangelho de Cristo – o caminho, a verdade e a vida – no terceiro milênio cristão; bem como construir uma nova civilização que é a civilização do amor, da justiça e da paz.¹²⁸

1991 – CZESTOCHOWA, POLÓNIA

Tema: “Recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos” (Rm 8, 15).

Em 1991, com a queda do regime comunista, vislumbravam-se novos confins e horizontes, havendo uma numerosa participação de jovens da Europa Oriental, totalizando cerca de milhão e meio de peregrinos. Em seu país de origem, o Papa João Paulo II reforçou que, após um longo período de fronteiras praticamente insuperáveis, a Igreja na Europa pôde

¹²⁷ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do IV Dia Mundial da Juventude*, 1989. n. 2.

¹²⁸ *Loc. cit.*

finalmente respirar com os dois pulmões.¹²⁹ Aos jovens, ressaltou a proximidade com o novo milênio e a sua missão como cristãos católicos:

O mundo que, às portas do ano 2000, busca ansiosamente os caminhos para uma convivência mais solidária, tem necessidade urgente de poder contar com pessoas que, graças ao Espírito Santo, vivam como verdadeiros filhos de Deus. [...] Este é o grande compromisso dos filhos de Deus: trabalhar pela construção de uma convivência fraterna entre todos os povos. Não é isso que o mundo precisa hoje? Um grande desejo de unidade é fortemente sentido nas nações, quebrando todas as barreiras de indiferença e ódio. Cabe a vocês, jovens, em particular, a grande tarefa de *construir uma sociedade mais justa e solidária*.¹³⁰

1993 – DENVER, ESTADOS UNIDOS

Tema: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

Nas ruas da cidade de Denver, aconteceu a primeira Via-Sacra, que hoje faz parte do cronograma oficial de peregrinação da JMJ. O Papa conclamava os jovens à coragem de se comprometer com a verdade, visto que, segundo o Pontífice, a Igreja carece da energia, do entusiasmo e dos ideais juvenis para fazer com que o Evangelho da vida penetre o tecido da sociedade, transformando o coração das pessoas e das estruturas da sociedade, para criar uma civilização de justiça e amor verdadeiros.¹³¹ João Paulo II alertou:

A existência humana conhece momentos de crise e fadiga, decepção e escuridão. [...] À luz de tão grande esforço, é fácil compreender a dificuldade particular dos adolescentes e jovens que se dirigem, com o coração pesado, àquele conjunto de promessas fascinantes e desconhecidas sombrias que a vida apresenta. [...] Caros jovens, vocês interpretam uma pergunta que muitos de seus amigos costumam fazer: como e onde podemos encontrar esta vida, como e onde podemos vivê-la? Você mesmo pode encontrar a resposta, se tentar permanecer fielmente no amor de Cristo (cf. Jo 15, 9). Poderá experimentar diretamente a verdade da sua palavra: “Eu sou... vida” (Jo 14, 6), e poderá levar a todos este alegre anúncio de esperança. Ele fez de vocês seus embaixadores, os primeiros evangelizadores de seus contemporâneos.¹³²

¹²⁹ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do VI Dia Mundial da Juventude*, 1991.

¹³⁰ *Ibid.* n. 2.

¹³¹ *Id.* *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do VIII Dia Mundial da Juventude*, 1993.

¹³² *Ibid.* n. 2.

1995 – MANILA, FILIPINAS

Tema: “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo 20, 21).

A 10ª Jornada Mundial da Juventude aconteceu no país com a maior percentagem de católicos na Ásia e um dos mais expressivos em nível mundial. Mais de quatro milhões de peregrinos, entre os quais muitos eram provenientes de contextos sociais pobres e desiguais. O Papa impeliu:

A Igreja apresenta-se ao ser humano do nosso século, a todos vós, queridos jovens que sentem fome e sede de verdade, como um companheiro de viagem. Ele ofereceu-vos a mensagem evangélica eterna e confia-vos uma exaltante tarefa apostólica: ser os protagonistas da nova evangelização.^{133,134}

1997 – PARIS, FRANÇA

Tema: “Mestre, onde moras? Vinde e vereis” (Jo 1, 38-39).

Meio milhão de jovens estiveram na edição que ocorreu nas ruas de Paris. A JMJ de Paris inovou, trazendo o Festival da Juventude e abrindo espaço para um programa cultural e artístico que visibiliza o talento dos jovens. Além disso, introduziu encontros diocesanos que antecedem a semana da JMJ. O Papa João Paulo II provocava os jovens:

Jovens do mundo inteiro, é dentro dos caminhos da existência cotidiana que podeis encontrar o Senhor! [...] No concreto daquele encontro surpreendente, descrito com poucas e essenciais palavras, descobrimos a origem de cada percurso de fé. É Jesus que toma a iniciativa [...]. Esta é a dimensão fundamental do encontro: não se está diante de uma coisa, mas de Alguém, do “Vivo”. Os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico: são os homens e as mulheres que fizeram, na fé, a experiência do encontro com Cristo (cfr. 1Jo 1,1-4) [...]. É verdade: *Jesus é um amigo exigente* que indica metas altas, que pede para sair de si mesmo e ir ao Seu encontro confiando-Lhe toda a vida: “quem perder a sua própria vida por minha causa e por causa do Evangelho, salva-la-á” (Mc 8,35). Esta proposta pode parecer difícil e em alguns momentos pode mesmo meter medo. Mas – pergunto-vos – será melhor resignarem-se a uma vida sem ideais, a um mundo construído à vossa própria imagem e semelhança, ou, pelo contrário, procurar generosamente a verdade, o bem, a justiça, e trabalhar por um mundo que espelhe a beleza de Deus, mesmo que com o custo de se

¹³³ JUAN PABLO II. *Mensaje del Santo Padre Juan Pablo II para la IX y la X Jornada Mundial de la Juventud*, 1993.

¹³⁴ Conforme: “*La Iglesia se presenta al hombre de nuestro siglo, a todos vosotros, queridos jóvenes que sentís hambre y sed de verdad, como compañera de viaje. Os ofrece el eterno mensaje evangélico y os confía una tarea apostólica exaltante: ser los protagonistas de la nueva evangelización*”.

ter de enfrentar as provas que isso comporta? Derrubai as barreiras da superficialidade e do medo!¹³⁵

2000 – ROMA, ITÁLIA

Tema: “E o Verbo fez-Se homem e veio habitar conosco” (Jo 1, 14).

A JMJ do ano 2000, considerada o Jubileu dos Jovens, marcava os 15 anos do início das JMJs. O Papa João Paulo II considerou isso em sua mensagem:

Há quinze anos, no termo do Ano Santo da Redenção, confiei-vos uma grande Cruz de madeira convidando-vos a levá-la ao mundo, como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e como anúncio de que só em Cristo, morto e ressuscitado, há salvação e redenção. A partir de então, sustentada por braços e corações generosos, ela realizou uma longa e ininterrupta peregrinação através dos continentes, mostrando que a Cruz caminha com os jovens e os jovens caminham com a Cruz.¹³⁶

Nessa edição jubilar, o Papa introduziu o ícone de Nossa Senhora:

Maria Santíssima vos ensine, caros jovens, a discernir a vontade do Pai celeste para a vossa existência. Obtenha para vós a força e a sabedoria a fim de poderdes falar a Deus e de Deus. Com o seu exemplo vos incentive a ser no novo milênio anunciadores de esperança, amor e paz.¹³⁷

2002 – TORONTO, CANADÁ

Tema: “Vós sois o sal da terra [...] Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13.14).

A última JMJ com a presença de João Paulo II trazia o impacto da lembrança dos atentados de 11 de setembro. Cerca de 800 mil jovens escutaram do Papa o estímulo: “Com a vossa fé, esperança e amor, com a vossa inteligência, fortaleza e perseverança, deveis humanizar o mundo em que vivemos”.¹³⁸ O Pontífice, no alto de seus 82 anos, ainda proferiu:

¹³⁵ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude*, 1997. n. 2.

¹³⁶ *Id.* *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião da XV Jornada Mundial da Juventude*, 1999. n. 1.

¹³⁷ *Ibid.* n. 5.

¹³⁸ JMJ LISBOA 2023. *Como surgiu*, n.d. n.p.

É próprio da condição humana e, particularmente, da juventude buscar o Absoluto, o sentido e a plenitude da existência. Amados jovens, não vos contenteis com nada menos do que os mais altos ideais! Não vos deixeis desanimar por aqueles que, desiludidos da vida, se tornaram surdos aos anseios mais profundos e autênticos do seu coração.¹³⁹

2005 – COLÔNIA, ALEMANHA

Tema: “Viemos adorá-l’O” (Mt 2, 2).

Na terra natal de Bento XVI, essa foi a primeira JMJ conduzida por Bento XVI e a primeira viagem internacional de seu pontificado. Mais de um milhão de jovens acompanharam a jornada, que, na vigília, passou a contar com um momento de adoração ao Santíssimo Sacramento. O Papa chegou de barco, o que possibilitou a imediata identificação da Igreja como a Barca de Pedro. Diante da pluralidade de línguas e culturas, o Pontífice reafirmou a fé em Jesus Cristo:

Queridos jovens, a felicidade que procurais, a felicidade que tendes o direito de saborear tem um nome, um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia. Só ele dá plenitude de vida à humanidade! Com Maria, dissei o vosso “sim” àquele Deus que deseja oferecer-se a vós. Repito-vos hoje o que disse no início do meu pontificado: “Quem faz entrar Cristo [na própria vida] nada perde, nada absolutamente nada do que torna a vida livre, bela e grande. Não, só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade desabrocham realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade nós experimentamos o que é belo e o que liberta”.¹⁴⁰

2008 – SYDNEY, AUSTRÁLIA

Tema: “Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas” (Atos 1, 8)

Meio milhão de peregrinos estiveram na primeira JMJ presente nas redes sociais. O Papa Bento XVI crismou 24 jovens, estimulando a multidão ao testemunho da fé e à aproximação da vida com o Espírito Santo:

¹³⁹ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do XVII Dia Mundial da Juventude*, 2002. n. 2.

¹⁴⁰ BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI na Festa de Acolhimento dos Jovens*, 2005. n.p.

Estimados jovens, portanto também hoje o Espírito Santo continua a agir com poder na Igreja, e os seus frutos são abundantes na medida em que se dispõem a abrir-nos à sua força renovadora. Por isso, é importante que cada um de nós O conheça, entre em relação com Ele e por Ele se deixe orientar. Mas nesta altura apresenta-se naturalmente uma pergunta: quem é para mim o Espírito Santo? Com efeito, não são poucos os cristãos para os quais Ele continua a ser o “grande desconhecido”. [...] Todavia, não é suficiente conhecê-lo; é necessário acolhê-lo como guia das nossas almas, como o “Mestre interior” que nos introduz no Mistério trinitário, porque somente Ele pode abrir-nos à fé e permitir-nos vivê-la plenamente todos os dias.¹⁴¹

2011 – MADRID, ESPANHA

Tema: “Enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé” (Cl 2, 7).

A capital espanhola acolheu cerca de dois milhões de jovens peregrinos que enfrentaram as intempéries do clima sem dispersão. O Papa Bento XVI ressaltou, aos jovens, o valor da Igreja como comunidade cristã:

A opção de crer em Cristo e de O seguir não é fácil; é dificultada pelas nossas infidelidades pessoais e por tantas vozes que indicam caminhos mais fáceis. Não vos deixeis desencorajar, procurai antes o apoio da comunidade cristã, o apoio da Igreja! [...] Amados jovens, a Igreja conta convosco! Precisa da vossa fé viva, da vossa caridade e do dinamismo da vossa esperança. A vossa presença renova a Igreja, rejuvenesce-a e confere-lhe renovado impulso.¹⁴²

2013 – RIO DE JANEIRO, BRASIL

Tema: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mt 28, 19).

No primeiro ano de pontificado do Papa Francisco, mais de 3,7 milhões de peregrinos estiveram na Praia de Copacabana em ambiente de festa e oração. O Papa Francisco estimulou as juventudes a serem protagonistas da mudança:

Em vista disso, eu peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho

¹⁴¹ BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada Mundial da Juventude*, 2007. n. 5.

¹⁴² *Id. Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVI Jornada Mundial da Juventude*, 2011. n. 6.

confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. E tenham também a coragem de ser felizes!¹⁴³

2016 – CRACÓVIA, POLÓNIA

Tema: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia” (Mt 5, 7).

A JMJ contou com um milhão e meio de jovens, que escutaram do Papa Francisco a necessidade de não se acomodarem diante das realidades. Baseada nas bem-aventuranças, a edição foi marcada pela visita silenciosa do Pontífice ao campo de concentração de Auschwitz Birkenau. Além disso, o Papa lançou o desafio pessoal aos jovens:

Hoje, Jesus, que é o caminho, chama-te – a ti... a ti... a ti... [aponta para cada um] – a deixar a tua marca na história. Ele, que é a vida, convida-te a deixar uma marca que encha de vida a tua história e a de muitos outros. Ele, que é a verdade, convida-te a deixar as estradas da separação, da divisão, do sem-sentido. Aceitam? [Sim!] Aceitam? [Sim!].¹⁴⁴

2019 – CIDADE DO PANAMÁ, PANAMÁ

Tema: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

A JMJ foi dedicada ao encontro dos jovens com Maria. A partir do Evangelho da Anunciação, na vigília com os jovens, Maria foi apresentada pelo Papa Francisco como “a maior *influencer* da história”, “Maria, a *influencer* de Deus”.¹⁴⁵ A JMJ do Panamá ocorreu entre o Sínodo sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional e a divulgação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.¹⁴⁶

O percurso das Jornadas Mundiais da Juventudes foi alterado pela pandemia da COVID-19. Em 2022, estava prevista a edição de Lisboa. Porém, devido à crise sanitária global, a JMJ foi prorrogada para agosto de 2023. Para tematizar, a JMJ seguirá nos passos de Maria, porém, agora, a partir do Evangelho da Visitação. Assim, traz por tema: “Maria levantou-se e foi

¹⁴³ BENTO XVI. *Encontro com os Voluntários da XXVIII JMJ: Discurso do Santo Padre*, 2013. n.p.

¹⁴⁴ VATICAN NEWS. *JMJ: os temas, as imagens e os momentos dos encontros internacionais*, 2019. n.p.

¹⁴⁵ JMJ LISBOA 2023. *Como surgiu*, n.d. n.p.

¹⁴⁶ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 299.

depressa”.¹⁴⁷ Os símbolos da Cruz peregrina e do ícone mariano seguem o itinerário de cidade em cidade, sendo conduzidos por jovens.¹⁴⁸

O Papa Francisco, em sua mensagem, por ocasião do percurso em preparação à JMJ 2023, exorta os jovens e faz um importante alerta:

Quando cai um jovem de certo modo cai a humanidade. Mas também é verdade que, quando um jovem se levanta, é como se o mundo inteiro se levantasse. Queridos jovens, que grande potencialidade tendes nas vossas mãos! Que força trazeis nos vossos corações!¹⁴⁹

2.3 OS DESAFIOS EM ENCONTRAR ROTAS AFETIVAS E EFETIVAS COM JOVENS NAS MÚLTIPLAS REALIDADES HODIERNAS

Para além do percurso mundial com os jovens, a partir das Jornadas Mundiais da Juventude, a discussão acerca do processo pedagógico-pastoral da ação evangelizadora da Igreja, junto às novas gerações, assumiu papel nuclear em toda a preparação para o Sínodo dos Bispos com os jovens.

Como vértice, obtém-se a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*. Porém, para a culminância desse documento, houve um processo vivo que merece ser descrito para não ser esquecido enquanto planejamento, conteúdo e metodologia.

Segundo o Pontífice:

A juventude é um tempo abençoado para o jovem e uma bênção para a Igreja e o mundo. É uma alegria, uma canção de esperança e uma beatitude. Apreciar a juventude significa considerar este período da vida como um momento precioso, e não como uma fase de passagem onde os jovens se sentem empurrados para a idade adulta.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Lc 1,39.

¹⁴⁸ É possível acompanhar a peregrinação no site: <https://www.lisboa2023.org/pt>. Acesso em: 17 fev. 2022.

¹⁴⁹ FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para a XXXVI Jornada Mundial da Juventude*, 2021. n.p.

¹⁵⁰ *Id. Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 135.

O documento do Papa, dirigido aos jovens e a todo o povo, é chamado pelo próprio Papa de “carta”,¹⁵¹ em que, por vezes, dirige-se diretamente aos jovens e, outras vezes, aponta indicativos eclesiais gerais. Francisco entra em diálogo com as reflexões do Sínodo Os jovens, a fé e o discernimento vocacional e com as ações que o precederam: a escuta realizada através dos questionários *online* autoaplicáveis e a análise dos resultados ocorrida pelos grupos de trabalho na Reunião Pré-Sinodal.

Buscar conhecer vivências e percepções juvenis leva a um paradigma mais relacional e empático na vida da Igreja, onde se procurou o caminhar em conjunto. Aliás, a palavra “sínodo” carrega, em sua etimologia, a necessária interlocução “caminhar juntos”. Ressalta-se a análise dos dados trazidos pelos jovens de diferentes nacionalidades frente às respostas dos questionários. A Reunião Pré-Sinodal, ocorrida em Roma entre 19 e 24 de março de 2018, contou com a participação de mais de 300 jovens representantes de todo mundo, além da participação de 15.000 jovens *online*, através do Facebook. A referida reunião gerou o Documento Final da Reunião Pré-Sinodal.¹⁵²

Apresentando os questionamentos, as intuições, as dúvidas e as experiências juvenis no cenário vivido no século XXI, a palavra da juventude sobre ela mesma apresenta indicativos pastorais relevantes e o desejo de maior investigação em compreender: a) que jovem é esse? b) Que sentido dá à sua existência? c) Que sentido dá ao sagrado? É parte de sua vida?

Aqui, pretende-se trazer como determinante o ponto focal da pedagogia sinodal: o caminhar *com* jovens e, *a partir* de suas percepções e contextos, pensar *sobre* estratégias didático-pastorais em interlocução com as narrativas existenciais e o sentido que a experiência religiosa assume em suas vidas.

Ir ao encontro dos jovens contemporâneos compreende a opção afetiva e efetiva de quem procura acompanhá-los, em uma formação integral articulada, em seus aspectos teológicos e pedagógicos. Sem o (re)conhecimento da condição juvenil, não se realiza a cultura do encontro, justamente porque fica suprimida a parte fundamental da interlocução. Agir a partir daquilo que se pensa sobre os jovens estritamente pela ótica adulta, exigir ao jovem contemporâneo que assuma a juventude anacrônica do adulto de hoje ou, ainda, restringir-se às técnicas como resolução dos conflitos intergeracionais acaba por anular o *sujeito jovem atual*: exclui da pedagogia a antropologia, isto é, excetua-se a *quem* se direciona todo o gesto

¹⁵¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 3.

¹⁵² SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

educativo. Suprimindo o jovem enquanto vivência real, concreta e histórica, dificilmente a ação pastoral poderá ser considerada juvenil.

2.3.1 São muitas as juventudes

Assim, pensar uma formação integral e integradora com jovens é romper o discurso que cria um modelo de juventude preestabelecido, visto que “os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem a realidade, embora ajudem a criá-la”.¹⁵³ Conhecer os jovens por eles mesmos é parte do processo de caminhar *com* eles.

São muitas as juventudes, como tão bem traz Francisco.¹⁵⁴ Há uma pluralidade de universos e complexidades na condição juvenil. Em muitos países, ao que inclui o Brasil, o termo “juventudes” é bastante utilizado entre os estudiosos da sociologia da educação, contribuindo, principalmente, para alargar a compreensão das múltiplas identidades presentes nos contextos juvenis. Fato é que o conceito de “juventude”, com o qual operamos, não pode ser encerrado em esquemas modulares e homogêneos.¹⁵⁵ Quando se toma o conceito “jovem” por apenas uma esfera, reforçam-se estereótipos que o colocam sob os rótulos do típico, ideal, inacabado, imaturo, sedutor, marginal, problema, entre outros.¹⁵⁶

Nesse ponto, identifica-se que a juventude é uma condição social e, em paralelo, um tipo de representação. As mudanças biopsíquicas que ocorrem exponencialmente na adolescência e que “completam” o desenvolvimento físico configuram uma dimensão fundamental, mas não a totalidade do que é ser jovem.

Para tal,

[...] a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a meta última da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais

¹⁵³ PAIS, José Machado. *Tribos urbanas e identidades*, 2004. p. 11.

¹⁵⁴ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus vivit*, 2019. n. 68-71.

¹⁵⁵ DAYRELL, Joarez; CARRANO, Paulo César. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um novo mundo*, 2003.

¹⁵⁶ *Loc. cit.*

e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo da vida.¹⁵⁷

Importante salientar que mesmo tais transformações universais da condição juvenil possuem caráter distinto nas diferentes sociedades e nos diversos tempos históricos. Essa multiplicidade traz revelações e se materializa nas configurações de classes e de culturas, nas geolocalizações, nas relações étnicas, raciais e religiosas e nos próprios valores assumidos.¹⁵⁸

A ótica ampliada acerca da pluralidade constrói múltiplas perspectivas e possibilidades, visto que rompe com os critérios rígidos, como se fosse uma antessala para o mundo adulto. Assume-se a condição juvenil em processos integrados ao *continuum* da vida humana, ganhando contornos singulares e irrepetíveis nas vivências e nas relações comunitárias e sociais.¹⁵⁹

2.3.2 Jovens contemporâneos: trilhar em contextos aceleratórios que se (con)fundem

É preciso avaliar a adjetivação: jovens *contemporâneos*. Os influxos atuais, nas vivências juvenis, carecem de contextualização. A transição entre os séculos XX e XXI já evidenciava as transformações decorrentes do advento da realidade híbrida, em que o físico e o digital caracterizavam, em grande parte, a experiência social e, sobremaneira, as novas formas de vida dos nascidos nesse período. O cotidiano de comunicação, mobilidade, educação, saúde, entre tantas outras áreas, já apresentava importante aceleração técnica, que implicava novas formas de pertença ao mundo. Mundo apontado muitas vezes, por siglas como VUCA - *volatile* (volátil), *uncertain* (incerto), *complex* (complexo) e *ambiguous* (ambíguo); ou BANI – *brittle* (frágil), *anxious* (ansioso), *nonlinear* (não-linear) e *incomprehensible* (incompreensível).¹⁶⁰

¹⁵⁷ DAYRELL, Joarez; CARRANO, Paulo César. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um novo mundo*, 2003. p. 3.

¹⁵⁸ *Loc. cit.*

¹⁵⁹ *Loc. cit.*

¹⁶⁰ Ressalta-se que são apontamentos sociológicos atuais. O uso da sigla VUCA se popularizou nos anos 1990, em contexto militar americano, para tratar das estratégias nos tempos de guerra. O atentado de 11 de setembro de 2001 acabou por difundir essa expressão mundialmente. Hoje é bastante utilizada em meios corporativos para orientar processos de tomada de decisão. Importante referir que algumas lentes futuristas ampliam esse conceito. Com a pandemia do COVID-19, um novo paradigma junto à era digital vem se estabelecendo, abordando o mundo BANI. Cabe ressaltar que teologicamente, o mundo brota da iniciativa criativa e harmoniosa de Deus. O mundo pode ser configurado circunstancialmente como VUCA ou BANI, mas não é essa sua origem e identidade conforme a Revelação Cristã.

Segundo Harmut Rosa, as transformações vinham sinalizando a alteração da consciência espaço-tempo, na qual ocorre, de forma crescente, a desvinculação da percepção espacial como lugar e da percepção temporal em relação ao espaço. O contemporâneo indica o fim da estabilização. O autor faz uma provocação importante: por que muitos

[...] sentem-se como hamsters numa roda girada sempre mais velozmente, na qual o mundo se lhes opõe como uma lista de afazeres sempre mais longa, a qual só podem manejar sob o modo de agressão (*Aggression modus*)?¹⁶¹

O autor sugere que a contemporaneidade vive, globalmente, um tempo emancipado do espaço. A revolução aceleratória contraiu o espaço, tornando-o uma função do tempo: ao acelerarmos, o espaço é reduzido. Todo o desenvolvimento, no qual, cada vez mais, encurtaram-se as distâncias, refletiu na vida pessoal e social. O espaço geográfico, mais e mais, reduziu-se e até se perdeu.¹⁶²

O tempo parece ter perdido o seu carácter orientacional e linear. A capacidade ilimitada de dados, nas novas mídias, altera os fluxos cronológicos. A geração adulta atual acompanhou tal aceleração, mas compreender a complexidade dos novos contextos e das novas linguagens lhe é mais exigente, devido à ambiência em contextos distintos. Já boa parte dos jovens contemporâneos nasceu no ritmo do novo tempo e possui novas conexões, em que se locomovem física e virtualmente, de maneira síncrona e assincronamente. Vale lembrar que jovens com até 21/22 anos são nascidos pós ano 2000.

Rosa ilustra, dentre os impactos da aceleração social vividos na contemporaneidade, o fenômeno de desorientação temporal-sequencial, no qual, na internet, encontram-se dados inseridos em diferentes momentos e condizentes com diversas épocas históricas, sem padrões hierárquicos e narrativas sequenciais, de modo que cronologias ordenadas cedem espaço para um caleidoscópio fragmentado.¹⁶³

Outro aspecto que pode influenciar as diferenças intergeracionais está relacionado à ordenação sequencial frente ao curso da vida. Atualmente, os fatores biológicos já não são tão determinantes. Maternidade e paternidade podem ser adiadas e planejadas conforme a vida profissional, enquanto a vida de solteiro pode acontecer após uma vida conjugal, entre outras

¹⁶¹ ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*, 2019. p. 193.

¹⁶² *Loc. cit.*

¹⁶³ *Loc. cit.*

formas de relação. Acontecimentos sociais herdados ganham atemporalidade. Esse aspecto se difere substancialmente do modo social dos pais, avós e bisavós dos jovens atuais.

Rosa acentua que o fenômeno da aceleração alcançou o ritmo de vida, provocando uma mudança social. A saber: os modelos de inter-relação comunicativa imediata; a velocidade de gerações coexistentes, transformando a sucessão geracional; a monogamia vitalícia como “monogamia serial” com parceiros temporários; a consciência da contingência para aqueles que decidem ficar a vida inteira juntos; o *poderia ser diferente*, como possibilidade própria e do outro; as inseguranças e inércias crescentes; a aceleração das estruturas e posições ocupacionais em contínua “erosão” da estabilidade e empregabilidade segura.¹⁶⁴

Na aceleração do mundo, os conhecimentos e as habilidades dos jovens, muitas vezes, encontram-se em maior vantagem frente aos mais idosos. Isso faz pensar na máxima pedagógica milenar, em que os mais jovens aprendem com os mais velhos. As consequências da ruptura geracional trazem conhecimento e orientação, cada vez mais, para o campo dos pares juvenis, mas menos para a geração mais experiente. Assim, a geração sábia pode se tornar estigmatizada por não estar ao par de seu tempo.¹⁶⁵

Dentre outro aspecto intergeracional está a adolescência estendida, que revela a compulsão pela eterna juventude, alterando comportamentos, modos de vestir, investimentos, vida cultural e esportiva, consumo de tempo, entre outros fenômenos. Tais fenômenos impactam diretamente as vidas juvenis tanto em singularidade quanto em seus contextos relacionais; afinal, quem é, de fato, a pessoa *jovem*?

A questão da personalidade do jovem, em sua singularidade e nas relações, integra a virtualidade nas redes sociais e acentua o ciberespaço não somente como uma interconexão de computadores, mas como um fenômeno comunicativo e cultural.¹⁶⁶ O ambiente cultural digital apresenta um universo oceânico de informações abrigadas, a exemplo daqueles que navegaram em mares desconhecidos.

A presença juvenil afeta as formas de informação e comunicação, os corpos expostos, os perfis performáticos, criados e recriados e as “amizades”, por vezes, restritas às redes sociais, configurando os quadros da sensibilidade diante dos *likes* e compartilhamentos. São comportamentos produzidos e automatizados nem sempre protagonizados por jovens, mas, muitas vezes, por adultos que assumem um imaginário do que é “juvenil”.

¹⁶⁴ ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*, 2019.

¹⁶⁵ *Loc. cit.*

¹⁶⁶ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, 1999.

Basta se atentar para a onda de compartilhamentos de microvídeos do TikTok,¹⁶⁷ potencializada ainda mais na pandemia. Se, na década de 1960, a ideia de pessoas receberem notoriedade e se tornarem celebridades instantâneas estava cunhada nas palavras de Andy Warhol, ao referir que, no futuro, todos teriam 15 minutos de fama, fato é que, em 2022, em poucos segundos, através da internet, alguém rapidamente ganha visibilidade por qualquer conteúdo que atraia a multidão de internautas. Muitos desse meio são jovens em seu processo de autoafirmação e anseio de pertencimento social ou adultos tentando “ensinar” os jovens ou “mostrar” a eles o modo “ideal” de se viver – socializações com referências egóicas.

Pensar na palavra “virtual” – espaço onde a juventude habita frequentemente – remete ao latim *virtualis*, com significado de força e potência: “a árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”.¹⁶⁸ A virtualidade impacta as modalidades antropológicas, éticas e metodológicas no caminhar com os jovens. O desenvolvimento cognitivo frente à hiperconexão enfrenta as *fake news* como murmúrios, maledicências, mentiras e falácias do novo mundo.

Na contemporaneidade, terminologias como “nativos” e “imigrantes” digitais¹⁶⁹ se referem às novas gerações nascidas em um ambiente imerso na tecnologia digital, por isso nativos, e àqueles que tiveram a experiência da vida anterior à internet e foram aprendendo a viver nesse novo espaço, por essa razão imigrantes. Ambas as gerações coabitam em contextos subjetivos: a distinção entre o original e a cópia e as noções de unicidade, identidade, localização e temporalidade. Nesse ambiente, emerge a comunicação horizontalizada: sem fronteiras rígidas e nítidas e sem interioridade definível.¹⁷⁰ Porém, ressalta-se que não se pode estereotipar essas realidades, tornando mais mitológico do que efetivamente real o contexto de inclusão digital. O acesso democrático à internet e à tecnologia digital é adverso.¹⁷¹

O tempo pandêmico revelou um abismo alargado de exclusão digital que impediu, inclusive, o ensino emergencial remoto em muitos territórios. Mesmo em ambientes digitais, é preciso conhecer a realidade do que os jovens pensam sobre esse espaço, para, de fato, entender o que isso significa para além dos conceitos fechados. No afã de querer dar respostas às

¹⁶⁷ TikTok é um aplicativo desenvolvido pela companhia de tecnologia ByteDance, para que usuários criem e compartilhem vídeos curtos. Dados expostos na Wikipédia indicam que, em 2019, um bilhão de usuários utilizavam o aplicativo, gerando tendências virais, com forte popularidade e influência social.

¹⁶⁸ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, 1999. p. 11.

¹⁶⁹ PRENSKY, Mark. *Digital Natives, Digital Immigrants*, 2001.

¹⁷⁰ LÉVY, Pierre. *Op. cit.* p. 48.

¹⁷¹ Com base nos dados de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 40 milhões de pessoas que não usam internet (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERNET. IBGE: 40 milhões de brasileiros não têm acesso à Internet, 2021).

mudanças geracionais, incorre-se no equívoco de categorizações dissociativas da realidade da vida vivida por muitos jovens.

A dinâmica juvenil na virtualidade recebe contornos nômades, em um espaço plural de saberes e potências de pesquisas, em que as características do ser e do conviver se diferem de tempos precedentes. O nomadismo atual está ligado à transformação contínua e rápida das paisagens científica, técnica, econômica, profissional e mental. Mesmo sem movimentos, o mundo muda à nossa volta.¹⁷²

O espaço virtual dinâmico horizontaliza relações, pluraliza linguagens e conduz às navegações transversais e à possibilidade de autoinvenção. Às novas gerações, o desafio parece estar na ampliação da consciência de conectividade para além da virtualização. Pensar no fenômeno “adolescentes do novo tempo” provoca caminhar na direção de uma pedagogia dialogal entre exterioridade e interioridade, em que o jovem não é somente o objeto de conhecimento, mas sobretudo sujeito: a pessoa do jovem em seu contexto e singularização que inclui, e a virtualização enquanto ambiente de nova praça em uma nova cultura.

Sobre essa nova praça, quando associada aos impactos da pandemia, dados da pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*,¹⁷³ que entrevistou mais de 68 mil jovens brasileiros, nos aspectos de acesso a equipamentos digitais, identificou que:

A posse de dispositivos eletrônicos é bastante elevada entre os respondentes, contudo uma parcela significativa precisa compartilhar esses aparelhos com outras pessoas dentro de casa, limitando os usos para estudo e/ou trabalho. O acesso a computadores é significativamente mais restrito entre jovens negros e residentes de áreas rurais; e mesmo os celulares sendo praticamente universalizados, 2 a cada 10 jovens da zona rural precisam compartilhar o equipamento.¹⁷⁴

Ao considerar o acesso à internet viabilizado pelos equipamentos que se tem, os achados revelaram que:

Embora acesso ao celular seja o principal equipamento utilizado, quase a totalidade de quem têm computador ou notebook em casa acaba acessando à internet por esses

¹⁷² LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, 2010.

¹⁷³ CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. *Atlas das Juventudes*, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

¹⁷⁴ *Ibid.* p. 17.

aparelhos. Nota-se que entre jovens da zona rural a conexão é, em geral, mais restrita (especialmente em televisores e videogames).¹⁷⁵

Porém, mais do que acessibilidade digital, a pandemia, que impactou colocando sob alerta a vida humana a partir de 2020, acelerou ainda mais o andamento no modo de convívio e do existir pessoal, social e planetariamente diante do necessário enfrentamento à COVID-19. No caso da virtualização nas ambiências digitais, a aceleração do novo tempo, acentuada pela realidade do vírus, além de colocar em xeque a expectativa de vida (mesmo dos adolescentes e jovens), alterou repentinamente a mobilidade juvenil no mundo – um novo percurso do presencial ao digital. A presença síncrona, a assíncrona e a bimodal foram modalidades *online* em meios educacionais e eclesiais (entre tantos). O contato humano, nos distintos espaços, revelou paradoxos entre o ânimo e a solidão, ampliando a dúvida juvenil na projeção de vida futura diante do incerto, inseguro e imediato.

2.3.3 No meio do caminho tem uma pandemia (ou sindemia?)

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) como uma pandemia. De acordo com o Observatório COVID-19, a crise epidemiológica produz repercussões não apenas de ordem biomédica em escalas planetárias, mas de incidência e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos.¹⁷⁶

Um ano após a divulgação da Exortação *Christus vivit*, em sinal digital, o mundo viu o Papa Francisco em solitude, clamando pela humanidade enquanto afirmava: “era ilusão pensar que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente”.¹⁷⁷ Naquela imagem da Praça São Pedro vazia, o sinal da fé, na manifestação pontifícia, pareceu conduzir a Igreja à travessia da aceleração para a pausa reflexiva que transpassa a existência humana e a promoção da vida.

Quanto a isso, manifestou-se, também, o cardeal português Tolentino Mendonça, diante da prorrogação da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, em comunicado aos jovens, em

¹⁷⁵ CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. *Atlas das Juventudes*, 2021. p. 18.

¹⁷⁶ O Observatório COVID-19 é gerenciado pela Fundação Oswaldo Cruz e objetiva manter informações acerca dos cenários epidemiológicos para impulsionar ações a serviço da vida humana. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 17 fev. 2022.

¹⁷⁷ FRANCISCO. *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia*, 2020. n.p.

abril de 2020, convidando-os na superação das dificuldades provocadas pela atual pandemia de COVID-19: “queridos jovens, não deixem o vosso coração prisioneiro do confinamento”.¹⁷⁸ Dom Tolentino se pronunciou posteriormente, em junho de 2020, recordando que, no confinamento vivenciado na pandemia, “por vezes, dentro de uma casa, a solidão mais invisível é a dos jovens”.¹⁷⁹

O autor salienta inclusive que:

Possivelmente só daqui a muitos anos, por exemplo, vamos perceber como é que a geração das crianças e adolescentes de hoje viveu esta experiência da pandemia, que medos e incertezas se alojaram neles pela primeira vez ou que perguntas sem resposta se fizeram. Só mais adiante compreenderemos o que representou para eles o fechamento abrupto das escolas, a distância dos amigos e coetâneos ou este regresso a uma intensidade da família nuclear, que antes talvez não houvessem tido.¹⁸⁰

Frente às problemáticas complexas, altamente especializadas e diversificadas, a pandemia revelou a vulnerabilidade da vida humana de modo único e global. Sobretudo porque, na atualidade desta tese, no trânsito entre 2021 e 2022, muitos pesquisadores vêm adotando o termo “sindemia”,^{181,182,183} ao caracterizar as múltiplas crises globais que se instalaram nesse tempo histórico de forma sinérgica.

As consequências do vírus e de suas variantes vêm se agrupando desproporcionalmente, revelando um quadro sindêmico marcado pela pobreza, pela exclusão social, pela estigmatização e pelas variadas formas de violências e problemas ambientais.¹⁸⁴ Considerando a abrangência dessa abordagem,¹⁸⁵ reforça-se, aqui, a necessidade de monitoramento de dados que subsidiem as instituições que atuam com jovens, para um melhor planejamento de ações em cooperatividade, visto que a problemática não se resolverá com atitudes isoladas, mas integrativas.¹⁸⁶

¹⁷⁸ MENDONÇA, Tolentino. *Carta aos jovens portugueses*, 2020. n.p.

¹⁷⁹ *Id.* *A solidão não se mede aos palmos*, 2020. n.p.

¹⁸⁰ MENDONÇA, Tolentino. *Carta aos jovens portugueses*, 2020. n.p.

¹⁸¹ HORTON, Richard. *Offline: COVID-19 is not a pandemic*, 2020.

¹⁸² SINGER, Merrill; CLAIR, Scott. *Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context*, 2003.

¹⁸³ SINGER, Merrill *et al.* *Syndemics and the biosocial conception of health*, 2017.

¹⁸⁴ MENDENHALL, Emily *et al.* *Non-communicable disease syndemics: poverty, depression, and diabetes among low-income populations*, 2017.

¹⁸⁵ Sugere-se, para aprofundamento, o artigo *COVID-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde*, de José Patrício Bispo Júnior e Djanilson Barbosa dos Santos, 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1534/covid-19-como-sindemia-modelo-teorico-e-fundamentos-para-a-abordagem-abrangente-em-saude#C4>. Acesso em: 17 fev. 2022.

¹⁸⁶ Salientam-se, novamente, os dados de monitoramento *Juventudes e a pandemia do Coronavírus em escala nacional*. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso

Considera-se, assim, que os desafios presentes alertam para a maior urgência pastoral em reconhecer, na juventude, o “agora de Deus”¹⁸⁷ nesse tempo histórico. Marcar a opção preferencial pelos jovens, como ressalta Francisco, confirma a necessidade de sistematizar a ação conjunta em uma pastoral *com* jovens, acompanhados por adultos que caminhem com eles e atuem promovendo sua dignidade e protagonismo, tanto nas pastorais quanto na própria sociedade.

Nesse solo sagrado do coração juvenil, o trânsito entre os milênios fez nascer, na Igreja Católica, a necessidade de reconhecer sua identidade jovem, nas mais variadas expressões, sobretudo atenta aos sinais da contemporaneidade, na travessia pandêmica (ou sindêmica?), de suas variantes e das suas decorrências, que afetam a humanidade e, principalmente, as jovens gerações em esferas planetárias.

2.4 AS JOVENS GERAÇÕES NO CORAÇÃO DA IGREJA: QUE CAMINHOS APONTARAM?

No período que antecedeu a pandemia, o processo de esforço sinodal que vinha ocorrendo entre a Igreja Católica e a renovada aproximação com as realidades juvenis corre o risco de ser esquecido se o tempo anterior à pandemia for considerado obsoleto. Já vinha sendo construído um percurso em que os jovens apontavam para caminhos à Igreja. Em 2018, estiveram “no coração” do debate eclesial, e tais documentos possuem significativa relevância não somente pelo conteúdo que trazem, mas pela pedagogia adotada.

A presente pesquisa iniciou em concomitância com o percurso sinodal, em 2018, em que se pôde investigar o itinerário proposto para se situar no embasamento mais atualizado na relação Igreja-juventude. Nesse processo, foi possível analisar os seguintes documentos sinodais:

em: 17 fev. 2022. Na PUCRS, o grupo de pesquisa do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista (Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/39311>. Acesso em: 17 fev. 2022.) vem, desde 2020, acompanhando a população de graduação da universidade através do estudo longitudinal *Quem é o estudante da PUCRS? Um estudo sobre aspectos do perfil, percepções e crenças dos/as discentes dos cursos de graduação da PUCRS*. Os relatórios vêm sendo publicados anualmente. O relatório de 2020 pode ser acessado no seguinte link: <https://editora.pucrs.br/download/relatorios/1544.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022. O relatório de 2021 está com lançamento previsto para o primeiro trimestre de 2022. Uma das bases propulsoras de concepção e estruturação desse estudo, dentre outros, foi o questionário para o Sínodo dos Jovens de 2018.

¹⁸⁷ Título do capítulo III da Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus vivit*.

- a) *Documento preparatório*,¹⁸⁸ que, além da consulta aos representantes eclesiais e às instituições de ensino, movimentou jovens do mundo todo para participarem de forma *online* de um questionário autoaplicável;
- b) *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal da Juventude*,¹⁸⁹ elaborado em Roma, entre 19 e 24 de março de 2018, em que, a partir da fase de consulta, 300 jovens representantes de todo o mundo e, também, mais de 15.000 jovens através dos grupos do Facebook estiveram divididos nos 20 grupos e em outros 6 grupos por meio das redes sociais, para discutir os resultados dos questionários;
- c) *Documento Final da XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos*, concluído em outubro de 2018, que subsidia as orientações e os encaminhamentos para o documento do magistério do Papa Francisco;
- d) Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*, assinada pelo Papa Francisco e divulgada em março de 2019, com indicativos de compreensão e ação pastoral para as atividades *com* jovens e *pelos* jovens.

Porém, dentre tantos posicionamentos, aqui se ressaltam as importantes reflexões oportunizadas pelos jovens provenientes de diversos contextos culturais e religiosos que apontaram:

Aspiramos melhores oportunidades em uma sociedade que seja coerente e que confie em nós. Buscamos ser escutados, participando ativamente, e não somente espectadores na sociedade. Procuramos uma Igreja que nos ajude a encontrar nossa vocação, em todos os seus significados.¹⁹⁰

A sinalização indicada pelos jovens, no processo sinodal, salienta a busca por sentido de vida e de fé religiosa, bem como de pertença comunitária e de referências que apresentem narrativas inspiradoras e paradigmáticas. As falas trazidas pelos jovens, no Documento Final da Reunião Pré-Sinodal, confirmam que eles não desejam ser espectadores da história.

¹⁸⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento Preparatório (XV Assembleia Geral Ordinária)*, 2017.

¹⁸⁹ *Id. Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

¹⁹⁰ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018. p. 5.

O movimento sinodal de caminho conjunto reporta ao acompanhamento pela via do encontro, como alteridade, em que os jovens sinalizam: “queremos ser encontrados onde estamos – intelectualmente, emocionalmente, espiritualmente, socialmente e fisicamente”.¹⁹¹

Diante dos desafios e das oportunidades no mundo de hoje, são indicadas pelos jovens participantes do percurso sinodal algumas pistas de significação para ações pedagógicas-pastorais junto às juventudes. Dentre elas:

- **A formação da personalidade:** O sentido de pertença é um fator significativo na formação da própria identidade juvenil. A exclusão social contribui com a perda da autoestima e da identidade de muitos jovens. A identidade juvenil é formada, inclusive, por interações e pertença a grupos específicos, associações e movimentos ativos mesmo externos à Igreja. Nem sempre as paróquias são lugares de encontro. Educadores, amigos e responsáveis de grupos jovens podem se tornar modelos coerentes e autênticos. Os jovens solicitam explicações racionais e críticas às questões complexas, especificando que as respostas simplistas não são suficientes. Ainda, solicitam uma Igreja acolhedora e misericordiosa, com apreço às suas raízes e aos seus valores, amando a todos, mesmo aqueles sem a fé “padrão”.¹⁹²
- **A relação com os outros:** Muitos jovens, diante do mundo pluralista, veem a diversidade e o multiculturalismo como oportunidade de diálogo e tolerância e, ao mesmo tempo, afirmam a necessária preservação da identidade cultural, evitando a uniformidade e a cultura do descarte. Alguns jovens afirmam se sentir excluídos devido à sua identidade cristã em ambientes sociais contrários à religiosidade. Percebem, assim, a oportunidade de a Igreja lhes propor um outro “modo” de viver, mesmo em meio aos contextos sociais complicados. Na realidade globalizada e inter-religiosa, sugerem que a Igreja precisa de uma elaboração sobre as linhas teológicas, para um diálogo pacífico e construtivo com pessoas de crenças e tradições plurais;
- **Os jovens e o futuro:** Os jovens afirmam aspirar por melhores oportunidades em uma sociedade que seja coerente e confie na juventude. Também solicitam o espaço de escuta aos jovens, para que participem ativamente da sociedade, não somente como espectadores. Os jovens identificam que lugar de pertença é um sonho comum que ultrapassa continentes e oceanos e sinalizam que revitalizar o sentido de

¹⁹¹ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018. p. 15.

¹⁹² *Ibid.* p. 2-3.

comunidade conduz a um verdadeiro sentido de pertença. Outro aspecto descrito pelos jovens sinodais diz respeito ao compartilhamento da mesma aspiração inata por ideais nobres, como a paz, o amor, a confiança, a igualdade, a liberdade e a justiça. Além disso, indicam o enfrentamento dos problemas de injustiças sociais como necessidade de construir um mundo melhor;¹⁹³

- **A relação com a tecnologia:** A tecnologia é considerada parte integrante da vida dos jovens. Eles consideram os progressos tecnológicos como avanço, porém recordam que seu uso requer prudência, visto que pode gerar dependências, assumindo o lugar das relações humanas e mesmo da relação com Deus. As mídias sociais impactam a vida dos jovens, incidindo em sua identidade e em seu comportamento. Sem precedência histórica, os ambientes digitais unem pessoas geograficamente distantes, viabilizando trânsito de informações, ideais, valores e interesses, assim como novas oportunidades educativas remotas. A realidade hiperconectada permanece limitada a grupos de pessoas que pensam homogeneamente. Experiências digitais com a diversidade apontam para o desafio de tolerância e respeito. Segundo os próprios jovens, as relações *online* podem se tornar desumanas, na medida em que cegam a fragilidade do outro, impedindo um olhar profundo. Os problemas incluem os abusos na rede, o *cyberbullying*, a fragmentação da concentração, a fragilidade na memória e criatividade, a presença social embasada na realidade e a cultura ditatorial da aparência;¹⁹⁴
- **A busca de sentido de vida:** Muitos jovens, apesar da abertura à espiritualidade, não conseguem coligar a vida a um sentido transcendental, e tantos não conseguem responder à questão: “qual o sentido da sua vida?”. Alguns buscam responder acerca do sentido em um contexto de fé e de Igreja; outros, através de seus trabalhos e suas conquistas pessoais. Atualmente, a religião não é vista como o principal meio de encontro com o sentido. Segundo os jovens, os escândalos atribuídos à Igreja afetam sua confiança nas instituições tradicionais. Outra questão apontada sinaliza a dignidade das mulheres, levantando-se a interrogativa: “quais os lugares em que as mulheres podem prosperar dentro da Igreja e da sociedade?”. Por fim, a juventude sinodal indica querer conhecer Jesus, mas pede testemunhos autênticos de encontro,

¹⁹³ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

¹⁹⁴ *Loc. cit.*

através de homens e mulheres capazes de expressar sua fé com paixão e coragem, para que tais testemunhos atraíam os jovens ao encontro com Jesus Cristo.¹⁹⁵

No que diz respeito à fé, à vocação, ao discernimento e ao acompanhamento, os jovens sinodais refletiram sobre:

- **Os jovens e Jesus:** Os modos de relacionamento dos jovens com Jesus são diversos. Muitos deles encontram, em Jesus, o Salvador e Filho de Deus. Outros encontram a proximidade com Jesus através de Maria ou, ainda, veem-no como um referencial moral e uma pessoa boa. Alguns reconhecem Jesus como um personagem histórico de uma cultura passada. Há casos, também, em que percebem Jesus distante da experiência humana. Ideais errôneos de paradigmas cristãos inatingíveis e fixação restrita aos preceitos morais da Igreja, sem compreensão dos mesmos, afastam muitos jovens de assumir o cristianismo;¹⁹⁶
- **A fé e a Igreja:** A fé, diante de muitos jovens, tornou-se algo inerente à esfera privada. Experiências negativas que alguns tiveram com a Igreja contribuíram para essa percepção. O relacionamento com Deus, para muitos, está isolado em nível pessoal, assumindo-se como espirituais, mas não religiosos. Em alguns casos, os jovens mantêm uma relação pessoal com Jesus Cristo, porém não com a Igreja. Há questionamentos sobre o foco nas estruturas da Igreja e menos nas pessoas. Como indicativos pastorais, os jovens se dizem atraídos pela alegria, que deveria ser sinal distintivo da fé e vida na Igreja. Além disso, esperam narrativas que revelem autenticidade, sem esconder as vulnerabilidades, e percebem o senso comum do estereótipo juvenil como inexperiente e incapaz de tomar decisões, apenas esperando somente seus erros. Considerar os jovens como protagonistas de seu caminho espiritual é uma expectativa juvenil relevante;¹⁹⁷
- **O sentido vocacional da vida:** Segundo os jovens, o termo “vocação”, por vezes, é apresentado como um conceito intelectual, percebido como algo fora de alcance. Muitos não conectam o sentido de suas vidas como dom e chamado de Deus. A

¹⁹⁵ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

¹⁹⁶ *Loc. cit.*

¹⁹⁷ *Loc. cit.*

expressão “vocação” acaba por se restringir ao sinônimo de vida consagrada religiosa ou sacerdócio;¹⁹⁸

- **Discernimento vocacional:** Muitas influências envolvem o discernimento vocacional, como vida na Igreja, cultura, profissão, ambiente digital, expectativas da família, saúde mental e estado de ânimo, relação com outros jovens, cenários políticos, econômicos, sociais e tecnológicos etc. Poucos jovens têm a oportunidade de silêncio. Há a necessidade de melhor acompanhar os jovens nesse processo;¹⁹⁹
- **Jovens e acompanhamento:** Os jovens sinalizam a necessidade de acompanhamento de pessoas que testemunhem a verdade com consciência e sejam capazes de evangelizar com suas vidas, engajados na Igreja e no mundo, com capacidade de cuidado, escuta, gentileza e espiritualidade honesta.²⁰⁰

Quanto às atividades formativas e pastorais da Igreja, os jovens mencionam:

- **O estilo da Igreja:** A Igreja, segundo os jovens sinodais, não deveria ter medo de ser vista como vulnerável, mas sim deveria mostrar sua autenticidade e empatia. Uma Igreja atrativa é uma Igreja relacional. Eles esperam transparência, acolhimento, honestidade, inclusão, comunicação, acessibilidade, alegria e interatividade na vida comunitária. Ainda, apontam que, à medida que a Igreja se enraíza em Jesus Cristo, mais ela atrai os jovens;²⁰¹
- **Jovens protagonistas:** Os jovens manifestaram o desejo de maior participação e liderança nas tomadas de decisão da vida da Igreja, tanto em nível paroquial, diocesano, regional, nacional e internacional quanto nas comissões do Vaticano. Eles veem a necessidade de programas de formação contínua para que possam desenvolver seus potenciais, bem como requerem maior espaço para lideranças femininas, intelectuais e profissionais. Também afirmaram que seminaristas e religiosos poderiam acompanhar mais as juventudes. Assim, consideram suas vozes fundamentais e criativas, principalmente através de música, liturgia e artes. Além

¹⁹⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

¹⁹⁹ *Loc. cit.*

²⁰⁰ *Loc. cit.*

²⁰¹ *Loc. cit.*

disso, consideraram o olhar para fora, por atividades políticas, civis e humanitárias;²⁰²

- **Lugares preferenciais:** Os jovens acentuam que a Igreja precisa ir ao encontro das pessoas onde elas estão. Logo, citaram: bares, cafés, parques, academias, estádios e centros culturais populares. Relatam, também, que, nas escolas e universidades, almejam uma presença mais eficaz;²⁰³
- **Iniciativas a serem reforçadas:** A oportunização de experiências de aprofundamento da relação com Jesus e a realidade do mundo foram consideradas pelos jovens, pois eles acreditam que muitos não compreendem ou não sentem atração pela vida sacramental. Desse modo, citaram iniciativas proveitosas, como JMJs, cursos e programas de formação, atividades em pastorais sociais, retiros, peregrinações, grupos paroquiais e em universidades, movimentos e associações dentro da Igreja, grupos de partilha e convivência, diálogos inter-religiosos, momentos de espiritualidade e oração e atividades ligadas aos direitos humanos;²⁰⁴
- **Instrumentos a serem usados:** Os jovens relataram seu apaixonamento por diferentes expressões da Igreja – reconhecem valor nas diferentes formas de viver a fé. Segundo eles, fora da Igreja, a espiritualidade é mais difícil, porém acreditam que a Igreja poderia auxiliá-los. Reconhecem como recurso de evangelização as mídias sociais, sugerindo poder guiar a Igreja nesse caminho. Experiências em obras de caridade favorecem a missionariedade e discernimento. Apontam para as artes – música, artes visuais, arquitetura e *design* – como formas criativas de expressão. Ademais, remetem ao valor do silêncio, da meditação, da adoração e da contemplação, indicando isso como forma de encontro com a voz de Deus. Ainda, salientam a importância dos testemunhos de vida de cristãos modernos, citando as perseguições atuais e as histórias de santos como caminho de plenitude.²⁰⁵

Por fim, os jovens engajados no processo sinodal concluíram agradecendo o diálogo proposto pela hierarquia da Igreja, afirmando ser esse um meio maduro e vital de crescimento a uma abertura saudável na relação Igreja-jovens.²⁰⁶

²⁰² SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*, 2018.

²⁰³ *Loc. cit.*

²⁰⁴ *Loc. cit.*

²⁰⁵ *Loc. cit.*

²⁰⁶ *Loc. cit.*

A XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo Os jovens, a fé e o discernimento vocacional também se pronunciou, relatando, no Documento Final, que, através da presença dos jovens no processo, fez ressoar a voz de uma geração inteira.²⁰⁷ Os bispos disseram acreditar que, na contemporaneidade, Deus fala à Igreja e ao mundo inteiro através dos jovens e, juntamente A eles, pode-se ler de modo profético os sinais dos tempos. Por isso, os jovens são considerados “lugares teológicos” onde o Deus se revela, apontando expectativas e desafios para construção do futuro.²⁰⁸

Com essa perspectiva, visando compreender as minúcias dos fenômenos juvenis na travessia entre os milênios, a pesquisa seguirá com a metodologia qualitativa ao encontro de vivências juvenis que possam contribuir com a compreensão do processo de evangelização e educação na fé, ocorrida no chão da vida vivida, buscando ir ao encontro do todo e das partes das realidades.

O que se propôs até aqui foi a análise do percurso que a Igreja Católica vem realizando com as jovens gerações, identificando os pontos centrais de apoio nas falas dos jovens, sinalizadas por ocasião do processo sinodal destacado que resultou na *Christus vivit*, e, brevemente, problematizando os desafios da contemporaneidade e seus impactos nas vidas juvenis. Para a continuidade da presente tese, serão buscados fundamentos antropológicos, visando encontrar aporte teórico para as problematizações evidenciadas pela eclesiologia do Papa Francisco com os jovens.

Assim, a sequência à pesquisa, ao identificar os fatores humanos na formação das juventudes católicas como elementos-chave para uma melhor ação evangelizadora, seguirá na sua fundamentação no chão antropológico. Como opção bibliográfica-analítica, o itinerário seguirá acompanhado pela antropologia teológica contemporânea. São definidos, em seguida, os estudos antropológicos da fenomenologia judia e católica de Edith Stein (1891-1942).

Por hipótese, entende-se que é possível que a pensadora em questão, por sua vida e obra reconhecida, venha a contribuir com este estudo, fundamentando as especificidades da formação humana e cristã das jovens gerações, através das concepções teológicas, filosóficas e pedagógicas que desenvolveu em um período histórico marcado pela crise existencial e pela

²⁰⁷ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: Documento Preparatório (XV Assembleia Geral Ordinária), 2017. p. 1.

²⁰⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: Documento Preparatório (XV Assembleia Geral Ordinária), 2017. p. 64.

dúvida do humano e no humano, assim como pôde discorrer sobre a presença do divino na humanidade.²⁰⁹

Além do aprofundamento teórico steiniano, elegeu-se por metodologia, para além da bibliográfica analítica, um estudo qualitativo, que se propõe a ir ao encontro das vivências de jovens e adultos jovens que aderiram à fé católica enquanto direcionavam seu projeto de vida e futuro em âmbito eclesial, profissional e universitário. Com a referência teórica e os conteúdos vivenciais levantados, possivelmente se encontrem evidências para suporte, bem como balizamentos e impulsionamentos de acompanhamentos mais comprometidos junto aos jovens que estão nos espaços educativos, formativos e pastorais.

²⁰⁹ Vale lembrar que pensadores do período Iluminista discutiam “a morte de Deus”, para além da existência ou não de um Deus, apontando-se especificamente para a morte de um Deus Cristão, como era conhecido. A expressão *Gott ist tot* – Deus está morto –, de Friedrich Nietzsche (1844-1900), por exemplo, aparece em *A Gaia da Ciência*, na seção 108 (*Novas lutas*), na 125 (*O louco*) e uma terceira vez na 343 (*Sentido da nossa alegria*). A expressão se popularizou, principalmente, na obra *Assim falou Zaratustra*. Crenças e descrenças em Deus geraram importantes pesquisas em diferentes áreas e movimentaram a filosofia e teologia no século XX. Destacam-se o trânsito entre os séculos XIX e XX e as duas Guerras Mundiais ocorridas na primeira metade do século XX como marcos históricos, sociais e conceituais que contribuíram com o repensar que a Igreja Católica fez sobre si mesma, quando, através do Papa João XXIII, na bula papal *Humanae salutis*, convoca o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica. Conhecido como *Concílio Vaticano II*, é nas primícias do Terceiro Milênio e no percurso de século XXI que ocorre o movimento eclesial fonte de múltiplas pesquisas teológicas e diretrizes pastorais. O Concílio Vaticano II ocorreu entre 1962 e 1965, concluído no pontificado de Paulo VI. Muitos filósofos e teólogos da primeira metade do século XX contribuíram diligentemente para as reflexões ocorridas no Concílio. A filósofa Edith Stein já havia sido executada na Segunda Guerra Mundial quando da ocasião do Vaticano II, porém seus estudos ainda estavam na primazia do movimento fenomenológico judaico-cristão que desembocou no Concílio. Para melhor compreensão, na Encíclica *Fides et ratio*, sobre as relações entre fé e razão, o Papa João Paulo II aborda esse contexto e cita os pensadores que contribuíram com a reflexão, trazendo, inclusive, Edith Stein no ponto 74.

3 O FUNDAMENTO TEÓRICO: A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICO-PEDAGÓGICA DE EDITH STEIN COMPROMETIDA COM A FORMAÇÃO DAS JOVENS GERAÇÕES

Adentrar o fenômeno das vivências juvenis contemporâneas, articulando a formação humana e cristã católica, apontou a exigência da contextualização de um olhar sensível aos jovens. No entanto, ao se concentrar no percurso *com* as jovens gerações, como a proposição do magistério do Papa Francisco, trazendo a historicidade do caminho transgeracional com as juventudes católicas e com os momentos construídos ao longo da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, aprovou adentrar o campo antropológico na perspectiva teológica, filosófica e educacional.

Optar por pedagogias de interlocução com as realidades juvenis é ir ao encontro do fenômeno juvenil do modo com que esse se revela por ele mesmo. É se aproximar de um jovem real, não idealizado e/ou estigmatizado e/ou hiperprojetado e/ou medido por comportamentos juvenis passados. Tal prerrogativa fez emergir a questão-chave desta tese: *com quem/(Q)quem, a formação das jovens gerações deve se comprometer efetivamente para que estes encontrem o sentido do sagrado em suas existências?*

Assim, o presente estudo ancora seus fundamentos teóricos em discussões antropológicas que abarcassem o cabedal de contextos evidenciados pelas vivências juvenis concretas e que venham trazer iluminações e respostas mais consistentes ao processo pedagógico com juventudes. Para essa tematização, definiu-se a base antropológica no pensamento da fenomenóloga convertida ao catolicismo Edith Stein (1891-1942).

3.1 POR QUE A ANTROPOLOGIA EM EDITH STEIN PODE CONTRIBUIR COM PESQUISAS SOBRE E COM AS JOVENS GERAÇÕES?

O Papa Francisco vem sinalizando desde o princípio de seu pontificado a necessidade de sobrepujar a *globalização da indiferença*, promovendo a consciência antropológica em que se coloque a pessoa no centro do processo educativo, compromissada com a escuta das jovens gerações, superando visões alicerçadas no utilitarismo de resultados padronizados e

burocratizados que confundem educação com fragmentações instrutivas que segmentam relações e o ser em si mesmo.

Aderir a essa compreensão é empenhar esforços para a formação de pessoas equilibradas, mais sensatas e prudentes diante das responsabilidades particulares, comunitárias, sociais e planetárias.²¹⁰ No entanto, o aporte teórico antropológico com olhar poliédrico, integral e sociocomprometido, que compreenda uma base epistemológica que dialogue globalmente com a educação, em âmbitos públicos, privados, interconfessionais e confessionais, não é tão simples. Exige uma teologia pedagógica que se coloca “em saída” e “ao encontro” multidisciplinar, sobretudo em se tratando da formação humana e cristã das novas gerações.

Nesse sentido, a antropologia fenomenológica-teológica de Edith Stein parece contribuir com esse aporte de um modo progressivo e intencional. A investigação teórica aqui apresentada desdobra-se principalmente do pensamento proposto por Edith Stein a partir do olhar da fé, quando reconhece nas verdades reveladas a visão de ser humano advindo do Ser de Deus. Salienta-se que a escolha dessa autora se dá justamente por sua compreensão de dinâmicas encadeadas no percurso formativo integral, integrador e integrativo, que respeita o ser humano em sua liberdade, propondo um espírito (auto)consciente diante das realidades nas quais está inserido e responde a elas de modo íntegro.

3.1.1 A humanidade na cientificidade: brevíssimos acentos narrativos de uma jovem pensadora²¹¹

Edith Stein (nome civil) é também Teresa Benedita da Cruz (nome religioso). A filósofa fenomenóloga judia e cristã martirizada nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial encontra-se inscrita no cânone dos santos católicos reconhecidos, como mártir com a vida ceifada em Auschwitz-Birkenau. Canonizada no pontificado do Papa João Paulo II (1998), é caracterizada como um exemplo eloquente de extraordinária renovação interior e fortaleza espiritual: “Uma jovem em busca da verdade, graças ao trabalho silencioso da graça divina”.²¹²

²¹⁰ Sugere-se a leitura da proposta de Francisco pelo Pacto Educativo Global.

²¹¹ A síntese biográfica de Edith Stein baseia-se em: STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 2018.

²¹² JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II na Cerimônia de Canonização de Edith Stein*, 1998.

Na biografia de Edith Theresa Hedwig, encontra-se um percurso entre a origem e infância judaica, a autodeclarada agnóstica na adolescência, a filósofa convertida aos 30 anos ao cristianismo católico e a Irmã da Ordem dos Carmelitas Descalços. A jovem Edith perdeu o pai na primeira infância, reconheceu a fortaleza feminina na mãe que assumiu os filhos e a gestão do comércio da família, esteve entre as primeiras mulheres universitárias da Europa, ingressando na faculdade com 19 anos. Foi como jovem acadêmica, já em doutoramento, que se voluntariou como enfermeira da Cruz Vermelha na Primeira Guerra e sofreu os impactos da doença e da morte de seus prezados, inclusive colegas universitários jovens mortos em guerra e suicídios de pais, tios e avós de toda uma geração gerados por falências econômicas.

No contexto de guerra e pós-guerra que devastava a Alemanha, formou-se nas ciências humanas na Universidade de Breslávia e, em seguida, aos 21 anos, dirigiu-se à cidade universitária de Gotinga para iniciar seus estudos em fenomenologia. O “estudo dos fenômenos” trata-se de um pensamento que despontava como nova corrente filosófica propagada por Edmund Husserl (1859-1938). Doutorou-se aos 24 anos em Filosofia sob orientação de Husserl e foi sua assistente, contribuindo com a organização da obra.

Como estudante e pesquisadora, passou a integrar o Círculo Fenomenológico de Gotinga. Esse grupo de estudiosos em fenomenologia consistia em uma comunidade científica composta por filósofos de diferentes idades e crenças, vinculados pelas interlocuções interdisciplinares à luz da fenomenologia. Muitos desses fenomenólogos desenvolveram pesquisas e influenciaram a antropologia cristã, como é o caso de Max Scheler, por exemplo, do qual o Papa João Paulo II era pesquisador. Foi nesse contexto múltiplo e intergeracional que conheceu os escritos cristãos e os integrou em suas discussões fenomenológicas.

Edith Stein desenvolveu uma filosofia contemporânea através da fenomenologia rigorosa e original, trilhando do antropocentrismo ao cristocentrismo, o qual dialoga com autores consolidados na história da filosofia e teologia. Do ponto de vista teológico, pode-se destacar as influências de Tomás de Aquino, Agostinho de Hipona, Duns Escoto, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, Teresa D’Ávila e João da Cruz.

Posterior ao seu batismo católico aos 30 anos (1922), Edith Stein assumiu a vida leiga como docente de cursos de magistério, principalmente a Pedagogia. Foi docente e conferencista a convite de congregações cristãs. Seu itinerário híbrido de vida e obra fez emergir uma antropologia de aliança entre natureza e graça, razão e mística, identidade e relação, pessoa e comunidade, sociedade e humanidade, transcendência na imanência, filosofia e teologia, psicologia e pedagogia, dentre tantas conexões mais, com especial atenção às jovens gerações.

No panorama entre guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX, sua antropologia destaca a grandeza do ser e a vocação do ser humano, salvaguardando a individualidade e as relações que promovem a dignidade inalienável e o pleno desenvolvimento de vida promovida aos jovens e através dos jovens. Dedicava-se fortemente na promoção das jovens mulheres em vida intrafamiliar íntegra, inserção social através do direito cidadão ao voto, à vida acadêmica e profissional.²¹³ Não obstante, sofreu o sexismo da cultura acadêmica vigente, que não aceitava mulheres em cátedras universitárias e o racismo social por ser de origem judia, o que lhe causou a destituição de seu exercício profissional público.²¹⁴

Viu erguer-se o desumanizante regime nazista e foi morta por ele. Porém, não sem antes dedicar seu saber, sua profissão, entendimento e fé para ponderações nucleares acerca da dignidade da pessoa humana e de seu direito de uma vida em comum com o outro, com o mundo natural e com Deus. Encontrou-se no testemunho de cristãos em distintos espaços, tanto em contradições quanto comprometimentos, que a conduziram para a certeza da pedagogia da graça como maior fonte formadora do humano.²¹⁵

É uma autora que, sem suprimir os argumentos aos tempos sombrios e cruéis, insistiu em apontar, de modo circunspecto, para horizontes de sentido e de esperança²¹⁶. Insistiu no respeito às diferenças culturais e religiosas, étnico-raciais, potencializando a feminilidade e a masculinidade como estruturas duais recíprocas do humano e da expressão do Divino.²¹⁷ E o fez enfatizando o papel central da formação humana e cristã no processo educativo através de uma espiritualidade com mística encarnada, isto é, com a presença de Deus no espírito e no cotidiano da vida, assumindo a integralidade entre finitude e eternidade.²¹⁸

Considerada uma formadora integral da pessoa,²¹⁹ transfigura-se em um olhar atento à condição e educação dos jovens e das jovens em seu tempo. Porém, não o fez de modo exclusivista e literalmente demarcado em etarismos, mas com olhar à historicidade da vida integral. Formou jovens e principalmente (pre)ocupou-se em ensinar quem atuava com jovens.

Para Stein, não poderia haver pedagogia com as jovens gerações sem base antropológica e sem os princípios da fé e da razão²²⁰ em aliança. Edith entendia a necessidade de haver

²¹³ Para maior aprofundamento, pode-se consultar: ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*, 2000.

²¹⁴ ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*, 2000.

²¹⁵ STEIN, Edith. *Fundamentos de la formación de la mujer*, 2003.

²¹⁶ Sugere-se a leitura da obra: STEIN, Edith. *Uma investigação sobre o Estado*, 2022.

²¹⁷ Para maior aprofundamento, sugere-se a leitura de ALES BELLO, Angela et al. *Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein*, 2020.

²¹⁸ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

²¹⁹ SANCHO, Francisco Javier. *Introducción general: Edith Stein, formadora integral de la persona*, 2003.

²²⁰ STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*, 2019.

dinâmicas formativas que compreendessem a totalidade do humano, permitindo a experiência religiosa através da concepção da pessoa humana configurada à Pessoa Divina.

Pode-se notar diferentes movimentos de Edith Stein diante do drama que assolaria a vida, sobretudo das jovens gerações, quando lhe saltava aos olhos as feridas na liberdade, da verdade e na própria dignidade. É possível destacar, entre tantos esforços, pelo menos dois episódios em que se mobilizou diante das inverdades, persuasões e declarações de desprezo socialmente promovidas por culturas desumanizantes e cruelmente excludentes de sua época. Ao avistar o horizonte nazista que se apontava no contexto da sociedade, inclusive em meio a membros de cristãos batizados, decidiu não ficar calada e arriscou-se a escrever:

- A dramática carta ao Papa Pio XI (1933) em que descreve os acontecimentos que desesperavam judeus, levando muitos ao suicídio, e declarava o amordaçamento da opinião pública, denunciava abusos e idolatrias (inclusive em nome de Jesus Cristo), solicitando a manifestação da Igreja Católica em contrariedade aos atentados contra a humanidade e em favor da paz,²²¹
- A redação de *Vida de uma família judia* (iniciada em 1933 e, com algumas interrupções, o texto encerra-se em 1939), que, para além de um relato autobiográfico, tem uma intencionalidade clara de testemunhar aos jovens o cotidiano de famílias judias, desmentindo as propagandas depreciativas que os nazistas impunham aos judeus, espalhando o ódio racial entre a juventude já impactada pela atmosfera de medo, discórdia, dúvida e desesperança.²²²

Assim, da odisseia pessoal à elaboração de uma obra fecunda e instigante, reconhece-se que, dos escritos antropológicos de Edith Stein, emergem importantes contribuições para a realidade de uma Igreja em sociedade e em interlocução com os jovens, sobretudo neste tempo, com suas complexidades e pluralidades, desejos e periferias existenciais, dificuldades e superações diante da cultura de degradação do humano. Dos influxos cotidianos, à luz do exercício de uma formação humana integral e integradora do ser em si e do ser em relação e,

²²¹ A abertura do Arquivo Secreto do Vaticano em 15 de fevereiro de 2003 trouxe à tona a carta que Edith Stein escreveu em 1933 ao Papa Pio XI. O conteúdo abre um panorama do pensamento antropológico steiniano, desvelando sua profunda preocupação com a dignidade humana diante do perigo e perseguição causada por outros seres humanos que potencializavam a cultura da morte.

²²² STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, 2018.

também, integrada nas realidades que aliam não apenas a fé e a razão, mas a fé e a vida vivida no cotidiano. Um processo formativo “desde dentro” das vivências e das relações.

Seus estudos antropológicos se entrelaçaram com a teologia centrada na configuração da pessoa humana a Jesus Cristo e com a prática do amor no minuto a minuto da vida. Constatase que Edith Stein:

Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela.²²³

Uma jovem e madura mulher que enfrentou realidades atormentadas e que manifestou por vida e obra que “o amor de Cristo e a liberdade do ser humano se entretecem, porque o amor e a verdade têm uma relação intrínseca”.²²⁴ Assim, a fenomenóloga é indicada como “um exemplo do nosso compromisso no serviço da liberdade e na nossa busca da verdade”.²²⁵ Como religiosa carmelita, não se furtou de escrever e de viver a Cruz de Cristo: “Como esposa na Cruz, a Irmã Teresa Benedita não escreveu apenas páginas profundas sobre a ‘ciência da cruz’, mas percorreu até ao fim o caminho da escola da Cruz”.²²⁶

Ademais, na Encíclica *Fides et ratio*, Stein aparece com destaque entre filósofos que contribuíram com a relação entre a filosofia e a Palavra Divina manifestando a fecunda e corajosa investigação realizada por pensadores contemporâneos. Referida entre outros nomes significativos do caminho de pesquisa filosófica que fomentou notáveis vantagens da sua confrontação com os dados da fé, é reconhecida, no texto, por seu itinerário espiritual e contribuição para o avanço na busca da verdade à serviço da humanidade. Compondo a grande tradição filosófico-teológica, João Paulo II estimula que se encontre, hoje e no futuro, continuadores e estudiosos para bem da Igreja e da humanidade.

Em 2005, foi uma das santas baluartes da Jornada Mundial da Juventude de Colônia. Em 2018, lançada a Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, o Papa Francisco se referiu aos santos como as pessoas que seguem como luzeiros em meios à escuridão da história cotidiana.

²²³ JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II na Cerimônia de Canonização de Edith Stein*, 1998. n. 5.

²²⁴ *Ibid.* n. 6.

²²⁵ *Ibid.* n. 8.

²²⁶ *Ibid.* n. 7.

No parágrafo 8, destacou o manuscrito de autoria de Edith Stein, *Vida escondida e epifania* (*Verborgenes Leben und Epiphanie*).²²⁷ O Papa Francisco apresenta o seguinte trecho:

Na noite mais escura, surgem os maiores profetas e os santos. Todavia a corrente vivificante da vida mística permanece invisível. Certamente, os eventos decisivos da história do mundo foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais nada se diz nos livros de história. E saber quais sejam as almas a quem devemos agradecer os acontecimentos decisivos da nossa vida pessoal, é algo que só conheceremos no dia em que tudo o está oculto for revelado.²²⁸

A partir dessa compreensão, esta pesquisa entende que, diante dos apelos contextualizados pelo Papa Francisco em suas andanças com as jovens gerações e pelos próprios jovens entrevistados na etapa qualitativa, essa é uma autora que tem muito a contribuir com a promoção das vivências juvenis hodiernas, pois suas investigações e concretizações vêm ao encontro das urgências antropológicas apontadas pelo atual Pontífice.

Por sua relevância para a Igreja Católica e sobretudo pela profunda exigência no rigor acadêmico de suas pesquisas, pode-se constatar que, na atual transição de milênios, em que se vê adentrar as potências e os alertas à condição humana a vistas de um “mundo sombrio”,²²⁹ fato é que pensadores do calibre de Edith Stein podem contribuir iluminando a produção acadêmica e o pensamento teológico com a consciência do chão da realidade educacional e formativa. Além de que, como cita Jacinta Aparecida Turolo Garcia diante da narrativa steiniana, adentrar essa autora é “entrar em um território onde ressoam as palavras do Êxodo:²³⁰ Retira as sandálias, pois o lugar onde pisas é uma terra santa!”²³¹

²²⁷ O escrito configura-se como uma meditação redigida por ocasião da renovação dos votos professados pela comunidade do Carmelo de Echt, Holanda, quando a Europa sofria as consequências da cultura da morte instaurada pelo nazismo. Esse Carmelo é o lugar em que a filósofa carmelita, dois anos depois, foi presa e conduzida ao campo de extermínio em Auschwitz-Birkenau, onde teve sua vida abreviada. Em 6 de janeiro de 1940, houve a primeira proclamação desse conteúdo, publicado em 1987, na coleção dos escritos steinianos *Edith Steins Werke*.

²²⁸ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*: sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual, 2018. n. 8.

²²⁹ *Id.* Carta Encíclica *Fratelli tutti*: Sobre a fraternidade e a amizade social, 2020.

²³⁰ Ex 3,6.

²³¹ STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, 2018. p. 16.

3.1.2 Concisas chaves de leitura para compreender o pensamento global na obra antropológica de Edith Stein

a) **A fenomenologia como epifania:** Fenômeno significa aquilo que se mostra e não somente o que aparece ou parece. O fenômeno se apresenta à consciência humana. Se configura como uma atitude intelectual de descrição (voltar as coisas mesmas) e redução eidética (*epoché*). O *logos* consiste na capacidade intencional de pensar, refletir, de ir ao encontro da compreensão do sentido. Importante afirmar que o ser humano é um ser de busca de significados e de sentido (*logos*) daquilo que se revela diante de si e para além de si. Por isso, a consciência é intencional: “percebemos, que estamos voltados para essas coisas”. O que mais interessa é compreender o sentido (*logos*) e não apenas o fato, das coisas se mostrarem. Em termos religiosos, pode-se referir ao termo epifania, visto que este indica o entendimento de algo que se manifesta,²³² enquanto compreensão de sua essência. Epifania também é considerada a iluminação realizada no consciente. A referência a algo que se mostra indica o mostrar-se ao humano: as coisas se mostram a nós²³³ seja no mundo físico, seja no conjunto de situações, seja no caráter pessoal, social, religioso, cultural... Buscar o sentido, enquanto método fenomenológico, é primeiro ir ao encontro “da coisa mesma” na essência do fenômeno “colocada entre parênteses”; e, em segundo, como o humano busca o sentido, desencadeando perguntas como: quem é o sujeito humano? Por que procura sentido? Como é feito este humano que busca sentido?²³⁴ Adentrar o sentido do humano exige o ato perceptivo (como é percebido por nós) e consciência enquanto “dar-se conta” da vivência, isto é, aquilo que está se vivendo.²³⁵ A reflexão dos atos vividos conduz dos atos perceptivos aos atos reflexivos. Por consciência, não se indica espaço físico ou lugar psíquico ou espiritual. A consciência é como um ponto de convergência das operações humanas que permite dizer do humano.²³⁶ Como território ontológico, é a “consciência de...”, direcionada ao diferente de si mesma, e tem objetividade e intencionalidade: se movimenta “em direção”. O primeiro ato da consciência é voltado para o objeto, o segundo é o modo

²³² ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*, 2017.

²³³ *Loc. cit.*

²³⁴ *Loc. cit.*

²³⁵ *Loc. cit.*

²³⁶ *Loc. cit.*

pelo qual o objeto está presente à consciência como conteúdo. Significando que: não há visão sem o que/quem é visto; não há pensamento sem o que/quem é pensado; não há esperança sem aquilo/aquele que se espera; não há lembrança sem o que/quem é lembrado;²³⁷

- b) Aliança entre a antropologia filosófica e teológica:** A obra antropológica de Edith Stein sustenta o embasamento educacional com as jovens gerações, através da filosofia fenomenológica e da antropologia teológica. A autora aborda a dimensão espiritual do ser enquanto fenomenologia e expande tal dimensão à experiência religiosa, adentrando o cristianismo articulado com o judaísmo, aprofundando a vivência da catolicidade na Igreja e no mundo, particularizando a vocação laical e consagrada, visto que depois na vida adulta torna-se monja carmelita e encontra a teologia mística como força espiritual contemplativa e ativa. A antropologia steiniana introduz o ser humano, finito e eterno, no mistério Divino. Assim, o divino não anula a humanidade e a humanidade não anula o divino;²³⁸
- c) A transcendência em Edith Stein passa pela imanência:** Há um gesto proximal entre natureza e graça quando se trata do ser humano à luz da Revelação cristã. Ao campo formativo, convém encontrar esse ponto de convergência do divino no humano e potencializá-lo “desde dentro”. A antropologia steiniana traz textos de mística profunda, pautados na certeza da presença divina no humano e na humanidade. No entanto, a “escavação” da interioridade através de uma pedagogia mística que entende a presença da graça divina e não a isola em seu cerne espiritual, mas a expande transcendendo ao outro, ao ambiente e sociedade. Assim, considera-se o ser humano em Stein como o ser em si que transcende a si;²³⁹
- d) A vida social e eclesial é interligada nas esferas ativas e contemplativas:** Ao assumir o batismo como católica, passa a se ocupar de escritos de formação humana e cristã, assim como escritos filosóficos católicos e espirituais místicos que seguiu desenvolvendo no Carmelo. Sua obra de experiência e reflexão religiosa é densa. Porém, antes da conversão, seus escritos já carregavam a intuição contemplativa, com escrita detalhada e preocupada que o outro a entendesse. A fenomenologia e o pensamento cristão de Edith Stein se desenvolveram na primeira metade do século XX, porém, seus textos incidem principalmente na segunda metade e de modo ainda

²³⁷ MANGANARO, Patrizia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*, 2016.

²³⁸ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

²³⁹ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003.

mais evidenciado no trânsito milenar. Há textos descobertos ainda após os anos 2000. Isto significa que seguem na vanguarda de uma fenomenologia pedagógica, filosófica e teológica que precisa ser descoberta. Especialmente na pesquisa qualitativa, suas bases fenomenológicas podem se desdobrar em múltiplas direções. Todas as disciplinas podem se beneficiar das análises do ser humano em seus componentes corpóreos, psíquicos e espirituais, que inseparáveis são diferenciáveis em suas funções;²⁴⁰

- e) **Superação de determinismos e fragmentarismos:** Entre o que é essencial e entre o que é circunstancial, há realidades distintas, mas não separáveis. O ser humano está inserido em circunstâncias e é impactado por essas realidades, mas ele não “é” as circunstâncias. O ser pode e deve responder as conjunturas, transformando as realidades que assombram/limitam à vida e ao desenvolvimento, e potencializando a essência humana no *continuum* de sua realização.²⁴¹ Assim, as vivências são tessituras que se desdobram e não fragmentos dissociativos;
- f) **Uma jovem que se comprometeu integralmente com a vida:** Edith Stein desenvolveu sua obra atenta às jovens gerações. Foi uma jovem fenomenóloga que pensou o seu tempo e à frente dele. Stein, como jovem, viveu as vicissitudes da realidade educacional, social, política e econômica, que impactavam diretamente a condição juvenil. Vivendo e analisando as conjunturas, desenvolveu uma antropologia ocupada com as essências da plenitude humana. Foi como adolescente que se afastou dos estudos e da tradição religiosa da família e, nesse mesmo período, iniciou suas interrogações sobre o ser mulher e a relação entre feminilidade e sociedade. Foi como jovem universitária que experimentou a Primeira Guerra com suas decorrências entre a finitude humana. Integrou a primeira geração de jovens mulheres com suas legítimas exigências de cidadania, requerendo o direito à docência feminina no Ensino Superior e o direito das mulheres ao voto. Foi como jovem que se inconformou com o tipo de ciência e ensino que se fazia nas Humanidades do início do século XX e, a partir desse impacto, decidiu romper o círculo educacional vigente e iniciar seus estudos em outra região, em que se soprava os ventos das mudanças conceituais;²⁴²

²⁴⁰ ALES BELLO, Angela. *Prefácio*, 2013.

²⁴¹ *Id.* *Pessoa e Comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*, 2015.

²⁴² STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, 2018.

g) A pensadora que seguiu produzindo ciência na maturidade, sem deixar de olhar aos jovens: Edith Stein não escreveu diretamente aos jovens, mas se voltou principalmente aos educadores e formadores a quem estes eram confiados. Os adultos possuem responsabilidades com as jovens gerações e esse axioma percorre os escritos pedagógicos de Stein.²⁴³ As inquietações juvenis potencializaram Edith Stein no campo de descoberta e produção científica, em que a antropologia que desenvolveu vem ao anseio de encontrar caminhos para tais inquietações. Suas produções e ensino são dedicadas às jovens gerações não só de seu tempo, mas também dos tempos futuros, como escreve diante da sombra do nazismo que adentrava a cultura de massa social. Edith possui diversas conferências a educadores, colegas fenomenólogos e às próprias estudantes jovens, visando problematizar o encontro do humano no ser humano e na humanidade. Não produziu apenas uma ontologia, mas uma fenomenologia da relação com pessoas humanas e, também, com as Pessoas Divinas.²⁴⁴

Para esta pesquisa, a fundamentação se propõe a integrar de um modo globalizante alguns dos principais conceitos que Edith Stein ressalta em sua antropologia no campo da formação, sem suprimir sua etapa fenomenológica, e sim reconhecendo-a transversal em toda sua obra, inclusive em seus escritos pedagógicos e teológicos. Assim, reforça-se que, na teologia pelo viés steiniano, não há exclusão da fenomenologia que desenvolveu largamente em sua juventude, mas uma expansão. Percebe-se que justamente por partir da fenomenologia como ciência eidética, isto é, de essências, possui sensibilidade científica destacada na educação dos jovens por reconhecê-los em suas vivências em primeira pessoa e em relação intersubjetiva.²⁴⁵

Reconhece-se, então, que seus escritos antropológicos e pedagógicos (1926-1933) concernem à compreensão de formação e educação cristã na fé católica, ao papel dos formadores, à fenomenologia teológica do feminino em reciprocidade com o masculino, à

²⁴³ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021.

²⁴⁴ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

²⁴⁵ *Id. El Problema de la Empatía*, 2004.

formação cultural e religiosa das juventudes, a estrutura da pessoa humana e na integralidade entre o ser como finitude e eternidade.²⁴⁶

Coadunando com Fermín, em Edith Stein encontra-se “um amor incondicional pelo ser humano e esse se configura como uma autêntica mística do ser pessoa”,²⁴⁷ convencida que “a vocação de todo ser humano é a união com Deus e o descobrimento do autêntico sentido da vida”.²⁴⁸ E, em articulação educacional, Éric de Rus recorda que:

A educação é concebida por Edith Stein como um processo de verticalização do ser humano em direção à transcendência. Sob este aspecto, sua visão educativa merece ser qualificada de mística, no sentido de que o mistério do ser humano enraíza-se no mistério de Deus, revelado em Cristo, em quem se descortinou a finalidade última da pessoa: o desdobramento completo dessa “humanidade realizada, pura expressão da natureza libertada e transfigurada pela força da graça”.²⁴⁹

Nesses termos, contribuições conceituais ao campo da antropologia serão desenvolvidas nas próximas páginas, mirando nos contextos formativos juvenis.²⁵⁰

3.2 A TRAVESSIA FORMATIVA “DESDE DENTRO DAS VIVÊNCIAS”: A INTEGRALIDADE COMO DIRETRIZ ANTROPOLÓGICA

A obra filosófica de Edith Stein é marcada pela fenomenologia filosófica e teológica. Frequentar a antropologia steiniana é perceber o laço unitivo que a autora faz com a educação. Descrever a estrutura do ser humano, segundo Stein, pode contribuir com a educação. A educação possui papel nuclear para a constituição da vida, na medida em que é capaz de desenvolver as potências humanas, expressando-as em contextos comunitários e sociais.²⁵¹

²⁴⁶ Os escritos antropológicos e pedagógicos estão compilados na tradução espanhola no tomo IV: *Obras Completas IV: Escritos Antropológicos y Pedagógicos* (Magistério de vida cristiana), com tradução do alemão para o espanhol, dirigida por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho.

²⁴⁷ SANCHO, Francisco Javier. *Introducción general: Edith Stein, formadora integral de la persona*, 2003.

²⁴⁸ *Ibid.* p. 44.

²⁴⁹ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 35.

²⁵⁰ Para fins desta tese, por haver poucas traduções da obra de Edith Stein em língua portuguesa, pesquisou-se concomitantemente os textos steinianos traduzidos ao espanhol. A obra original em alemão encontra-se referenciada nos volumes da *Gesamtausgabe* (ESGA) ao final desse texto.

²⁵¹ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021..

Para Éric de Rus, o tema educação ocupa lugar crucial e disseminado em todo o pensamento de Edith Stein. Segundo ele, “Edith Stein desenvolve uma visão educativa cuja exigência, nascida do amor pela verdade, é habitada por um sopro capaz de renovar de maneira fecunda a reflexão sobre a formação da pessoa humana”.²⁵²

Identifica-se, em Stein, o referido processo formativo *desde dentro* das vivências humanas: “o eu vive em cada vivência (*Erlebnis*) e não pode isolar-se dela”.^{253,254} Assim, a antropologia steiniana coloca a pessoa no centro do encadeamento educativo, não para o ser aprisionar-se em si, mas para que, estando em si, transcenda a si.

Para Ales Bello, “as vivências se distinguem qualitativamente em três territórios: há aquelas que se referem ao corpo, aquelas que colocam em evidência a nossa vida psíquica e aquelas que nos caracterizam como seres humanos, as vivências espirituais”.²⁵⁵

As vivências são originárias no eu, no vivido em primeira pessoa de modo “*sui generis*”. As unidades de vivências se formam em fluxo contínuo enquanto base de unidade das conexões do vivido. Segundo Edith, o que passou, mas que ainda permanece vivo, une-se no viver como algo nascido naquele momento presentificado, formando unidades do fluxo, uma vinculação das vivências.²⁵⁶

A unidade do fluxo de vivências revela o direito inviolável do ser único: um eu, que é uno e que une em si, passado, presente e futuro²⁵⁷ capaz de sentir a vida nova a cada momento, levando o rastro do passado. Isto é, a antropologia como diretriz pedagógica reconhece a educação tecida dentro da unicidade da vida humana, uma aventura de interioridade, visto que, pelo gesto educativo integral, pensamento e vida são indissolivelmente unidos.²⁵⁸

O ser humano nos estudos steinianos é uma unidade e totalidade corpo-alma, integrado ao gênero humano (humanidade) e cada vivência o faz possuidor de conteúdo vivencial (*Erlebnisgehalt*): “cada vivência (*Erlebnis*) lhe pertence; o eu é quem vive em cada vivência; a corrente do qual se formam novas unidades de vivência é sua vida”.^{259,260} A consciência recebe

²⁵² RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 11-13.

²⁵³ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 65.

²⁵⁴ Conforme: “[...] *el yo vive en toda experiencia y que es imborrable de ella*”.

²⁵⁵ ALES BELLO, Angela. *Op. cit.* p.113.

²⁵⁶ STEIN, Edith. *Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu*, 2002.

²⁵⁷ CARNEIRO, Suzana F. B. *Formação humana e violência à luz da fenomenologia de Edith Stein*, 2021.

²⁵⁸ RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto Antropológico Integral*, 2015.

²⁵⁹ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 65.

²⁶⁰ Conforme: “[...] *toda la experiencia le pertenece; el yo es lo que vive dentro de cada uno; la corriente en la cual se construyen siempre unidades nuevas de experiencia es su vida*”.

esse conteúdo vital configurando diferentes tipos de vivências. Com isso, a consciência do viver é despertada em diferentes intensidades.

Como consciência do viver, Edith Stein diferencia o “dar-se conta” da vivência e o sentido da vivência. A intensidade do viver tenciona em maior grau a consciência do sentido que dá conta desse viver. Assim como quanto maior a intensidade, mais a pessoa tende a distrair-se nesse viver, correndo o risco de reduzir sua reflexão sobre o viver.²⁶¹

Outra questão importante diz respeito aos fundamentos steinianos, visto que estes superam o niilismo pedagógico, ressaltando a revelação divina ao encontro da vida na natureza humana.²⁶² A vida humana é finitude e eternidade. E, sendo a consciência, consciência de algo, as vivências não se limitam a experiências físico-psíquicas, ocorrendo no gênero humano, a partir de sua dimensão espiritual.

Para tal, natureza e transcendência são integrativas na antropologia desenvolvida. Edith Stein conduz tais reflexões acentuando, inclusive, o ser humano enraizado no Ser Divino, abordando a relação com Deus enquanto Transcendência.²⁶³ Quanto a isso, pode-se reconhecer que:

A transcendência conduz ao sentido mais genuíno do que se é, do porquê se faz e de como se vive. Reconhecer a abertura à graça divina em meios aos processos formativos, é unir-se ao projeto de Deus pela vida da prática da fé, orientação ao amor e ancoragem na esperança cristã diante do novo tempo.²⁶⁴

O texto dissertativo *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*²⁶⁵ da autora da presente tese propôs a interface entre Educação e Teologia, a fim de compreender a antropologia como sentido pedagógico para a formação da pessoa humana. Para isso, analisou, principalmente, os registros bibliográficos da obra *A Estrutura da Pessoa Humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*.

Alguns dos principais conceitos abordados balizam esta investigação doutoral, que, no presente momento, focaliza na antropologia integral na imersão dos contextos juvenis. Além

²⁶¹ CARNEIRO, Suzana F. B. *Formação humana e violência à luz da fenomenologia de Edith Stein*, 2021.

²⁶² STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

²⁶³ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

²⁶⁴ ROCHA, Magda Celi Mendes da; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional*, 2021. p. 148.

²⁶⁵ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Op. cit.*

disso, amplia-se para os textos da etapa fenomenológica, expandindo para os escritos à luz do pensamento cristão.

A seguir, o descritivo conceitual fenomenológico educacional definido para esta tese, após a escuta e análise das vivências dos participantes da etapa qualitativa do estudo. O fio condutor da presente fundamentação transversará a dimensão pedagógica integral reconhecendo que, em Edith Stein:

A educação é esse gesto antropológico integral preciso por meio do qual cada pessoa encaminha-se para a plenitude de sua essência, no respeito de sua destinação natural e sobrenatural. Trata-se, pois de uma verdadeira aventura interior: nela, o pensamento e a vida são indissolivelmente unidos.²⁶⁶

Nesse processo formativo, os jovens devem ser desvelados em suas potências, com total respeito. Segundo Edith Stein, há uma colaboração do educador e do educando para que paulatinamente se desperte a atividade espiritual através dos atos pedagógicos. É nesse espaço colaborativo que o educador vai dando cada vez mais espaço para a atividade própria e a autoeducação de cada jovem. Por isso, todo educador deve estar bem ciente dos seus limites humanos. Em cada geração, aparece algo novo, trazendo os próprios “mistérios” das individualidades que não são totalmente compreensíveis às gerações anteriores.

A postura fundamental dos educadores é contribuir através de um profundo respeito diante da natureza humana, auxiliando com seu entendimento consciente, em abertura de veneração aos jovens que lhe são confiados. As ciências humanas contribuem para o conhecimento humano e a natureza juvenil. Porém, a singularidade de cada jovem só poderá ser potencializada em um ato espiritual vivo. Dessa maneira, o olhar do educador, e suas ações conscientes de suas responsabilidades com autêntica amabilidade, é capaz de formar cada criança e jovem para que se tornem aquilo que devem ser.²⁶⁷

²⁶⁶ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 12.

²⁶⁷ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

3.2.1 Pedagogia do ser: o sentido de ser *pessoa* (*Person*)

Edith Stein assume a primazia pedagógica de uma educação que coloca no centro do processo a “pessoa” (*Person*). Ser “pessoa” é possuir o livre-arbítrio e consciência intencional, é ser uma totalidade dotada de corporeidade e alma vital e espiritual, que se expressa através de atos intencionais; é o “si mesmo”, o “eu” consciente, marcado por individualidade e, também, pela condição espiritual transcendente da espécie humana.²⁶⁸

Em sua tese doutoral, *O problema da empatia (Zum Problem der Einfühlung)*, a concepção steiniana de pessoa é apontada como ente dotado de “legalidade racional da vida espiritual”.^{269,270} Para Edith Stein, ser pessoa significa existir espiritualmente. Na fenomenologia de Edith, a conceitualização seguirá sendo refinada, assumindo posteriormente a aliança com definições fundamentais à teologia.

Na obra *Ser finito e ser eterno (Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins)*, escrita duas décadas após sua tese doutoral, Stein descreve o ser pessoa como o ser que permanece em si, saindo de si.²⁷¹ Na parte VII da obra, o termo “pessoa” é evocado segundo o pensamento aquinate, a partir das definições do artigo 1 da questão 29 da primeira parte da *Suma Teológica*: pessoa é uma essência individual de natureza racional.

A elaboração tomasiana dialoga com a definição formulada por Boécio (480-525): “pessoa é a substância individual de natureza racional”.²⁷² Segundo o Prof. Juvenal Savian Filho, Boécio fixou o termo “pessoa” (“*prósopon*”, em grego; “*persona*”, em latim), esclarecendo que corresponde a “*hypóstasis*”, termo utilizado para referir às substâncias, dotadas de razão e singularidade. O termo “pessoa” teve início no teatro grego, visto que “*prósopon*” refere-se às máscaras utilizadas em tragédias e comédias para representar personagens.²⁷³

“*Prósopon*” designando as máscaras postas no rosto aponta para “*pròs hōpas*”: o que está “*diantes dos olhos*”. Os romanos adotaram termo correspondente traduzido por “*persona*”, para os cultos dirigidos a deusa Perséfone ao qual utilizavam uma máscara.

²⁶⁸ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. 3

²⁶⁹ STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004. p. 131.

²⁷⁰ Conforme: “[...] *legalidad racional de la vida espiritual*”.

²⁷¹ *Id. Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

²⁷² SAVIAN FILHO, Juvenal. *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa*, 2016. p. 2.

²⁷³ *Loc. cit.*

“*Persona*” passou a indicar o “*falar através de*” (“*per*” e “*sonare*”). Embora a origem do termo pessoa conduza a elementos práticos, o uso da máscara teatral remetia a possibilidade humana de superar o determinismo em atitude livre. Daí deriva-se a palavra “personalidade” como sinônimo de liberdade ou de capacidade individual de autodeterminar-se em meio aos condicionamentos da vida. Em uso teológico, principalmente após Boécio, a referência fixa-se na existência humana apontando para sua individualidade.²⁷⁴

Edith Stein coaduna com Tomás de Aquino, substituindo o termo “substância” por essência (*Wesen*). A pessoa possui essência humana. Baseada na esteira aristotélica-tomasiana, Stein distingue em três modos de falar essência: a consciência de ver uma unidade de sentido como algo que salta à vista (substância), algo dotado de uma estrutura inteligível fundante (essência segunda) e como aquilo que possui um modo individual de concretizar a essência dada pela espécie. Em *Ser finito e ser eterno*, parte IV, seção 2, item 10, a fenomenóloga conceitua que “possuir essência” expressa um caráter universal compartilhado, isto é, *esta* pessoa (singular e única) é pessoa e a humanidade é possível de ser apreendida.²⁷⁵

Percebe-se que Stein visa esclarecer o sentido do ser pessoal ou a essência do ser individual, singular na sua forma específica de ser humano; e universal, ao integrar a essência da espécie humana. A pessoa humana, segundo a fenomenóloga, possui a especificidade corpo-mente-espírito. Diferente de outros seres vivos, o ser humano é pessoa enquanto alguém que diz de si mesmo como um “eu”²⁷⁶ – sensível, vital e espiritual. Sede da consciência e da liberdade, o espírito humano acentua a potência do ser pessoa como o que há de mais perfeito na natureza.²⁷⁷

Para Edith Stein, a pessoa humana possui estrutura de abertura *ad intra* e *ad extra* (“para dentro” e “para fora”), interioridade e exterioridade: como ser singular e unidade de sentido indissociável, a pessoa humana também possui dimensão relacional. Enquanto análise da especificidade do sentido de ser pessoa, encontra-se presente a capacidade humana de se abrir à relacionalidade e ao conhecimento das coisas, de si, do outro e do próprio Deus, assim como voltar-se para si mesmo em um ato consciente reflexivo-espiritual, sentindo a necessidade de transcender a si mesmo e de se relacionar com os demais.²⁷⁸

²⁷⁴ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. p. 92.

²⁷⁵ Para aprofundar a compreensão fenomenológica, sugere-se a leitura orientada por Juvenal Savian Filho e Maria Cecília Isatto Parise ao discorrerem sobre o termo essência (*Wesen*) no glossário da obra: ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 127-129.

²⁷⁶ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

²⁷⁷ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Op. cit.*

²⁷⁸ STEIN, Edith. *Op. cit.*

Justamente por sua característica transcendental, a pessoa humana possui a potência em si, mas é também incompletude. Ao se reconhecer finita, a pessoa é alguém que busca um sentido para além de si em evoluir ser mais, conviver mais, conhecer mais, aspirar mais... é justamente essa essência transcendente que desperta o humano para atualização das potências. Nessa perspectiva, a educação torna-se a via do desenvolvimento humano em seu fluxo vivencial desde a tenra idade. Seria, assim, a educação como a ação que põe em marcha, fazendo acontecer a edificação da pessoa em todo seu desenvolvimento, em um dinâmico desvelamento desde a interioridade, potencializando, assim, a manifestação do sentido do ser.²⁷⁹ Cabe aqui ressaltar que o jovem é uma pessoa inteira e completa na sua forma única de ser e viver sua juventude. Não é alguém inacabado, ou um “miniadulto”, mas uma pessoa na juventude com seu modo próprio de expressar sua personalidade.

3.2.2 Pedagogia, educação e formação (*Bildung*)

A educação tanto como fenômeno social quanto na endoculturação reporta ao processo da permanente aprendizagem. O termo “educação” provém do latim, *educare* e *educere*. *Educare* significa a ação de transmitir a cultura. *Educere*, *ex* (fora) + *ducere* (conduzir) é “tirar de dentro”, “extrair”, “conduzir para além de si”, “transcender”, “expandir da potência ao ato” (em perspectiva filosófica).²⁸⁰ Aprender (a-prender: não permanecer aprisionado) explorando os sentidos, a partir de projeções e resoluções, é parte da educação como criação (e não como depósito de informações).²⁸¹

Em Edith Stein, encontramos essas dimensões da educação interligadas e cunhadas a partir da antropologia. Educar (*bilden*) designa a ação de formar (*formen*). Ser pessoa é possuir uma estrutura especificamente humana pessoalizada, isto é, uma *forma* (*Gestalt*). Tal constituição não se isola em forma *corporis*, mas como forma do ser humano totalidade e essência espiritual.²⁸² Possuir *forma* não é ser formatado externamente, mas é ontologicamente possuir características estruturais particulares e universais do humano:

²⁷⁹ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015.

²⁸⁰ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Pacto Educativo Global: a oportunidade de (re)construção do diálogo com as novas gerações*, 2020.

²⁸¹ *Loc. cit.*

²⁸² SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014.

Não há no ser humano, uma pluralidade de formas, mas uma *forma substancial*. Então, o indivíduo humano não é um exemplar da espécie humana universal, mas determinado por uma forma substancial própria e única.²⁸³

Como “pessoa” e “pessoa livre”, a filósofa identifica uma *determinação essencial* fundada na estrutura do ser com destinação teleológica, remetida à liberdade, responsabilidade e esforços da atividade humana.²⁸⁴ A forma do ser provém tanto da estrutura reguladora e unificadora do organismo em suas faculdades naturais (fenótipo e genótipo, por exemplo), como a capacidade do “eu” pessoal de *formar* a si mesmo e ser formado por outros e o meio cultural.²⁸⁵

De acordo com Stein, é preciso reconhecer dois princípios conceituais de *forma*. Em primeiro, a “forma” interna, singular e própria, unificada ao corpo vivo, originariamente determinada pelas particularidades da interioridade humana, em um nível de individuação subjetiva. Pode-se chamar essa forma de “forma inata” da individualidade.²⁸⁶ Uma segunda análise remete à “forma” resultante de um processo amplo de *formação*.²⁸⁷

Formação (Bildung), para Edith Stein, constitui-se de dinâmicas de crescimento, aperfeiçoamento e constituição de uma *forma* autêntica, genuína. A formação não deve reduzir-se à aquisição de um saber e/ou à passividade humana em apenas receber elementos da cultura, mas se refere à forma assumida pela personalidade humana na interioridade, com liberdade e responsabilidade, ante as por múltiplas forças formadoras externas.

Em alemão, “*Bildung*” é um termo abrangente, ativo e expansivo que, em português, poderia conjugar o que se entende por “instrução”, “educação”, “formação” e “cultura”. Assim, pela semântica, “*Bildung*” pode ser compreendido como esforço formativo. Na dimensão germânica, “educar” (*Erziehung*) é um verbo subordinado ao verbo *formar (bilden)*. Nos escritos de Edith Stein, encontra-se frequentemente “*Bildung*” e, com menor recorrência, “*Erziehung*” (educar). Pode-se entender, assim, a formação como derivada de processos educativos. Nesse sentido, a educação se configura como um ato diligente em formar pessoas.²⁸⁸

De acordo com Edith Stein, a formação constitui-se como um instrumento refinado capaz de conduzir a pessoa para que alcance sabedoria de vida. Insiste-se assim que formar

²⁸³ SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014. p. 120.

²⁸⁴ LAVIGNE, Jean-François. *Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano*, 2016.

²⁸⁵ *Loc. cit.*

²⁸⁶ *Loc. cit.*

²⁸⁷ *Loc. cit.*

²⁸⁸ SBERGA, Adair Aparecida. *Op. cit.*

(*bilden*) pessoas não significa dar forma a uma matéria-prima. A *formação* humana visa formar o humano, isto é, possibilitar a constituição segundo a imagem de *pessoa*,²⁸⁹ um ser em si e um ser em relação. O esforço de formação é assumido como um processo de revelação (*Aufweis*) reflexiva do essencial, proporcionando a autorreflexão em um decurso de autoformação: “toda a formação é uma formação autoadquirida”.²⁹⁰

Logo, a formação refere-se à antropologia integral, desenvolvendo a pessoa em sua inteireza: “não se limita a propor um conjunto de conteúdos teóricos, como tantas vezes se constata, todavia, é um percurso de autoconhecimento, realizado com métodos e princípios, para fazer desabrochar as potencialidades do ser humano”.²⁹¹ Concomitante à formação, dispara “um processo de autoaperfeiçoamento e refinamento das capacidades e qualidades pessoais, com a função de propiciar relações intra e interpessoais harmônicas e saudáveis”.²⁹²

Do autoconhecimento a fenomenóloga aponta para autoavaliação, visto que o valor que se encontra em si mesmo somado aos valores encontrados nas relações, promovem a abertura comparativa com novos valores.²⁹³ O processo formativo em Edith Stein visa caminhos harmonizados interrelacionais e conectivos através de práxis responsáveis, em que todos os interlocutores do processo são pessoas, o que implica em estarem envolvidos como um “eu”. Como um “eu” em singularidade e potencialidade, o desenvolvimento humano se dá através de um percurso de aperfeiçoamento valorativo pessoal e relacional, através da consciência intencional.

Na obra *A Estrutura da Pessoa Humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*,²⁹⁴ Edith Stein sugere que a condução pedagógica não se reduz à instrução, ao rigor técnico e ao viés de desenvolvimento de habilidades e competências, mas identifica estes como instrumentos subordinados à formação da inteireza da pessoa humana.

Pensando a formação com jovens, encontra-se em Edith Stein um projeto educativo que vise à formação do valor individual da personalidade,²⁹⁵ observando a pessoalidade de cada ser, sem considerá-lo “como um exemplar ou um simples repetidor da espécie”.²⁹⁶ Para a autora, a formação acontece através de entrelaçamentos multifatoriais que constituem a pessoa humana:

²⁸⁹ STEIN, Edith. *Sobre el Concepto de Formación*, 2003.

²⁹⁰ *Ibid.* p. 188.

²⁹¹ SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. *A formação da pessoa em Edith Stein*, 2013. p. 168.

²⁹² *Loc. cit.*

²⁹³ STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004.

²⁹⁴ Edith Stein segue o método fenomenológico, mas seu conteúdo sistematicamente desenvolvido clareia o significado do ser humano e sua vocação. Suas análises fundamentam a necessidade de conhecimento antropológico para aqueles que têm a tarefa formativa (STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003).

²⁹⁵ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014.

²⁹⁶ *Ibid.* p. 95.

suas inclinações, disposições genéticas, potências originárias, valores, afetos, tradições, concepções e influências do meio sociocultural. Sem a análise das partes e do todo (que não se configura como soma das partes, mas como inteireza), a ação formativa torna-se fragmentada,²⁹⁷ o que pode fragilizar e gerar inseguranças em muitos jovens.

3.2.3 Pessoa como corpo-psique-espírito: o corpo vivenciado (*Leib*)

O ponto aqui tratado torna-se fundamental quando se debruça nas vivências juvenis e na formação integral, o corpo jovem sobre diferentes transformações orgânicas. E, de acordo com a psicologia do desenvolvimento, as subjetividades juvenis integradas às mutações corpóreas disparadas na puberdade são expansivas, acentuando o raciocínio hipotético e projetivo.

Sobre a corporeidade humana, Edith Stein apresenta o sentido fundamental que distingue corpo físico/massa corpórea (*Körper*) e corpo próprio/corpo vivente (*Leib*), isto é, o corpo anímico.

O que é corpóreo nunca é apenas corpóreo. O que diferencia o corpo animado (*Leib*) de uma simples massa corpórea (*Körper*) é a existência de uma alma. Onde existe um corpo animado, existe também uma alma. Reciprocamente, onde existe uma alma, existe também um corpo animado. Um objeto físico sem alma é apenas uma massa corpórea e não um corpo animado vivo.^{298,299}

Com isso, o corpo físico (*Körper*) ocupa lugar no espaço, como objeto entre outros objetos e distinguível dos demais. Já o corpo vivo com alma humana (*Leib*) caracteriza-se pelo corpo físico interpenetrado por um “eu” com consciência de si, um corpo próprio. Esse corpo próprio engloba o eu psicofísico e possui a vitalidade infundida em um ser vivo. O corpo *Leib*

²⁹⁷ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

²⁹⁸ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 383.

²⁹⁹ Conforme: “*lo que es corporal no es jamás solamente corporal. Lo que diferencia el cuerpo animado de una simple masa corpórea es la existencia de un alma. Allí en donde hay un cuerpo animado, existe también un alma. Y recíprocamente, donde hay un alma, existe también un cuerpo animado. Un objeto físico sin alma es sólo una masa corporal y no un cuerpo animado viviente*”.

expressa um ser vivo que, a partir da consciência, dá-se conta de sua própria corporeidade por meio de reiterados processos perceptivos e reflexivos.³⁰⁰

O corpóreo sem alma é um corpo sem vida. O corpo vivente encontra-se como espaço das manifestações da alma psíquica e espiritual, expressando emoções, sentimentos e pensamentos, estados de espírito. As vivências psíquico-corpóreas se apresentam como uma matéria prima hilética (*hylé*), como dado puro, sobre o qual o espírito intervém intencionalmente conferindo e construindo sentido.³⁰¹ Assim, encontra-se a estrutura universal do humano para Stein.

A aprendizagem de se apreender como um corpo vivo ocorre dentro de um processo anímico sensitivo, inteiro e unificado. Se o corpo capta a exterioridade, igualmente na interioridade acomodará as impressões extraídas do meio. Edith Stein afirma que “indivíduo: é um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um eu e um corpo físico se conjugam indissolúvelmente”.^{302,303} Essa individuação, do ser único e não ser outro, refere-se à estrutura singular do humano. Com estruturas universais e particulares, o ser humano é potente em desenvolvimento integral, corpo e alma psíquica e espiritual. Por potência (*Potenz*), está a expansão enérgica de tudo que confere e mantém a força de vida, como fonte e regeneração.

Pode-se identificar no corpo orgânico a constituição que alicerça a vida psíquica e espiritual. Por isso, o cuidado com o corpo físico exige atitudes saudáveis de higiene, alimentação, atividades físicas regulatórias de uma vida em equilíbrio. Um corpo saudável favorece o vigor psíquico e espiritual. Para Stein, a negligência ao corpo orgânico acaba por produzir alterações disfuncionais, altera-se toda a vida: “Quanto mais perfeitamente se desenvolva o organismo como tal, mais perfeito será como fundamento, expressão e instrumento da alma humana espiritual-pessoal”.^{304,305}

Ressalta-se o que Edith Stein aponta por sensações (*Empfindung*) captadas pelo corpo. O termo *sensação* (*Empfindung*) é a expressão formada a partir do verbo alemão “*finden*”. Em português, conjuga os termos, encontrar e sentir. Portanto, por sensação entende-se a capacidade que o corpo anímico possui de sentir algo que lhe vem ao encontro.³⁰⁶

Edith também delinea o princípio de percepção (*Wahrnehmung*). Para Alfieri:

³⁰⁰ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014.

³⁰¹ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021.

³⁰² STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004. p. 75.

³⁰³ Conforme: “[...] o individuo: un objeto unitario en el que la unidad de conciencia de un yo y un cuerpo físico se ayuntan inseparablemente”.

³⁰⁴ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 659.

³⁰⁵ Conforme: “Cuanto más perfectamente se desarrolle el organismo como tal, más perfecto será como fundamento, expresión e instrumento del alma humana espiritual-personal”.

³⁰⁶ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014.

A palavra latina “perceptivo” possui etimologicamente a mesma característica da palavra grega, *dianoia*, isto é, possui o caráter de uma apreensão dos dados que se mostram à consciência por meio do pensamento.³⁰⁷

Percepção pode ser entendida como a apreensão de um sentido determinado e preciso que se apresenta na consciência: “Mediante essa percepção (a pessoa) é consciente de si mesma, não meramente uma corporeidade, mas sim um todo eu corporal-anímico-espiritual”.^{308,309}

No processo da vida humana, as aprendizagens se caracterizam pela apropriação de si mesmo a partir do corpo sensorial, na medida em que o ser se reconhece como um “eu” diferente do “outro”. Nesse sentido, percebe-se desde a tenra infância que:

[...] o *Leib* é o ponto zero de orientação de um mundo espacial; somente nos tornamos conscientes de uma corporeidade própria, deparando com outros corpos nesse campo [sensorial], dos quais, de modo geral, temos uma percepção meramente externa, identificando-os como contrapostos a mim (não são eu).³¹⁰

Tal compreensão é fundamental no processo de adolescência e juventude onde o biopsíquico é polo de transformações do ser que impactam no modo de conviver e agir. Formar a consciência do “eu”, acolhendo as alterações orgânicas e psíquicas, é formar mais integralmente cada jovem com suas particularidades.

Reconhecer a existência da consciência do “eu”, isto é, da autoconsciência, implica processos formativos mais personalizados que não suprimam as singularidades pessoais e reconheça, nas diferenças dos seres, também suas semelhanças. As diferenças assumem singularidades, distintas, mas não opostas. De acordo com Ales Bello, “Certamente foi mérito do feminismo ter colocado em evidência a necessidade de distinguir mulher do homem e não ter permanecido em uma concepção de gênero neutro”.³¹¹ Para ela, a antropologia leva a compreender a dualidade presente no gênero humano, enquanto feminilidade e masculinidade.³¹²

³⁰⁷ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 139.

³⁰⁸ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 594.

³⁰⁹ Conforme: “Mediante esa percepción soy consciente de mí mismo, no meramente de la corporalidad, sino de todo el yo corporal-anímico-espiritual”.

³¹⁰ ALFIERI, Francesco. *Op. cit.* p. 65.

³¹¹ ALES BELLO, Angela. *A antropologia dual como Imago Dei*, 2020. p. 38.

³¹² *Loc. cit.*

Ainda quanto ao corpo próprio, Edith Stein acentua a estrutura humana do universal ao dual: feminino e masculino não estão na esfera do ter, mas do ser. O ser humano em Stein é sexuado. As particularidades orgânicas, características próprias da afetividade e sexualidade, constituem a conexão corpo-psique-espírito. O gênero humano possui estruturas distintas, mas correlacionadas e em igual identidade e legitimidade.³¹³

Para Ales Bello, Edith aborda feminino e masculino como polos da essência do humano, o que não levaria necessariamente à existência de um terceiro gênero.³¹⁴ Porém, sem colocar em crise a antropologia dual, Edith reconhece que há “dosagens” entre esses dois polos, podendo haver variações nas individualidades.³¹⁵ Atos arbitrários, discriminatórios e de subjugação, ferem o princípio da dignidade da pessoa humana em sua inteireza, dotada de inalienável valor, como o princípio da ética empática steiniana esclarece.

É justamente na adolescência e juventude que o despertar para o feminino e o masculino ganha mais força, tanto em nível biológico como na esfera afetiva. A consciência do ser feminino e do ser masculino não se dá de hora para outra. Há uma paulatina compreensão da sexualidade e da afetividade que nem sempre é bem acompanhada. Ao contrário, muitas vezes, o corpo jovem é motivo de utilitarismo, preconceito, exploração e violação. A formação em vistas da consciência da dignidade do corpo integral do jovem e da jovem é cada vez mais urgente, desde a infância.

3.2.4 Pessoa como ser anímico-psíquico (*Seele*)

O corpo anímico possui alma sensível (*Sinnenseele*) e alma espiritual (*Geistseele*). O psiquismo (*Seele*) refere-se à força vital que corresponde às vivências das emoções, sensibilidade, afetos, impulsos, instintos, atração ou repulsão, tendências, gostos. Diferente da característica corpórea, vinculada à exterioridade, a vivência psíquica concerne à interioridade e dá-se a conhecer por meio da corporeidade.³¹⁶

De acordo com Peretti e Dullius,

³¹³ ALES BELLO, Angela. *A antropologia dual como Imago Dei*, 2020.

³¹⁴ *Loc. cit.*

³¹⁵ *Loc. cit.*

³¹⁶ SBERGA, Adair Aparecida. *Fundamentos da Antropologia Filosófica e Pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana*, 2021.

A expressividade da psique humana se manifesta por meio de vivências muito singulares, demarcando o que, de fato, diferencia as pessoas umas das outras. Stein, buscando explicar a diferença da intensidade com que as pessoas significam suas vivências utiliza o termo que propõe uma analogia: “coloração”. A autora explica que cada pessoa irá elaborar as vivências de uma forma e a outra receberá na sua singularidade, empregando uma importância, valorização, específica vibrando dentro de si de forma singular. Essa vibração em si (intensidade) encontra um canal, uma forma singular de expressão. Esse processo ocorre de forma contínua, num fluxo interligado de vivências.³¹⁷

Dentre as potencialidades psíquicas circunscritas à pessoa, pode-se reconhecer as sensações de prazer, desprazer, a emoção, sentimentos vitais, o desejo, a constatação instintiva entre o útil e o danoso e o estado de ânimo. Os fenômenos psíquicos radicam-se na interioridade e compõem a energia, vitalidade e intensidade, como “algo que se revela, que acontece na vida do ser humano”.³¹⁸

Conforme Edith Stein, a interioridade é uma característica propriamente humana. Para além das conjunturas externas, há uma interioridade com alma própria, que confere ao ser responder como um ser consciente de si frente às circunstâncias. Para Edith Stein, a psique designa uma dimensão pertencente à realidade do mundo. Já a consciência, para além da reflexão sobre algo, caracteriza-se pela vigilância de entendimento ao que se vive:

Quando vemos uma planta ou um animal atrofiados, isto é, uma planta ou um animal cujas capacidades não se desenvolveram, atribuímos a causa da atrofia a condições de vida desfavoráveis (muitas vezes isso se deve ao ser humano que não cuidou deles como deveria ser cuidado); mas, no caso de um ser humano, também temos que levar em consideração os fatores externos mencionados, mas também é responsável a pessoa mesmo ao que se tornou, ou ao que não se tornou.^{319,320}

A esse respeito, para além do fluxo de vivências, Edith Stein aborda o fluxo de consciência (*Bewusstseinsstrom*) que indica a psique como relacional. Esse fluir contínuo da consciência constitui o conjunto das vivências do eu, como uma única e constante corrente e não fragmentos de fases interrompidas:

³¹⁷ PERETTI, Clélia Peretti; DULLIUS, Vera Fatima. *Ser pessoa e a espiritualidade em Edith Stein*, 2018. p. 149-168.

³¹⁸ SBERGA, Adair Aparecida. *Op. cit.* p. 104.

³¹⁹ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 648.

³²⁰ Conforme: “*Cuando vemos una planta o animal que están “atrofiados”, es decir, en los que no se han desarrollado sus capacidades específicas, hacemos responsables de ello a las condiciones inadecuadas. En el caso de un hombre también tenemos en cuenta factores del tipo mencionado, pero además hacemos responsable al hombre mismo de lo que él ha llegado a ser, o de lo que no ha llegado a ser*”.

[...] algumas [vivências] são experimentadas como “vivas” enquanto outras passam e “perdem” a sua vitalidade, permanecendo uma consciência mais ou menos desatenta à vivência passada que depois pode retornar ao fluxo vivo em sua fase atual.³²¹

Como ilustração, pode-se trazer o exemplo dado por Ales Bello:

Tomemos o vidro da janela como comparação: olhando pela janela fechada com vidro transparente podemos observar pessoas num jardim. Podemos descrever: pessoas [...], flores, árvores... Não colocamos o vidro na lista do que descrevemos [...], embora ele esteja. O fluxo de consciência é como o vidro. Normalmente não nos interessamos por ele, mas pelas pessoas e coisas que estão além dele. Poderíamos nos interessar objeto “psique”, sem focar a consciência que está ali presente como o vidro transparente que permite nossa visão do objeto.³²²

Edith Stein reporta ao mundo físico e psíquico o funcionamento da lei da causalidade que transita no ser psico-físico-espiritual. Causalidade refere-se ao modo com que os fenômenos se apresentam na consciência e na dependência e correlação de um fenômeno em relação ao outro. Não se encontra na arbitrariedade de causa e efeito, mas no encadeamento de fenômenos precedentes, sistêmicos e interdependentes.

A causalidade está designada para as realidades psicofísicas. Para a realidade espiritual, o termo utilizado é motivação, visto que a interdependência está relacionada à conexão dos atos da consciência.³²³ Com isso, Edith Stein ressalta a conjugação da alma enquanto realidade psíquica (vital) e espiritual. Se na psique estão os instintos, os desejos, os impulsos e as reações, no espírito encontra-se o intelecto, a vontade e a razão.

Na aliança entre a fenomenologia e o pensamento tomasiano, Edith Stein passa a incorporar o termo “alma”.³²⁴ Nessa perspectiva, Edith Stein caracteriza a alma do ser humano

[...] como a união entre psique e espírito. É uma dualidade, que não significa duas partes separadas, mas unidades sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Portanto, a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e

³²¹ Comentário de Maria Cecília Isatto Parise no Glossário Fenomenológico do livro: ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 136.

³²² ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*, 2015. p. 28-29.

³²³ As leis de causalidade e motivação coexistem na alma humana. Causalidade está relacionada à dimensão psíquica e motivação, à dimensão espiritual. Para fins de compreensão, optou-se em analisá-las separadamente, porém, advertindo que, na integralidade humana, encontra-se em unidade.

³²⁴ Observa-se principalmente no escrito: STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos. O corpo humano é um corpo vivo que tem uma alma viva.³²⁵

Para a fenomenóloga, a transcendência ao belo, ao bom e ao verdadeiro são inclinações presentes na alma humana conducentes à relação com os demais.³²⁶ Tais relações transcendem a subjetividade, manifestando-se em corporeidade e espiritualidade. Falar em alma jovem é falar de um ânimo próprio, de um espírito com vitalidade e entusiasmo. Uma alma viva em um corpo juvenil que se transforma.

3.2.5 Pessoa como ser anímico-espiritual (*Geistseele*)

Retomando o significado da alma e sua raiz na interioridade, e do princípio de abertura em acolher – ou não – o que vem de fora e responder através da atitude proveniente do interior,³²⁷ o ser humano não se delimita a estímulo-resposta. Na busca pela verdade do humano, captando suas essências específicas, Edith afirma a pessoa como um ser espiritual. O espírito (*Geist*) une as faculdades do intelecto, da razão e da vontade livre. “O espírito é, antes, uma dimensão humana, a qualidade específica de ser racional, numa dualidade com o corpo físico, mas não no dualismo que cinde a unidade do indivíduo”.³²⁸

O espírito humano busca o sentido (*logos*) das coisas, de si, do outro, do mundo e do próprio Deus. Por meio da linguagem, no processo desenvolvimento infantojuvenil, o ser

[...] vai amadurecendo a capacidade de se colocar em relação, por exemplo, por meio da linguagem. Perguntar: “Por que isso? E aquilo? E aquilo? É uma busca de sentido, que indica a manifestação de uma vida espiritual”.³²⁹

³²⁵ SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014. p. 117.

³²⁶ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

³²⁷ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³²⁸ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 32.

³²⁹ ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*, 2015. p. 61.

A dimensão espiritual,³³⁰ para Edith Stein, não denota uma realidade desencarnada, em oposição ao corpóreo, mas vinculada e integrada ao corpo próprio. A alma espiritual possui natureza espiritual encarnada em uma unidade e totalidade: “O adjetivo espiritual designa aqui o não espacial e o não material; é aquele que possui uma interioridade em um sentido certamente não espacial e que permanece em si, saindo de si mesmo”.^{331,332}

A integralidade da pessoa configura sua identidade e personalidade própria:

A alma do ser é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível quanto da vida espiritual. O ser humano não é animal, nem anjo. Em sua sensibilidade, não coincide com o animal, nem em sua espiritualidade com o anjo.³³³

A essência do espírito compreende o *spiritus* como hálito³³⁴ (do grego *πνευμα*, *pneuma*, em hebraico *רוח*, *ruah*). Por sua finitude, o ser humano volta-se a encontrar a plenitude, impelido por esse hálito. No espírito, o “eu” está em atividade de “dirigir-se a algo/alguém”. O “eu” espiritual possui dinâmica de mobilidade e agilidade, com ações conectadas por motivação direcionada a um sentido transcendente. Assim, a motivação vincula as ações da consciência umas às outras: trata-se de “voltar-se a” e “ir ao encontro de”.

A motivação designa o fluxo de consciência das vivências orientadas por um sentido. Encontra-se entrelaçada com a causalidade psíquica em conexão: “Uma vivência B não pode ser entendida sem a referência a uma vivência A, que a precedeu”.³³⁵ Para Angela Ales Bello, a relação entre causalidade e motivação pode ser exemplificada do seguinte modo:

Quando venho saber de uma certa notícia, começo a ficar cheia de alegria. A alegria pela notícia é determinada pela causalidade: está mais viva ou menos, dependendo da tonalidade do sentimento vital dominante. [...] Assim, a alegria que alguém provocou em mim, vamos supor que seja forte: alguém me dá essa alegria e eu sou motivado a um ato. A alegria é um sentimento vital e o ato me leva a um propósito de tornar aquela pessoa feliz: causalidade e motivação se entrelaçam continuamente.³³⁶

³³⁰ O item refere-se ao espírito das pessoas humanas e não aos espíritos puros, visto que estes não possuem fixação corpórea.

³³¹ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser, 1996. p. 376.

³³² Conforme: “*Hemos designado lo espiritual como lo no espacial y lo no material; como lo que posee una interioridad en un sentido completamente no espacial y permanente en sí, cuando sale completamente de sí mismo*”.

³³³ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*, 1988. p. 59.

³³⁴ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³³⁵ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 121.

³³⁶ ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade*: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein, 2015. p. 71.

3.2.6 Pessoa e interioridade: o núcleo “*alma da alma*” (*Kern*)

Edith Stein reconhece na formação do ser humano de modo integral, “a educação como um processo criativo que se enraíza na interioridade”.³³⁸ Na obra *A ciência da Cruz* (*Kreuzeswissenschaft*),³³⁹ a pensadora refere que é a vida interior o fundamento último, visto que o objetivo do ser é a eternidade.³⁴⁰ A formação humana a partir da interioridade visa o que há de mais genuíno na pessoa.

Se pessoalidades trazem marcas universais e ambientais, Edith Stein salienta a marca inalienável da individuação, isto é, da singularidade do ser: “cada um de nós diz ‘eu’ e que não se confunde com o outro e que ao passar do tempo, seguem como uma individualidade irreduzível, nunca alterada, como ‘uma nota própria emitida por toda criatura’”.³⁴¹ A individualidade se mantém por detrás de todas as disposições e reações naturais. Está presente nessas realidades, mas independe, não desaparece.

Essa individualidade é *intangibilis* (intocável). Ela impregna tudo o que penetra na alma e tudo que sai dela.³⁴² Para Stein, a interioridade humana possui seu núcleo de personalidade (*kern*), denominado pela fenomenóloga como a “*alma da alma*”, como o centro da existência humana.³⁴³

Todos nós temos psique, espírito corpo; [...] São capacidades que podemos e devemos desenvolver. [...] Mas por que existe cada pessoa humana com sua identidade? O núcleo – elemento último e profundo – representa aquilo que diz respeito às características absolutamente singulares. Esse núcleo identitário não se desenvolve, mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e a psique. Se soubermos identificar a estrada indicada, haverá possibilidade de seguir o próprio princípio de identidade pessoal.³⁴⁴

³³⁸ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein*: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral, 2015. p. 47.

³³⁹ Trata-se da última obra escrita por Edith Stein. O texto foi escrito a partir da proposta de seus superiores por ocasião das comemorações dos 400 anos do nascimento de São João da Cruz, em 1942. Possivelmente iniciou a escrita, nove meses antes que a Gestapo a levasse para o campo de concentração (STEIN, Edith. *Nota Introductoria*, 2004).

³⁴⁰ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³⁴¹ RUS, Éric de. *Op. cit.* p. 124.

³⁴² STEIN, Edith. *Op. cit.*

³⁴³ *Loc. cit.*

³⁴⁴ ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: Comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*, 2015. p. 83.

A “alma da alma” é o espaço em que habita a essência humana, a sua originalidade, como um “selo”, a identidade revela a unicidade e a irrepitibilidade da pessoa humana. É nesse centro de essência identitárias que o ser se encontra em si mesmo: “Em mim, ou melhor, dentro de minha alma [...] Nela estou em casa”.^{345,346}

Alcançar esse núcleo significa reconhecer a própria identidade, o que possibilita um contínuo recomeçar a partir do que verdadeiramente somos. Esse contínuo movimento de retomada faz com que preservemos o nosso modo particular de ser, impedindo que sejamos meramente condicionados pelo ambiente em que estamos inseridos.³⁴⁷

Para Edith Stein, o núcleo pessoal não é algo divisível, mas acessível. No núcleo de personalidade, o ser encontra-se consistente e permanente: “constituído pela capacidade do querer, isto é, pela capacidade dos atos livres”.³⁴⁸ “Desde dentro” do núcleo de personalidade, encontra-se o sentido (*logos*) que conduz à plenitude, o *telos* de cada ser. Alcançar o núcleo de interioridade é irradiar “a coloração que dará a tonalidade pessoal a cada ato vivido, permitindo que a contínua atualização das potencialidades individuais se realize em uma pessoa singular, única e irrepitível”.³⁴⁹ É acessar suas potências, isto é, suas forças, energias, virtudes, faculdades e capacidades.³⁵⁰

A formação para ser integral não pode se furtar de ir ao encontro da essência humana, no núcleo de personalidade dos jovens, visto que “tudo que a pessoa vive carrega em si a marca de sua personalidade”.³⁵¹ Ações impessoais, superficiais e mecanicistas se caracterizam por não adentrar na profundidade da alma humana. De acordo com Edith, profundidade e superficialidade configuram-se como centro e periferia e revelam-se nas atitudes em diferentes graus na interioridade da vida atual.³⁵² Do baixo grau de participação da consciência, decorrem sucessões de atos centrados no periférico e superficial, e não no ontológico e essencial. A pessoa jovem possui a sede do genuíno. Muitas vezes assume o que o outro espera de si, para se sentir aceito. Mas essa busca exterior não parece eliminar a necessidade de autoaceitação interior, de se sentir “em casa” em si mesmo. Sem a formação desde a interioridade, o ser parece não habitar

³⁴⁵ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.p. 656.

³⁴⁶ Conforme: “*En mí, o mejor, dentro de mi alma [...]. En ella estoy en casa*”.

³⁴⁷ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014. p. 15.

³⁴⁸ ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*, 2000. p. 155.

³⁴⁹ ALFIERI, Francesco. *Op. cit.* p. 80.

³⁵⁰ STEIN, Edith. *Op. cit.*

³⁵¹ ALFIERI, Francesco. *Op. cit.* p. 81.

³⁵² STEIN, Edith. *Op. cit.*

em si, por isso, difuso. Este é um fator fundamental na antropologia steiniana: formar é formar “desde dentro”, mas sem que este se feche dentro de si.

Para Edith Stein, o núcleo interior é essencialmente bom. Porém, processos formativos difusos, superficiais e fragmentados ofuscam e impedem a positividade contida no núcleo interior humano de se revelar ao mundo exterior em forma de ato.³⁵³ Por isso, a educadora insiste que a formação deva atingir essa “*alma da alma*”, possibilitando o despertar e irradiar da potência, assumindo a consciência da integração do ser em um processo de orquestragem harmônica entre pensamentos, afetos, escolhas e atitudes condizentes com a originalidade positiva. Tocar a interioridade da personalidade, no núcleo “*alma da alma*”, configura-se como uma pedagogia progressiva, visto que a atualização da potência ao ato positivo desenvolve-se em uma extensão temporal ao longo de toda vida. Fato que muitos jovens trazem pontos focais em sua história juvenil de se sentirem profundamente tocados por vivências significativas a ponto de traçarem novas rotas de vida, assumirem conscientemente escolhas profissionais, vocacionais, familiares, acadêmicas que os formam em personalidade e caráter, isto é, na forma de ser e agir no mundo.

3.2.7 A pedagogia do sentir: o sentido afetivo (*Gemüt*)

Para Edith Stein, a capacidade humana de acessar o mundo dos valores³⁵⁴ ocorre através do espírito denotando o sentido afetivo (*Gemüt*).³⁵⁵ Por sentido afetivo, pode-se entender a espacialidade interior profunda, visto que o termo “*Gemüt*” indica a faculdade de sentir os estados de ânimo.³⁵⁶ *Gemüt* não possui tradução literal ao português, pode ser considerado o que entendemos como o coração, enquanto centro afetivo do humano, com forças motrizes que impelem a ação.

³⁵³ SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. *A formação da pessoa em Edith Stein*, 2013.

³⁵⁴ Edith Stein dialogou com o pensamento de Max Scheler em relação à afetividade e, nesse aspecto do mundo dos valores, tem significância a obra *O formalismo na ética e a ética material dos valores (Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik)*. Edith Stein manifesta a importância do diálogo autêntico que manteve com a obra de Scheler ainda que suas pesquisas se distanciassem em alguns pontos. Conforme: STEIN, Edith. *Carta a Max Scheler, 4 de abril de 1918*, 1918.

³⁵⁵ Segundo Rus, *Gemüt* provém do vocábulo místico e é empregado para designar a interioridade mais profunda da criatura. Não há equivalência literal desse termo em português (RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015).

³⁵⁶ STEIN, Edith. *Sobre el Concepto de Formación*, 2003. v. 4:

Gemüt não deve ser confundido com romantização ou sentimentalismo vão, mas designa um centro ordenador do ser, onde conhecimento e sentimentos encontram-se: “a unidade de cada pessoa como ser que conhece e ama, sem pressupor nenhuma oposição entre conhecimento (intelecto) e amor (vontade): a pessoa ama também ao conhecer e conhece também ao amar”.³⁵⁷

Refere Stein que:

Em todos os movimentos dos sentimentos há um momento valorativo: o que o sentimento apreende, apreende como significativamente positivo ou negativo [...]. Com isso se faz possível para os movimentos dos sentimentos um juízo segundo o “correto” e o “falso”, “adequado” e “inadequado”. Trata-se, portanto, de despertar no sentimento alegria pelo verdadeiramente belo e bom.^{358,359}

Especificamente acerca do gesto educativo, Edith ressalta o caráter essencial da afetividade como via formativa. Tal aptidão não opera por cognição ou intelectividade, mas por percepções afetivas de um sentido, que se conecta com a vontade humana identificando-o como um valor. É preciso considerar que “só quem é comovido pela vida porá em movimento sua emotividade”.^{360,361} Por isso, no desenvolvimento afetivo confere um papel necessário do educador:

O sentido do valor das coisas se desenvolve de muitas maneiras em uma criança quando toma posição a respeito de um adulto, especialmente o educador: seu entusiasmo suscita entusiasmo. Esta orientação do sentimento faz tomar posições determinadas formando a capacidade de discernimento. Não se pode pôr os olhos somente no bom e no belo, porque a vida poderá pôr em contato também com o negativo e porque diante disso terá que ter aprendido a diferenciar. Há de diferenciar o positivo do negativo, o elevado frente ao baixo, e aprender a situar-se a respeito da a forma adequada.^{362,363}

³⁵⁷ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 74.

³⁵⁸ STEIN, Edith. *Vida cristiana de la mujer*, 2003. p. 327.

³⁵⁹ Conforme: “*Pero no basta con poner en movimiento la emotividad en general. En todos los movimientos del sentimiento hay un momento valorativo: lo que el sentimiento aprehende, eso lo aprehende como significativamente positivo o negativo [...] Con esto se hace posible para los movimientos del sentimiento mismo un juicio según lo ‘correcto’ o ‘falso’, ‘adecuado’ o ‘inadecuado’. Se trata, por tanto, de despertar en el sentimiento alegría por lo verdaderamente bello y bueno.*”

³⁶⁰ *Loc. cit.*

³⁶¹ Conforme: “*Sólo quien es conmovido por la vida pondrá en movimiento su emotividad.*”

³⁶² *Ibid.* p. 328.

³⁶³ Conforme: “*El sentido del valor de las cosas sólo se desarrolla de muchas maneras en el niño cuando ve cómo toma posición al respecto el adulto, especialmente el educador: su entusiasmo suscita entusiasmo. Esta orientación del sentimiento hacia tomas de posiciones determinadas es a la vez un medio para formar la capacidad de discernimiento. No se le puede poner ante los ojos solamente lo bueno y lo bello, porque la vida le pondrá en contacto también con lo negativo, y porque ante ello tendrá que haber aprendido a diferenciar.*”

No que tange à formação integral, entende-se que a apreensão intelectual sem a percepção do sentido afetivo manterá o ser em superficialidade. No processo formativo, o discernimento através da educação da vontade torna possível uma postura interior harmonizada aos valores gerando práticas. Assim, é fundamental ao sentido afetivo discernir emoções e sentimentos.

A emoção é a qualidade instintiva da vida psíquica atingida por uma sensação, sem se configurar como intencional, mas um indicativo situacional:

[...] posso estar de mau humor sem conhecer um porquê para o mau humor (sem objeto), mas também posso ter uma dor que anuncia uma doença (nesse caso, a dor não é um objeto, mas é ela mesma sinal de um objeto ou de uma situação).³⁶⁴

O sentimento, para além, parte da esfera do espírito, envolvendo intelecto e vontade. O sentimento é reagente ao estado emocional, possuindo intencionalidade como determinação atitudinal em nutrir, permitir, rejeitar e suportar a emoção: “Sentimento seria o nome específico do ato do sentido afetivo, assim como pensamento é o nome do ato intelectual e sensação é o nome da percepção por meio dos cinco sentidos”.³⁶⁵

O *Gemüt* como potência profunda do espírito não suprime o entendimento e a vontade, mas atua com essas realidades, ao mesmo tempo que, “a formação do entendimento não deverá nunca ser feita em detrimento da formação do sentido afetivo”.³⁶⁶

Nesse sentido, a juventude por suas características próprias traz à tona muitos afetos. Emerge desde a adolescência um olhar menos idealizado do universo adulto, de seus familiares e da própria condição de transformação da vida. Muitos jovens enfrentam dramas de toda a ordem, relacionados à instabilidade e frustração nos afetos. Indicadores acerca da saúde emocional dos jovens têm exigido novas formas de pensar a educação socioemocional na contemporaneidade. O jovem sente necessidade de existir no coração de alguém. O vínculo afetivo hoje salva a vida de muitos que se encontram em dúvida de seu valor e de sua existência.³⁶⁷

Hay que diferenciar lo positivo de lo negativo, lo elevado frente a lo bajo, y aprender a situarse al respecto de la forma adecuada”.

³⁶⁴ ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014, p. 148.

³⁶⁵ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015, p. 74.

³⁶⁶ *Ibid.* p. 75.

³⁶⁷ Sobre esse tema, sugere-se conhecer o guia de cuidado Saúde mental: OBSERVATORIO JUVENTUDES PUCRS/REDE MARISTA et al. Saúde mental de adolescentes e jovens em contextos educativos: relações de

3.2.8 Pessoa, *intellectus*, razão natural e supranatural

O termo *intellectus* (intelecto ou entendimento) indica espírito em atividade cognitiva³⁶⁸ que abre o ser ao mundo em busca de sentido e compreensão.³⁶⁹ Segundo Edith Stein:

O espírito que com sua intencionalidade ordena a matéria sensível em uma estrutura, e ao fazê-lo, penetra atentamente o interior do mundo dos objetos, se denomina entendimento ou intelecto.^{370,371}

Sentido e compreensão articulam-se através da decisão, do uso da razão, da competência reflexiva, possibilidade de análises, abstrações e hierarquização dos valores que formam o “eu” inteligente. Sentido dá significância ao que pode ser compreendido; e compreensão é apreender o sentido. Compreender (*intelligere*) o inteligível (*intelligibile*) é função inerente do espírito intelectivo (*intellectus*).³⁷²

A vida intelectual correlaciona conhecimento e vontade. Com a profundidade da vida no espírito, a razão humana é livre em decidir não somente intelectivamente, mas volitivamente: é capaz de transcender a si mesma, permitindo atos de para si e para os demais. Em seus processos intelectivos, a pessoa decodifica as situações e informações advindas do mundo e assumindo-se como um “eu” capaz de se posicionar diante das situações. No entanto,

Para evitar os erros e reestabelecer as forças originárias, precisa da graça, que se infunde na inteligência como uma luz sobrenatural, e que não só reestabelece a ordem correta que abre ao mesmo tempo a penetração das realidades naturais, inacessíveis para a inteligência natural.^{373,374}

cuidado humano. Porto Alegre: Centro Marista de Comunicação, 2020. Disponível em: <https://redemarista.org.br/noticias/rede-marista-lanca-publicacao-sobre-saude-mental-deadolescentes-e-jovens>. Acesso: em 04 de fev. de 2021.

³⁶⁸ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³⁶⁹ *Id. Sobre el Concepto de Formación*, 2003.

³⁷⁰ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 651.

³⁷¹ Conforme: “*El espíritu que con su vida intencional ordena el material sensible en una estructura y, al hacerlo, penetra con su mirada en el interior de un mundo de objetos, se denomina entendimiento o intelecto*”.

³⁷² *Id. Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

³⁷³ *Id. El Intelecto y los intelectuales*, 2003. p. 222.

³⁷⁴ Conforme: “*Para evita los errores y para restablecer las fuerzas originarias precisa de la gracia, que se le infunde a la inteligencia como una luz sobrenatural, y que no sólo restablece el orden correcto sino que abre al mismo tiempo a la penetración de las realidades sobrenaturales, inaccesibles para la inteligencia natural*”.

Nesse sentido, a pedagogia steiniana indica como ápice da formação a abertura do intelecto à luz da graça divina.³⁷⁵ Se a formação do *intellectus* exige sofisticação ao potencializar a cognição, proporciona a capacidade perceptiva e os discernimentos, associando-os à assimilação da cultura, à transmissão de conceitos e aos saberes significativos; sem a graça, o intelecto não atingiria a verdade plena.

Em Edith Stein, a inteireza formativa não suprime a verdade revelada, mas a traz como possibilidade de a humanidade se relacionar com a divindade,³⁷⁶ visto que “As pessoas não têm onde sustentar-se e por isso buscam um ponto de sustentação. Querem uma verdade com conteúdo a quem possam agarrar-se, que lhe sustente a vida”.³⁷⁷ Portanto, a abertura à pedagogia da graça divina é conducente da verdade eterna que ilumina o entendimento.

A razão progressiva no entendimento e aquisição de conhecimento naturais delineiam sucessões de atualizações da potência humana, porém, sem sustentar um *telos*, não focalizam na verdade plena: “Nunca poderei admitir que esse é o único caminho de conhecimento e que a verdade nada mais é do que uma ideia que deve atualizar-se num processo infinito – sendo o que nunca se realiza plenamente”.³⁷⁸

Na esteira de Tomás de Aquino, Edith aborda que “A verdade plena é, e existe um conhecimento que a apreende inteiramente, que não é um processo infinito, mas uma abundância infinita. Esse é o caminho divino”.³⁷⁹ Tal caminho evidencia que “a verdade carrega seus próprios frutos”.³⁸⁰

Especificamente no caso das realidades juvenis, o sentido (*logos*) da vida é um fator presente em seus pensamentos e, por vezes, uma busca de compreensão isolada na inteligência enquanto razão. O que não é respondido pode tornar-se motor de curiosidade e inquietação. A inquietação juvenil em sua busca pela verdade e sentido de si, das coisas, das relações e do próprio mundo são terrenos férteis para abertura ao transcendente. Por isso, uma formação do *intellectus* que, para além da explicação natural, permite a abertura ao supranatural, pode contribuir com o alargamento de horizontes de sentido, expandindo a compreensão juvenil para além do aqui e agora limitante e imediatista, para possibilidades de um aqui e agora em desenvolvimento, em andança no porvir. Uma inteligência mais em dinâmica e movimento do que restrita no pontual.

³⁷⁵ STEIN, Edith. *Sobre el Concepto de Formación*, 2003.

³⁷⁶ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

³⁷⁷ STEIN, Edith. *O que é filosofia?* Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino, 2005. p. 82.

³⁷⁸ *Ibid.* p. 76.

³⁷⁹ *Loc. cit.*

³⁸⁰ *Ibid.* p. 83.

3.3 ANDANÇAS PARA ALÉM DE SI: AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

3.3.1 Pedagogia da relação: a empatia (*Einfühlung*)

O tema da empatia é fundante no pensamento de Edith Stein. Ao tematizar o problema da empatia, a fenomenóloga assume uma questão do *pathos*, tão nova quanto antiga na tradição do pensamento filosófico, teológico e poético. O *pathos* é uma dimensão situada no *ethos*³⁸¹ que, para Edith, possui sua gênese antropológica desde o processo inicial do desenvolvimento humano em sua vontade de descoberta: quem sou eu? Quem não sou eu? Quem é o outro diante de mim?

No contexto alemão, o substantivo *Einfühlung*, do verbo *fühlen* (“sentir”),³⁸² associado ao prefixo *ein* (“dentro” ou “em”). *Ein-ffühlen*, no primeiro caso, enfatiza as dimensões intrapessoal e interpessoal; no segundo caso, reenvia à experiência o envolvimento de um impulso unitivo (identitário). Pode-se entender como um “sentir dentro”/ “sentir em”.³⁸³

Para atingir o conhecimento do fenômeno empático em sua essência, é preciso investigar os fundamentos cognoscitivos teóricos do ato empático, distinguindo-o dos aspectos puramente descritivos e psicogenéticos. Para isso, Edith Stein, estuda o cerne da empatia: a) comparando a vivência empática com outros atos de consciência, identificado semelhanças e diferenças; b)

³⁸¹ VILLAS BOAS, Alex. *Prefácio*, 2018.

³⁸² Nas línguas neolatinas, o verbo “sentir” tem diferentes sentidos: desde sentir a emoção, sensações físicas e psíquicas, ouvir, escutar, acolher sentimentos, em diante. No Brasil, a etimologia de *Einfühlung* ocasiona algumas traduções em português como “intropatia”. A comunidade de pesquisa steiniana brasileira tem optado em manter o uso da tradução “empatia” para o termo *Einfühlung*. A empatia é um dos termos steinianos que oferece riscos de más interpretações caso associe-a a uma compreensão psíquica e/ou moral, associando-a a simpatia. O estudo sobre a empatia em Edith Stein é descrito a partir da percepção, de um conceito mais em nível epistemológico.

³⁸³ Robert Vischer (1847-1933) introduziu o termo “empatia” como termo técnico para significar o preenchimento de um ser sensível e estranho diante de mim, com conteúdo espiritual.

Theodor Lipps (1851-1914) aparece com a teoria sobre estética, estruturando o conceito como “projetar-se no objeto” de percepção. Lipps integrou, juntamente com Edith Stein, o influente Círculo Fenomenológico de Gotinga. A jovem Edith Stein teve sua tese da Empatia, *Zum Problem der Einfühlung*, laureada aos 24 anos de idade. A tese foi publicada parcialmente em 1917, partes II, III, IV (I, V, VI se consideram perdidas). Stein buscava a clareza do fenômeno redução eidética/transcendental: “O que é empatia em essência? Essa essência geral da empatia deve permanecer preservada onde quer que seja realizada. Antes de se perguntar a forma deve ser perguntar, “o que é?” (STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004. p. 38). Na publicação, encontra-se os capítulos: A essência dos atos de empatia; A constituição do indivíduo psicofísico; A empatia como compreensão de pessoas espirituais.

confrontando a descrição obtida por meio do método fenomenológico com descrições já apresentadas por outros pensadores.³⁸⁴

Para esta tese, são apresentados conceitos mais gerais que integram fundamentalmente a formação da pessoa como ser relacional. Na perspectiva steiniana, a vinculação entre a consciência do “eu” e do “outro” ampara-se no princípio da empatia (*Einfühlung*).³⁸⁵ Através da fenomenologia, Edith Stein busca o fenômeno da relação empática, em “carne e osso”, isto é, em sua essência. Para a autora, a empatia constitui-se de uma via privilegiada para compreensão do fenômeno humano. Perceber a pessoa do “outro” com individualidade própria, como um “tu” que vive a si mesmo, assim como “eu” vivo eu mesmo, remete ao “tu” como outro “eu”, uma alteridade.

O conceito de empatia em Edith Stein “não se trata de uma intuição ou de uma simples emoção, mas de um saber do que passa na consciência alheia, uma experiência da experiência alheia, um perceber aquilo que o outro vivencia, ou ainda, um sentir o que o outro sente”.³⁸⁶ A empatia designa o ato pelo qual o “outro” é percebido, o conteúdo da vivência do “outro” é captado pelo ato de consciência do “eu”. Exemplificando: quando o “outro” vivencia dor, o “eu” é capaz de entender o que ele vive, não porque possui a mesma vivência, mas porque, já tendo vivido a dor, o “eu” possui a essência da dor, podendo identificar que aquela vivência manifestada pelo “outro” é a de dor, não de alegria ou de fome. Pela empatia, compreende-se a essência implicada no ato de consciência de outrem, pois o “eu” conhece essa essência.³⁸⁷

O sujeito de vivência empatizada não é o mesmo que realiza o ato empático, o que implica na presença de uma alteridade: distinção entre o “eu próprio” e o “outro diferente”. O ato empático pressupõe a percepção do semelhante, no sentido de se tornar presente “dentro” o que o “outro” vive em primeira pessoa. O outro é conhecido, ou melhor, “sentido” como outro-eu (*alter ego*), isto é, reconhecido como um sujeito (eu), mas diferente de mim e, por isso, “outro”, salvaguardando a originalidade da pessoalidade.³⁸⁸

Todavia, se de um lado todo *eu* permanece estranho ao outro, porquanto uma identificação total é irrealizável, por outro, é verdade também que é possível compreender o que o outro pensa, vive e sente. Assim, estabelece-se uma comunicação entre os dois que se estende a todos os sujeitos, tornando-se realmente intersubjetiva.³⁸⁹ A intersubjetividade entre

³⁸⁴ PARISE, Maria Cecília Isatto. *Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein*, 2019.

³⁸⁵ O argumento encontra-se em: SAVIAN FILHO, Juvenal. *A empatia segundo Edith Stein*, 2014.

³⁸⁶ *Ibid.* p. 34.

³⁸⁷ ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*, 2014.

³⁸⁸ MANGANARO, Patrícia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*, 2016.

³⁸⁹ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*, 2014.

o “eu” e o “outro” implica não no viver a experiência do outro ou sentir as emoções do outro, mas em experienciar da experiência do outro.

A comunicação intersubjetiva possui caráter transcendental e também universal: “a empatia, como fundamento da experiência intersubjetiva, torna-se a condição de possibilidade de um conhecimento do mundo externo existente”.^{390,391} É o reconhecimento do corpo vivo com alma viva, um penetrar no estado de ânimo do outro. Não se pode assumir o “eu” do outro, mas sim o sentido que o “outro” experimenta, tornando a vivência originária no “outro”, co-originária no “eu”. Nessa situação, somos “deslocados” à consciência perceptiva do outro; não consiste numa “projeção imaginária”, mas numa copercepção na qual a vivência é dada de modo co-originário.

Edith Stein salienta que:

[...] pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. Não vivencio “a” dor como meu amigo também vivencia. A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz com que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith).³⁹²

Cada ato empático é entendido como uma apreensão, um ato do sentir, captado na dimensão espiritual³⁹³ na medida em que nos relacionamos com o outro, não o considerando como objeto ou mantendo vínculos utilitaristas, mas o percebendo como pessoa integral a se integralizar.

A seguir, a ilustração pode favorecer essa relação intersubjetiva:

³⁹⁰ STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004. p. 83.

³⁹¹ Conforme: “[...] la empatía, como fundamento de la experiencia intersubjetiva, condición de posibilidad de un conocimiento del mundo externo existente”.

³⁹² SAVIAN FILHO, Juvenal. *A empatia segundo Edith Stein*, 2014. p. 38.

³⁹³ STEIN, Edith. *Op. cit.*

Figura 2 – A pessoa como um ser singular e relacional em Edith Stein³⁹⁴



A empatia, assim, não se restringe ao gesto, mas primeiro com o sair de si reconhecendo e sendo sensível ao outro. Um fluxo empático poderia ser delineado da seguinte maneira: reconhecer o outro em sua dignidade e personalidade; perceber suas vivências; as vivências desse "outro" impactam de alguma forma o "eu"; o "eu" mobiliza-se a transcender de si ao encontro da vivência do outro; o outro "eu" que sua dignidade e valor de vida reconhecida e promovida através dos atos empáticos. Os atos empáticos em níveis poderiam ser identificados da seguinte forma:

- A vivência do outro emerge diante de mim: o outro com a vivência originária em si;
- Desdobram-se os sentidos que se fazem captar e compreender a vivência do outro, procurando o objeto dessa explicação;
- Medida em que enxerga o outro como "semelhante" (semelhante, não igual e não necessariamente simpático ou conhecido por mim): igual dignidade.

A concepção transcende o "sentir com" ou "viver um único sentimento", como uma imitação ou associação instintiva. Ao empatizar com o outro, este é percebido e recebido como

³⁹⁴ Elaborada pela autora (2021).

“um semelhante”.³⁹⁵ Isto é, a empatia apresenta intencionalidade de abertura ao outro, suspendendo os estereótipos e preconceitos, mas buscando a essência do fenômeno humano, naquele ser humano, naquela vivência.

A empatia conduz à saída da atitude ingênua e passiva diante das relações. A necessidade de encontrar a essência originária no “eu” representa a necessidade do ser identificar suas próprias apreensões em uma autopercepção, para que o “eu” torne-se “si mesmo”. Consciente de si, o ser humano é provocado a se aperfeiçoar enquanto pessoa, percebendo a ressonância de suas atitudes em relação a si mesmo e aos demais.³⁹⁶

Dessa maneira, nada garante que o que o outro vê em mim corresponde ao que sou; nem o que eu vejo nele é necessariamente o que ele é. Cada um é um “si mesmo”. Apesar disso, o modo como o outro me vê me ajuda a me constituir. Assim, é possível fazer a mesma observação com relação à correção dos atos empáticos dirigidos aos demais.³⁹⁷ Para Stein, a empatia edifica o “outro”, mas também o “eu”: “aprendemos às vezes a apreciarmos a nós mesmos de maneira correta pelo que vivenciamos como mais ou menos valiosos em comparação com os outros”.^{398,399}

Empatizar afirma a liberdade e a responsabilidade diante dos atos próprios e diante da necessidade do “outro”. O “eu” segue sendo espiritualmente livre, por isso, em cada um em “si mesmo-diante do outro” se reconhece a diversidade interpessoal não como elementos de afastamento, mas sim de possibilidade de relação recíproca: a percepção do “outro diante de mim” com características diferentes e semelhantes e do “outro comigo”, como processo de interlocução e diálogo.

Em horizontes formativos, a empatia deve ser compreendida na perspectiva antropológica e ética. Segundo Edith: “se toda a conduta ética é uma conduta em relação ao outro, toda ética implica um fundo empático”.⁴⁰⁰ A percepção do outro provoca pensar *no outro que está diante de mim* com suas características diferentes; e no *outro comigo*, no processo de

³⁹⁵ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³⁹⁶ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima; BRUSTOLIN, Leomar A. *A educação em Edith Stein: breve análise histórica e conceitual*, 2019.

³⁹⁷ PARISE, Maria Cecília Isatto. *Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein 2019*. p.122.

³⁹⁸ STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*, 2004. p. 134.

³⁹⁹ Conforme: “[...] aprendemos a veces a apreciarnos a nosotros mismos de manera correcta, por lo que nos vivenciamos como más o menos valiosos en comparación con otros”.

⁴⁰⁰ BARREIRA, Cristiano R. A. *A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica*, 2014. p. 55.

interlocução e dialógica; no *eu diante do outro*. A ausência de empatia se caracterizaria como uma apatia, eu *sem o outro* e o *outro sem mim*.⁴⁰¹

O ato empático consente, assim, abertura ao outro com afetividade. Afeto nessa abordagem está mais ligado ao impacto das situações colhidas pela interioridade, isto é, como a realidade afeta o ser do humano e o que é capaz de provocar.

De acordo com Edith Stein, a relação empática está no transcender presente na abertura do espírito: “quando a outra pessoa irradia força e frescor, algo passa para mim e eu experimento uma força ‘vivificante’, um incremento de meu ser espiritual que me faz capaz de uma maior atividade espiritual”.⁴⁰²⁴⁰³ Tal aspecto é fundamental aos formadores que atuam com jovens, visto que, na intersubjetividade empática, há o encontro com a interioridade do outro que, para além da corporeidade, atinge o espírito humano, acessando as motivações, os valores, colocando em relação os aspectos mais genuínos de cada pessoa.

Especificamente a atuação com juventudes exige a abertura empática para uma formação afetiva e efetiva. Jovem normalmente se vincula com quem se sente identificado, isto é, empatizado. Ao mesmo tempo, reconhece quem não está ali por ele. Porém, nem sempre consegue ter clareza do que fazer diante dessa ausência do outro, sobretudo quando esse outro trata-se de um adulto responsável por ele. O mais interessante é que, ao duvidar da presença real do outro, o jovem acaba por duvidar de si mesmo. Acreditar e vincular com um jovem remete à empatia que lhe assegura o direito de se conscientizar do ser e de conviver.

3.3.2 Pessoa e inter-relação: constituições comunitárias

O tema da intersubjetividade conduz Stein para uma maior pesquisa na relação entre pessoa e comunidade. Se, por um lado, como diretriz pedagógica, Edith Stein assume a visão integral do ser em suas vivências em primeira pessoa, por outro, articula a visão integrada do ser humano enquanto ser comunitário e social. A fenomenologia ontológica steiniana vê o ser

⁴⁰¹ BARREIRA, Cristiano R. A. *A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica*, 2014.

⁴⁰² STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 688.

⁴⁰³ Conforme: “*Cuando la otra persona irradia fuerza y frescor, algo de eso pasa a mí, y yo experimento una influencia ‘vivificante’, un incremento de mi ser espiritual que me hace por mi parte capaz de una mayor actividad espiritual*”.

humano enquanto coletividade, a humanidade enquanto gênero humano; e a singularidade, cada pessoa como um sujeito único a manifestar suas potencialidades individuais próprias.

Para Edith Stein, a formação acentua o tornar-se si mesmo e esse processo é também de autoformação – “Que quer dizer o ser é responsável por si mesmo? Quer dizer que dele depende o que é, e que se exige fazer de si mesmo algo concreto: pode e deve formar-se a si mesmo”^{404,405} – enquanto, concomitantemente, a filósofa aponta que, “o indivíduo humano isolado é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida, uma vida em comum”.^{406,407} Em resumo, “formar o humano, é formá-lo dentro de uma perspectiva vincular”.⁴⁰⁸

Reconhecer a personalidade também é reconhecer a comunidade, pois a dinâmica de ações e arquiteturas sociais apontam para o ser coletivo, isto é, ser, conviver e agir relacional. Para a fenomenóloga: “Cada indivíduo e cada povo tem, devido ao seu modo peculiar de ser, uma missão especial na evolução do gênero humano”.^{409,410}

Em suas investigações, Stein reconhece que a pessoa nasce como um ser comunitário e justamente no processo formativo reconhece-se como um “eu” singular e autônomo. Um bebê se forma organicamente através da disposição genética de uma relação dual. O nascimento de alguém exige redes de cuidados básicos coletivos de toda ordem: saúde física, núcleo afetivo, disposição intelectual e volitiva. Sem laços comunitários, o desenvolvimento humano torna-se insustentável.

Por isso, a correlação pessoa e comunidade é fator imprescindível no esforço de formar o humano. Até mesmo para “tornar ato” as potências disponíveis na interioridade pessoal, visto que a atualização das potencialidades da pessoa ocorre graças às influências formativas recebidas do meio social. Basta acompanhar os processos de linguagem, da mobilidade, da compreensão abstrata e transformação cultural que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento infantojuvenil.

⁴⁰⁴ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 648.

⁴⁰⁵ Conforme: “*Qué quiere decir que el hombre es responsable de sí mismo? Quiere decir que de él depende lo que él es, y que se le exige hacer de sí mismo algo concreto: puede y debe formarse a sí mismo*”.

⁴⁰⁶ *Ibid.* p. 713.

⁴⁰⁷ Conforme: “*El individuo humano aislado es una abstracción. Su existencia es existencia en un mundo, su vida es vida en común*”.

⁴⁰⁸ ROCHA, Magda Celi Mendes da; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional*, 2021. p. 140.

⁴⁰⁹ STEIN, Edith. *Op. cit.* p. 563.

⁴¹⁰ Conforme: “*Cada individuo y cada pueblo tienen, en razón de su peculiar modo de ser, una misión especial en la evolución del género humano*”.

Assim, ser pessoa é reconhecer que não se chega ao mundo “acabado”, mas como um ser sociável e educável: uma formação que se “encarna no espaço concreto de uma relação”.⁴¹¹ É na relação entre pessoas que a intersubjetividade acontece e a transcendência do si mesmo assume-se como parte da humanidade. Reconhecer-se como ser comunitário é responder a um compromisso consigo, com o outro e com a vida comunitária, sem perder sua personalidade, mas a enriquecendo em aprendizagens diante do outro e com o outro que nem sempre lhe será simpático.

Em relação à sociedade, Edith insiste com a superação dos conflitos desumanizantes e dissociativos do ser pessoa e do ser comunidade. Alerta quanto ao fenômeno do contágio de massa, que ocorre através do contágio psíquico anulando o próprio senso comunitário humano. Para Stein, a massa é uma conexão de indivíduos que se comportam com uniformidade, sem compreensão e por imitação voluntária.⁴¹² A massa é fundada sobre a excitabilidade da psique individual e dessa excitabilidade surgirá diferentes formas de contágio psíquico, anulando a consciência do si mesmo e direcionando posturas reativas pautadas na excitabilidade comum.

Assim, a massa dissocia o eu singular e o eu comunitário, pois a pessoa prescinde da autoconsciência, buscando prescrições que determinam o fazer através de ideias dominantes. O fenômeno de massa é o fenômeno da subserviência: tenta-se dominar o outro. As ações são regidas por arbitrariedades e amansamentos baseando-se em rivalidades e competitividades. Instituições sociais regidas por esse fenômeno objetificam o ser e o conviver através de vínculos utilitários, ferindo a pessoa em sua dignidade de *alguém* autoconsciente e livre.

A plenitude do outro não está em pauta na massificação, pois a característica do contágio psíquico é arrefecer o espírito humano atingindo o discernimento e a capacidade autorreflexiva e ao discernimento de modo que os seres se deixam conduzir por reações instintivas.⁴¹³ Por isso, Edith Stein acentua o valor da formação humana que desperte o núcleo de interioridade em liberdade, visto que a liberdade ontológica se refere ao poder e ao dever: “O que quer dizer liberdade? Quer dizer o seguinte: eu posso”.^{414,415}

Em sua liberdade, a pessoa é um ser que decide conscientemente diante das situações que a vida impõe. Por isso, a pessoa humana não está destinada a ser mera reprodutora de palavras e atos ou reagente instintiva. Porém, esses poder e dever implicam responsabilidade,

⁴¹¹ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 42.

⁴¹² STEIN, Edith. *Individuo y masa*, 2002.

⁴¹³ *Id. Excurso sobre el contagio psíquico*, 2002.

⁴¹⁴ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 649.

⁴¹⁵ Conforme: “*Qué quiere decir libertad? Quiere decir lo siguiente: yo puedo*”.

isto é, capacidade de dar respostas. A responsabilidade consciente se constitui através do reconhecer as pessoas enquanto particulares nas formas e semelhantes em dignidade. Assim, a responsabilidade pessoal também implica em responsabilidade comunitária. Projetos pessoais também implicam em projetos sociais. Essa articulação é fundamental em uma educação integradora: a relação “eu”, “outro” e o “nós”.

A construção do “nós” não elimina o “eu”. Tampouco se trata de uma justaposição de “eus”. Dissolução da percepção do “eu singular e relacional”, do “outro singular e relacional” e do “nós comunitário” é fragmentar o humano. Construções comunitárias estão além de agremiações subjetivas. Construções comunitárias exigem a educação do espírito empático que confere a originalidade pessoal e a dialógica intersubjetiva em promoção da vida e dignidade do outro. Não basta estar conectado psiquicamente com outras subjetividades,⁴¹⁶ pois sem atividade da consciência do espírito o que ocorre é imitação involuntária ou instintiva de movimentos alheios, como o rebanho que segue o condutor.⁴¹⁷

Viver em comunidade, para Stein, é o viver a expressão original e genuína do espírito: “as diferentes comunidades humanas [...] se embasam em uma comunidade universal que engloba todas as demais: a humanidade”.^{418,419} Como caminho formativo aos jovens, Edith alerta para a necessidade de valorização da cultura de outros povos incorporados à sociedade, pela cooperação cultural e evolução social: “é lembrar que cada indivíduo só se desenvolve e se torna aquilo que deve ser graças às influências formativas recebidas de seu meio”,⁴²⁰ porém, não se reduz a essas únicas experiências. Por isso, como vida humana é uma vida cultural.

A cultura alimenta a atividade espiritual, pois proporciona uma adoção recíproca entre os seres, um entendimento e, com ele, favorece uma cooperação planejada e, finalmente, um comportamento comum no sentido genuíno da palavra: “toda a cultura é uma encarnação de valores em obras”⁴²¹ e que cada pessoa humana está imersa em um contexto cultural. Para que haja uma comunidade de comportamento, é necessário experimentar como uma experiência comum do “como é”, e isso por si só se configura como função do espírito.⁴²²

Até mesmo para assumir valores culturais, há exigência de discernimento para se fechar ou aderir tais valores. O círculo dos valores se amplia ainda mais, visto que não só são

⁴¹⁶ STEIN, Edith. *Excurso sobre el contagio psíquico*, 2002.

⁴¹⁷ *Loc. cit.*

⁴¹⁸ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 716.

⁴¹⁹ Conforme: “*Las distintas comunidades humanas, [...] se basan en una comunidad universal que engloba a todas las demás: la humanidad*”.

⁴²⁰ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 43.

⁴²¹ *Ibid.* p. 68.

⁴²² STEIN, Edith. *Excurso sobre el contagio psíquico*, 2002.

provenientes da relação com o outro e da pessoalidade, mas, também, da beleza da natureza, das obras de arte, da harmonia das cores e sons. Os valores configuram sentido espiritual que penetram o ser, alegram-no, enlevam-no e o entusiasma.⁴²³

Assim, no ponto de vista steiniano, a formação humana é sempre uma responsabilidade partilhada em múltiplas comunidades formativas. A liberdade pessoal e responsabilidade comunitária estão em interação e diálogo constante. Pelo processo educativo integral e transcendente inspirado por Edith Stein, ser pessoa é buscar não somente o sentido próprio da vida do autor realizada, mas o sentido da própria vida engajada ao bem comum.

Nesse sentido, a provocação feita por Hannah Arendt na introdução deste texto nos auxilia a ver como são recebidas as novas gerações pela cultura que a precede. Se o espírito for de comunidade empática, certamente há maior abertura às próprias renovações culturais que a “boa nova” na juventude poderá revelar.

A seguir, serão aprofundados os fundamentos antropológicos a partir de uma visão de mundo cristã católica desenvolvida por Edith Stein. Fenomenologia e teologia se retroalimentam nessa perspectiva nas bases vivenciais: se a dimensão espiritual da pessoa humana enquanto natureza configura-se em autoconsciência (eu), liberdade (razão + vontade), abertura ao mundo relacional, valorativo, cultural, comunitário e social, há um elemento unitivo entre natureza e o divino em Edith Stein a ser desenvolvido: a graça.

Éric de Rus identifica na gênese do gesto educativo em Edith Stein a aproximação entre natureza humana e graça divina que incide por meio dessa natureza.⁴²⁴ Assim, os fundamentos fenomenológicos teológicos-pedagógicos como percurso formativo de jovens, sobretudo aqueles desenvolvidos após a conversão de Stein ao cristianismo católico, seguirão nos próximos tópicos.

3.4 EM ITINERÂNCIA AO SENTIDO DO SAGRADO: POR UMA CONSCIÊNCIA EPIFÂNICA DA HABITAÇÃO DIVINA NA PESSOA HUMANA

Há escritos de Edith Stein que nos dão importantes pistas nesse caminho interrelacional entre natureza e graça. Se os pensadores (sobretudo quando canonizados) são norteadores referenciais, a antropologia steiniana pode ser vista como uma condutora entre trajetos entre

⁴²³ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁴²⁴ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015.

teoria e práxis formativa através de seu olhar fenomenológico-epifânico: a natureza transfigurada pela graça. Se a consciência é uma luz interior que acompanha os atos em fluxo, a formação humana não deve se furtar dos atos específicos do humano em sua busca religiosa.⁴²⁵

No último parágrafo do último capítulo do livro *A Estrutura da Pessoa Humana*, Edith aborda na última frase a seguinte afirmação: “[...] a pedagogia não será completa caso não indague no campo da verdade revelada o significado de viver a fé e através dessa vida de fé, alcançar o objetivo da vida”.^{426,427}

Para Edith Stein, há caminhos e este se dá por meio pedagógico. Porém, não por qualquer pedagogia. Na compreensão steiniana, cada gesto pedagógico deve conduzir o ser para que alcance “o que esse é e o que deve ser”^{428,429} e, para isso, é possível pela fé reconhecer na graça divina a “maior força formadora”.^{430,431}

No entanto, pode-se perguntar: o que é a graça? A graça é um dom que pede para ser aceito, isto é, de Deus não há coação à liberdade humana. E o que vem a ser um dom? No cristianismo católico, dom remete à plenitude de vida em Deus. Tomás de Aquino versa sobre o dom da sabedoria, por exemplo, como um desvelar de certo sabor de Deus.⁴³² Nessa perspectiva, os princípios da formação serão desenvolvidos como humana e cristã nos fundamentos da teologia católica.

Pensar a formação religiosa dos jovens é pensar no direito que possuem de viver a sua espiritualidade e religiosidade, garantido pelo próprio Estatuto da Juventude, na seção IV, ao reportar o direito à diversidade e à igualdade em viver seus valores e crenças.⁴³³

3.4.1 Consciência do sagrado e experiência religiosa: o ser humano em busca do divino

Cada ser em si configura-se como presença de um “eu” não abstrato, mas um “eu” vivo, relacional, um ser vivente, porém necessita ser impulsionado em suas potências essenciais.⁴³⁴

⁴²⁵ ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*, 2017.

⁴²⁶ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 749.

⁴²⁷ Conforme: “[...] la pedagogía no será completa en tanto no haya indagado en todo el campo de la verdad revelada qué quiere decir vivir de fe y a través de esa vida de fe alcanzar el objetivo de la vida”.

⁴²⁸ *Loc. cit.*

⁴²⁹ Conforme: “a ser lo que él debe ser”.

⁴³⁰ *Loc. cit.*

⁴³¹ Conforme: “la mayor fuerza formadora”.

⁴³² AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, 2002.

⁴³³ BRASIL. *Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013*, 2013.

⁴³⁴ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

Ao se reconhecer como não potente ou pouco potente, o ser humano pode ser (re)conduzido a encontrar o sacro-potente em si. No núcleo humano, *a alma da alma*, segundo Stein, nasce na consciência da potência ativa do divino;⁴³⁵ uma consciência sobre a limitação humana e em superação das potências humanas.

O corpo (*Leib*) manifesta o que a consciência assume no fluxo de consciência ligado ao espírito humano que faz o ser ciente das vivências. A consciência da vivência revela também a limitação do humano diante daquilo que não lhe é possível. A abertura transcendente se dá quando a pessoa se encontra consciente de que há algo que não está sob seus domínios.⁴³⁶ O humano possui sua natureza limitada, mas como transcendência ilimitada:

Meu ser, tal como eu o encontro e tal como eu me encontro nele, és um ser vão; eu não existo por mim mesmo e por mim mesmo nada sou [...]. O eu chegar à ideia de ser eterno não somente partindo do devir e do cessar de seus conteúdos de experiência, mas também, partindo da peculiaridade de seu ser que se prolonga de um instante ao outro.^{437,438}

Edith Stein dialoga com Santo Anselmo, o qual afirma o ilimitado como um pensamento maior, não produto da mente humana somente, mas à luz de um pensamento originário de Algo presente e transcendente; transcendente na existência como uma marca e como um rastro.⁴³⁹ A consciência indica que, ao existir algo para além dos domínios humanos, pode-se trazer a vivência religiosa enquanto relação com o Transcendente: “A experiência religiosa é uma experiência de si e da experiência de que existe algo superior a si, portanto se a superação existe, ela é algo que está presente”.⁴⁴⁰ Por experiência (*Erfahrung*), Edith Stein aborda a representação interna do mundo objetivo externo, na medida em que designa algo presente na consciência. Percebe-se a experiência religiosa integrada na cultura humana em vivências pessoais, familiares e sociais, compondo um mosaico da diversidade das experiências juvenis.

⁴³⁵ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 20.

⁴³⁶ *Id.* *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁴³⁷ *Id.* *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 72.

⁴³⁸ Conforme: “*Mi ser, tal como yo lo encuentro y tal como yo me encuentro en él, es un ser vano; yo no existo por mí mismo y por mí mismo nada soy [...]. El yo puede llegar a la idea del ser eterno no solamente partiendo del devenir y del cesar de sus contenidos de experiencia, sino también partiendo de la particularidad de su ser que se prolonga de un instante a otro*”.

⁴³⁹ ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*, 2017.

⁴⁴⁰ *Ibid.* p. 97.

Em uma análise fenomenológica, a religião, em seu princípio *re-ligere*, pode ser concebida “desde dentro” da vivência do humano. A dimensão religiosa na perspectiva fenomenológica não está em racionalizar ou subjetivar o fenômeno.⁴⁴¹ A busca do ser humano ao Transcendente é inclusive intelectual, mas não se esgota na compreensão do intelecto. Assim, “a dimensão religiosa consiste em buscar a Deus e buscar saber o que/quem é Deus”,⁴⁴² por isso, o transcender inclui a possibilidade de relação vivencial entre o humano-Divino. Nos jovens, a pergunta acerca do Ser Divino não é suprimida. Mesmo posicionamentos ateístas e agnósticos posicionam-se diante de uma presença do divino desde dentro da condição humana e cultural.

A religiosidade presente na humanidade encontra-se no âmbito antropológico cultural, histórico e social. Os acertos e os conflitos religiosos explicitam espaços-tempos que impactam a humanidade. Narrativas, metáforas, ditos, costumes, festividades e símbolos religiosos marcam acontecimentos e imaginários na biografia pessoal e no tecido coletivo. Muitas famílias carregam ensinamentos transgeracionais advindos de experiências religiosas e perpetuam nos filhos tal relato. Crer ou não em Deus (ou mesmo em algo/alguém que se coloque em relação Transcendente) indica a potencialidade espiritual nas dinâmicas que impulsionam o ser humano ao conhecimento e no posicionamento do seu “eu” diante da questão da divindade e da religiosidade.

Nos fundamentos das religiões, encontra-se o mesmo princípio de abertura espiritual à transcendência. Falar em religião na contemporaneidade e das experiências que ela traz não é fácil, sobretudo nos contextos juvenis. Na contemporaneidade de expressões religiosas plurais, a identidade católica contribui com a compreensão do *re-ligere*, afirmado por Agostinho de Hipona, em que aponta para a relação com o Transcendente enquanto religião com Deus. Pensar a religiosidade como religião com Deus, se por um lado é desafiador, talvez possa ser uma profícua oportunidade se a contribuição da identidade católica à teologia, enquanto ciência do sentido em Deus (*Theo + logos*), estiver presente na inteireza da vida da religião com o si mesmo, com os outros e com o ambiente natural, sobretudo, por meio dos teólogos e teólogas e suas pesquisas.

Na esfera do conhecimento das religiões, observa-se, na tradição judaico-cristã, essa religião dirigida à aliança entre Deus e a humanidade, rompida no livre-arbítrio dos primeiros

⁴⁴¹ Na Idade Média, travava-se lutas para estabelecer a via mais valiosa, se objetiva ou subjetiva. Stein as identifica como lutas inúteis, visto que o ser humano é limitado e todos os esforços servem como tentativas de aproximação. Tal análise encontra-se em: ALES BELLO, Angela. *Op. cit.*

⁴⁴² ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*, 2017. p. 99.

pais.⁴⁴³ A “queda” original gerou o afastamento, ferindo a dignidade humana, mas não a destruindo. As sagradas escrituras, pelos textos sagrados, comunicam como um todo essa religação. O esforço divino comprometido com a humanidade e a humanidade em suas múltiplas adesões, indiferenças, omissões e revoltas diante desse pactuar com Deus.⁴⁴⁴

O conteúdo bíblico do Antigo Testamento é marcado pela primazia divina manifestada em resgate da aliança entre Deus e a humanidade e da crença na profecia messiânica do ungido de Deus, *Yhwh*. A religião cristã reconhece *Yhwh* em *Yeshua*, ou seja, em Jesus de Nazaré, o Cristo, *Khristós*.⁴⁴⁵ No Novo Testamento, os Evangelhos marcam o núcleo cristocêntrico da vida de Jesus entre a humanidade, seguido dos textos da Igreja nascente com o testemunho dos primeiros cristãos. Vários aspectos antropológicos entre cada ser em si e seres em relação aos outros e a Deus poderiam ser descritos a partir desse contexto.

Na experiência religiosa cristã, a presença divina é conatural ao humano, caracterizando o valor indelével da vida singular e da humanidade em sua vinculação entre natureza e graça. Aqueles que fazem a experiência religiosa são os que encontram a religação com Deus (ainda que não tenham consciência desse Deus). A fonte é Deus que habita no humano: “[...] para o ser humano, uma destinação sobrenatural enraíza-se em uma destinação natural”.⁴⁴⁶ Assim, no cristianismo, está intrínseca a presença do divino no humano como primazia. Um Deus que por iniciativa, comunica algo ao humano, que quer se revelar e, nesse sentido, “o ser humano não é uma realidade imperfeita a ser superada, mas uma obra desejada por Deus que, com sua especificidade, é capaz de ressoar de forma cooperativa os valores eternos”.⁴⁴⁷

De tal modo, Edith Stein identifica na formação humana e cristã o ser humano enquanto finito e eterno. Se o ser humano não é a potência, mas possui a sacro-potência em sua interioridade, a experiência religiosa visa conduzir a pessoa a ir ao encontro desse divino que habita o humano. Porém, ressalta-se que ir ao encontro do divino que habita a alma humana não significa isolar-se em si ou engradecer-se de si, senão se abrir ao outro, às realidades naturais e espirituais, finitas e ternas.⁴⁴⁸

Nascidos em um ambiente que os antecede, muitos jovens experimentam a posição religiosa desde dentro das narrativas de suas próprias famílias e regionalidades. Perguntar-se

⁴⁴³ Gn 3.

⁴⁴⁴ STEIN, Edith. *¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe*, 2003.

⁴⁴⁵ *Loc. cit.*

⁴⁴⁶ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 95.

⁴⁴⁷ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. p. 46.

⁴⁴⁸ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996.

sobre Deus é também perguntar-se sobre a cultura a ser assumida pelo seu “eu”. Ligar-se e fazer ainda novas relações, como “a boa nova” epifânica advinda do solo sagrado que cada jovem apresenta, acontece de modos distintos e cada vez mais implícitos e privados. Uma religião privada acaba por não apresentar “profetismo” do anúncio. Nesses sentidos, a adesão católica traz não somente o princípio da adesão, mas também da identidade enquanto missão. Para alguns jovens, a forma religiosa profética e missionária é assumida como uma causa de vida.

3.4.2 Pedagogia e os fundamentos da Revelação Cristã: o Divino ao encontro do humano

Para Edith Stein, a Revelação cristã manifesta a pedagogia divina. Encontra, assim,

[...] a possibilidade de um espírito superior nos instruir acerca de algo que o espírito humano não pode acessar por si mesmo sem que se tenha voltado à realidade da *Revelação*, o desvelamento de fatos por parte de Deus para o ser humano.^{449,450}

A razão natural não conduz o ser ao encontro com Deus como habitante da alma humana, mas existe outro conhecimento que justamente é a Revelação Divina.⁴⁵¹ Edith Stein afirma que conhecer o conteúdo da Revelação Divina é fundamental à formação: “não há tarefa mais urgente que conhecer o que a verdade revelada diz sobre o ser humano”.^{452,453}

Como conteúdo antropológico à luz da Revelação Cristã, Edith acentua a primazia de Deus:

O ser humano foi criado por Deus, e com o primeiro ser toda a humanidade como uma unidade por razão de sua origem e com um potencial para a comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus; o ser humano é livre e responsável por aquilo em que se

⁴⁴⁹ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 742.

⁴⁵⁰ Conforme: “*La posibilidad de que un espíritu superior nos instruya acerca de algo a lo que el espíritu humano no puede acceder por sí mismo se ha convertido en una realidad en el hecho de la Revelación, el desvelamiento de hechos por parte de Dios para el hombre*”.

⁴⁵¹ CATECISMO da Igreja Católica, 1993.

⁴⁵² STEIN, Edith. *Op. cit.* p. 743.

⁴⁵³ Conforme: “*No hay por ello tarea más urgente que conocer lo que la verdad revelada dice sobre el hombre*”.

converte, a pessoa humana pode e deve fazer com que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus.^{454,455}

Para Edith: “Se a pedagogia é uma autêntica ciência, deve poder averiguar com seus próprios métodos o que é a educação e como se deve educar”.^{456,457} Nesse sentido, a pedagogia cristã deve reconhecer o fundamento trazido pela fé: “E se procede corretamente, o que averigua deve coincidir com o conteúdo da fé, sem que o haja tomado desta última. De fato, nem todo o revelado é inacessível ao conhecimento natural”.^{458,459}

Com isso, a formação humana cristã poderia ser considerada como esse desvelamento sagrado potente que habita no núcleo da alma humana. E aprender com essa Revelação divina aponta para a ampliação do desvelamento: “a humanidade é a porta pelo qual o Verbo Divino adentrou o mundo natural”.^{460,461} A aproximação entre natureza e graça presente na formação que abarca e potencializa a experiência religiosa identifica em Deus o “ser em si”, “um ser em pessoa”, presente e eternamente vivente, sem início e fim”.^{462,463}

A primazia de Deus ao encontro do humano, incidindo a graça na natureza, é revelada no cristianismo plenamente na pessoa de Jesus Cristo. Jesus Cristo integra o humano e o divino, encarnando a graça manifestada na Revelação. O mistério humano e divino em Jesus Cristo não é algo escondido ou inacessível. A Revelação cristã não deixa de ser uma verdade por não ser conhecida ou compreendida. Diante disso, para Edith, “é preciso uma luz sobrenatural para chegar ao conhecimento do mistério”.^{464,465}

⁴⁵⁴ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 743.

⁴⁵⁵ Conforme: “*El hombre ha sido creado por Dios, y con el primer hombre toda la humanidad como una unidad por razón de su origen y como una potencial comunidad; cada alma humana individual ha sido creada por Dios; el hombre ha sido creado a imagen y semejanza de Dios; el hombre es libre y responsable de aquello en lo que él se convierta; el hombre puede y debe hacer que su voluntad esté en consonancia con la voluntad de Dios*”.

⁴⁵⁶ *Ibid.* p. 743-744.

⁴⁵⁷ Conforme: “*Si la pedagogía es una auténtica ciencia, debe poder averiguar con sus propios métodos qué es la educación y cómo se debe educar*”.

⁴⁵⁸ *Ibid.* p. 743-744.

⁴⁵⁹ Conforme: “*Si la pedagogía es una auténtica ciencia, debe poder averiguar con sus propios métodos qué es la educación y cómo se debe educar. Y si procede correctamente, lo que averigüe debe coincidir con el contenido de la fe, sin que lo haya tomado de esta última. De hecho, no todo lo revelado es inaccesible al conocimiento natural*”.

⁴⁶⁰ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 8.

⁴⁶¹ Conforme: “[...] *la humanidad es la puerta por la cual el Verbo de Dios entró en la creación*”.

⁴⁶² *Loc. cit.*

⁴⁶³ Conforme: “*ser en sí*”; “*el ser en persona*”; “*presente eternamente viviente, sin comienzo ni fin*”.

⁴⁶⁴ *Id.* *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 744.

⁴⁶⁵ Conforme: “[...] *es precisa una luz sobrenatural para llegar al conocimiento del misterio*”.

Para alcançar o conhecimento supranatural, é preciso a fé. A fé como força motriz despertada pela consciência oportuniza que a revelação cristã se torne esteio, premissa e teleologia, alicerçando o espírito humano. Sobre a consciência da fé, Edith reforça:

Ela é espiritual e, portanto, em movimento – sobe as alturas incompreensíveis e desce a profundezas cada vez maiores. Portanto, deve o conhecimento procurar penetrá-la pela diversidade de expressões, na medida em que lhe for possível.⁴⁶⁶

Aderir à fé implica reconhecer Aquele que ultrapassa todo o criado, tudo que pode ser apreendido e compreendido pela razão natural. A pessoa reconhece Deus como um pedagogo presente nas vivências. No espírito, encontra-se a potência para o encontro com o Absoluto: “A fé dirige a inteligência para o Criador de todas as coisas, aquele que é infinitamente maior, mais alto e mais digno de ser amado do que todas elas”.⁴⁶⁷ A pedagogia da fé cristã pautada na Revelação conduz a pessoa à verdade divina e humana, em união consigo, com o outro e com Deus:

A constância, a consistência e a vivacidade da fé assumem por verdadeira a pedagogia da revelação. A fé é substância da revelação divina, a aceitação de seu conteúdo e um dom, uma oferta da própria pessoa a Deus, visto que a inteligência não é capaz de, por conta própria, alcançar a Deus; a memória não cria pela imaginação a totalidade de Deus; e a vontade limita-se nos encantos experimentados no que Deus é em Si mesmo. Edith Stein propõe que nem os sentidos, nem a razão, sozinhos, são capazes de alcançar a verdade.⁴⁶⁸

Na Revelação Cristã, entende-se que não se pode crer em Deus sem a graça divina. Assim, diante do conhecimento pedagógico, salienta que não se trata de converter a pedagogia em teologia, mas em entrar em relação teológico-pedagógica:

Quando a pedagogia renuncia a beber das fontes da Revelação, se arrisca a deixar de lado o mais essencial que podemos saber em relação ao ser humano, sua finalidade e o caminho que a ela conduz e, portanto, se priva a si mesmo por princípio da possibilidade de determinar seu objeto (a educação da pessoa) de modo suficiente. [...]

⁴⁶⁶ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*, 1988. p. 96.

⁴⁶⁷ *Loc. cit.*

⁴⁶⁸ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. p. 105.

Deve-se atribuir um lugar aos elementos que excedem o conhecimento natural no todo da pedagogia. Não por isto se converte esta última em teologia, mas, sim, entra numa relação essencial e insuprimível.^{469,470}

Nesse sentido, a formação cristã possui por essência a pedagogia integral do Mistério de Jesus Cristo, humano e divino. A fé cristã não pressupõe uma espiritualidade desencarnada, mas vivenciada inteiramente “na carne” humana e na “carne” de cada jovem que carrega em si a vontade de sentido ao encontrar na fé colocada em algo/alguém um porquê viver.

3.4.3 O encontro potencial: o desvelamento do ser humano enquanto *Imago Dei*

Crer em Deus é da ordem da fé que, enquanto antropologia teológica, está na ambiência da metafísica cristã. Nos escritos do Antigo Testamento, Deus era em primeiro lugar, Deus de Abraão, Isaac e Jacó, o Deus dos pais dos quais as gerações mais novas deveriam honrar. Não é nessa esfera de compreensão da fé que Edith Stein aponta no sentido mais amplo da crença. No texto *Caminhos de conhecimento de Deus (Wege der Gotteserkenntnis: Studie zu Dionysius Areopagita und Übersetzung seiner Werke)*, Stein apresenta o sentido estrito da *fides*, da aceitação e fidelidade a uma revelação supranatural, isto é, a automanifestação de Deus mediante a comunicação dos mistérios divinos que a razão natural não alcança.⁴⁷¹

A fé em Deus que habita na humanidade, mas não se limita a ela. Nem todos alcançam uma vivência mística, isto é, a consciência de saborear dos mistérios divinos, nem mesmo os que aderem ao catolicismo. O livre-arbítrio indica que os seres humanos são livres para acreditar, aceitar perseverar nessa potência do divino em si. Há um discurso de Deus, uma Palavra revelada, assim a fé merece o nome de conhecimento enquanto convicção de uma verdade.⁴⁷²

⁴⁶⁹ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 744-745.

⁴⁷⁰ Conforme: “*Cuando la pedagogía renuncia a beber de las fuentes de la Revelación, se arriesga a dejar a un lado lo más esencial podemos que saber sobre el hombre, su objetivo y el camino que a él lleva y por lo tanto se priva a sí misma por principio de la posibilidad de determinar su objeto (la educación del hombre) de modo suficiente. [...] A los elementos que excluyen una fundamentación natural se les debe asignar el lugar que les corresponda en el todo de la pedagogía. No por ello se convierte esta última en teología, pero sí entra en una relación con ella esencial e insuprimible*”.

⁴⁷¹ STEIN, Edith. *Caminos del conocimiento de Dios*, 2004. Neste texto, Edith Stein discute os textos da teologia simbólica de Pseudo-Dionísio, o Areopagita.

⁴⁷² STEIN, Edith. *Caminos del conocimiento de Dios*, 2004.

Assim, nos princípios educativos, é difícil falar em culpa pessoal por não compreensão de uma formação religiosa, visto que histórias pessoais, comunitárias e sociais são carregadas de “sentido religioso” e, por vezes, a expressão “Deus” vem carregada de cegueiras, estereótipos, oportunismos, utilitarismos e egoísmos humanos que em nada tem a ver com os fundamentos da experiência da verdade revelada em Deus Uno e Trino⁴⁷³ habitante da alma humana.

Para melhor compreensão do ser em si e ser em relação ao outro, inclusive *com Deus, em Deus e por Deus*, implica às comunidades formativas religiosas cristãs voltar-se às fontes da Revelação. Esta é a base da Verdade de Deus que revela a si mesmo e oferece à humanidade uma relação com Ele. Nesse sentido, as jovens gerações possuem o direito de conhecer a fé no Deus cristão e através do livre-arbítrio, aderir ou não à vivência nessa fé. Para tal, a Igreja assume sua vocação de anúncio da Revelação e espaço vivencial de encontro do Divino com o humano, enquanto pessoalidade e comunidade. Assim como marca sua presença na sociedade de modo mais regional ao mais planetário, através de seus diferentes modos de missão, inclusive na área educacional e pastoral com jovens.

Perante o fundamento cristão e mais especificamente na formação católica, a antropologia assume o imperativo do desvelamento do ser humano enquanto *Imago Dei* (imagem de Deus). Para Edith Stein, Deus é o teólogo originário.⁴⁷⁴ À vista do processo de condução entre a razão natural e supranatural, Edith Stein reconhece como decisivo que a educação, tanto na teoria quanto prática pedagógica, possua clareza na visão teleológica de formação: que tipo de pessoa deseja-se formar? Para que tipo de sociedade a constituir?

A pessoa como *Imago Dei* é constituída de inalterada dignidade e irrepitibilidade, direcionada à comunhão consigo, com os outros e com o próprio Deus Trindade, hóspede do núcleo pessoal. Como pessoa é expressão dessa imagem através da integralidade corpo-psique-espírito. É única, mas não é só, é relação. É vértice do mundo natural, mas para o ser em desenvolvimento em harmonia e não para o utilitarismo exploratório que coloca em risco toda a vida. Cada ser é um microcosmo inter-relacionado ao macrocosmo.⁴⁷⁵

Além disso, a percepção do humano ocorre através do autoconhecimento integral e da autoconsciência do fenômeno que une finitude humana com a eternidade divina na interioridade pessoal e na universalidade da humanidade. Ser humano é ser capaz de encontro com a

⁴⁷³ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021..

⁴⁷⁴ STEIN, Edith. *Caminos del conocimiento de Dios*, 2004.

⁴⁷⁵ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003.

alteridade de Deus presente na interioridade. Tal encontro irradia ao ambiente externo, gerando atos ressonantes ao que se adere.

Para isso, o encontro do humano no divino exige mais do que um autoconhecimento extrínseco, mas uma autoconsciência epifânica da manifestação da graça, visto a mística não estar necessariamente fixada na atuação externa, mas na consciência do fenômeno da graça intrínseca à interioridade conjugada com a resposta ativa no instante da vida. Em outras palavras, a autoconsciência reconhece a graça não alheia à vivência humana. Edith recorda Agostinho de Hipona:

Entre todos os pensadores cristãos, nenhum respondeu a essa questão com tanta paixão e energia como Santo Agostinho com sua: *“Noli foras ire, in te[ipsum] redi; in interiore homine habitat veritas”* [...]. No interior do homem habita a “verdade”: essa verdade não ocorre alheia a própria existência em sua finitude. [...] Esta é a verdade que se encontra quando se chega até o fundo do próprio interior. Quando a alma conhece a si mesma, reconhece a Deus dentro dela. E conhecer o que se é e o que ocorre em si só é possível através da luz divina. “Tu me conheces e eu queria conhecer-me como sou conhecido”.^{476,477}

Em Edith, a imagem do Deus Trindade encontra-se presente e conhece a pessoa humana, e esta fundamenta as bases da antropologia teológica. O ser humano, para Stein, é bom em sua origem, porque sua origem provém de Deus, que é totalmente bom, belo e verdadeiro. Para a fenomenóloga, “o ser humano é bom por ter sido criado por Deus a sua imagem e semelhança, em um sentido que o distingue de todas as demais criaturas terrenas. Em seu espírito está gravada a imagem da Trindade”.^{478,479}

Nesse sentido, Edith Stein acentua o amor gerado na Trindade:

O espírito humano ama a si mesmo. Para poder amar-se, precisa conhecer-se. O conhecimento e o amor estão no espírito: são, portanto, uma coisa só com ele, são sua vida. No entanto, eles são distinguíveis dele e entre si. O conhecimento nasce do

⁴⁷⁶ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 571-572.

⁴⁷⁷ Conforme: *“Entre todos los pensadores cristianos, ninguno ha respondido a esa llamada con tanta pasión y energía como S. Agustín con su: ‘Noli foras ire, in te [ipsum] redi; in interiore homine habitat veritas’ [...]. En el interior del hombre habita la ‘verdad’: esta verdad no es hecho desnudo de la propia existencia en su finitud. [...] Esta es la verdad que se encuentra cuando se llega hasta el fondo en el propio interior. Cuando el alma se conoce a sí misma, reconoce a Dios dentro de ella. Y conocer qué es y lo que hay en ella sólo le es posible por la luz divina. ‘Tú me conoces, y yo querría conocerme como soy conocido’”*.

⁴⁷⁸ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 569.

⁴⁷⁹ Conforme: *“El hombre es bueno por haber sido creado por Dios a su imagen y semejanza, en un sentido que le distingue de todas las demás criaturas terrenas. En su espíritu lleva grabada la imagen de la Trinidad”*.

espírito, e do espírito que conhece procede o amor. Desta maneira, se pode considerar o espírito, o conhecimento e o amor como imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo.^{480,481}

Fato é que apesar da origem no amor de Deus, o ser humano nem sempre faz o bem. Edith volta-se às origens descritas em Gênesis. Na liberdade e racionalidade, por seu livre-arbítrio, quis o ser humano afastar-se de Deus. A consequência foi a ferida original no ser humano que vem inclinando-se à revolta dos instintos em contrariedade com o espírito, a lúgubre inteligência e a fraqueza da vontade.⁴⁸² O ser humano, assim, necessita da graça para a realização de sua plenitude em conformidade com o anseio de Deus para a humanidade. Como fonte formadora, a graça (re)conduz o ser humano à vida divina. Stein afirma:

O ser humano é só por Deus e é o que é por Deus. Porque é espírito e enquanto espírito está dotado com a luz da razão, ou seja, com a imagem do *logos* divino. Ao ser vontade, o espírito se sente atraído pela bondade (por bondade pura e por suas imagens terrenas), ama e pode unir-se a vontade divina, para só assim encontrar a verdadeira liberdade. Conformar a própria vontade divina: este é o caminho que conduz à perfeição do homem à glória.^{483,484}

O Deus cristão é Uno e Trino: Pai, Filho e Espírito Santo. Unidade e comunidade de amor. Deus é um, mas não é solidão, é relação que comunica o amor. Com esse entendimento que se ancora também em Tomás de Aquino, “o mistério trinitário torna-se o arquétipo perfeito para a compreensão da pessoa humana”.⁴⁸⁵ Se reconhecer em Deus Uno e Trino, as figuras do Pai proximal enquanto aquele que ama seus filhos com cuidado, o Filho como quem é amado e

⁴⁸⁰ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 569.

⁴⁸¹ Conforme: “*El espíritu del hombre se ama a sí mismo. Para poder amarse, tiene que conocerse. El conocimiento y el amor están el espíritu: son por tanto una sola cosa con él, son su vida. Y, sin embargo, son distinguibles de él e entre sí. El conocimiento nace del espíritu, y del espíritu que conoce procede el amor. De esta manera, se puede considerar al espíritu, al conocimiento y al amor como imagen del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo*”.

⁴⁸² RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 94.

⁴⁸³ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 569.

⁴⁸⁴ Conforme: “*El hombre es sólo por Dios, y es lo que es por Dios. Porque es espíritu, y porque en tanto que espíritu está dotado de la luz de la razón, es decir, de la imagen del logos divino. Al ser voluntad, el espíritu se siente atraído por la bondad (por la bondad pura e por sus imágenes terrenas), y ama y puede unirse a la voluntad divina, para sólo así encontrar la verdadera libertad. Conformar la propia voluntad a la divina: tal es el camino que conduce a la perfección del hombre en la gloria*”.

⁴⁸⁵ SAVIAN FILHO, Juvenal. *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa*, 2016. p. 24.

com liberdade responde dedicado ao chamado do Pai, estes se assemelham mais à natureza concreta e relacionais da família humana.

Porém, o Espírito Santo, que segue como desconhecido, o *Ruah* como hálito da vida soprado por Deus;⁴⁸⁶ portanto, divino no humano, em Stein, é o motor do amor mais íntimo com ação da feminilidade maternal. No escrito espiritual para a Solenidade de Pentecostes, *Novena de Pentecostes (Aus einer Pfingstnovene)*, Edith Stein no primeiro verso refere-se à terceira pessoa da Trindade como “Amor Eterno”, a “Doce Luz” na interioridade:

Quem és tu, Doce Luz, que me inunda e ilumina a noite do meu coração? Tu me guias com a tua mão maternal. Se me deixas, não poderei avançar mais, nem sequer um único passo. És o espaço que envolve todo o meu ser e no qual tu te ocultas. Se me abandonas, caio no abismo do nada, de onde me chamaste à vida. Estás mais próximo de mim do que eu próprio, mais íntimo que o meu próprio íntimo. E, sem dúvida, permaneces inalcançável e incompreensível, e que faz brotar todo nome: Espírito Santo — Amor eterno!^{487,488}

Como reflexo da Trindade, pela característica de unidade e comunhão, a pessoa possui abertura comunicativa *ad intra* e *ad extra*. Interioridade e exterioridade se articulam, denotando a pessoa como ser singular e de unidade indissociável com caráter relacional. A comunhão pericorética⁴⁸⁹ (*perichoresis*), isto é, a interpenetração das pessoas divinas não constitui uma tríade, assim como a pessoa humana não possui três dimensões isoladas ou justapostas, mas uma unidade e totalidade singular e relacional.

Na obra *De Trinitate*, de Agostinho de Hipona, Edith Stein acentua o que chama de “palavras lapidadas”:^{490,491} “Deus criou o ser humano a sua imagem”.⁴⁹² Considerando que

⁴⁸⁶ Gn 1.

⁴⁸⁷ Na sequência dos versos, o Espírito Santo é apontado como “Vida Eterna”, é a Vida da vida, doada dia após dia. Outras imagens, como o “Raio penetrante” que adentra o desconhecido da alma e traz a força renovadora; a “Força triunfante” que faz “novos céus e novas terras”; a “Mão Criadora” que transforma o mundo; o “Criador do universo” que é resplandecente, iluminador da beleza dos seres e quem de modo esponsal se une à Maria; como “Júbilo Eterno” é a harmonia plena que une os membros à Cabeça, em fluidez, irradiação e desprendimento (STEIN, Edith. *Novena de Pentecostés*, 2002. p. 769-775).

⁴⁸⁸ Conforme: “¿Quién eres tú, Dulce Luz, que me llena e ilumina la oscuridad de mi corazón? Me conduces igual una mano materna y si me soltaras, no sabría ni dar un paso. Tú eres el espacio que envuelve todo mi ser y lo encierra en sí, abandonado de t caería em el abismo de la nada, de donde tú lo elevas al Ser. Tú, más cercano a mí que yo misma y más íntimo que mi intimidad, y, sin embargo, inalcanzable e incompreensible, y que hace explotar todo nombre: ¡Espíritu Santo — Amor Eterno!”.

⁴⁸⁹ O termo difundido a partir da teologia patrística se refere à mútua interpenetração e coabitação das três pessoas divinas que compõem a Trindade.

⁴⁹⁰ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 429.

⁴⁹¹ Conforme: “palabras lapidarias”.

⁴⁹² Gn 1, 27.

intencionalidade divina ao humano foi proferida pelo Filho, Jesus Cristo: “Sede perfeitos, como vosso Pai Celeste é perfeito”.⁴⁹³ Porém, a filósofa traz interrogativas diante dessas afirmações: “Em que consiste a imagem de Deus? Em que consiste a perfeição?”.^{494,495}

Para Edith Stein, existe um conhecimento natural de Deus e esse caminho consiste em contemplações de perfectibilidades possíveis de se reconhecer no âmbito humano. Esse percurso por vezes é marcado pelo que vai chamar de *via negativa*, em que há um distanciamento daquilo que é considerado impuro e carente.⁴⁹⁶ Edith afirma que o caminho de perfectibilidade fundamentado na Revelação do Ser de Deus necessita da graça para que efetivamente seja uma *via positiva*. Assim, acredita que a imagem da natureza humana originária e seu desenvolvimento perfectível exige a premissa de formar um ser humano íntegro,⁴⁹⁷ enquanto *Imago Dei* à imagem da Trindade. Essa permanência em si, transcendendo a si, tal qual a comunhão pericorética, torna possível à pessoa humana a realização do amor; e o amor não se realiza senão em Deus.⁴⁹⁸

Um olhar mais específico para o que Edith Stein abordou junto aos formadores e educadores de jovens, acerca da finalidade da formação católica em seu processo de vivência como *Imagem de Deus*, revelada pela pessoa de Jesus Cristo na prática do amor. O arquétipo integrado à imagem de perfeição e plenitude encontra-se no “Filho de Deus e na Palavra da Revelação que nos dá notícia de Deus”.^{499,500} Stein pensou muito na formação dos jovens desde dentro dessas compreensões, mas se preocupou em formar os que atuam com jovens para que, imbuídos da identidade de sua fé, acompanhassem as jovens gerações.

3.4.4 Um Deus que habita a interioridade da alma humana: a vivência mística

O caminho complexo da antropologia enquanto diretriz formativa, para Stein, deve partir do núcleo “*alma da alma*”, como princípio identitário, mas também como o lugar da habitação divina. Edith Stein traz a força da mística de Teresa D’Ávila, que seguia os passos de

⁴⁹³ Mt 5, 48.

⁴⁹⁴ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 429.

⁴⁹⁵ Conforme: “¿Pero em qué consiste la imagen de Dios? ¿Em qué consiste la perfección?”.

⁴⁹⁶ *Loc. cit.*

⁴⁹⁷ *Loc. cit.*

⁴⁹⁸ SAVIAN FILHO, Juvenal. *A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária*, 2016.

⁴⁹⁹ STEIN, Edith. *Sobre el Concepto de Formación*, 2003. p. 193.

⁵⁰⁰ Conforme: “Hijo de Dios y en la Palabra de la Revelación que nos da noticia de Dios”.

Agostinho de Hipona nessa afirmação presente na obra *Castelo Interior*, indicando a presença de Deus enquanto Verdade na “casa” do humano e o humano na “casa” de Deus.⁵⁰¹

A alma, como “castelo interior”, tal como descreve nossa Santa Madre Teresa, não é puntiforme como o eu puro, mas um “espaço” – um castelo com muitas moradas – onde o eu pode mover-se livremente saindo e retirando-se mais ao interior. Não é um espaço vazio, pois ali pode penetrar a plenitude que deve ser acolhida para o desenvolvimento da própria vida.^{502,503}

O percurso à essência da interioridade humana é gradual. Edith Stein sintetiza o escrito teresiano de modo objetivo e pedagógico. Na dissertação *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*,⁵⁰⁴ o subtítulo *O Castelo Interior, uma pedagogia mística* detalha o significado de cada “morada”. Uma brevíssima alusão é aqui posta.

A primeira morada⁵⁰⁵ diz respeito ao autoconhecimento à luz da fé. Mirar em Deus é se reconhecer limitado. O que não possui origem de bondade é visibilizado. O conhecimento de Deus e o conhecimento de si mesmo se sustentam mutuamente.⁵⁰⁶ A segunda morada⁵⁰⁷ expressa a determinação diante das lutas interiores. A decisão do seguimento como pessoa de fé faz reconhecer e perseverar no *vocare* divino.⁵⁰⁸

A terceira morada⁵⁰⁹ é alcançada pelos que se esforçam em pautar a vida em Deus. Buscam identificar na vontade de Deus a sua. As adversidades põem à prova suas decisões, no entanto, estes encontram consolações.⁵¹⁰ A quarta morada⁵¹¹ indica uma relação mais profunda de intimidade com Deus. Um diálogo orante de quietude advém espontaneamente do ser e dilata sua interioridade. A partir dessa morada, pode-se perceber a graça mística.⁵¹²

⁵⁰¹ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021.

⁵⁰² STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 388.

⁵⁰³ Conforme: “*El alma, como castillo interior, tal como la describe nuestra santa madre Teresa, no es puntiforme como el yo puro, sino que un “espacio” – un castillo con muchas moradas – donde el yo puede moverse libremente saliendo o retirándose más al interior. No es un “espacio vacío”, aunque pueda penetrar allí una plenitud, y deba incluso estar allí acogida si ella quiere desarrollar su vida propia*”.

⁵⁰⁴ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

⁵⁰⁵ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: primeiras moradas*, 2001.

⁵⁰⁶ STEIN, Edith. *El Castillo interior*, 2004.

⁵⁰⁷ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: segundas moradas*, 2001.

⁵⁰⁸ JESUS, Teresa de. *Op. cit.*

⁵⁰⁹ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: terceiras moradas*, 2001.

⁵¹⁰ STEIN, Edith. *El Castillo interior*, 2004.

⁵¹¹ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: quartas moradas*, 2001.

⁵¹² STEIN, Edith. *Op. cit.*

Na quinta morada,⁵¹³ destaca-se a união mais intensa da pessoa com Deus, e o autêntico reconhecimento de Deus no centro do ser humano. A oração de união com o divino é presente e transcende em solidariedade aos demais. A sexta morada⁵¹⁴ encontra em Jesus Cristo o sentido e ânimo da pessoa. A multiplicidade de sofrimentos e a aridez na oração tornam-se presentes, evidenciando o esforço humano em se manter seguro na providência divina.⁵¹⁵

O núcleo da interioridade humana é chamado de sétima morada.⁵¹⁶ A relação é de matrimônio espiritual da pessoa com Cristo. Há um encontro duradouro com Deus Trindade que ali habita. Teresa, na metáfora do castelo, afirma Deus como a Majestade. Um Deus Uno e Trino que se comunica com o humano dando-se a conhecer. Há uma íntima relação entre o ser de Deus e o ser da pessoa em uma vivência mística.⁵¹⁷

Segundo Sberga, diante da leitura de Stein,

Teresa D'Ávila usa a metáfora do castelo para descrever a grandeza da alma humana. Define em sua obra *O Castelo Interior* que a alma tem sete aposentos. À medida que a pessoa cresce no aperfeiçoamento pessoal, ela adentra sempre mais na profundidade de si mesmo e se aproxima de seu aposento principal, de seu núcleo. No entanto, também pode acontecer da pessoa ficar nos arredores do castelo, viver a maior parte do tempo de sua vida ancorada no muro de vedação sem nunca, ou quase nunca, chegar à profundidade de si mesmo. Quem chega ao núcleo, descobre a beleza de sua própria existência, mas para isso, precisa fazer o caminho das sete moradas que detalhadamente descreve em seu texto.⁵¹⁸

Na perspectiva de uma teologia mística, a palavra por vezes é empregada na dimensão da *contemplação (contemplum)* do mistério divino.⁵¹⁹ A pedagogia de Teresa D'Ávila salienta o Mistério divino presente na interioridade humana, trazendo a possibilidade de uma vivência mística na “sétima morada”. Nesse sentido, *Castelo Interior* de Teresa contribui com a relação divina e humana, articulando duas esferas: a interiorização enquanto antropologia, como ponto de partida do reconhecimento da presença divina no humano; e união teológica cristológica, enquanto comunhão com Deus, em uma pedagogia que percorra a essência “mirando” a cristificação, isto é, assumir “na carne” os princípios revelados por Jesus Cristo.⁵²⁰

⁵¹³ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: quintas moradas*, 2001.

⁵¹⁴ *Id.* *Castelo Interior: sextas moradas*, 2001.

⁵¹⁵ STEIN, Edith. *Op. cit.*

⁵¹⁶ JESUS, Teresa de. *Castelo Interior: sétimas moradas*, 2001.

⁵¹⁷ STEIN, Edith. *Op. cit.*

⁵¹⁸ SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa e o percurso de conhecimento do núcleo interior*, 2021.p. 27.

⁵¹⁹ GONÇALVEZ; Paulo Sérgio Lopes; FERNANDES, Márcio Luiz. *Apresentação*, 2018.

⁵²⁰ JESUS, T. *Castelo Interior*, 2001.

Nesse itinerário, ressalta-se o estudo redigido por Stein, *A ciência da Cruz*, a partir da obra de João da Cruz. A fenomenóloga aprofunda o significado de interioridade, como um caminho acético na medida em que se reconhece o caminho da sabedoria sob a signa da cruz de Cristo. Para aprender a reconhecer a manifestação de Deus na alma humana, há processos purificadores que o místico cunha como a noite escura.⁵²¹ Esses são momentos sem consolações da fé que desafiam a pessoa em permanecer na busca do encontro com Deus.⁵²²

A cruz de Cristo torna-se a luz em meio à “noite” e ao caminho salvífico, visto que, nas vivências da “noite”, encontra-se “a inteligência na escuridão; a vontade na aridez; a memória no vazio; a alma em aflição, amargura e tribulação”.⁵²³ Como impulsionamento para uma relação mais elevada com Deus, a ciência da cruz retoma os passos da *via crucis*, em que a alma humana é conduzida para experimentar as virtudes de Cristo,⁵²⁴ potencializando o autocontrole do ser e o acolhimento das virtudes teologais. Em Edith Stein, virtudes são atitudes habituais da vontade. A pessoa, em seu itinerário de santificação, é potencializada em sua alma, com as virtudes teologais da fé, esperança e caridade, que, por conseguinte, geram atos correspondentes.⁵²⁵

Para Edith Stein, João da Cruz é o autor que descreve o despojamento humano e o abandono do ser nas mãos de Deus. Abandono por liberdade, visto que o cultivo da interioridade leva ao autodomínio e a agir a partir do núcleo de sua alma e isso necessariamente ocorre em escolhas. Assim, trata-se do se abandonar voluntariamente e reciprocamente em um processo de união mística⁵²⁶ que pouquíssimas pessoas alcançam, visto que a vivência nesse nível místico se encontra além das sensações ou comportamento ético.

A vivência da união mística se refere a um encontro íntimo e privilegiado entre humano e divino e encontra-se apenas na dimensão de uma fé profunda. Não está no nível dos esforços pessoais, mas na primazia de Deus em potencializar a alma mais intensamente, como um exercício da graça que encontra a cooperatividade humana. Um nível de maturidade de fé que anseia pela luz divina pela certeza de que, por conta própria, não conseguirá tornar-se melhor. A pessoa identifica que tudo que é e o que faz provêm de Deus:⁵²⁷ vigor, docilidade, paz, calor, força, disposição e a própria decisão do amor, como provenientes da fonte da unidade com o

⁵²¹ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*, 2014.

⁵²² STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*, 1988.

⁵²³ *Ibid.* p. 104.

⁵²⁴ FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*, 1998. p.

⁵²⁵ STEIN, Edith. *¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe*, 2003.

⁵²⁶ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*, 2014.

⁵²⁷ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*, 1988.

amor de Deus.⁵²⁸ Para tal, o nível de consciência já não se satisfaz com qualquer conhecimento.⁵²⁹

Para Stein, esse encontro pessoal com Deus que transfigura o ser é silencioso, e este torna-se capaz de irradiação na integralidade, exteriorizando um brilho proveniente do interior que atrai as demais pessoas.⁵³⁰ Nesse sentido, para Edith, enquanto teleologia humana, “o objetivo último do ser humano é a vida eterna”.^{531,532}

O jovem em suas buscas e encontros é capaz de viver a experiência mística de diferentes modos, tanto em retiros e ações pastorais plurais quanto nos ritos. Mas é na concretude de fatos que essa vivência é percebida, nas palavras que chegam a partir de melodias, nas superações de adoecimentos, nos “graças a Deus” expressados cotidianamente. De algum modo, o acesso ao Bem-Belo-Verdadeiro e a consciência desse acesso, seja na vivência presente ou no fluxo vivencial, possibilita o olhar sobre a graça revelada e manifestada em sua vida.

3.5 TELEOLOGIA DA FORMAÇÃO: A JUVENTUDE “*IN STATUS VIAE*” DESDE DENTRO DO AMOR SAGRADO NA PEDAGOGIA CATÓLICA

Para Edith Stein, a formação da juventude à luz da fé católica⁵³³ desdobra as verdades da fé pautadas no *telos* do amor humano e divino fundamentados na imagem de Deus Uno e Trino.⁵³⁴ Quando o conceito de formação se restringe ao conhecimento natural, sua realização deriva de meios naturais. Porém, pela fé é possível crer nos designios divinos, reconhecendo o mundo como proveniente do gesto criativo de Deus.⁵³⁵ Nesse sentido, a filósofa aponta para a plenitude firmada na solidez das vivências humanas enraizadas no divino como resposta formativa.

⁵²⁸ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*: Estudo sobre São João da Cruz, 1988.

⁵²⁹ ALES BELLO, Angela. *Op. cit.*

⁵³⁰ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein*: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral, 2015.

⁵³¹ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 745.

⁵³² Conforme: “*El objetivo último del hombre es la vida eterna. La humanidad pecadora ha recuperado la posibilidad de obtener la vida eterna gracias a la muerte de Cristo en la cruz*”.

⁵³³ Em janeiro de 1933, Edith Stein fez a conferência *Jugendbildung im Lichte des katholischen Glaubens* sobre a formação da juventude católica. Até a presente conclusão deste estudo, o texto referido não possui tradução em português. A conferência foi publicada em 2001, na ESGA 16, 71-90.

⁵³⁴ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser, 1996. No capítulo VII, pode-se ampliar essa compreensão.

⁵³⁵ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

As dores humanas, para Stein, surgem principalmente da desintegração interna que gera falta de convicções e princípios decididos, o que conduz a pessoa, inclusive jovem, à deriva, sem direção, acumulando frustrações, buscando sentido em superficialidades e prazeres etéreos. Nesse sentido, Stein afirma que a solução está na formação de seres humanos plenos que vivam com maior determinação, “fincados no chão da eternidade”, que não se abalam facilmente atrás de opiniões vãs e modismos.⁵³⁶

Segundo Éric de Rus, para isso é preciso recordar que a educação para Stein é um processo criativo enraizado na interioridade, porém que não atua com “madeira “ou “pedra”, mas como arte suprema, forma a alma humana⁵³⁷ e que “toda a aprendizagem pressupõe confiança na veracidade do educador”.^{538,539} Aos jovens, Edith traz para os aspectos formativos um olhar cristocêntrico que poderá ser mais bem compreendido a seguir.

3.5.1 O amor divino-humano na pedagogia de Jesus Cristo

Para Edith Stein, tanto na interioridade quanto no mundo externo, há indícios da finitude humana e de que há algo além desse limite. Se “a pergunta acerca do ser, a busca de Deus, pertence ao ser ao ser humano”,^{540,541} quem seria capaz de dar tal resposta? Para a compreensão do ser humano em progressiva perfectibilidade e plenitude, o paradigma é Jesus Cristo e a pedagogia de seus ensinamentos. Jesus Cristo é visto como a revelação corporal de Deus, como o *Logos* Eterno e que, pela fé, é possível vivências relacionais com o Verbo feito carne, onde humanidade e divindade são expressas:

Pela fé, o ser humano encontra em Cristo “o fundamento religioso de toda a vida”: a unidade de uma visão coerente do mundo (dimensão *metafísica*), do ser humano e de

⁵³⁶ STEIN, Edith. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*, 1999. p. 287.

⁵³⁷ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. Citando Edith Stein em *L'art d'éduquer: Regard sur Thérèse d'Ávila*, escrito sem tradução em língua portuguesa.

⁵³⁸ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 746.

⁵³⁹ Conforme: “*Todo aprendizaje presupone confianza en la veracidad del maestro*”.

⁵⁴⁰ *Ibid.* p. 594.

⁵⁴¹ Conforme: “*Tanto en su interior como en el mundo externo, el hombre halla indicios de algo que está por encima de él y de todo lo demás, y de lo que él y todo lo demás dependen. La pregunta acerca de ese ser, la búsqueda de Dios, pertenece al ser del hombre*”.

sua existência (dimensão *antropológica*), de um como viver (dimensão *ética*) e de um por que viver (dimensão *soteriológica*).⁵⁴²

No itinerário de Jesus Cristo enquanto humano e divino, encontra-se a imagem integral e histórica que profetas contemplaram, os evangelistas conservaram, que o cristianismo continua a propor e que a liturgia católica torna presente.⁵⁴³ Segundo Edith Stein, uma compreensão formativa mais plena, mais rica e profunda – de fato inesgotável – precisa proporcionar vivências com os textos sagrados e a oração com a vida da Igreja.⁵⁴⁴

Em Stein, Jesus Cristo possui papel mediador entre Deus e os seres humanos, revelando sua originalidade. Esse argumento steiniano recorda a importância da antropologia com chave de leitura cristológica a partir do prólogo do Evangelho de São João: “No princípio, era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”,⁵⁴⁵ e, de acordo com a filósofa, através da encarnação, “A vida divina, acesa em sua alma, é a luz que veio nas trevas”,^{546,547} e “Quem traz esta luz dentro de si, compreende quando se fala dela”.^{548,549}

Para a autora, a formação católica com jovens deve resgatar princípios da *lex orandi*, *lex credenti*, *lex vivendi*, visto que, assim, expressa-se que o modo de rezar reflete aquilo em que se crê e designa a forma de vida.⁵⁵⁰ Além disso, aborda Fermín que, sob o olhar de Stein: “Em Cristo, e *Logos* criador, o ser humano descobre o caminho para a unificação interior, para a harmonização de todas as suas potências e de seu ser espiritual, psíquico e corporal”,^{551,552} e que há uma unidade entre encarnação e o mistério pascal de Cristo: “unidade inter-relacional de todos os mistérios de Cristo entre si, de tal modo que não se entende um sem os outros”.^{553,554}

⁵⁴² RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 108.

⁵⁴³ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁴⁴ Para maior compreensão da liturgia enquanto *locus* teológico, recomenda-se o texto da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, primeiro documento promulgado pelo Concílio Vaticano II.

⁵⁴⁵ Jo 1, 1-3.

⁵⁴⁶ STEIN, Edith. *El Misterio de la Navidad*, 2004. p. 484-485.

⁵⁴⁷ Conforme: “*La vida divina que se enciende en el alma es la luz que surge en las tinieblas, el milagro de la Nochebuena*”.

⁵⁴⁸ *Loc. cit.*

⁵⁴⁹ Conforme: “*El que la lleva consigo comprende cuando se habla de ella*”.

⁵⁵⁰ Para uma leitura breve, pode-se acessar BECHAUSER, Frei Alberto. *Lex Orandi, Lex Credendi!*, 2013.

⁵⁵¹ FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*, 1998. p. 90.

⁵⁵² Conforme: “*En Cristo, el Logos creador, el hombre descubre el camino para la unificación interior, para la armonización de todas sus potencias y de su ser espiritual, anímico y corporal*”.

⁵⁵³ *Ibid.* p. 88.

⁵⁵⁴ Conforme: “[...] *la unidad interrelacional de todos los misterios de Cristo entre sí, de tal modo que no se entiende el uno sin los otros*”.

O fundamento do ser humano enquanto o é e enquanto seu vir a ser é *extraído* de Jesus Cristo.⁵⁵⁵ A fé na Ressurreição traz esperança: da morte nasceu vida nova. Nessa convicção, o ser a assume como se estivesse olhando para trás em retrospectiva.⁵⁵⁶ O mistério pascal une liberdade e plenitude, apontando o caminho da restauração do equilíbrio do coração: “os pensamentos do coração constituem a vida originária em sua mais pura essência”.⁵⁵⁷ Com isso, o mistério pascal, assumido como o valor supremo da aliança divina com a humanidade, traz a essência sagrada do amor: a pessoa que ama ao significá-lo e significa-o ao amar.⁵⁵⁸

O mistério pascal de Cristo traz a pedagogia da graça santificante, mas aceitar ou não é uma escolha própria de cada pessoa.⁵⁵⁹ Por isso, o percurso entre a pergunta do jovem: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” e a resposta determinante de Jesus: “se queres entrar para a Vida, guarda os mandamentos^{560,561} precisa ser resgatado através da esperança da fé que sustenta o amor: “é a fé que lhe coloca o Cristo diante dos olhos”.⁵⁶²

Assim, é preciso atenção à origem do amor como fonte sagrada do divino. Recorda a rigidez do formalismo farisaico ao questionar Jesus Cristo sobre qual seria a maior das diretrizes. O núcleo da vida e da pedagogia de Jesus é proferido por ele mesmo: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo teu entendimento”, seguido por “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.⁵⁶³

A filósofa sintetiza afirmando que do ser humano depende a prática que observa tais princípios, e de Deus procede o amor mais íntegro que transcende uma perfeição natural, pois possui raiz no Eterno. Importante ressaltar que o amor ensinado por Jesus traz o compromisso com a vida: com toda a vida e não para um grupo de eleitos, mas para todos. Exemplos não faltam nos Evangelhos, mas podem ser destacados nos encontros consolidados através do

⁵⁵⁵ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁵⁶ *Id.* *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*, 1988.

⁵⁵⁷ *Ibid.* p. 132.

⁵⁵⁸ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015.

⁵⁵⁹ STEIN, Edith. *¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe*, 2003.

⁵⁶⁰ O termo “Mandamento” faz referência ao decálogo que, na tradição judaica e cristã, indica as leis recebidas por Moisés do próprio Deus (Ex 20, 1-17). Estas são diretrizes atualizadas por Jesus Cristo através dos princípios revelados no Evangelho. Jesus é, na fé católica, a nova aliança e seus ensinamentos irradiam a essência do amor presente nas leis divinas.

⁵⁶¹ Mt 19, 16.

⁵⁶² STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*, 1988. p. 102.

⁵⁶³ Mt 22, 34-40.

diálogo que desenvolve com a mulher samaritana⁵⁶⁴ ou com as crianças impedidas pelos seus próprios seguidores com receio do incômodo que poderiam causar ao seu Mestre.^{565,566}

A primazia da plenitude do amor está em Deus e a vida eterna iniciada em nós pela graça divina conduz a existência humana à vivência desse amor.⁵⁶⁷ Nesse sentido, a encarnação de Jesus Cristo manifesta o amor como fruto da filiação divina:

Ó maravilhoso intercâmbio! O criador do gênero humano encarnando-se, concedendo-nos a sua divindade. Por causa desta obra maravilhosa o Redentor veio ao mundo. Deus se tornou Filho do homem, para que os homens se tornassem filhos de Deus.^{568,569}

Essa vida no amor mais íntegro é necessária ao cotidiano humano:

Ele, por meio da encarnação, mostrou palpavelmente o caminho da vida. Ele tomou a verdadeira e íntegra natureza humana. A encarnação forma parte da plena natureza humana, de tal forma que não só ali é o Verbo de Deus e a carne humana, mas sim, também, a alma racional da pessoa.^{570,571}

No entanto, Edith Stein acentua que uma formação católica com chave de leitura cristológica indica um modo de vida em seguimento:

Ele veio, para tornar-se conosco um corpo místico. Ele, nossa cabeça, nós, os seus membros. Ponhamos nossas mãos nas mãos do Menino-Deus, pronunciando o nosso “Sim” ao seu “Siga-me”. Então, nos tornamos Seus, e o caminho está livre, para que

⁵⁶⁴ Jo 4, 1-29.

⁵⁶⁵ Lc 18, 15-17.

⁵⁶⁶ Recomendável a leitura do capítulo de Angela Ales Bello e Marina Cecilia Isatto Parise: *A antropologia dual como Imago Dei*, 2020, em que as autoras discorrem sobre esse encontro da mulher samaritana com Jesus com chave fenomenológica do feminino.

⁵⁶⁷ Edith Stein sugere o conhecimento da obra de Teresinha do Menino Jesus pela ilustração da imagem de Deus impressa no ser humano que procura viver a integridade da fé.

⁵⁶⁸ STEIN, Edith. *El Misterio de la navidad*, 2004. p. 484.

⁵⁶⁹ Conforme: “*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens, largitus est nobis suam Deitatem. El Redentor ha venido al mundo para realizar ese intercambio admirable. Dios se hizo Hijo del Hombre para que todos los hombres llegaran a ser hijos de Dios*”.

⁵⁷⁰ STEIN, Edith. *¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe*, 2003. p. 852.

⁵⁷¹ Conforme: “*Él, por medio de la encarnación, “nos mostró palpablemente el camino de la vida. Él tomo la verdadera e íntegra naturaleza del hombre. Y forma parte de la plena naturaleza humana la encarnación, de tal manera que “no sólo esté allí el Verbo de Dios y la carne del hombre, sino también el alma racional del hombre*”.

a sua vida divina possa passar para a nossa. Isto é o começo da vida eterna em nós.^{572,573}

Contudo, a pensadora levanta uma questão crucial a partir de suas próprias considerações: “Seria supérflua a iniciativa formativa que busca desenvolver as capacidades naturais em vista de uma missão terrena?”.^{574,575} Para Edith Stein, de maneira nenhuma, principalmente com jovens. Se é preciso amar com todas as forças, evidentemente essas forças precisam se desenvolver. Amar a Deus é pôr as forças humanas a seu serviço. Isso não pode ocorrer fora do mundo, fora da cotidianidade; só pode ocorrer dentro de uma relação justa com todos. E aqui está um ponto que inquieta muitos jovens: crer no amor de Jesus, nem sempre percebê-lo inclusive em adeptos e autodeclarados ao catolicismo, e exigir o compromisso de vê-lo encarnado nas relações e na sociedade. A inconformidade de muitos jovens em reconhecer a prática do amor cristão na conduta humana é um sinal profético, no sentido que indica a dissociação que encontram em alguns espaços ou em algumas pessoas.

Assim sendo, são necessárias as capacidades naturais e a graça divina.⁵⁷⁶ Edith Stein elucida tal posicionamento referindo a proposta de Jesus diante da atarefada Marta quando visitou o lar de Betânia: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só”.⁵⁷⁷ A referência na melhor parte diz respeito à escuta intencional escolhida por Maria, irmã de Marta e Lázaro, que estava ali como aprendente nas vivências com Jesus, que ensinava e vinha ao encontro daqueles irmãos. Aprender a amar desde a relação com o próprio Jesus que vem ao encontro e vive a realidade humana.

Ademais, para a formação de jovens no percurso católico, a aprendizagem do amor na relação proximal com Jesus Cristo passa também pelas vivências sacramentais. Na participação da iniciação à vida cristã, deve apresentar o mistério de Jesus Cristo Eucarístico. A união da pessoa com o Cristo Eucarístico faz da alma um tabernáculo, no silêncio e solitude, entre a decisão e a formação da graça santificante. A liturgia eucarística é posta por Edith Stein como elemento central e, por isso, aos jovens deve ser oportunizada a introdução litúrgica dentro da

⁵⁷² STEIN, Edith. *El Misterio de la navidad*, 2004. p. 484.

⁵⁷³ Conforme: “*Sin embargo, Él vino para ser con nosotros un cuerpo místico: Él como nuestra Cabeza y nosotros como sus miembros. Pongamos nuestras manos en las manos del niño divino, digamos nuestro sí a su sequere me; entonces seremos suyos y el camino está libre para que su vida divina pase a nosotros*”.

⁵⁷⁴ *Id. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 431.

⁵⁷⁵ Conforme: “*¿Toda labor de formación que busca desarrollar las capacidades naturales en vista de una misión terrena, es superflua?*”.

⁵⁷⁶ *Id. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁷⁷ Lc 10, 40-42.

educação religiosa católica,⁵⁷⁸ para que estes reconheçam na cotidianidade da vida, em suas contrariedades e alegrias, vivências litúrgicas que reportem o espaço sagrado como sua casa.

Edith Stein indica a formação religiosa à luz das Sagradas Escrituras, a Palavra, na prática da *lectio divina*.⁵⁷⁹ Para ela, a meditação contínua e proximal dos textos sagrados oferece acesso ao vínculo de oração formado com o próprio Jesus Cristo. Ao jovem, é possibilitado o encontro com a força viva de transformação, pela qual a formação acontece pela Palavra de Deus.⁵⁸⁰ Stein reforça o respeito com o valor do conteúdo do magistério e da Igreja enquanto formadora, não suprimindo da formação dos jovens escritos dos santos padres, dos doutores da fé e das obras clássicas da teologia.⁵⁸¹ Este é um patrimônio importante que auxilia o jovem a perceber no catolicismo não uma “religião do sentimento”, mas da Verdade e, portanto, de um conteúdo vital, de um assunto do coração.⁵⁸²

3.5.2 O amor como sentido vocacional da vida: o ser como dom

Edith entende que aos jovens é preciso clarear que a fé católica não se define apenas no convencimento da existência de Deus, mas na adesão à verdade revelada que clareia a inteligência e a vontade para que haja o entendimento do chamado a realizar no mundo.⁵⁸³ Vale ressaltar que a expressão “chamado” é nuclear no discernimento à vida em catolicidade. Chamado, do latim, *vocare*, recorda a solitação divina e a resposta humana. Há uma primazia que pulsa do ser Divino em desejo de reciprocidade humana.

No entanto, a vida de fé não exclui os processos cognoscitivos naturais. Ao contrário, na concepção católica, a fé e a razão natural são como duas asas que equilibram o humano.^{584,585} A pensadora levanta uma questão: “de que fonte tiraremos essa verdade?”^{586,587} Stein aponta

⁵⁷⁸ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁷⁹ SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014.

⁵⁸⁰ STEIN, Edith. *La colaboración en la formación religiosa de la juventud*, 2003.

⁵⁸¹ *Loc. cit.*

⁵⁸² *Id.* *Carta a Roman Ingarden, 13 de dezembro de 1925*, 2002.

⁵⁸³ *Id.* *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁸⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio: sobre as relações entre fé e razão*, 1998.

⁵⁸⁵ A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do ser humano o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (Ex 33, 18; Sal 2726, 8-9; 6362, 2-3; Jo 14, 8; 1 Jo 3, 2).

⁵⁸⁶ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 421-445. Para responder à questão, Edith Stein dialoga com a Encíclica de Pio XI, *Divini illius Magistri*, 1929.

⁵⁸⁷ Conforme: “¿de qué fuentes extraeremos sacaremos esta verdad?”.

que o conteúdo da fé reivindica o direito de aceitação e de princípio de vida. Nesse sentido, o reconhecimento de iniciativas educativas a partir do cognoscitivo natural vem cooperar com a decisão pelo melhor,⁵⁸⁸ considerando que o “Espírito sopra onde quer”;⁵⁸⁹ objetivando, assim, construir de modo positivo um trabalho teórico sobre as fontes transcendentais integradas na atividade formativa que se desenvolve durante toda a vida.⁵⁹⁰ Cada ser e cada jovem é um em seu tempo histórico e ritmo próprio. Em alguns, a fé católica poderá encontrar ressonância, em outros, não, e em outros de modo parcial. A consciência desse fato implica oportunizar a vivência da formação católica sem imposição, mas como processo dialógico e autêntico com as questões juvenis.

O que acentua Stein é que o conhecimento da razão natural não é o único parâmetro de conhecimento do humano, não é a sua única medida. Para tal, ao pensar em projetos e iniciativas de formação católica para as juventudes, é preciso contar com o aporte da verdade revelada em Deus.⁵⁹¹ Revelação essa que ocorre no amor: “o amor é o ser de Deus, a vida de Deus, a essência de Deus”.^{592,593} Sendo imagem de Deus, a pessoa humana só alcançará a perfeição no dom do amor vivido e comunicado: “o amor deve ser sempre o dom de si, para que seja um amor autêntico”.^{594,595}

A filósofa, acentuando a importância nuclear da antropologia teológica à concepção educacional católica, destaca os distanciamentos entre abordagens que partem do reconhecimento do ser humano como corrompido e incapaz de fazer um bem, e do outro lado, a crença em uma bondade superficial e pautada no fácil e agradável. Para Edith: “A concepção católica está no meio desses dois extremos”.^{596,597}

Para ela, o objeto da educação é o ser humano em sua totalidade, com todas as faculdades naturais e supranaturais, corpo e alma, conhecido pela razão e pela Revelação. Nesse sentido, Edith situa Jesus Cristo como o que reintegra o ser humano ao bem e à justiça original, porém, aderido por meio da fé, pela livre vontade e decisão humana. Além disso, a pensadora salienta a graça divina como elemento pedagógico supranatural que conduz o ser *para e em* plenitude.⁵⁹⁸

⁵⁸⁸ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁵⁸⁹ Jo 3, 8.

⁵⁹⁰ STEIN, Edith. *Op. cit.*

⁵⁹¹ *Loc. cit.*

⁵⁹² *Id. Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*, 1996. p. 467.

⁵⁹³ Conforme: “*El amor es el ser de Dios, la vida de Dios, la esencia de Dios*”.

⁵⁹⁴ *Ibid.* p. 467.

⁵⁹⁵ Conforme: “*Pero el amor debe ser siempre el don de sí, para que sea un amor auténtico*”.

⁵⁹⁶ *Id. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 425.

⁵⁹⁷ Conforme: “*La concepción católica está en medio de estos dos extremos*”.

⁵⁹⁸ *Loc. cit.*

Edith clarifica que os sujeitos do processo educativo são seres humanos “*in statu viae*”, isto é, em estado viandante, como peregrinos. O espírito humano não se encontra fora de um corpo, mas estes são unidade. Como o percurso humano é marcado por aspirações, estas nem sempre são positivas, a vontade nem sempre intenciona ou distingue o bem e os atos, por vezes, são instintivos e impertinentes. Assim, frente às situações, o ser humano é ontologicamente livre: capaz de educar e educar-se para além dos impulsos ao eleger o bem, cooperando com a graça divina.⁵⁹⁹

Aos jovens (e mesmo às crianças e adultos), a educação da vontade consiste em importante formação da autoconsciência. Edith Stein vai abordar o gesto educativo como uma proposta interventiva que traz exigências, critérios e decisões pertinentes ao pleno desenvolvimento durante o percurso progressivo de *statu viae*. Ademais, um “*status termini*” só é possível a Deus. A autora também amplia a perspectiva de *statu viae* afirmando que este não se limita ao ser isolado da vida em particular, mas no humano enquanto contexto da vida social.⁶⁰⁰

Edith destaca uma dupla direção do ser humano em sua forma de conduzir sua existência no mundo: um fim natural, em que somente Deus reinstaura a originalidade; e a busca humana decidida pela autenticidade da vida para além do natural, mas também cristã, em que, no seu percurso, progressivamente o ser vai adentrando a vida em Deus e participando da eternidade, já em sua existência terrena na esperança, na fé e na caridade, como amor pleno. A vida, assim, é vista em finitude e eternidade. Tal perspectiva contribui com a formação do jovem não só em relação a si mesmo, mas no entendimento do fim da vida natural dos seus entes queridos, possibilitando a compreensão de uma vida na eternidade em Deus.

Retomando o axioma de Tomás de Aquino: “A fé é o início da vida eterna em nós”,^{601,602} Edith sintetiza que a dupla finalidade da formação católica seria a reconfiguração original do ser humano enquanto imagem de Deus e a participação humana na vida em Deus. Porém, sem a vivência do amor, não seria possível reconhecer a vida com seu princípio vocacional: “Só aprendi a amar a vida quando soube para que eu vivo”.⁶⁰³

Com o olhar de *vocare* da vida ao bem eterno, a pessoa não somente porta dons, mas torna-se dom. Edith Stein reconhece na vocação humana o reflexo Trinitário da relação de Amor. O mandamento do amor não é condicionante a alguns, mas a todos:

⁵⁹⁹ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁰⁰ *Loc. cit.*

⁶⁰¹ *Ibid.* p. 429.

⁶⁰² Conforme: “*La fe es el principio de la vida eterna en nosotros*”.

⁶⁰³ Na carta enviada a *Roman Ingarden*, 19 de julho de 1924 (*Id. Escritos autobiográficos y cartas*, 2002. p. 736).

[...] o próximo não é aquele com quem simpatizo. É todo aquele que se aproxima sem exceção. E novamente se confirma: tu podes, porque deves. É Deus que exige e Ele não exige nada impossível. Ou melhor, ele torna possível o que naturalmente seria impossível.^{604,605}

Desse modo, amar assemelha-se a um ato de fé, pois exige um dispor-se a amar até o fim.⁶⁰⁶ Nesses termos, o amor supera o moralmente bom. O amor torna-se entrega. A fonte desse amor enquanto dom só pode ser encontrada em unidade com o sagrado divino:

O amor é, segundo seu último sentido, o dom de si e a união com o amado. O que cumpre a vontade de Deus aprende a conhecer o espírito divino, a vida divina, o amor divino; e tudo isso não é outra coisa que Deus mesmo. Com efeito, ao executar com entrega mais profunda o que Deus exige, a vida divina se faz em sua própria vida interior: encontra Deus em si mesmo, quando entra em si.^{607,608}

Para Edith Stein, a essência do amor e sua sacralidade está dirigida ao outro: o dom de si revela-se na relação com os demais.⁶⁰⁹ A referência trazida é Jesus Cristo, como Pessoa-Amor.⁶¹⁰ O amor manifestado na pessoa de Jesus Cristo não distingue pessoas e manifesta a igual dignidade a todos,⁶¹¹ doando-se até o fim.⁶¹²

Mais uma vez, sem a fé em Jesus Cristo, talvez esse modo de amor com a exigência da doação relacional fique entre a vontade e o agir humano. Edith Stein acentua para isso que: “Certamente há uma relação muito estreita entre o amor e a vontade. A quem ama, urge observar os princípios elencados por Deus, e compatibilizar sua vontade à vontade divina. A vontade procede do amor e a ação deriva do querer”.^{613,614}

⁶⁰⁴ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser, 1996. p. 459-460.

⁶⁰⁵ Conforme: “*El prójimo no es aquel que me simpatiza. Es todo hombre que se acerca a mí sin excepción. Y de nuevo se dice aquí: tú puedes, porque debes. Es el Señor quien lo exige y Él no exige nada imposible*”.

⁶⁰⁶ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein*: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral, 2015.

⁶⁰⁷ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser, 1996. p. 460.

⁶⁰⁸ Conforme: “*El amor es, según su último sentido, el don del ser y la unión con el amado. El que cumple la voluntad de Dios aprende a conocer el espíritu divino, la vida divina, el amor divino; y todo esto no es otra cosa más que Dios mismo. En efecto, al ejecutar con la entrega más profunda lo que Dios exige de él, la vida divina, se hace su propia vida interior: encuentra a Dios en sí mismo, cuando entra en sí*”.

⁶⁰⁹ *Loc. cit.*

⁶¹⁰ FERMÍN, F. *Edith Stein, Modelo y Maestra de Espiritualidad*, 2005.

⁶¹¹ Gal 3, 28; Rm 10, 12; 1Cor 12, 13; Col 3, 11.

⁶¹² Jo 13, 1.

⁶¹³ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: Ensayo de una ascensión al sentido del ser, 1996. p. 464.

⁶¹⁴ Conforme: “*Ciertamente hay una relación muy estrecha entre el amor y la voluntad. A quien ama, le urge observar los mandamientos de Dios, es decir, a conformar su voluntad con la voluntad divina. La voluntad procede del amor y acción deriva del querer*.”

Nesse sentido, pensando na formação católica dos jovens, a visão das diretrizes apontadas indica uma compreensão de vida finita e eterna conducente à ética cristã. Em Edith Stein, o caminho e raiz de todas as virtudes encontra-se no ensinamento cristão da bem-aventurança.

3.5.3 As bem-aventuranças como transfiguração do amor ético-formativo

Seguindo o percurso acerca da formação da juventude católica, para a compreensão do amor enquanto raiz de todas as virtudes e do caminho de integridade, Edith Stein recorda as *bem-aventuranças*⁶¹⁵ como diretrizes transfiguradas em Jesus Cristo, que acentua o amor.

As três primeiras bem-aventuranças se dirigem àqueles que comumente são socialmente excluídos: os pobres em espírito, os mansos, os aflitos. Na primeira, recorda que orgulho, vaidade e presunção não integram os princípios inclusivos do amor cristão. Na segunda, refere-se àqueles que aprendem a viver com mansidão e humildade. Importante não confundir tais características com passividade ou permissividade. Tais faculdades são descritas por Stein como superação do mal com a prática do bem. Na terceira, aponta que a vida que se pauta no amor, não extingue a dor, porém, é justamente o amor que abraça e consola a dor.⁶¹⁶

A sequência das bem-aventuranças se refere a atitudes morais, e Edith Stein recorda que a justiça é a base do bem verdadeiro e imutável, pois visa o progredimento perfectível que brota da fonte de valores eternos. Já a misericórdia é o que liberta o ser da superficialidade, do egocentrismo e da autossuficiência. A misericórdia, para Edith, nasce do coração que possui a mirada no amor de Deus. Nesse sentido, apraz ressaltar na formação dos jovens que a pureza do coração em nada tem a ver com puritanismo comportamentalista, e sim com a nitidez que traz genuinidade e respeitabilidade do puro enquanto essência da autenticidade do amor cristão.

Os promotores da paz são os que fazem prevalecer a harmonia pessoal, comunitária, social. Restaurar a paz é próprio do ser humano que se empenha em perfectibilidade e sabedoria. Tais princípios atitudinais geram “perseguições”.⁶¹⁷ Talvez pensando na linguagem mais próxima às jovens gerações, a ilustração desse termo pode estar próximo do que se entende por

⁶¹⁵ Mt 5, 1-12.

⁶¹⁶ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶¹⁷ *Loc. cit.*

assédios que se possa sofrer, quando a autenticidade busca direcionamento pela prática do bem e da justiça.

O retrato que compõe a formação católica não pode ser fragmentado. Segundo Edith Stein, ao penetrar as vivências dos santos, por exemplo, identifica-se de diferentes formas que estes, em sua finitude e eternidade, revelam força e a pureza de coração promotora da paz. Para a pensadora: “[...] em todos encontraremos no fim, a unidade indivisível do cristianismo autêntico que chamamos de justiça, perfeição e santidade”.^{618,619}

Segundo a pedagogia de Jesus Cristo, a perfeição é uma disposição da alma que se alinha à vontade da graça divina. O justo, enquanto si mesmo, é capaz de se unir a Deus como um filho que se coloca em suas mãos. Assim, a formação humana e cristã precisa se estruturar superando abismos e fragmentações que atingem a concepção do Espírito da unidade, considerando diferentes carismas, tal qual as pluralidades que formam uma só totalidade do Corpo de Cristo⁶²⁰ e dos filhos de Deus.

Com isso, Edith Stein entende que fé e razão são conciliares e que dissociações entre a compreensão do divino e do humano não condizem com os princípios formativos católicos. A potência da natureza humana é fundamental, porém, é com essa força aberta à força da graça que o ser entra em relação com a vontade de Deus que conduz à paz interior.⁶²¹

Diante dos jovens, a natureza individual de cada ser em si como *Imago Dei*, com sua personalidade única e irrepetível, tem significado positivo para a eternidade, visto que cada ser não pode ser obscurecido e percebido de modo genérico: “[...] a hierarquia celeste não se concebe como uma reunião de iguais que anulam as diferenças, mas como uma harmonia de múltiplos vocês”.^{622,623}

Para Edith Stein, o fim último do ser humano é que sua voz soe como as demais; assim o exercício humano de formação é trabalhar para que este (o ser humano jovem) chegue a ser o que ele tem que ser.⁶²⁴ Stein destaca que: “[...] cada alma humana carrega em si um selo divino próprio”.^{625,626} Assim também é vista dentro dos propósitos divinos para cada jovem em si em suas sociabilidades, para a humanidade, articulada em povos com suas particularidades.

⁶¹⁸ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 433.

⁶¹⁹ Conforme: “[...] en todos encontraremos, en último término, la unidad indivisible del cristianismo auténtico, lo que llamamos justicia o perfección o santidad”.

⁶²⁰ Gal 3, 28; 1 Cor 12.

⁶²¹ STEIN, Edith. *Op. cit.*

⁶²² *Loc. cit.*

⁶²³ Conforme: “La jerarquía celestial no se concibe como una reunión de iguales que han desechado todo lo diferente, sino como una armonía de múltiples voces”.

⁶²⁴ *Loc. cit.*

⁶²⁵ *Ibid.* p. 435.

⁶²⁶ Conforme: “cada alma humana lleva en sí un sello divino propio”.

Nesse sentido, a filósofa entende que a vida paradigmática de Jesus Cristo não ocorreu fora do humano e da raça humana, até porque houve um povo eleito para que Ele nascesse, crescesse e se desenvolvesse dentro da história desse povo, falou sua língua, pensou e ensinou com suas imagens e metáforas, observou seus costumes e lhe dedicou suas energias. Cada povo possui um compromisso com a humanidade e cada um, um compromisso dentro do povo. Logo, há tarefas conjuntas articuladas enquanto vida particular e comunitária integrada na humanidade de modo global⁶²⁷ em responsabilidade com as jovens gerações.

Porém, há uma “vocação” educativa no paradigma cristão para uma teleologia em harmonia: o que significa ter uma vocação? Significa ter havido um chamado: de alguém, a alguém, para algo, de uma maneira perceptível.⁶²⁸ Ales Bello, ao sintetizar o propósito educativo em Stein, direcionado aos jovens de hoje, resume:

[...] o propósito é a harmonia, harmonia na própria interioridade e harmonia com os outros que vivem na comunidade em que estamos inseridos em nossos dias: a família, a comunidade de amizade, a comunidade religiosa, a comunidade de pessoas, a comunidade do Estado.⁶²⁹

3.5.4 A presença da feminilidade no processo formativo: o amor livre e volitivo do “*fiat*” de Maria

De acordo com Edith Stein, a vida humana não é acidental, tampouco superficial. No núcleo de personalidade que se forma, “Poder e dever, querer e atuar estão estreitamente relacionados entre si”.^{630,631} Liberdade, vontade e responsabilidade devem estar inter-relacionadas na consciência do humano, inclusive para aderir às vivências da graça: “[...] como pessoa livre, está no centro e tem nas mãos os comandos, mais exatamente, pode tê-los nas mãos, porque o usá-los ou não é uma questão de liberdade”.⁶³²

A formação vai constituindo a pessoa desde a infância e juventude para que esta assuma conscientemente “[...] o que se é, o que se quer, o que se deve querer e o que deseja se tornar,

⁶²⁷ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶²⁸ *Id.* *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*, 1999. p. 73.

⁶²⁹ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021. p. 117.

⁶³⁰ STEIN, Edith. *Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 649-650.

⁶³¹ Conforme: “*Poder y deber, querer y actuar están muy estrechamente relacionados entre sí*”.

⁶³² SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. *A formação da pessoa em Edith Stein*, 2013. p. 178.

para, assim, saber suprimir o que impede seu trajeto de incompletude à plenitude”.⁶³³ Assim, a consciência é capaz de “[...] debruçar(-se) sobre si mesmo e sobre as diferentes dimensões que o constituem, inclusive sobre as determinações que o condicionam, para conseguir decidir, escolher”,⁶³⁴ potencializando o ser ao transcender ao que lhe é causado, assumindo ao que é motivado desde dentro de seu núcleo de personalidade.

Para tal, a tomada de decisão pela motivação do espírito se encarna em um ato de vontade: “Por meio da vontade, a pessoa visa objetivos. [...] A vontade é uma orientação consciente em direção a fins representados e não uma rede confusa de tendências incoerentes”.⁶³⁵ Esse sim, consciente e livre, Edith Stein encontra como paradigma da expressão “*fiat*” (*faça-se*) da jovem Maria, que aderiu à graça divina. Esse “*fiat*” advém do local sagrado da interioridade, em que a pessoa se encontra em si mesma, no ponto profundo da alma. Tanto crianças quanto adolescentes e jovens são capazes de reconhecer sua interioridade e o encontro com sua personalidade, se formados nessa dimensão.

Para Edith Stein, o feminino tem importante acesso nessa formação das novas gerações e aponta para o paradigma mariano para esse desvelar. Maria é referência de adesão ao sagrado humano e divino e a grande expressão do feminino. Jesus Cristo (masculino), em humanidade, é encarnado na integralidade do corpo (*Leib*) feminino de Maria, sua mãe: “uma mulher é a porta pela qual Deus entra no gênero humano”. Por sua natureza e missão, a feminilidade decidida expressada por Maria é modelo para todos, principalmente para as mulheres tanto consagradas quanto leigas, por isso, é a *virgo-mater*, revelando a maternidade enquanto dimensão biológica e espiritual.

Especificamente sobre o feminino, para Stein, o centro da alma é a afetividade (*Gemüt*).⁶³⁶ Nesse sentido, Edith Stein reconhece na feminilidade uma alma de refúgio e proteção afetiva que sustenta tantas vidas,⁶³⁷ sobretudo na feminilidade com vocação materna: cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento integral.⁶³⁸ Porém, isso não significa que a mulher deve ser isolada nesses contextos ou que é somente papel da mulher esse gesto cuidador e afetivo. Retoma-se a estrutura dual da *Imago Dei*:⁶³⁹ feminino e masculino em reciprocidade e igual dignidade.

⁶³³ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017. p. 76.

⁶³⁴ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015. p. 80.

⁶³⁵ *Ibid.* p. 80-81.

⁶³⁶ STEIN, Edith. *Vida cristiana de la mujer*, 2003.

⁶³⁷ STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e graça*, 1999.

⁶³⁸ *Loc. cit.*

⁶³⁹ ALES BELLO, Angela. *A antropologia dual como Imago Dei*, 2020.

Em sua fenomenologia ontológica do feminino, a mulher possui uma natureza com tripla finalidade: na perpetuação da humanidade,⁶⁴⁰ na sua feminilidade e em sua individualidade, com as características de cada mulher. Para Stein, ir à essência das coisas é uma atitude “congenial à sensibilidade feminina”.⁶⁴¹ E, nesse aspecto, é parte da feminilidade a excelência na formação profissional: “[...] não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher”.⁶⁴² Inclusive, a atuação profissional, eclesial e social da determinação feminina se expande aos ambientes particulares e públicos, o *ethos* feminino.⁶⁴³

Stein ressalta esse *ethos* como algo perene que regula as ações humanas, visto que a mulher mais comumente focaliza nas exigências no todo, tendendo a agir *para* o outro e *com* o outro para a plena existência seu desenvolvimento.⁶⁴⁴ Nesse sentido, o arquétipo de Maria integra “a força peculiar para intuir a realidade concreta e viva” e revela o sentido afetivo (*Gemüt*) conhecedor da humanidade que enaltece a vida e manifesta-se na disponibilidade ao servir.⁶⁴⁵

Stein não desenvolveu uma fenomenologia específica do masculino, até pelas condições enfrentadas pelas mulheres de sua época, sua opção foi em visibilizar e fazer pensar a feminilidade. Seus esforços se dirigiram para a especificidade da formação integral das jovens e das jovens católicas, e só esse ponto mereceria uma nova pesquisa para identificar a evolução dos direitos femininos, sua inserção social e as práticas direcionadas à formação das mulheres na contemporaneidade. A fenomenóloga preocupou-se em apontar a necessidade do engajamento feminino como fator preponderante da equidade de gênero e do respeito à dignidade das jovens em âmbitos familiares, educacionais, eclesiais e sociais, o que, nos dias de hoje, segue como ponto crucial em todos os âmbitos da formação.

3.5.5 O vínculo do amor corresponsável: formar em espírito comunitário

Se a fé é o início da vida eterna no ser humano, o itinerário vital em *status viae*, principalmente quando se focaliza nas jovens gerações que *primereiam* seu percurso pessoal,

⁶⁴⁰ Em reciprocidade com o masculino conforme a estrutura dual da *Imago Dei*.

⁶⁴¹ ALES BELLO, Angela. *A antropologia dual como Imago Dei*, 2020.

⁶⁴² STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e graça*, 1999. p. 61.

⁶⁴³ *Ibid.* p. 63.

⁶⁴⁴ ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*, 2000.

⁶⁴⁵ *Ibid.* p. 19.

traz por imprescindível a compreensão de que educação é necessariamente uma obra comunitária e não de um indivíduo isolado.⁶⁴⁶ As comunidades possuem papel fundamental na formação das individualidades. Segundo Ales Bello, para Edith, é preciso acompanhamento integrativo, porém sensato: “a relação entre indivíduo e comunidade é, ao mesmo tempo, simples e complexa; na verdade, existe o risco de a comunidade absorver o indivíduo, porque pode ser considerada como uma personalidade comunitária”.⁶⁴⁷

Com personalidade própria e autônoma, isto é, há uma liberdade ontológica no ser em se colocar *em comum*. A depender das próprias razoabilidades expressadas pela comunidade, faz-se necessário formar o vínculo ético:

O vínculo que as une é a responsabilidade e, portanto, estão no âmbito da vida ética, que se fundamenta na avaliação e na decisão, que são atos espirituais. É isso que devemos ensinar aos jovens, e também aos não tão jovens, porque as atitudes humanas necessitam de uma avaliação constante. Os critérios de orientação aprendem-se desde a juventude, mas, para segui-los, é necessária uma atenção, que nunca deve ser abandonada ao longo de toda a vida.⁶⁴⁸

Na esfera psíquica, há vivências que atraem e outras que repulsam.⁶⁴⁹ Nesse sentido, é preciso pensar nas vivências referenciais que cooperam efetivamente com a formação dos jovens. As relações humanas apresentam a necessidade de uma realização ética comunitária, para que propicie o desenvolvimento da pessoa em relação às demais. Atitudes egoístas, oportunistas e agressivas, por mais que revelem desejo de alcance do bem, apresentam a falsa felicidade e reagem contra o ser, estabelecendo o contraste de desarmonia.⁶⁵⁰ Se não é o que se deseja às jovens gerações, torna-se fundamental aos formadores a autoconsciência e a consciência comunitária: “Toda a formação é uma formação autoadquirida”.^{651,652}

Para Ales Bello, em Edith Stein, o critério formativo “fazer sentir bem” não pode ser o único, visto que satisfaz a superficialidade dos ímpetus impulsivos e passionais, fomentando o egoísmo. O oportunismo deriva desse egoísmo que expressa o utilitarismo do outro para alcance dos próprios interesses e, nesse campo, há uma confusão, pois há pessoas que desenvolvem

⁶⁴⁶ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁴⁷ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021. p. 117.

⁶⁴⁸ *Ibid.* p. 118.

⁶⁴⁹ *Loc. cit.*

⁶⁵⁰ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁵¹ *Id. Sobre el Concepto de Formación*, 2003. p. 188.

⁶⁵² Conforme: “*Toda formación es autoformación*”.

habilidades aparentes de bondade. Nesse sentido, a agressividade se apresenta como uma reação de defesa e proteção dos próprios interesses e daquilo que se considera indispensável, às custas inclusive do prejuízo de outrem.⁶⁵³

A *família* é o núcleo primeiro e base formativa. Para Stein, a diligência educacional é um compromisso familiar e um respeito ao desenvolvimento infantojuvenil de amor e confiança nos filhos. Porém, a filósofa reconhece que muitas situações se opõem a esse acompanhamento constante. Os responsáveis possuem limites oriundos da centralização em si mesmos em agravo às necessidades dos filhos; a vaidade de não aceitar que os filhos sejam pessoas diferentes do que pautaram nos seus parâmetros próprios, entre outros.⁶⁵⁴

Assim, Edith problematiza a consciência do adulto sobre suas próprias limitações e faltas. Sugere o estudo sobre educação e desenvolvimento, interlocuções com educadores e especialistas do contexto juvenil, principalmente com aqueles que colaboram com a formação dos filhos. Sob o olhar da fé, a vida familiar carrega princípios de cooperação com a vontade divina ao ser humano em sua plenitude. Para isso, é necessário um acompanhamento proximal com cada filho: conhecê-los, identificar seus talentos, suas atitudes, disposições de caráter... então, torna-se mais possível uma formação espiritual pensada no prisma da integralidade em que os pais se tornam referências na vida dos filhos.⁶⁵⁵

Ressaltar o compromisso basilar da família na educação dos filhos, para Edith Stein, não é sinônimo de que apenas a família encerra em si esse processo formativo. A família possui suas insuficiências: “é necessário que outras comunidades lhe ajudem”.^{656,657} A família precisa de proteção para existir. Logo, Stein aponta a responsabilidade do Estado que deve estar a favor do bem-estar daqueles que vivem em seu âmbito e criar instituições que potencializem seus membros.⁶⁵⁸

O sentido de exercício pleno de cidadania, de valorização humana e o atendimento das necessidades de modo mais eficaz são compromissos que o *Estado* deve assumir. Promover profícuas instituições de ensino, inclusive eclesiais, coopera com a educação em promoção dos direitos e deveres, contribuindo com a formação dos jovens.⁶⁵⁹ Ao Estado, cabe assumir a organização social, exercendo seu papel em benefício ao bem-comum, favorecendo a garantia de estruturas educativas onde seja ofertada a formação cidadã, despertando o sentido do dever

⁶⁵³ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021. p. 119.

⁶⁵⁴ STEIN, Edith. *Sobre el Concepto de Formación*, 2003.

⁶⁵⁵ *Id. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁵⁶ *Ibid.* p. 439.

⁶⁵⁷ Conforme: “[...] es necesario que otras comunidades te ayuden”.

⁶⁵⁸ *Loc. cit.*

⁶⁵⁹ *Loc. cit.*

social, em favor não só da singularidade, mas também da coletividade. Ao Estado, cabe assegurar o desenvolvimento de pessoas e comunidades que vivem sob sua responsabilidade legislativa. Assim, o Estado deve exercer sua colaboração, não só com a manutenção da família, mas, também, dar o amparo no sistema educacional, salvaguardando o patrimônio cultural e, sobretudo, a liberdade e a mentalidade comunitárias cooperativas.⁶⁶⁰

A família também pode contar com a *Igreja* no processo de formação de seus filhos, segundo Edith Stein. A autora pontua as vivências dos sacramentos oferecidas pela Igreja. Quanto às famílias cristãs, recorda que formam as células da Igreja, unindo a tarefa educacional junto aos filhos com a própria tarefa educativa da Igreja junto aos seus partícipes. A formação do ser humano em seu fim eterno pode ser definida como “a razão de ser da Igreja terrena”,^{661,662} visto que, em Jesus Cristo, encontra-se Deus que adentra a história humana, funda a Igreja, para que as pessoas pudessem alcançar a graça eterna. Em sua pedagogia, confiou à Igreja “[...] sua verdade, a missão de ensinar todas as nações e instituiu nela o magistério infalível”.^{663,664}

A formação nas instituições cristãs não deve se furtar do direito humano de desenvolver suas potências mais elevadas encontradas na sua dimensão espiritual. A educação cristã ocorre de forma personalizada, direcionando o educando ao seu núcleo de interioridade e originalidade pessoal. A comunidade cristã torna-se importante educadora quando encoraja cada pessoa a realizar a sua própria vocação, vivendo em fraternidade e igualdade com os demais, em progressão na graça divina e experiência com Deus Trindade. Outrossim, a razão de ser da Igreja é servir à dignidade humana em vistas de sua plenitude, de acordo com o exemplo de Jesus Cristo; nesse sentido, é função da Igreja direcionar cada pessoa nas vivências dos valores humanos, cristãos e éticos, encorajando no serviço à humanidade, enquanto dons e recursos e, nos casos das instituições educacionais confessionais, educar contribuindo com os parâmetros gerais da legislação de ensino, a formação humana, cidadã e religiosa.⁶⁶⁵

A Igreja recebe o mandato de anunciar os ensinamentos de Jesus Cristo, e aos jovens, formá-los na experiência religiosa, procurando oportunizar, inclusive, instituições de ensino alinhadas à identidade da fé. Porém, a Igreja não é só mestra, também é “Mãe de todos os que creem”.^{666,667} Ademais, é Corpo Místico de Cristo, onde, por meio do batismo, nascem os filhos

⁶⁶⁰ SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014.

⁶⁶¹ STEIN, Edith. *Op. cit.* p. 439.

⁶⁶² Conforme: “*la razón de ser de la Iglesia terrena*”.

⁶⁶³ *Id. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 439.

⁶⁶⁴ Conforme: “[...] *su verdad, la misión de enseñar a todas las naciones y ha fundado en ella el magisterio infalible*”.

⁶⁶⁵ SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*, 2014.

⁶⁶⁶ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 440.

⁶⁶⁷ Conforme: “*Madre de todos los creyentes*”.

de Deus. Esse princípio de um itinerário sacramental revela que: “a vida na graça precisa ser alimentada pela verdade divina e por fontes da graça que a Igreja dispõe”.^{668,669}

Assim, administrar os sacramentos é parte do ofício da Igreja, mas não é seu único compromisso, visto que necessita despertar a fé e preparar seus membros para vivê-la com dignidade e espírito de serviço. Para tal, precisa atrair para a plena verdade.⁶⁷⁰ Para Edith Stein, a formação católica impacta o *status viae* humano quando este se torna um membro vivo, identificando, em seus ensinamentos, o preenchimento da vida.⁶⁷¹

No entanto, Edith reconhece que a identidade católica e a própria vida na Igreja são feitas em diálogo com a sociedade e as múltiplas realidades. Portanto, é muito didática quando se dirige aos educadores católicos e o fez como docente em diversas conferências. Ao formador católico, Stein aponta o respeito profundo a todos os educandos que lhe foram confiados e o necessário cuidado, reflexão e contemplação à pessoa do jovem:

Educar significa guiar outros seres humanos, de modo que eles se tornem aqueles que devem ser. Não se pode fazer isso, portanto, sem saber o que é o ser humano, a que ele se assemelha, para o que deve ser guiado e quais são os caminhos possíveis.^{672,673}

Para Edith Stein, é preciso vínculo corresponsável nos gestos formativos, sem inconstâncias ou inconsistências. Para a fenomenóloga, formadores devem se reconhecer como pilares em que os jovens podem ter por referência em seu desenvolvimento integral.⁶⁷⁴

⁶⁶⁸ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁶⁹ Conforme: “[...] esta vida de gracia tiene que ser alimentada por la verdad divina y por las fuentes de gracia de que la Iglesia dispone”.

⁶⁷⁰ *Loc. cit.*

⁶⁷¹ *Loc. cit.*

⁶⁷² *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 743.

⁶⁷³ Conforme: “Educar quiere decir llevar a otras personas a que lleguen a ser lo que deben ser. Pero no será posible educar sin saber antes qué es el hombre y cómo es, hacia dónde se le debe conducir y cuáles son los posibles caminos para ello”.

⁶⁷⁴ RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015.

3.5.6 Trajetórias juvenis progressivas: vontade do sagrado e irradiação do Bem Eterno

Como já foi visto, para Edith Stein, a formação religiosa ocorre de modo progressivo. O ser humano, a pessoa jovem, é provido de diversas potências, estimuladas e desenvolvidas na vida prática. Para isso, o papel dos formadores, das comunidades e instituições é fundamental para o despertar das potências e condução na atuação cotidiana com jovens. No entanto, o desenvolvimento humano requisita que, do estado de dependência inicial, gradualmente, adolescentes e jovens, empenhem-se autonomamente na consciência de suas ações.⁶⁷⁵

Na conferência que proferiu sobre a colaboração na formação religiosa de jovens,⁶⁷⁶ Edith pondera que é preciso questionar a formação: “deve colaborar com quem e de quem?”.^{677,678} Stein considera que escolas, por exemplo, com caráter interconfessional, confessional ou secular, são espaços em que adolescentes e jovens passam o maior período e que as vivências nesse espaço-tempo serão decisivas para suas escolhas de vida.⁶⁷⁹

Na especificidade da formação religiosa de espaços educativos eclesiais, a Igreja torna-se essa comunidade “com quem” os jovens podem caminhar. A modelagem do itinerário formativo religioso, para Edith Stein, possui quatro elementos:

- a) o objetivo formativo, isto é, uma forma⁶⁸⁰ a ser alcançada;
- b) o público preferencial a ser formado, configurado por crianças, adolescentes e jovens;
- c) as mãos que trabalham e os recursos que possuem para isso;
- d) o processo de formação como um processo de configuração,⁶⁸¹ em que o jovem assume sua forma própria, sua autenticidade.

⁶⁷⁵ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003.

⁶⁷⁶ A conferência encontra-se sem tradução ao português. Proferida em agosto de 1929, trata-se de *Die Mitwirkung der klösterlichen Anstalten an der religiösen Bildung der Junged*. Para esse trabalho, consultou-se a obra espanhola *La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, 2003.

⁶⁷⁷ STEIN, Edith. *La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud*, 2003. p. 112.

⁶⁷⁸ Conforme: “¿colaboración con quién y de quién?”.

⁶⁷⁹ STEIN, Edith. *La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud*, 2003

⁶⁸⁰ Ressalta-se que para Edith Stein, a ideia de forma não configura como estrutura rígida e padronizada.

⁶⁸¹ STEIN, Edith. *La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud*, 2003.

O objetivo da formação religiosa é contribuir para que crianças, adolescentes e jovens possam se reconhecer como filhos de Deus. A meta formativa é elevada e está à luz da pedagogia do amor cristão: viver a vida como um *Alter Christus*, um outro Cristo. Edith Stein afirma que “ não se deveria aspirar nada mais baixo”.^{682,683} Para que se configure como esse outro Cristo, os jovens devem ser reconhecidos com interioridade potente com força motriz que configure todo o ser “desde dentro”, irradiando para o exterior. Aqui, há um sentido forte para Stein. A autora indica que: “em toda a criatura de Deus, existe um desejo natural de Deus, em sua gênese e meta”.^{684,685}

Essa vontade ao sagrado pode ser potencializada por aqueles que o formam. As mensagens gestuais, orais e escritas, as expressões de olhar, a escuta intencional, movimentos faciais e corpóreos, os gestos de cuidado e atenção são capazes de penetrar a alma do jovem, exprimindo um processo autêntico e vinculado ao todo que a pessoa é.⁶⁸⁶ Assim, é possível a abertura e disposição em relação vincular de confiança.⁶⁸⁷

Aos que assumem a formação católica, Edith Stein sinaliza o valor inalienável diante de da vida de cada jovem, aliado à responsabilidade confiante em Deus para que desenvolva possibilidades educacionais em uníssono aos valores eternos. Edith Stein reconhece cada jovem como um espaço sagrado educacional e afirma que é preciso desenvolver “uma profunda veneração e um santo respeito diante dos jovens cuja educação lhe é confiada. Foram criados por Deus e são portadores de uma missão divina”.^{688,689}

A filósofa indica que quando família e instituições educativas se esvaziam de sentido e se furtam de seu papel, esse fundamento sagrado de compromisso com a vida em integralidade conta com a esperança na graça de Deus, de que, por outros meios, a pedagogia divina poderá conduzir os jovens ao bem eterno.

Já no caso de espaços eclesiais, Edith Stein recorda o percurso da Igreja peregrina, na primazia de Jesus Cristo, em que a graça se apresenta como força formativa atuante através da vida de oração e nos ensinamentos. Edith pontua principalmente o exemplo dos cristãos que assumem a vocação como membros vivos do Corpo Místico. Refere às famílias a

⁶⁸² STEIN, Edith. *La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud*, 2003. p. 114.

⁶⁸³ Conforme: “[...] pero no deberíamos aspirar a nada más bajo”.

⁶⁸⁴ *Loc. cit.*

⁶⁸⁵ Conforme: “En toda criatura de Dios, se encuentra un deseo natural de Dios, en su principio y meta”.

⁶⁸⁶ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁶⁸⁷ *Loc. cit.*

⁶⁸⁸ *Id. Estructura de la Persona Humana*, 2003. p. 574.

⁶⁸⁹ Conforme: “[...] una profunda veneración y un santo respeto ante los jóvenes cuya educación se le confía. Han sido creados por Dios y son portadores de una misión divina”.

responsabilidade que possuem em educá-los na fé; aos presbíteros, na forma viva de anúncio e de celebração sacramental; aos acompanhadores, que atuam com jovens, que “leem sua alma”,^{690,691} empatizados pela via do amor e da confiança e, por isso, facilitam o diálogo e cuidam de seu caminho; aos consagrados, como exemplos luminosos de vida cristã imagem viva de Cristo através do serviço.⁶⁹²

Para Stein, integram como formadores também os santos, pois são vidas fincadas na história humana que alcançaram seu fim último na graça eterna. São provas seguras das possibilidades da vida cristã. Neles, pode-se encontrar modelos de lutas diante de sofrimentos, proteção e familiaridade, ensinamentos eficazes, dentre tantos testemunhos. Nesse sentido, instituições religiosas de educação e, principalmente, as casas de formação de seminários e congregações são vistas por ela como forças formativas, visto que, para além do discernimento vocacional dos que lá se encontram, há inúmeras pessoas que nesses espaços buscam consolo e luzes para a vida cristã.⁶⁹³

Edith Stein não se furta da vida em vistas da comunhão, inclusive com os santos católicos como paradigmas. Se o Eterno adentrou o tempo, só Nele existe uma eternidade como destinação sobrenatural do humano e muitas pessoas, com todas as suas fragilidades, são referenciais de vida humana e cristã.⁶⁹⁴ De acordo com Ales Bello:

Buscar aperfeiçoar-se na existência não é uma fuga, mas um comprometimento diário que abarca nosso intelecto e nossa vontade. Entendemos, assim, que: quem trabalha com espírito de caridade e constrói algo de bom, tem mais chances de viver o bem eterno na eternidade.⁶⁹⁵

Com seu livre-arbítrio e dotado de autoconsciência, a vontade é formada para assumir atos que irradiem o bem eterno. Vale ressaltar a compreensão de Edith da busca pela verdade como a busca deste bem, visto que a ação da graça divina na formação do ser não se reduz, nem se isola nas fronteiras visíveis. Para a autora, a misericórdia de Deus é grandiosa e está para além da adesão à Igreja visível: “Deus é a verdade. Quem busca a verdade, busca Deus, seja

⁶⁹⁰ STEIN, Edith. *Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica*, 2003. p. 441.

⁶⁹¹ Conforme: “*saben ler em esa alma*”.

⁶⁹² *Loc. cit.*

⁶⁹³ *Loc. cit.*

⁶⁹⁴ ALES BELLO, Angela. *Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje?*, 2021.

⁶⁹⁵ *Ibid.* p. 125.

conscientemente ou não”.⁶⁹⁶ Certamente, a busca pela verdade integra a busca de muitos jovens. É preciso aprender a reconhecer suas buscas e seus processos.

Para melhor entendimento de como o sentido da sagrado pode ser formado desde dentro das vivências juvenis, a próxima etapa da pesquisa apresenta a sequência do estudo qualitativo que contou com narrativas biográficas de sete participantes. A característica comum entre os participantes se dá ao fato de que em sua juventude tomaram/tomam a decisão de se manter em identidade católica como princípio religioso e, cada um a seu modo, parte da intencionalidade de construir, nos espaços em que atuam, um mundo mais humano e pautado no Bem-Belo-Verdadeiro.

⁶⁹⁶ STEIN, Edith. *Carta a Adelgundis Jaegerschmid, datada de 23 de março de 1938*, 2002. p. 1250-1251. Por ocasião do adoecimento de Edmund Husserl por pleurisia, doença que ocasionou sua morte em 27 de abril do mesmo ano.

4 “TIRA AS SANDÁLIAS DOS TEUS PÉS”: NO SAGRADO SOLO DAS VIVÊNCIAS EM PRIMEIRA PESSOA

O contexto do qual a pesquisa partiu explicitou a abordagem eclesiológica do Papa Francisco com as jovens gerações. Somado ao estudo, buscou-se conceitualizar a teleologia da formação com jovens, através da referência teórica aos fundamentos antropológicos de Edith Stein. Se o caminho iniciou com o clamor do Papa Francisco por uma educação que coloque a pessoa no centro dos processos formativos e os jovens no coração da Igreja enquanto solo sagrado, o passo agora é ir ao encontro de vivências concretas, visando a identificar a dinâmica de formação da pessoa humana e cristã “em carne e osso”.

Por isso, nessa etapa da tese, estruturou-se uma investigação qualitativa a partir de entrevistas, com o objetivo de entender o fenômeno da formação humana e católica, “*desde dentro*” de vivências juvenis. A palavra método provém do grego “*methodos*”, que significa o “*caminho para se chegar a um fim*”. Ela indica uma investigação científica, delineada e sistematizada com vistas a produzir novos conhecimentos, discutir e/ou se integrar àqueles já existentes. Se a meta ocorre por meio de um caminho, agora o caminho é enriquecido pelo chão da vida vivenciada “em primeira pessoa”.

Assim, o passo a passo do detalhamento metodológico encontra-se descrito no presente capítulo, bem como, a descrição das histórias de vida vivenciadas e narradas. Entende-se que a apresentação biográfica não consiste na soma das partes, mas em sua organização respeitando o todo da presentificação da narrativa vital. Por isso, os fenômenos são considerados no contexto mais amplo da história de vida.⁶⁹⁷ Das vivências manifestadas pelos sete entrevistados, contextualizou-se suas narrativas e, a partir delas, buscou-se identificar como a dinâmica de formação constitui a pessoa jovem, quais fatores efetivamente contribuíram – ou não – para a formação integral de cada singularidade e que sentido o sagrado foi assumindo nessas vidas.

Importante retomar que os entrevistados fizeram relatos espontâneos e não determinados por horário, o que gera algumas narrativas com maior precisão de detalhes e outras mais objetivas. Quem conduziu a entrevista e o conteúdo emergente foram os participantes. Não houve interrupção da pesquisadora.

A metodologia utilizada não se limita a “dar voz” ao objeto de investigação, mas a assumir uma atitude fenomenológica diante das vivências. Em entrevistas de narrativas

⁶⁹⁷ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014.

biográficas, é preciso colher todas as informações evidenciadas pelo participante e não assumir a postura objetivante de verificação de hipóteses previamente formuladas. O interesse é a aproximação com os fenômenos descritos na gênese das vivências narradas. Para tal, é importante ressaltar que o conteúdo das vivências não era conhecido pela pesquisadora previamente.

A pesquisadora, no momento dos relatos das narrativas, escutou-as ativamente e fenomenologicamente, com uma atitude de suspensão de juízos (*epoché*), sem haver intervenção de perguntas, de forma a assumir a condição de quem “tira as sandálias dos pés”⁶⁹⁸ diante do chão sagrado da pessoa humana, respeitando temporalidades e processos de cada participante. Buscou-se a postura *intus ir* (intuir), movendo o *intus legere*, ou seja, a leitura desde dentro da interioridade expressada pelos participantes, captando o sentido apreendido nos contextos formativos. Após, voltou-se ao conteúdo oral e transcrito, visando ao intuído nas unidades de sentidos qualitativos, em um movimento científico ao que é essencial: direcionar-se àquilo que aparece e mergulhar no fenômeno essencial do sentido que se revela.

4.1 AO ENCONTRO DAS VIVÊNCIAS: A ENTREVISTA NARRATIVA

Instrumentos de levantamento de dados a partir de entrevistas são frequentes no campo das Humanidades. Nos mais diversos círculos sociais, é por meio de perguntas e respostas que a comunicação se faz, e, assim, chega-se à informação. Diálogos, debates e entrevistas fazem parte do dia a dia das pessoas.

No caso da pesquisa científica, entrevistas por vezes integram estudos-piloto, estudos de profundidade e grupos focais, explorando temáticas através de questionários semiestruturados ou estruturados. Entrevistas abertas são menos frequentes e implicam em uma análise exigente, além de uma ruptura de apriorismos e de possíveis estereótipos.

Para o presente estudo, entendeu-se que, em uma investigação com as jovens gerações e partir delas, seria central partir da metodologia de entrevistas abertas. De acordo com Rosenthal, “a opção pelo uso de uma forma de entrevista aberta revela o objetivo do pesquisador de apreender o tema investigado desde o ponto de vista do entrevistado”.⁶⁹⁹

⁶⁹⁸ Ex 3, 5.

⁶⁹⁹ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014. p. 170.

Diante da complexidade da contemporaneidade, considerou-se fundamental, ao fazer a opção por entrevistados entre 20 e 34 anos, a análise das vivências das jovens gerações que transita(ra)m entre os séculos XX e XXI:

A entrevista aberta lhe ajuda a compreender e explicar o que está por trás de determinado ponto de vista, como essa perspectiva do sujeito se desenvolveu ao longo de sua vida ou, ainda, como ela continua a ser constituída no contexto da entrevista.⁷⁰⁰

Procedimentos abertos tomam o relato do entrevistado por referência, permitindo, com isso, um papel mais ativo desse entrevistado, sem questões pré-formuladas. O princípio de “abertura” encontrado na pesquisa social interpretativa não enxerga na interação entre entrevistado e entrevistador alguma espécie de ruído, mas sim, um elemento determinante do processo. Isso permite uma sistematização tanto na realização da entrevista quanto nas diferentes formas de análise de dados.⁷⁰¹ A entrevista aberta parte da perspectiva de uma constituição, não sendo restrita à simples obtenção de informações. Gabriele Rosenthal destaca esse modelo como uma entrevista na qual todo o significado é produzido na interação.⁷⁰² Cada entrevista produzirá o seu significado próprio e a sua relação social. Assim sendo, as interpretações situacionais e os motivos que determinam a ação, as teorizações sobre o cotidiano e as interpretações das vivências visam ao entendimento discursivo das entrevistas abertas.⁷⁰³

Rosenthal considera que, quanto mais aberta a entrevista, mais os processos se evidenciam de modo transparente:

Vale como regra que, quanto menor o grau de padronização, quanto menos inflexível, portanto, a estrutura determinada pelo entrevistador para a entrevista antes de sua realização, mais facilmente identificáveis serão os processos interacionais que definem a situação, o enquadramento e maior será o campo de ação dos entrevistados para expor suas perspectivas.⁷⁰⁴

⁷⁰⁰ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014. p. 170.

⁷⁰¹ *Loc. cit.*

⁷⁰² *Loc. cit.*

⁷⁰³ Gabriele Rosenthal ampara-se em concepções trazidas por autores como James A. Holstein e Jaber F. Gubrium (1995) e Christel Hopf (2000) acerca de estudos qualitativos.

⁷⁰⁴ *Ibid.* p. 170.

Ao contrário de questionários aplicados com perguntas fechadas, o relato aberto possibilita analisar os fenômenos evidenciados, respeitando as linguagens, as mudanças repentinas de assunto, os ritmos e os conteúdos que possam parecer pouco plausíveis ou mesmo não plausíveis ao entrevistador.⁷⁰⁵

Pela concepção de “abertura”, o presente estudo destaca a entrevista narrativa como método. Entrevistas narrativas, em um primeiro momento, são relatos formulados autonomamente pelo entrevistado a respeito da história vital ou de uma determinada temática, sem intervenções do entrevistador. A partir dos relatos, no segundo momento, algum assunto emergente da fala do entrevistado é aprofundado.⁷⁰⁶

Os pesquisadores devem, assim, em consonância com o princípio de abertura, renunciar conscientemente ao levantamento de dados conduzido por hipóteses e tomar como referência as concepções cotidianas do entrevistado e as suas relevâncias. O procedimento narrativo de contar suas próprias experiências é utilizado também para o desenvolvimento de um ponto de vista sobre o tema abordado, sobre a sua história de vida. Além do mais, entrevistas narrativas possibilitam comparações cruzadas na reconstrução da vivência de acontecimentos comuns a todos os entrevistados.⁷⁰⁷

Narrativas sequenciam o curso de acontecimentos concretos, tornando presente a temporalidade (memória histórica, recordações, (re)significações, impactos na atualidade e projeções futuras): o “aqui” e o “agora” se tornam integradores de vivências, não como distanciamentos, mas como fluxos. Em entrevistas abertas e narrativas não se faz pressão para exposições de dados, detalhamentos ou condensações somatórias de fatos. O fluxo narrativo, de autoria do próprio entrevistado, reaviva e estimula reconstruções, fazendo:

[...] emergir gradualmente impressões, sentimentos, imagens, sensações e componentes da situação recordada – os quais em parte não se relacionam à perspectiva atual do entrevistado e dos quais por vezes o mesmo há muito tempo não lembrava.⁷⁰⁸

A técnica da entrevista narrativa vai ao encontro da vida vivenciada. Sua constituição metodológica é composta por duas fases, de acordo com Rosenthal: 1) Solicita-se a narrativa –

⁷⁰⁵ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014.

⁷⁰⁶ *Loc. cit.*

⁷⁰⁷ *Loc. cit.*

⁷⁰⁸ *Ibid.* p. 190.

narrativa principal, desenvolvida autonomamente, ou autoapresentação; 2) São realizadas perguntas para a geração de narrativas, perguntas essas que podem ser: a) internas, com base nas anotações feitas na primeira fase; ou b) perguntas externas. Finaliza-se a entrevista.⁷⁰⁹

Para a construção da solicitação da narrativa, à luz das considerações éticas de pesquisa qualitativa, a proposta partiu da seguinte interlocução:

Sou pesquisadora no PPG de Teologia da PUCRS. Atuo na área da Educação e fiz o Mestrado, defendendo minha dissertação em Formação Humana e Cristã. Agora, no Doutorado, estou pesquisando as vivências juvenis, para tentar entender os processos de formação ‘desde dentro’ da vida humana. Nesta entrevista, primeiro você me conta a sua história, no seu tempo, no seu ritmo, contando o que quiser relatar. Você é livre para participar ou não desta modalidade de pesquisa. Eu não farei qualquer intervenção; somente escutarei. Depois, em um segundo momento, a partir do que emergir na sua fala, farei um aprofundamento, a partir de uma pergunta que você também poderá livremente responder.⁷¹⁰

A escuta compreensiva da pesquisadora buscou captar a vivência contextualizada, bem como o conteúdo, o tom da oralidade, as expressões faciais e as emoções produzidas. Nessa forma de entrevista, o seu encerramento é realizado pelo próprio entrevistado, quando ele entende que a sua narrativa se finalizou. As entrevistas realizadas para este estudo concluíram no denominado “lugar seguro”, isto é, com os participantes emocionalmente estáveis e seguros,⁷¹¹ sendo destacada a empatia e havendo o esclarecimento, para os entrevistados, dos procedimentos de análise.

4.2 A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS NARRATIVAS

Os relatos em áudio das entrevistas foram integralmente transcritos. A primeira fase das entrevistas foi integralmente gravada em áudio, com permissão do participante. Com relação à segunda fase, o entrevistado pôde escolher a sua preferência entre mandar o conteúdo em forma de áudio ou de texto.

⁷⁰⁹ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014.

⁷¹⁰ O diálogo inicial baseou-se na técnica de entrevista narrativa descrita por: ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014. p. 191-192.

⁷¹¹ *Loc. cit.*

Para a análise do material qualitativo, decidiu-se realizar a Análise Textual Discursiva.⁷¹² Para uma melhor compreensão, pode-se caracterizar a Análise Textual Discursiva como um método intuitivo. O processo intuitivo visa a superar a linearidade da lógica, implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo.

Em geral, o método dedutivo parte de um movimento do geral para o particular, por meio da indicação de categorias *a priori*, previamente ao *corpus* dos textos a serem analisados. As categorias são deduzidas para o estudo ser desenvolvido, como “caixas” nas quais as unidades de análise serão agrupadas. Já o método indutivo realiza categorizações a partir das informações contidas no *corpus*. Nesse método, o processo, conduzido tacitamente pelo pesquisador, compara e contrasta as unidades de análise, de modo a organizar conjuntos semelhantes. O processo é realizado do particular ao geral, de modo essencialmente indutivo, o que resulta em categorias emergentes.⁷¹³

Para compreender a superação da linearidade proposta pela Análise Textual Discursiva como um método intuitivo, como uma terceira via analítica, é preciso entendê-la como um processo paciente e reconstrutivo, em que o pesquisador não parte de pressupostos, mas procura “[...] reconstruções em que se evidencia um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos”.⁷¹⁴

Há a exigência, ao pesquisador, de um aprofundamento do objeto de pesquisa, destacando os participantes do estudo como interlocutores, isto é, como sujeitos do processo. Nessa visão, inclusive, o próprio pesquisador é considerado como um sujeito envolvido no movimento hermenêutico, em que são solicitadas constantes (re)construções, que visam à permanente qualidade dos achados.⁷¹⁵

Tal abordagem de análise implica em assumir um olhar fenomenológico em relação à investigação. O pesquisador assume a atitude de deixar que os fenômenos se manifestem, sem imposição e sem direcionamentos. Para isso, torna-se necessária uma atenção ao todo e às partes, valorizando-se os argumentos qualitativos, plausíveis, fundamentados por meio de uma rigorosa argumentação dialética – um “caminho entre ideias”.⁷¹⁶

Segundo Moraes e Galiazzi:

⁷¹² MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*, 2016.

⁷¹³ *Loc. cit.*

⁷¹⁴ *Id. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces*, 2006. p. 9.

⁷¹⁵ *Loc. cit.*

⁷¹⁶ *Ibid.* p. 201.

Esse processo em seu todo pode ser comparado com uma tempestade de luz. O processo analítico consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se *flashes* fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise.⁷¹⁷

A compreensão possibilitada através da Análise Textual Discursiva permite a construção de argumentos originais e cria condições para a estruturação de um texto coerente e consistente, o que possibilita ao pesquisador a autoria de seus argumentos e de suas teses em metatextos. Para tal, o pesquisador busca examinar o fenômeno partindo de um olhar não sintético, mas sim abrangente, visando à intuição resultante da sua impregnação intensa no fenômeno investigado.⁷¹⁸

O processo analítico caracteriza-se pela organização de uma construção compreensiva, em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes:

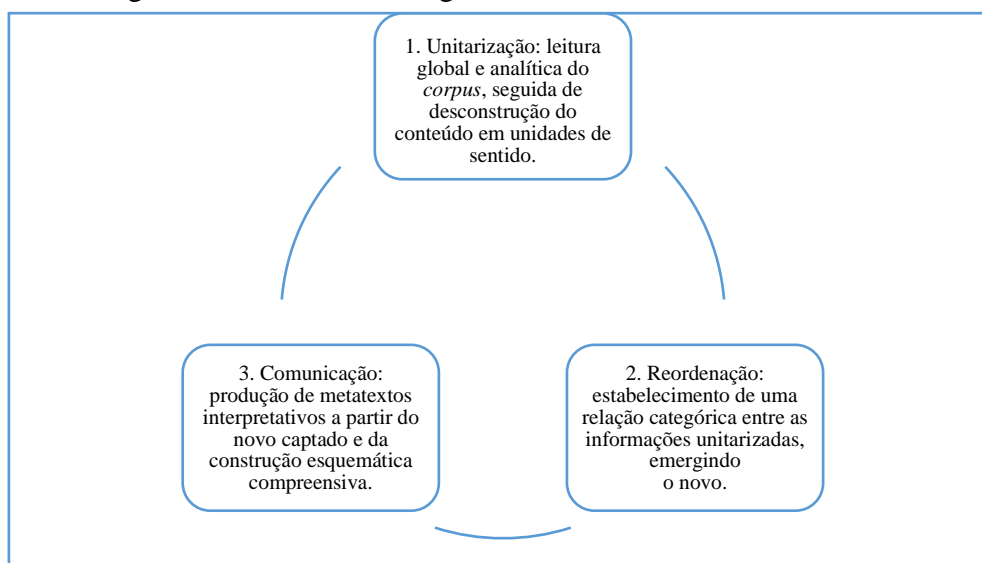
- a) Desconstrução dos textos do *corpus* – a unitarização;
- b) Estabelecimento de relações entre os elementos unitários – a categorização;
- c) Captação do novo emergente, quando a nova compreensão é comunicada e validada através de metatextos.⁷¹⁹

⁷¹⁷ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003. p. 192.

⁷¹⁸ *Loc. cit.*

⁷¹⁹ *Loc. cit.*

Figura 3 – Ciclo metodológico da Análise Textual Discursiva⁷²⁰



Para esta pesquisa, todas as entrevistas foram transcritas, formando-se um *corpus* textual. Conforme a metodologia, a análise se inicia com um processo de desmontagem dos textos:

Ao examinar esse elemento, fazemos, em primeiro lugar, uma incursão sobre o significado da leitura e sobre os diversificados sentidos que esta permite construir a partir de um mesmo texto. Daí nos movemos para tratar do *corpus* da análise textual, atingindo, a partir disso, o cerne desse primeiro estágio da análise, que é a desconstrução e a unitarização do *corpus*.⁷²¹

Para essa desmontagem, torna-se fundamental a relação entre leitura e significação: todo o *corpus* possibilita uma multiplicidade de leituras. A análise qualitativa opera com significados (re)construídos a partir de um conjunto de textos.⁷²² O exercício está em encontrar e (re)elaborar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos. É possível, ao pesquisador, construir compreensões com base em um conjunto de textos, analisando-os e expressando, a partir da análise, alguns dos sentidos e dos

⁷²⁰ Esquema desenvolvido por Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, para fins de ilustração didática das pesquisas qualitativas com análise textual discursiva produzidas pelo Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista a partir de 2019.

⁷²¹ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003. p. 192.

⁷²² *Loc. cit.*

significados evidenciados. A emergência e a comunicação desses novos sentidos e significados torna-se o objetivo analítico.⁷²³

Após a leitura das vivências, em seus sentidos e significados, encontrados no *corpus* textual, inicia-se a desconstrução desse *corpus*, na dinâmica da unitarização. Assim é chamado o movimento desconstrutivo de fragmentação, em que há a identificação e a expressão de unidades de sentido elementares, obtidas a partir da leitura analítica do *corpus* textual.⁷²⁴

Ao ler, interpretar as vozes dos sujeitos da pesquisa, abrir-se à significação do outro, o pesquisador incorpora significados nos seus próprios entendimentos, constituindo sua aprendizagem no processo. Unitarizar é dar início ao processo reconstutivo das compreensões do pesquisador, sempre a partir do mergulho em significados coletivos expressos pelos sujeitos da pesquisa.⁷²⁵

O processo da unitarização pode trazer insegurança inicial diante do desestruturante (da ordem ao caos), o que exige o envolvimento e a sistematização de ideias em relação ao conjunto de unidades de significado. Com isso, necessita-se de que o pesquisador esteja aberto para um espaço criativo, de auto-organização, capaz de dar origem a uma novidade de combinações e de cruzamentos, a partir do intercâmbio de sentidos revelados.⁷²⁶

Da emergência dos sentidos, são geradas as categorias. O estabelecimento de categorias origina-se por meio de intuições, como que “*insights* de luz que se apresentam ao pesquisador, por uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos”.⁷²⁷ Esse estabelecimento possibilita (re)aprendizagens, através do envolvimento do pesquisador com o fenômeno que se apresenta à sua consciência. As categorias são definidas pelo núcleo de sentido:

Cada categoria representa um conceito dentro de uma rede de conceitos que pretende expressar novas compreensões. As categorias representam os nós de uma rede. O pesquisador, ao tecer sua rede, precisa preocupar-se especialmente com os nós, ou seja, com os núcleos ou centros das categorias. [...]

Por isso, o processo de categorização precisa investir na definição e na explicitação do núcleo das categorias emergentes, deixando que se estabeleçam entrelaçamentos na superposição das fronteiras, garantindo-se dessa forma a constituição de um todo

⁷²³ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003.

⁷²⁴ MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva: processo reconstutivo de múltiplas faces*, 2006.

⁷²⁵ *Ibid.* p. 124.

⁷²⁶ *Loc. cit.*

⁷²⁷ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003. p. 197-198.

integrado. A superação da fragmentação na análise textual discursiva implica não pretender estabelecer limites precisos entre as categorias.⁷²⁸

A análise categórica poderá se desdobrar em categorias iniciais, intermediárias e macrocategorias, na medida em que há um sistema de integração a partir de um núcleo evidenciado pelo sentido fundante. As categorias simultâneas surgidas poderão ser cruzadas, formando ainda novos elementos conectivos. A partir da etapa de categorização, o pesquisador dá sequência na construção de um novo *corpus*, quando serão expressas as novas intuições e argumentações em metatextos, com teses derivadas do todo e das partes.

Tal percurso requer o exercício de uma retomada constante das (re)formulações de modo crítico, seja em seu todo, seja em cada uma de suas partes. Mais do que uma produção textual analítica descritiva de apresentações categóricas, metatextos apresentam a oportunidade de aprender ideias originais, em um processo vivo, autoral, rico e aprofundado, derivado das (re)significações sobre os fenômenos investigados, realizadas pelos interlocutores do estudo.⁷²⁹

De acordo com Moraes e Galiuzzi, a dinâmica de construção do metatexto:

É, portanto, um esforço construtivo no sentido de ampliar a compreensão dos fenômenos investigados. É um movimento sempre inacabado de procura de mais sentidos, de aprofundamento gradativo da compreensão dos fenômenos. A construção dessa compreensão é um processo reiterativo em que, num movimento espiralado, retomam-se periodicamente os entendimentos já atingidos, sempre na perspectiva de procura de mais sentidos. O questionamento e a crítica estão sempre presentes e impulsionam o processo, possibilitando reconstruir argumentos já formulados, submetendo-os novamente à crítica e reconstrução. A validação das compreensões atingidas dá-se por interlocuções teóricas e empíricas, representando uma estreita relação entre teoria e prática. Nisso também se põe em movimento a teorização do pesquisador.⁷³⁰

Assim, a Análise Textual Discursiva, que se inicia com o pesquisador mergulhando em um *corpus* ordenado advindo das entrevistas e identificando nele os sentidos unitários, desconstrói e reformula esse *corpus*, de acordo com as categorias reveladas. A Análise Textual Discursiva intenciona comunicar o novo reconstruído a partir de redes relacionais das interlocuções empíricas, em diálogo com as teorizações autorais e originais dos sentidos compreendidos pelo próprio pesquisador, assim como com as bibliografias e com os

⁷²⁸ MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Op. cit.* p. 125.

⁷²⁹ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003.

⁷³⁰ *Ibid.* p. 205.

conhecimentos existentes. O desafio do pesquisador está em “tornar compreensível o que antes não era, e isso precisa ser feito com um texto de qualidade e sabor”.⁷³¹

4.3 DOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As entrevistas aconteceram entre outubro de 2020 e julho de 2021, ou seja, em meio à pandemia de COVID-19. Para fins de ética na pesquisa social, considerando-se pesquisas no campo das Ciências Humanas, observou-se principalmente a Resolução 510, de 7 de abril de 2016.⁷³²

Os procedimentos para este estudo garantiram:

- a) Participação voluntária dos entrevistados, que foram formalmente convidados para participar da pesquisa e que assinaram o Termo de Anuência (Apêndice 1). Todos os entrevistados possuem mais de 18 anos e aceitaram livremente fazer parte do estudo, ressaltando-se a forma autônoma, consciente, livre e esclarecida da sua participação;
- b) Conforme o artigo 4º da Resolução 510,⁷³³ foi estabelecida a relação de confiança entre pesquisador e participante, na qual o pesquisador estava continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo esse questionamento ser obtido ou registrado em qualquer uma das fases de execução da pesquisa; além disso, o participante podia se retirar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a ele;
- c) A entrevista narrativa pressupõe que o próprio participante expresse livremente o que quiser relatar. Assim sendo, as questões têm uma característica invasiva mínima. Os riscos estão mais relacionados a algum desconforto diante do relato de algum fato. Todos tiveram a ciência de que poderiam parar a entrevista quando quisessem e, no caso dos sete entrevistados, nenhum solicitou isso;
- d) As entrevistas gravadas em áudio iniciam com a pesquisadora explicando os dados acima, no que se seguiu o aceite voluntário do participante. O artigo 5º da Resolução 510 considera que o processo de comunicação do consentimento e do assentimento

⁷³¹ MORAES, Roque. *Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*, 2003.

⁷³² CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução 510, de 7 de abril de 2016*, 2016.

⁷³³ *Loc. cit.*

livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral ou escrita, por língua de sinais ou por outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou do grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas:

§ 1º O processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido deve ocorrer de maneira espontânea, clara e objetiva, e evitar modalidades excessivamente formais, num clima de mútua confiança, assegurando uma comunicação plena e interativa.⁷³⁴

- e) Acordou-se com os participantes que as entrevistas seriam anônimas, e as informações, sigilosas. Ao longo das etapas do estudo, os participantes foram informados dos processos, garantindo-se o direito de cada um de desistir em qualquer etapa sem qualquer prejuízo, sendo respeitadas as garantias de sua privacidade e da confidencialidade das informações;
- f) Com a demanda emergencial de realização da pesquisa qualitativa em ambientes virtuais e/ou com a utilização de ferramentas digitais, impulsionada pela pandemia de COVID-19 a partir de 2020, os encaminhamentos foram alinhados com os critérios éticos de pesquisa em ambiente digital;⁷³⁵
- g) Os participantes declararam a cedência de direitos do conteúdo das entrevistas, relacionado aos depoimentos, disponibilizando o material para ser utilizado para a tese, defendida pela doutoranda Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e para os demais estudos e as demais publicações que a pesquisadora vier a desenvolver.

⁷³⁴ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução 510, de 7 de abril de 2016*, 2016.

⁷³⁵ CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais*, 2020.

4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para este estudo, optou-se por realizar as entrevistas narrativas com sete participantes que integram o contexto da religiosidade católica e que, na juventude, conceberam-na como um percurso de vida orientada por um sentido espiritual e transformador. Optou-se por investigar pessoas nascidas no final do século XX e no início do século XXI, justamente para uma melhor análise da travessia contemporânea das jovens gerações, em que o cruzamento dos achados nas narrativas poderia evidenciar uma maior amplitude intergeracional e intercultural, bem como os impactos nas vivências

Os sete entrevistados apresentam, em suas vivências juvenis, a marca da incidência católica e os impactos na decisão de um modo de viver nos diferentes espaços. Todos vivem as realidades de contextos socioculturais e religiosos e trazem a marca das dinâmicas familiares, sociais, afetivas, escolares, universitárias, profissionais e eclesiais contemporâneas. Os entrevistados não se conhecem; além disso, eles apresentam características integrativas e articuladas nas vivências da interioridade e do meio externo.

Os relatos narrativos, na primeira etapa, ocorreram, em razão da pandemia de COVID-19, por meio da plataforma Google Meet, com os áudios autorizados para fins deste estudo. A entrevista narrativa de aprofundamento, realizada na segunda etapa, foi enviada aos participantes, que realizaram as suas devolutivas em forma de áudios ou de textos.⁷³⁶

No total, somaram-se quatorze entrevistas, visto que a pesquisadora entrevistou os sete participantes em dois momentos. Na primeira fase, foi desenvolvida a entrevista narrativa, conforme o método delineado. A segunda fase contou com uma pergunta de aprofundamento, em que se há a confluência das narrativas: Em nosso mundo contemporâneo, quais as prioridades que se deve ter na formação da juventude?

No quadro abaixo, é possível identificar o quadro geral das características próprias de cada participante nos períodos de entrevista:

⁷³⁶ CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais*, 2020.

Quadro 1 – Síntese das entrevistas⁷³⁷

| Participante | DO PERFIL | | | | | | DA ENTREVISTA | |
|--------------|-----------|-------|------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-------------------|
| | Gênero | Idade | Estado civil | Síntese da formação acadêmica | Região onde nasceu e onde mora atualmente | Observação | Data da entrevista | Duração (minutos) |
| E1-D | F | 34 | Casada | Graduação em Produção Audiovisual – Cinema. Especialização em Ética e Educação em Direitos Humanos e em Juventudes. | Nasceu no interior do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, mora na região rural de Porto Alegre/RS. | Vida acadêmica em universidades confessionais católicas e públicas. | 1ª fase: 19.09.2020 | 1h54min |
| | | | | | | | 2ª fase: 26.04.2021 | Registro escrito. |
| E2-L | M | 28 | Solteiro | Formação técnica em Mecânica e Metalurgia. Graduação em Engenharia Mecânica. | Nasceu no interior do estado de São Paulo/SP. Atualmente, mora na Região Metropolitana/SP. | Vida acadêmica em universidade privada confessional. | 1ª fase: 30.08.2020 | 1h06min |
| | | | | | | | 2ª fase: 13.05.2021 | 11min42s |
| E3-E | F | 31 | Solteira (Irmã) | Graduação em Ciências Biológicas. | Nasceu em Manaus/AM. Atualmente mora na região urbana de Porto Alegre. | Vida acadêmica em universidade federal pública. | 1ª fase: 08.10.2020 | 4min25s |
| | | | | | | | 2ª fase: 12.04.2021 | Registro escrito. |
| E4-S | F | 20 | Solteira | Bacharelado em Direito em andamento. cursou 4 semestres de Design Visual. | Nasceu e mora na região urbana de Porto Alegre/RS | Vida acadêmica em universidade pública. | 1ª fase: 12.10.2020 | 24min |
| | | | | | | | 2ª fase: 15.04.2021 | Registro escrito. |
| E5-N | M | 26 | Solteiro | Licenciatura em Letras e em Filosofia. Mestrado em Ciências Sociais em andamento. | Nasceu e mora no interior do estado de Goiás. | Vida acadêmica em universidade pública estadual e em universidade confessional católica. | 1ª fase: 14.10.2020 | 55min |
| | | | | | | | 2ª fase: 28.04.2021 | 9min14s |
| E6-A | M | 32 | Solteiro (Seminarista) | Graduação em Enfermagem. Bacharelado em Filosofia. Bacharelado em Teologia. Pós-graduado em Liturgia. | Nasceu no interior do estado do Rio Grande do Sul e mora na região metropolitana de Porto Alegre/RS. | Vida acadêmica em diferentes universidades privadas confessionais. | 1ª fase: 08.10.2020 | 1h06min |
| | | | | | | | 2ª fase: 19.04.2021 | 3min33s |
| E7-Z | M | 20 | Solteiro | Graduação em andamento em Engenharia de Controle e Automação. | Nasceu na Cidade de Lubango, na província de Huíla, na Angola. Atualmente, mora na região urbana de Porto Alegre/RS. | Ensino Superior em universidade estadual pública. | 1ª fase: 05.07.2021 | 1h50min |
| | | | | | | | 2ª fase: 08.07.2021 | Registro escrito. |

⁷³⁷ Elaborado pela autora (2022).

4.5 PRÉ-ANÁLISE COM APOIO DO *SOFTWARE* ATLAS.ti

O ATLAS.ti⁷³⁸ é um *software* alemão profissional, de autoria da Dra. Susanne Frieze. Esse *software* serve como um apoio para a análise qualitativa de dados. Para este estudo, o ATLAS.ti, versão 9, foi adquirido pela pesquisadora com recursos próprios, através da licença de estudante, com matrícula de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O *software* foi utilizado como um apoio no gerenciamento dos dados coletados em um conteúdo textual contidos no *corpus* das entrevistas e de parte dos referenciais bibliográficos. Através do ATLAS.ti, ao realizar as leituras globais, a pesquisadora pôde voltar à leitura analítica, unitarizando os destaques de conteúdo das entrevistas e as citações representativas categóricas, assim como codificando e segmentando as unidades de sentido. Além disso, pôde-se escrever comentários e gerar geodocumentos e memorandos do estudo.

As análises das entrevistas individuais foram criteriosamente realizadas conforme a Análise Textual Discursiva. O *software* contribuiu para o gerenciamento realizado pela pesquisadora, o que favoreceu o cruzamento de categorias em uma construção de modelos vinculares em códigos de redes entre os entrevistados. Foi possível a ampliação do olhar das principais categorias nos cruzamentos entre os jovens por faixa etária, gênero, discernimento à vida leiga ou consagrada, nível de formação acadêmica, entre outras possibilidades apresentadas na discussão dos achados.

Com a organização sistemática dos dados desenvolvidos pela pesquisadora através do *software*, foi possível realizar comparações e visualizações, as quais contribuiriam com subsídios categóricos para a construção dos metatextos e para a conceituação criativa entre a Análise Textual Discursiva e a fundamentação teórica proposta, de um modo ainda mais original e autoral.

Ressalta-se que o ATLAS.ti é uma ferramenta de auxílio com potencial de gerenciamento. Ela não realiza a análise, mas sistematiza-a, sob a usabilidade e a autoria do pesquisador. De acordo com Hwang, todas as inferências, todos os *insights*, todas as categorizações e todos os destaques em unidades de sentido ficam entre a expertise humana e o processamento de dados do computador.⁷³⁹

⁷³⁸ Copyright © de ATLAS.ti Scientific Software Development GmbH, Berlim. Todos os direitos reservados.

⁷³⁹ HWANG, Sungsoo. *Utilizing qualitative data analysis software: a review of Atlas.ti*, 2008.

Diante das narrativas e das indicações das prioridades na formação, os achados serão discutidos à luz da fundamentação teórica, pautada na antropologia de Edith Stein, que embasa esta tese doutoral. Nessa discussão, serão realizadas as possíveis tessituras entre as vivências e o que solicita o próprio contexto emergente.

4.6 SÍNTESES VIVENCIAIS: RECONHECENDO OS SOLOS SAGRADOS JUVENIS

A seguir, serão descritas as sínteses do conteúdo vivencial dos participantes da pesquisa qualitativa, acentuando os processos que ocorrem e que ocorreram durante a juventude, visando a uma *intus legere*, ler “desde dentro” o sentido apreendido de sagrado humano e de cristão.

4.6.1 A jovem com raízes e asas

A menina que, faz parte de tudo, que participa, que é catequista e, não era muito envolvida com namorados assim, né? Eu, eu olho pra minha vida e vejo que eu vivi muito bem as fases da minha vida. Criança, brinquei bastante dentro da poça d'água no rio, me sujei, brinquei de boneca até não sei que idade, sabe? [...] Eu acho que até por essa naturalidade da, da vida do campo, sabe? De ser mais calma, de ter oportunidade de ter experiência de grupo. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 8).

Participante da presente pesquisa, D. é uma mulher de 34 anos, brasileira e casada, com graduação concluída e duas pós-graduações em universidades públicas e privadas. Atua profissionalmente em uma instituição de Ensino Superior confessional católica.

Sua narrativa inicia referenciando detalhadamente a região litorânea de interior em que nasceu, com identidade indígena e colonização italiana e alemã. A pequena localidade foi descrita como um vale entre a serra e o mar, em um quadro de afetos evidentes, revelando o valor subjetivo que a pequena cidade possui para D. Seus relatos indicaram a família nuclear de pequenos agricultores, constituída de pai, mãe e um irmão mais novo, sendo D. quatro anos mais velha que ele.

A família morava em um sítio autossustentável, com plantio de alimentos para consumo. Próximo, encontrava-se uma igreja com um salão paroquial, o clube de mães, o campo de futebol e a *escolinha*. O pai, além de trabalhar na roça, trabalhava em uma cooperativa agrícola.

A minha mãe, dona de casa também, fazia muita coisa pra vender, aquela, aquela situação assim de interior, né? Fazia pão, fazia compotas e tal, e o meu pai trabalhava, além de ter as suas roças, a gente plantava feijão, aipim... enfim, ele também trabalhava numa cooperativa onde ele fazia as terras, lavrava com trator no município e aos redores, porque era ainda num tempo onde os pequenos agricultores não tinham acesso aos implementos agrícolas. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 2).

Da infância, D. relatou que possui “*lindas recordações e memórias desse tempo.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 2). No entorno, cerca de três quilômetros, moravam seus avós paternos, sendo o avô de descendência italiana e a avó de descendência alemã. Os domingos da infância foram marcados pela participação na missa, seguidos do almoço em família na casa dos avós. Tanto seus avós como seus pais foram descritos como integrantes ativos na comunidade paroquial local:

[...] a nossa família também por uma questão tradicional, sempre foi muito envolvida com as questões de igreja, assim sabe? Eu brincava que se eu não fosse missa ou no terço (porque chamam terço ainda lá as celebrações da Palavra)... Quando o padre fazia as duas celebrações de missa por mês, eu ouvia do meu quarto, porque meu quarto ficava do lado da cerca que dava pra igreja. Então se eu não quisesse ir na missa, eu acompanhava tudo. Como meu pai e minha mãe sempre foram muito envolvidos, as primeiras recordações, assim, de vida têm muito esse lado também, desta participação na comunidade. De ir no terço, de ir na missa, depois jogar futebol com os guris na frente do campo. Desse envolvimento da primeira vez que eu fiz a leitura na igreja... Da primeira comunhão, sabe? Sempre foi muito permeado, de ajudar na organização das festas. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 3).

O contexto infantil possui acento forte na vivência comunitária de D., que evidenciou um lar rodeado de amigos da família e vizinhos com realidades semelhantes; segundo ela, a pertença comunitária “*me constituiu muito como pessoa e eu fui vendo ao longo do caminho o quanto isso teve influência, sabe?*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 3).

D. estudou na escola comunitária que o pai também frequentou e citou, de modo divertido, que tinha vergonha de a mãe levar a merenda no recreio. Ao que indica, era uma escola rural de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, seus pais eram envolvidos

com o sindicato dos trabalhadores rurais e o pai, inclusive, integrava as esferas de comissão e presidência. D. acompanhava as reuniões e participava dos debates.

Na adolescência, após os sacramentos da iniciação à vida cristã, passou a participar da Pastoral da Juventude, a ser catequista e a integrar equipes de celebração da paróquia.

Concomitantemente, D. começou a participar dos movimentos juvenis sindicais. Citou que a primeira lembrança real de ir à capital do estado foi ao acompanhar a mãe no Grito da Terra⁷⁴⁰ na frente da praça dos três poderes. Segundo ela, os agricultores gritavam: “*Se a roça não planta, a cidade não janta*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 5). Em sua narrativa, expressou o valor da vivência agrícola:

[...] esse senso comum de ter vergonha e tal, e de um estereótipo do Jeca tatu, sabe? Que as pessoas do interior têm o dente careado, que fala errado, que se veste rasgado, e eu tinha, a minha consciência crítica participando desse espaço que eu tinha que lutar contra isso. Então eu dizia “Olha, meu pai é agricultor e eu tenho muita honra disso, eu também faço parte de um grupo que a gente não tem que ter vergonha de ser agricultor, e vamo lá pro sindicato porque a gente conversa sobre isso...então era, sabe? A militante mesmo, desde... considerada até a revoltadinha, sabe? De participar desses espaços e de, e de me envolver. Então toda a minha adolescência e início da juventude foi nesse contexto. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 6-7).

Os relatos de adolescência e juventude de D. foram marcados pela luta às causas dos agricultores, como integrante na Comissão Regional dos Jovens Trabalhadores Rurais. Fez referência à primeira geração de mulheres – e mulheres jovens – que ingressava por cota nas iniciativas. Em paralelo, na escola, contribuiu na organização do grêmio estudantil:

Perdi a eleição porque a menina da outra chapa começou a vender beijos pros guris então... [risos]. Eu disse, pô, e a gente aqui discutindo política e a outra vendendo voto por beijo, eu fiquei possessa da vida [...]. Daí eu me desgostei e tal daquele momento, mas enfim... Fazem parte das aprendizagens. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 7).

Por seu engajamento eclesial e comunitário, D. começou a ser questionada sobre a vocação à vida religiosa durante a adolescência. Sua casa era bastante frequentada por padres e religiosas amigos da família. Assim, começou a se interessar pela vida religiosa: “*aquilo parece*

⁷⁴⁰ Grito da Terra se trata de um evento da agenda sindical que mobiliza os movimentos dos trabalhadores rurais.

que fazia sentido pra mim, porque eu adorava tá no meio da igreja, dentro da igreja. [...] E eu comecei a pensar em ser religiosa.” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 8).

Para o discernimento, durante seu Ensino Médio, contou com o apoio do padre local e de uma congregação de irmãs com missão educativa. No entanto, seguiu seu discernimento, conhecendo outras duas congregações, sendo que uma lhe despertava mais interesse pela missão na área da comunicação. Foi convidada por essa congregação para participar da Escola de Juventude: *“E cara, eu, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida, porque ali a gente estudava sobre a história da igreja, as fases da juventude, os vários contextos de igreja também, igreja carismática, a igreja mais de PJ, sabe?”* (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 8).

Foi nessa experiência que se reconheceu com chamado à vida laical e passou a usar o anel de Tucum⁷⁴¹ como símbolo de fé e compromisso:

[...] foi ali que pela primeira vez de fato assim, eu ouvi falar projeto de vida, sobre construção de projeto de vida, [...] das experiências que eram necessárias pras tomadas de decisões, e foi ali que eu me dei conta que eu nunca mais vou esquecer, que eu não queria ser religiosa. Eu disse: “Entendi!” Eu gosto dessas formações porque eu gosto de tá no meio da, da gurizada, do grupo, dessa coisa assim de espiritualidade, mas eu não quero ser religiosa. Não quero, eu quero ser uma leiga [...] nunca me esqueço de um seminarista que tava dando formação, ele disse assim: “Inclusive, quem é leigo tem mais liberdade que um religioso”. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 9).

Ao se referir ao significado do anel recebido na juventude, D. apresentou uma convicção de aliança espiritual com a fé:

Tanto que o anel de Tucum que eu ganhei na Escola da Juventude, eu tenho até hoje. Eu só tirei pra botar a aliança [de casamento], sabe? E brinco assim que eu também cheguei a ganhar anel de Tucum junto com as irmãs e eles sempre se quebravam. [...] o da Escola da Juventude não quebrou. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 9).

Seu Ensino Médio foi marcado pelo gosto de estudar e pela determinação diante da distância escolar relativa à comunidade local. Estudava à noite em uma escola que considerava mais potente e dormia na casa de parentes para poder frequentá-la. Porém, durante o dia, voltava

⁷⁴¹ “Tucum” é uma palmeira presente na Mata Atlântica brasileira. O anel de Tucum é utilizado por católicos que evidenciam seu engajamento com as causas e as consequências da promoção, bem como o compromisso com a vida dos mais vulneráveis e pobres e com a espiritualidade ativa juntamente às iniciativas populares.

para casa para ajudar os pais na roça e a mãe nos afazeres domésticos: “*a gente era uma família, até hoje humilde assim*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 9).

Durante o verão, D. trabalhava no litoral como caixa de mercado e seguia na frequência da paróquia de sua localidade: “*a minha adolescência toda foi muito nesse estilo, de uma vida supertranquila, nesse sentido de muita liberdade quanto espaço, mas sempre muito envolvida com as questões de grupo*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 9).

As realidades evidenciadas foram se alterando significativamente com a conclusão do Ensino Médio. Segundo D., por ser religiosa, a congregação investiria na sua formação; mas, com sua opção à vida laical, sabendo da dificuldade econômica familiar, precisou contar com muito apoio de outras pessoas e familiares. Decidiu seguir a vida acadêmica com estudos na área da comunicação. Para isso, trabalhou para fazer reservas e custear um curso pré-vestibular em outra cidade. Enfrentou discursos que a questionavam:

Tá, mas tu tem dinheiro pra pagar uma faculdade dessa? Tu vai passar na Universidade Federal, estudou a vida inteira em colégio público? Como é que tu vai fazer isso? [...] Sabe aquelas coisas super pra desanimar, né? [...] Ai eu dizia “tá, uma hora eu vou, eu me ajito”. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 10).

Por sua participação sindical, começou a trabalhar como estagiária na Federação Estadual de Trabalhadores Agrícolas, situada na capital em que estavam centralizadas as universidades. Decidida a cursar Ensino Superior, comunicou à família, em um jantar, voltando-se ao pai: “*Pai, eu vou me mudar pra capital*”. *Aí ele me olhou assim: “Como assim tu vai se mudar pra Porto Alegre?”* (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 10). Seus pais acreditavam que não seria possível, mas permitiram sua tentativa e a amparavam com poucos recursos que possuíam.

Na capital, começou a dividir um pequeno apartamento alugado com outras meninas do interior, repartindo as despesas. Aos finais de semana, ia para a casa dos pais, que lhe forneciam alimentos. Passou no vestibular para Jornalismo em uma universidade privada e custeava com o pouco salário: “*Não podia fazer absolutamente nada de nada na capital, porque não tinha dinheiro pra nada. E andava e andava quilômetros, caminhava a pé pra não pagar passagem. E me descobrindo nessa cidade.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 11). Para a mobília, cada parente e amigo ajudou com algo, desde colchão, fogão e outros utensílios. Sua saída da cidade e seu início de vida na capital foram retratados do seguinte modo:

E em um belo dia de domingo eu saí de minha cidade, a mãe chorando que nem uma louca. Imagina né, eu estava saindo oficialmente de casa daí, com mala e cuia pra vir pra capital. Os primeiros seis meses foram um terror [...]. Porque é uma cidade grande, porque eu não tinha dinheiro, porque eu tinha que estudar...é foi assim ó, provação total. E a mãe ligando dizendo [...] assim: “Tá mas vem pra casa, vem! Vem pra casa, estuda aqui perto porque é muito melhor do que tu passar, sofrer aí [...], é horrível, porque aí meu Deus”. E daí eu fui assaltada também porque o celular que a mãe tinha me dado, comprado, era de presente, pra conseguir comunicar. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 12).

Com a abertura de bolsas federais do Programa PROUNI,⁷⁴² descobriu outra universidade privada considerada referência em comunicação. Inscreveu-se para cursar Cinema e foi selecionada. Decidiu cursar as duas áreas, Jornalismo e Cinema, cada uma em uma instituição, trabalhando como estagiária e possuindo o benefício estudantil. D. citou um trabalho acadêmico que lhe marcou e que lhe consumiu, visto que precisava elaborar uma revista:

Quer saber, vou juntar o útil ao agradável, eu vou fazer uma matéria sobre os movimentos sociais porque, né? Eu já uso a temática que eu tô fazendo estágio. [...] E eu me lembro que eu fiquei numa faceirice, no dia que eu descobri que a minha matéria tinha ganhado a capa da revista. Até hoje eu tenho a revista guardada. Tinha ganhado a capa da revista, e do final de semestre eu me dei conta assim: “Meu Deus”! Mas daí eu já tinha emagrecido uns dez quilos, né? (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 12).

D. citou, como falta de ética, a postura de alguns professores que não compreendiam sua rotina distinta da condição de estudantes não trabalhadores. Muitas vezes, não almoçava e pouco dormia para conseguir atingir as expectativas e os projetos docentes. D. foi convidada a assumir o contrato de trabalho permanente, porém recusou, porque perderia a bolsa PROUNI:

Só que eu tava muito cansada, eu tava assim ó, foi um momento inclusive que uma vez eu fui pra casa e daí o pai me levou no médico, eu me lembro do posto de saúde e eu comecei a tomar remédio pra dormir. Porque tipo assim, eu dormia três ou quatro horas por noite. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 14).

⁷⁴² O Programa Universidade para Todos (PROUNI), do Ministério da Educação do Brasil, é um programa que oferece bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de Ensino Superior.

No final do semestre, após estar muito magra e com medicações, seus pais intervieram, solicitando a redução de ritmo:

Guria, para, porque tu, tu vai se acabar. Porque não tem mais condições. [...] Não tem por que tu fazer. Sim, tu queria ir pra capital, tu queria estudar, tu queria fazer jornalismo, tu ganhou a bolsa numa faculdade que tu queria muito. Então agora calma o coração, tu vai ter que fazer uma escolha. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 15).

D. decidiu trancar a faculdade privada de Jornalismo e seguir como “prounista” na universidade em que cursava Cinema, que era considerado um dos cursos mais caros da área de Comunicação. Além disso, negou o contrato de trabalho efetivado com o movimento sindical: “[...] naquele momento que foi bem dolorido: *Meu Deus do céu! Podia fazer carreira dentro do movimento sindical, mas eu vou ter que fazer escolhas e talvez daqui a um semestre me arrependa amargamente.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 16).

Junto às decisões, D. percebeu que, na capital, estava sozinha:

Eu não tinha os meus amigos, eu não tinha o grupo da igreja, eu não tinha o grupo de jovens [...], não tinha achado na capital esse meu espaço eclesial. E porque não tinha nem conseguido tempo pra isso... (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 16).

A partir da decisão, mergulhou no universo da instituição de Ensino Superior. Seguidamente, inscrevia-se para monitorias de eventos quando não estava em aula: “*Eu podia chegar cinco e meia da manhã maquiada na Universidade pra receber não sei quem [...]. Porque daí assim eu conseguia me virar, pagar passagem, enfim*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 17).

Nova transição sinalizada foi quando relatou que, descendo as escadas da faculdade, avistou uma revista da pastoral universitária. Só então, analisando os projetos listados, percebeu que sua universidade era católica. Assinalou os projetos de seu interesse e foi ao encontro do local, mas não achou nenhum agente de pastoral disponível no horário. Em outra tentativa, encontrou um agente de pastoral, que estava com alguns jovens, explicando um encontro que aconteceria: “*Trabalhando na pastoral, todo esse povo que trabalha aqui e que é homem deve ser tudo religioso consagrado, entendeu?*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 19). Ao ser

questionada sobre sua vivência pastoral, D. respondeu: “*Tenho vivência de igreja, eu já quase fui irmã [...]. Mas tô querendo encontrar um espaço aqui dentro da universidade*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 19).

D. participou de um encontro chamado de “convivência” e, a partir dali, engajou-se ativamente nos projetos da pastoral universitária. Foi, então, conhecendo os demais agentes pastorais, colegas de outros cursos, e descobrindo pessoas de localidades próximas à sua. Tornou-se multiplicadora das iniciativas. Sua vida passou a englobar as aulas, as monitorias e as atividades pastorais. Para as aulas, procurava propor, em seus trabalhos na faculdade de Cinema, pontos de interface entre comunicação e atividades sociais, pois não se reconhecia na atuação em modelos mercadológicos de comunicação. Na pastoral, começou a ser conhecida pelos colaboradores e pela congregação que administrava a universidade.

Muito chorei, sabe? Claro, a pastoral acabava também sendo um acalento porque eu conseguia dentro da pastoral fazer coisas que me preenchia e que eu amava. Tipo dos grupos, e daí eu já era, agente multiplicadora que ajudava a fazer as formações e aquilo me, ah sabe? Eu podia passar o final de semana inteiro envolvida. E muitas vezes aí, dentro da faculdade, do curso eu não me achava. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 20).

Depois de um tempo, D. foi convidada a trabalhar como educadora popular em uma obra social e, ainda, em seguida de sua colação de grau, em uma instituição de educação inclusiva. Sua formatura foi marcada pela comunidade que integrou na pastoral universitária. Os amigos da pastoral fizeram uma pequena festa no salão de uma participante dos projetos.

D. foi a primeira pessoa da família paterna a possuir diploma superior. Seus pais manifestavam o orgulho da conquista da filha se formar na capital:

Pra fazer minha formatura, o meu irmão vendeu uma vaca, que tinha pra pagar tipo, produtora, aquelas coisas todas. O vestido foi da formatura de uma prima minha do ensino médio [...]. Eu ganhei de amigas, maquiagem e cabelo. As tias deram salgadinhos... (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 21).

D. relatou com emoção o momento que o pai a viu de toga:

Eu fui oradora da turma, então tipo assim... Era, a felicidade da minha família inteira que vieram pra capital, alugaram um van, entendeu? [...] Se perderam dentro da universidade, porque eu tava lá vestida de toga, o pai tava me ligando “Olha só, eu não faço a mínima ideia onde tá [...] aqui é uma cidade, eu não sei pra que lado eu vou, tamo perdido.” [...] Foi uma z... porque meu pai, enfim, todo aquele, imagina aquele italiano super, né? Forte, que não chora, que não se abala. Foi eu acho que um dos abraços mais fortes que eu recebi na minha vida toda, foi quando o pai me viu de toga, sabe? [...] um monte de sacrifício que a gente passou da vida, enfim, que a gente enfrentou que tipo, aquele era o momento da coroação. Que eu ia me formar e que ele viu que, sabe? Eu vestida de toga e aquilo tinha sido real e sentiu o orgulho, porque ele não era muito de abraçar e de fazer tipo, me abraçou forte assim e tipo, dava pra ver nos olhos dele o quanto ele tava, o quanto ele tava orgulhoso, sabe? (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 22).

De seu trabalho, D. diz que, juntamente com a equipe, fazia “*chover na instituição*”. Com o tempo, sentiu que precisava de novas perspectivas. Mudou de apartamento, passou a morar sozinha e, em paralelo, fez um novo trânsito profissional, passando a atuar na sede gerencial da congregação religiosa administradora da universidade: “*Algo que eu sempre vivenciei como aluna ou como alguém que participava dos projetos a partir daquele momento, eu passei a ser uma colaboradora que também pensava nesse, nesses processos pedagógicos.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 25).

Durante esse período, iniciou pós-graduações em sequência, em universidades públicas e privadas, e percebeu que já não voltaria a morar em sua localidade: “*Não que eu esteja errada, que seja melhor ou seja pior, mas eu fui fazendo um processo de caminhada que hoje, eu voltar pra lá eu não consigo mais me encontrar e me achar.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 26). Nessa época, as pessoas do seu entorno questionaram sua vocação à vida religiosa. D. fala que, nesse momento, não pensava em constituir família:

E nessa época inclusive, eu dizia assim: acho que eu não vou casar. Acho que eu não vou constituir família porque com essa função toda eu tive que fazer muito processo de me virar sozinha também, e de muitas vezes estar sozinha. Então eu fui me tornando até autônoma demais e muito sedenta por liberdade, sabe? Quando me colocam dentro de uma caixinha ou querem... cara, não existe. Cara, coisa que me deixa mais “P” da vida quando me colocam dentro de um cercadinho ou que não me dão liberdade quando eu posso ter a liberdade de enxergar coisas sabe? (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 27).

D. reconheceu várias vezes que as experiências em grupos, com as raízes rurais e sociais, eram sua marca forte. Sua profissão a levou à possibilidade de realizar missões na Amazônia, junto às comunidades indígenas e ribeirinhas:

[...] uma coisa que eu aprendi com cinema é que quando tu constrói um roteiro tu tem que de tempos em tempos ter os pontos de virada, que é aquilo que faz o espectador ficar vidrado e querer continuar o filme, porque se tu continuar na mesma sequência, depois de vinte minutos não se olha mais. Mas o roteiro é constituído pra tempos em tempos ter pontos virada, e a minha vida tem muito disso, de pontos de virada. Chega um determinado momento “cara, isso não faz mais sentido. Eu preciso de um gás, eu preciso viver experiências que dão significado [...]”. Eu disse: eu quero trocar meu período de férias porque eu quero ir pra Amazônia. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 28).

Na experiência da Amazônia, consecutivamente era questionada se era missionária consagrada e respondia: “*Sim, sou consagrada às causas que eu escolhi.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 29). D. afirmou ter visto um Brasil esquecido, com tráfico de órgãos e de pessoas, pobreza e outra lógica de evangelização:

Primeiro entender qual é a cultura, depois partir da realidade dele o que eles precisam. Missionário é isso, responder os apelos das necessidades deles, não a gente levar o que a gente acha que tem que ser. O que a gente acha que tem que fazer. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 30).

Ao voltar do período, disse que não conseguia mais voltar a colocar sapato. Ouviu de um gestor a análise: “*[...] tu não tava errada. Porque tu não conseguias mais voltar pra realidade dos teus pés dentro do sapato, significava que tu não conseguias mais se encaixar.*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 29). De fato, os relatos de D., após o período da missão na Amazônia, receberam a expansão de um olhar mais inquieto. Por várias vezes, em sua entrevista, afirmava que é preciso aprender com os povos amazonenses e com os seus contextos. D. passou a coordenar um projeto social na universidade, após esse marco de sua vida.

Nesse mesmo período, iniciou um relacionamento com um grande amigo que conheceu: o primeiro agente de pastoral que a acolheu na universidade. O rapaz já tinha uma experiência conjugal concluída, da qual possui uma filha. Sobre sua resposta à proposta de namoro:

[...] eu te dou sim por um mês. Se daqui a um mês a gente achar que deva renovar, a gente renova. Se não a gente volta pra nossa experiência de amigo que é pra onde a gente dá certo, de melhor amigo e tudo mais. (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 31).

O relacionamento segue sendo firmado mensalmente, indo de namoro a noivado, à moradia conjunta e ao casamento, em que a enteada contribui para o olhar atento de D. para a nova geração.

Na conclusão da entrevista, D. afirmou que “*aquela juvenzinha vinda da cidadezinha do interior*” precisou viver diversas situações e se ressignificar de diferentes formas, mas indicou que os valores de fundo seguem os mesmos: “*Talvez lá daquele momento da Escola de Juventude que se hoje eu paro pra pensar, continuam sendo os mesmos [valores], sabe?*” (D., Entrevista 1, 19.09.2020, p. 34).

4.6.2 O jovem em construção sinodal

Ao conceder a entrevista, L. está com 28 anos e cursa Ensino Superior, já finalizando a faculdade. Ele mantém um namoro à distância com uma jovem da Região Norte do Brasil.

Filho mais velho, possui mais dois irmãos com 20 e 22 anos, pai e mãe, com a presença marcante dos avós maternos morando na mesma casa. Relatou sua experiência familiar do seguinte modo:

[...] eu considero que tenho uma família maravilhosa, privilegiado assim por isso. Tenho pais maravilhosos, moro com os meus avós maternos também [...]. Por muito tempo achava isso normal, mas recentemente acho que é um privilégio também bem grande, ter podido vivenciar esses momentos com os meus avós, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 1).

L. frequentou a mesma escola de Educação Básica em sua infância e adolescência, chegando a estudar com amigos desde a Educação Infantil por um longo tempo. A força dos vínculos de amizade faz parte do constante relato de L. A escola foi apresentada como um tempo de aprendizagem e amizades fortalecidas:

[...] considero o tempo assim de escola, tempo de amizade assim muito forte, um tempo que foi muito gostoso de vivenciar, de vínculos muito fortes que eu obtive assim com os meus amigos. [...] A gente se afastou, a gente perdeu contato, mas esses vínculos assim, não se romperam, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 1).

Seu tempo de escola foi descrito como uma vivência em que ele era um bom aluno, sem brigas e com muitas atividades, principalmente, nos esportes:

[...] sempre joguei, desde pequeno jogava futebol. Na escola também, eu jogava tudo quanto é esporte: handball, basquete, vôlei. Passava um bom, bom tempo na escola assim quando dava, é minha mãe trabalhava na, na escola, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 1).

Os relatos de L. se ampliam nas experiências, sobretudo, com o futebol:

[...] nessa de esporte também pratiquei já várias coisas desde pequeno, capoeira, Jiu-jitsu pratiquei bastante, mas principalmente o que eu mais pratiquei foi futebol mesmo. Então jogava futebol na escolinha, futebol de salão desde acho que uns, uns onze anos aqui da minha cidade e foi lá, foi bem o período que o time aqui começou a disputar campeonatos da federação paulista de futebol de salão né, então... [...] A gente já tinha, umas temporadas assim, tinha jogo um em casa e outro fora, um em casa e outro fora. Então vira e mexe a gente a gente viajava pra vários lugares do estado, pra jogar. (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 2).

A escola, no Ensino Médio, era noturna e possuidora de parceria com empresa multinacional alemã, estabelecida na região, e oportunizou que L. tivesse aprendizagem industrial através de um curso técnico em processos mecânicos metalúrgicos:

[...] a partir do ensino médio, eu comecei a, já era um trabalho que a gente era contratado com carteira assinada já desde os catorze anos, como menor aprendiz, mas eu só estudava, assim, né? Não tinha não trabalhava efetivamente ainda, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 2).

L. afirmou perceber o Ensino Médio como excelente motivação pessoal e profissional. Referiu-se à metodologia de aprendizagem que articulou competências, habilidades e atitudes, estando “alguns dias na empresa, onde diversas aulas teóricas, aulas práticas, várias atividades, visitas técnicas e tudo mais né, nessa área de mecânica e de metalurgia.” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 3).

Na adolescência, o ritmo de vida foi relatado como:

[...] sair, acordar as cinco, cinco e pouca da manhã, chegar em casa onze, onze e pouco da noite e se vira, né? [...] eu arrumava coisa pra fazer, atividade sábado, etc. Nessa época eu já, eu já desde os onze anos de idade participo do Movimento da Mãe Rainha, né? O movimento de Schoenstatt, sabe? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 3).

Quem o conduziu à fé católica e ao engajamento paroquial foi, principalmente, a avó:

Minha família católica e tal, a grande influência minha assim, que pelo menos assim, por todas minhas avaliações pessoais da minha vida eu atribuo muito a minha avó. Acho que a minha vó né que, desde pequeno sempre me incentivou, me levava nas missas, terço, essas coisas, então acho que, acho que a grande semente assim que foi plantada assim na minha história, pelo menos nessa vinculação com a igreja né, e com a fé foi muito graças a ela. Sou muito grato assim, à minha vó em especial, à toda minha família também, sem dúvida, mas minha vó que era mais ativa, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 4).

L. relatou, pontualmente, uma atividade com jovens, referindo-se a um acampamento semestral/anual, semelhante às atividades de escoteiros, com simbologias de pertença, como camisetas e lenços do grupo. Foi através do movimento juvenil de Schoenstatt que afirmou selar a “aliança de amor”, que lhe conferia maior compromisso e responsabilidade com a vida de fé.

Ao concluir o Ensino Médio, optou por seguir a faculdade de Engenharia, investindo seus próprios recursos:

Putz, eu sempre gostei de matemática, [...] gosto dessa parte da mecânica e sempre tive curiosidade de entender como as coisas funcionam assim, né? À esse é o motivo até hoje que, que me motiva de estudar engenharia, de gostar dessa área. Não quer dizer que seja super fácil, que eu me dou super bem mas, mas é o que me motiva ainda, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 5).

L. afirma que a geração dele ainda compreende seus projetos de vida, como estudar, ter boas notas, ingressar e permanecer em uma boa empresa ou passar em um concurso público e se aposentar: “*hoje em dia esse modelo já não é mais válido... tá se quebrando cada vez mais e faz muito sentido*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 6). A faculdade é longe de sua casa e, com orgulho, afirmou que “*deu um jeito*”, porque queria muito cursar naquela instituição (que é privada, mas não confessional): “[...] *meu, mesmo que seja longe e difícil, eu quero que quero lá!*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 7).

Por sua opção, não se inscreveu em universidades públicas, pois queria se manter trabalhando, ainda que seus recursos fossem para as mensalidades:

Muita coisa que eu que eu vi ou que eu aprendo, eu vejo no dia a dia e tal, eu consigo associar, diferenciar também o mundo acadêmico da realidade também... Eu acho que essa foi uma visão muito positiva, né? Mas é puxado assim, é bem puxado... (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 7).

Sua rotina entre trabalho e faculdade se desdobrava nas distâncias: “*trabalhava das sete às cinco, [...] já saía as cinco correndo pra chegar na faculdade tinha que atravessar a capital*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 7). A vida como universitário já não foi tão fácil quanto à no Ensino Médio, no que diz respeito à aprendizagem e às rotinas. Em algumas matérias, reprovou. Em outros semestres, optou por “trancar”, para participar de atividades eclesiais em que possuía representatividade: “*eu tranquei a faculdade pela primeira vez, pra ir pra Jornada de Madrid*”⁷⁴³ (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 9)

A experiência de viver a JMJ foi descrita em detalhes, desde os fatores econômicos até a organização, em nível nacional e internacional, em sua primeira viagem para fora do país: “*[...] deu pra comprar na época... camiseta de Futebol, presente pros irmão, sabe? [...] me lembro que foi uma viagem que me marcou muito a minha vida.*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 9). Seu ânimo, ao relatar a experiência da JMJ, era imenso, tanto que até questionou a pesquisadora se ela já tinha participado de um evento assim. De acordo com L.:

Eu recomendo qualquer pessoa ir ao evento assim, fenomenal até hoje. Você não vai encontrar conforto, não vai encontrar banho quente, comida boa, é sofrimento, mas meu, a sensação é absurda assim. É algo, é algo surpreendente, de uma alegria de você ver gente de tudo quanto é lugar no mundo, assim de distintas culturas, realidades, todo mundo tá lá unido por um mesmo propósito, um mesmo objetivo, milhões de pessoas. É um negócio assim, acho fenomenal, é fantástico. (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 10).

A viagem foi organizada em grupo e, além de Madrid, traçou-se uma rota na Alemanha para conhecer o território onde o Movimento de Schoenstatt começou. Foram cerca de 70

⁷⁴³ Jornada Mundial da Juventude de Madrid ocorrida em 2011.

peessoas, entre meninos e meninas e assessores adultos. No entanto, L. afirmou que, em alguns dias, fez “*mochilão*” sozinho:

Sabe essas coisas que não era esperado... e várias aventuras da experiência de momentos sozinho com a mochila nas costas. [...] o fato de você tá em contato com outras pessoas em outros países com outras culturas, né? São experiências que eu acho muito ricas, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 10).

No retorno da experiência na JMJ de Madrid, obteve um quadro de constantes reprovações intercaladas com aprovações em disciplinas. Em 2013, com a JMJ no Rio de Janeiro, juntamente com seu grupo, organizou eventos beneficentes, visando arrecadar recursos para que mais meninos fizessem a experiência da jornada. Novamente, trancou o semestre para poder se dedicar a essa organização. Manteve-se trabalhando:

[...] trabalhei e não estudei nessa época, aí que eu voltei pro quarto semestre, [...] e aí deu uma deslanchadinha assim no quarto, quinto, sexto e sétimo, oitavo ...quando chegou no oitavo...é um dos semestres mais difíceis... Vish, eu fiz um monte de vezes. (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 11).

Nos anos de 2014 e 2015, L. assumiu a liderança nacional como representatividade juvenil no movimento ao qual pertencia e como secretário nacional do Setor da Juventude ligado à CNBB: “[...] *tinha essa, esse serviço assim e as responsabilidades, liderança à serviço da juventude do Brasil.*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 11). L. relatou como foi marcante esse período em que conheceu a Pastoral da Juventude em nível nacional, nas mais diferentes esferas de atuação, isto é, popular e rural, e até as novas comunidades:

Eu fiquei assim, super encantado dessa diversidade, carismas já desde o primeiro encontro. Era uma realidade que eu não conhecia e fiquei super encantado de ver gente, carismas diferentes, expressões diferentes, mais a galera unida e puxa, eu achei muito legal. Já desde essa primeira experiência, foi uma reunião rápida de um fim de semana e aí depois em 2015, o segundo encontro nacional de movimentos de novas comunidades, né? Que acontece a cada três anos nessa estrutura da pastoral juvenil... E aí eu fui também, foi em Belém do Pará... depois desse encontro que me convidaram pra fazer parte da coordenação nacional, da pastoral juvenil. Então, tenho esse revezamento né entre os carismas, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 12).

L. detalhou a comissão nacional a qual integrava, sendo composta de jovens, assessores, religiosos, padres e bispos. Além de secretário, passou, em 2016, a ter a representatividade de coordenador nacional, cooperando com organizações do Dia Nacional da Juventude (DNJ), campanhas da fraternidade e eventos internacionais, nos quais representava o Brasil. Acentuou a participação e vinculação na abrangência latino-americana, a partir de 2017, principalmente com os países do CONESUL (Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina), percebendo o continente com proximidades de realidades em percursos de evangelização e processo histórico:

[...] percebi [...] uma riqueza e uma estrutura [...] De, de ter departamento pro continente inteiro, ter materiais, de ter um processo histórico, de ter metodologias [...] as realidades tem uma articulação, uma equipe de comunicação excelente, então nesse sentido, a gente tem muito exemplo pra dar... (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 13).

Com a conclusão de seu mandato até novembro de 2019, o seu foco de atenção passou a ser concluir a faculdade: “*Eu vou me formar, não dá risada não, hein? Eu vou me formar em onze anos e meio [risos].*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 14). Ele trancou seu curso, ao todo, seis vezes, para as JMJs de Madrid e do RJ e para eventos eclesiais internacionais:

[...] foram escolhas que eu fiz... como toda escolha tem suas consequências... então eu hoje tô com vinte e oito anos, queria tá muito melhor financeiramente, tenho os meus sonhos, [...] queria ter uma casa, eu namoro, quero seguir minha vida né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 15).

Segundo L., nada do que aconteceu, em termos de representatividade pastoral juvenil, ele havia planejado: “[...] *então nessa caminhada [...] nesses anos aí de da coordenação nacional, do CELAM⁷⁴⁴ e tudo mais, veio as coisas do Sínodo, né?*” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 15). L. explicou que ocorrem, também, as representações no Vaticano, através do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida,⁷⁴⁵ o qual organiza as JMJs. O jovem pôde contribuir com as avaliações da JMJ de Cracóvia, a prospecção da JMJ do Panamá e o processo inicial do Sínodo da Juventude:

⁷⁴⁴ Conselho Episcopal Latino-Americano.

⁷⁴⁵ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/romancuria/pt/dicasteri/dicastero-per-i-laici--la-famiglia-e-la-vita.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

O Papa mostrou oficialmente aquela carta do Sínodo né? E aí a secretaria do Sínodo me enviou para um evento de uma semana, [...] dois dias foram dedicados a um dos acessos de escuta até mesmo dos jovens que tavam lá participando do evento que tinha representantes de vários países, né? [...] A secretaria do Sínodo convida vários especialistas, acadêmicos principalmente, especialistas em diversas áreas, [...] pra uma semana também de encontro pra trazer os temas, trazer reflexões, trabalho em grupo... [...] uma das iniciativas inéditas desse sínodo que foi a reunião pré-sinodal, foi em março de 2018. A iniciativa muito show de bola, que eu considero aí no processo, onde mais de trezentos jovens participaram. E aí era hora de escutar a voz dos jovens mesmo. O Papa teve lá, pediu pra falar sem medo, sem vergonha, tinha já um logo, tinha um material que foi criado, uma cara mais jovem, tinham perguntas específicas, grupos no Facebook onde mais de quinze mil pessoas participaram, né, de seis línguas diferentes além dos trezentos e poucos jovens presentes lá né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 17).

O jovem, a seguir, recebeu o convite para participar do Sínodo dos Bispos, intitulado “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, em outubro de 2018: “[...] não sabia dos convites, então foi sempre surpresa, foi sempre algo que eu nunca imaginei, pois se eu soubesse eu tinha aprendido italiano pelo menos, né? [risos].” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 17).

L. alegou ser imensamente grato por tudo que viveu como representante brasileiro no setor nacional da juventude e que seu grande objetivo é o término da faculdade, mas que também pretende adquirir novas aprendizagens e engajar em uma carreira profissional madura:

Eu tenho vontade de fazer muita coisa, que faz parte da minha vida? Ah, nesse meio tempo [...] eu comecei a estudar bateria, tocar bateria, [...] sempre gostei muito de percussão, sempre fui aquele menino que nas missas da igreja lá que tinha bateria, eu ficava batucando no banco desde pequenininho... (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 18).

Além do esporte que marcou a sua infância e adolescência, a música vem embalando a sua juventude em meio aos ritmos universitários, profissionais e pastorais. L. afirmou que recebeu apoio do reitor para suas ações junto ao Vaticano e que, nesse período pós representatividade sinodal, está se dedicando a conhecer o ramo empresarial e, assim, buscando encontrar possibilidades de difundir os valores cristãos: “[...] tem muitos jovens com empresas mesmo que hoje atuam no mercado profissional, mas conciliar esses valores, né, os valores cristãos, [...] e a própria doutrina social da Igreja” (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 18). Salientou, ainda, que está acompanhando um grupo de empresários jovens:

[...] é uma iniciativa legal, tô aprendendo bastante, tô dando uma força assim por pessoal [...] no fim do ano passado numa das reuniões surgiu o assunto da Economia de Francisco, não sei se tu já ouviu falar? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 18).

L. contou que seus planos futuros envolvem um olhar econômico e social e, para isso, tem participado de reuniões, com pessoas mais velhas e jovens, em torno da pauta:

Confesso que um dos meus principais objetivos é justamente aprender, né? Sobre esse mundo pra ver como da pra aplicar na nossa realidade local etc. [...] tem muita gente fazendo muita coisa assim por um mundo melhor, uma economia mais consciente e essa questão aí da vocação e do lucro...me interesse muito pelo tema da vocação e de como você realmente coloca seus dons assim né, do que há de acreditar no propósito e acho que realmente cada um de nós tem um propósito único nessa vida [...] Então você parte de uma questão ecológica, por exemplo, sustentável já deixou de ser luxo virando, já virou necessidade... Uma série de aspectos e a própria questão do desse lucro consciente e da responsabilidade social, ambiental das empresas também. (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 17).

Em sua conclusão, L. se refere ao quanto a família foi suporte e fonte de educação em todo esse percurso. Disse, portanto, estar amadurecendo:

[...] observando algumas coisas eu vi que realmente [...] pra essas caminhadas e aventuras malucas aí que fui seguindo na minha vida, acho que foi também muito graças aos ensinamentos da minha família, os valores que eu aprendi com eles assim, né? (L., Entrevista 2, 30.08.2020, p. 22).

4.6.3 A jovem entre os doutores

E., com 31 anos na época da entrevista, assumiu a vocação à vida contemplativa após um longo período de discernimento e acompanhamento espiritual. Nascida em Manaus, Amazônia, é graduada em Ciências Biológicas e foi justamente como universitária que tomou a decisão de se consagrar à ordem de Nossa Senhora do Carmo, vivendo os fundacionais de Santa Teresa D'Ávila.

Seus relatos indicam o nascimento em uma família marcada pelos sofrimentos e problemas de saúde. No entanto, nesse contexto de dor, há um importante destaque para a fé de

seus pais: *“Nasci numa família católica cujos sofrimentos que apareceram bem cedo em nossa vida, através de problemas de saúde, consolidaram a fé de nossos pais. E com o testemunho deles esse tesouro foi fortificando em meu coração”* (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1).

Quando pequena, E. acompanhava os pais à igreja e percebia neles uma adesão forte à fé e vida eclesial. Outra indicação de sua infância foi se considerar curiosa com o mundo ao seu redor, em um anseio de pensar e ensinar as lógicas da vida natural: *“Juntamente com a fé crescia em mim uma sede de conhecimento de tudo ao meu redor, de descobrir coisas que ninguém nunca descobriu e de transmitir isso aos outros e ensiná-los.”* (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1).

O pensamento científico foi cada vez mais integrando a vivência de E. Assim, ao decidir seguir a trajetória acadêmica, optou por cursar Ciências Biológicas em uma universidade federal. Foi nesse percurso que as ciências naturais a levaram a identificar a dimensão espiritual em meio a tudo que pesquisava e aprendia:

Ali aprendi as coisas humanas, a ciência pela ciência. Bem ou mal, nunca se falava em Deus, ele não estava ali no conteúdo, mas tudo me falava dele. Pois ver a beleza da criação, e não enxergar a marca do criador é impossível. (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1).

Nos seus relatos como universitária, afirmou que não reconheceu, no curso, divergências entre fé e razão, porém *“[...] elas andavam em paralelo, nunca se tocavam.”* (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1). Tal percepção sinalizava uma certa indiferença entre a técnica e o cultivo à vida espiritual que mantinha.

Segundo E., na metade do curso acadêmico, essa perspectiva começou a se transformar. Mantinha-se encantada pelo conhecimento natural, mas isso já não lhe parecia suficiente diante dos seus anseios: *“[...] a ciência tão encantadora que me guiava pelo caminho do conhecimento, das verdades e da vida passou a não ser o suficiente. Não haveria algo a mais que tudo isso?”* (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1).

Diante do questionamento presente, afirmou ter sentido o chamado vocacional:

Eu senti o chamado vocacional [...] Já não me contentava um doutorado e descobrir novidades humanas, mesmo boas e úteis. Isto já não me causava a alegria de antes. Nada satisfazia a sede de conhecimento que crescia dentro de mim: Sede de conhecer Deus. (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 1).

Em sua busca “nesse algo a mais”, E. contou que encontrou como resposta Jesus Cristo: “*Sim, Havia. Jesus Cristo, o caminho, a verdade e a vida. Depois que Jesus pousa seu olhar divino numa alma, tudo toma um novo sentido.*” (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2). Segundo a consagrada: “*Foi aí que fé e razão se cruzaram.*” (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2)

E. versou sobre o encontro da razão natural com a graça sobrenatural. Ela foi se surpreendendo com a dimensão que a vida de fé assumiria em sua decisão de vida: “*não percebi de imediato que toda minha inclinação natural estava prestes a ser preenchida pelo sobrenatural.*” (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2).

Iniciou, nesse período, o discernimento vocacional na Ordem Carmelita, e a sua oferta de vida começou a fazer mais sentido para si:

Rodeada de doutores humanos fui levada a uma família de doutores místicos, sábios, dotados na ciência de Deus, única que dá sentido pleno à vida. Nossos santos fundadores, João da Cruz e Teresa de Jesus, seguidos da pequena Teresa do menino Jesus são nada mais, nada menos que doutores da igreja. (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2).

Após esse momento, a narrativa de E. passa a ter um cunho forte de mística e do encontro com o sentido em Deus através dos doutores carmelitas⁷⁴⁶:

Aquilo que conheceram da sabedoria de Deus, na vivência da oração, no trato íntimo com Cristo, proporcionou a cada um uma novidade que transformou seus... que transformou suas vidas e transmitiram com seus escritos de vida. Muitos outros santos de nossa ordem passaram por esse mesmo processo, tantos outros não canonizados também, mas que viveram no escondimento à esta busca de Deus que nos proporciona algo inédito em nossas vidas. (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2).

Concluída a graduação em Ciências Biológicas, E. relatou que, após um mês, ingressou no Carmelo: “*Nunca parei de estudar, nunca o conhecimento foi tão buscado, mas agora ele tem sentido porque ele leva a Deus.*” (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2). Para ela: “*Aos olhos humanos não parece realizar ninguém uma renúncia assim, mas para quem experimenta o*

⁷⁴⁶ Doutor, do latim *doctor* – “professor”; de *docere* – “ensinar”. Doutor da Igreja Católica é um título conferido às pessoas canonizadas com reconhecido conteúdo, principalmente em contribuição teológica e doutrinária.

amor de Deus, nada que foi deixado para atrás parece ter valido algo em dia.” (E., Entrevista 3, 08.10.2020, p. 2).

A narrativa de E. foi distinta das demais, tanto pelo conteúdo de profundidade mística colocada na intimidade com Deus, através da pessoa de Jesus Cristo e dos santos doutores apontados, quanto pela forma como o conteúdo foi transmitido. A pesquisadora e a participante não se conheceram face a face. Todo o conteúdo foi gerado apenas em áudio, por meio do contato institucional do mosteiro.

4.6.4 A jovem cosmopolitana

A narrativa a seguir é de S., uma jovem de 20 anos, cursando bacharelado em Direito, em uma universidade federal, após já ter cursado quatro semestres de Design Visual na mesma universidade. S. nasceu e mora no mesmo local de região urbana central de uma capital brasileira e se denominou como: *“Guria de apartamento, nunca saí de apartamento.”*⁷⁴⁷ (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 8).

S. inicia sua história afirmando que nasceu em uma família bastante tradicional, sem nunca ser aparente nenhum motivo de separação dos pais e com bons recursos financeiros:

Não somos assim, ricos, mas nunca faltou... Nunca tive nenhuma carência material, sempre tive vários privilégios, oportunidades de viagens, de atividades extracurriculares, então sempre tudo pareceu muito assim estruturado na minha família. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 1).

Nos relatos, há a presença constante dos avós paternos como elo de união e cuidado:

[...] sempre tive avós presentes que cuidaram muito de mim, então meus pais trabalhavam fora e meus avós cuidavam de mim na hora que eu não tava na escola. Almoçava todo domingo na casa da vó, brincava com os primos, passava as férias na praia e essa proximidade sempre foi maior com o lado da família do meu pai, embora eu ser bastante próxima da família da mãe. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 1).

⁷⁴⁷ “Guria” é uma expressão regional do sul do Brasil que significa “menina”.

Segundo S., a sua família paterna é católica e foi dentro de grupos de jovens católicos que seus pais se conheceram. A jovem relata que, para ela, a experiência religiosa se deu de modo natural, com toda a família participando de uma paróquia urbana em uma das regiões mais populosas da capital:

Desde que eles moram na capital eles frequentam a mesma paróquia. E meus pais se conheceram no grupo de jovens dali e continuaram frequentando. Então sempre fomos muito ativos na comunidade, [...] ia todo domingo na missa, comendo galeto da paróquia, me acostumando ali naquele ambiente. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 1).

S. afirmou que a cultura familiar proporcionou segurança: “*aquilo sempre fez muito sentido pra mim.*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 1). O nascimento de seu irmão caçula, com 5 anos de diferença, e a presença dele na família fizeram com que S. indicasse que: “*a vida ia ser muito diferente se eu não tivesse aprendido algumas coisas que a gente aprende quando tem irmão.*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 2).

A sua Educação Infantil e Básica foi marcada por escolas com identidade confessional católica: “*o colégio era um colégio franciscano, então sempre passou assim os valores da profissão de fé franciscana mesmo que tipo, não tinha muito assim muito ensino religioso, sabe? Mas acho que por trás assim, sempre passou a ideia.*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 8).

A escola, para S., foi preenchida por atividades extracurriculares, sobretudo o *ballet* e o inglês, e pela amizade estreita com sua prima. Sintetizando sua infância, S. afirmou que:

[...] eu tinha uma vida normal de uma criança que brincava, que estudava e que domingo sabia que as dez e meia tinha que chegar na igreja pro pai tocar na missa e depois ia almoçar na casa da vó. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 2).

Houve um momento histórico do qual S. revelou um importante marco afetivo: uma viagem para a Disney com a família. Sobre esse evento, S. relatou:

[...] eu realizei meu primeiro sonho que foi ir pra Disney, eu sempre pedi muito, sempre gostei de todos os filmes da Disney. E nessa viagem foi eu, meus pais, meu

irmão, meus primos e a minha tia... Ah, despertou todo o amor que eu tenho até hoje pela Disney e também porque eu acho que ali eu tive a primeira percepção de que além de perceber que eu tinha uma família que cuidava de mim, eu tinha uma família divertida de estar junto. Minha família também era minha amiga, sabe? (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 2).

Outro momento que S. abordou como marcante, de maior vínculo familiar, foi a conclusão do doutorado de seus pais. O pai já havia concluído o doutoramento e a mãe fez doutorado sanduíche no Canadá:

[...] e a gente se mudou pro Canadá pra mãe fazer um doutorado sanduíche. Então fui eu, meu irmão, meus pais e meus avós paternos pra ajudar a cuidar da gente. E o plano inicial era a gente ficar seis meses, né? [...] só sei que a gente voltou em dois meses, a mãe terminou aqui. Mas eu lembro que na época foi muito divertido pra mim [...] eu não fui matriculada na escola, que era todo nervosismo eu ter que ir pra uma escola, falar francês, porque era Montreal, no Quebec. Falar francês numa escola com gente que eu não conhecia, numa língua que eu não conhecia e acabou que [...] a professora daqui mandava os temas e meu pai me orientava ali, e depois eu passava o dia inteiro brincando com a minha avó, comendo as comidas maravilhosas da minha vó e vendo TV com meu vô. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 2).

S. se expressou com muito afeto ao falar do quanto sente prazer em conversar com seus avós e do quanto as memórias do período no Canadá foram determinantes:

[...] eu sempre conversei muito e perguntei muito... todas as histórias que a minha avó contava eu tenho gravada na minha cabeça... e meus avós também são meus padrinhos de batismo e esse período em que a gente morou junto tudo na mesma casa, me apeguei bastante a eles. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 3).

A narrativa de S. ganhou outro tom quando relatou experiências já com nove anos, em que enfrentou perdas profundamente dolorosas: “*eu sentia muito e eu me sentia errada de sentir muito, sabe? [...] Não agradava...*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 3). O fato ao qual S. se referiu foi o suicídio de um tio, irmão de seu pai:

Ele se suicidou e ninguém sabia que ele tinha esse problema. Ninguém imaginou que fosse acontecer justo com ele, que era assim a alegria da família. Quem fazia churrasco era ele, quem contava as piadas que todo mundo ria era ele, sabe? E acho

que ninguém imaginou que fosse acontecer na nossa família que aparentava assim ser tão perfeita e justo com ele. Então, acho que não tem nenhum dia específico da minha infância que eu me lembre mais do que o dia que encontraram ele, toda movimentação assim, em casa e na família assim, a gente sempre morou tudo meio perto, claro que nem tudo que deixavam transparecer pra criança, né? Me lembro assim como se fosse hoje, sabe? E acho que isso me marcou bastante também, foi um choque, né? (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 3).

S. deixou emergir a preocupação que teve com seus primos e como a situação a fez refletir sobre o significado de seus pais para ela. Além disso, abordou que o suicídio do tio foi um trauma familiar: *“Esse histórico de depressão na minha família não aconteceu só com meu tio, sabe? Então foi necessário esse trauma pra que as outras pessoas da família percebessem que também precisavam se tratar, né?” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 3).*

A marca da dor fez S. perceber os enfrentamentos para se manter com o equilíbrio mental, os quais muitos faziam:

[...] esse fato me trouxe uma sensibilidade muito grande pra lidar com esse assunto. Então, quando vejo alguém passando por um problema parecido, logo me dá muita vontade de ajudar, sabe? É uma coisa que choca bastante, não só na experiência pessoal. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 3).

Na sequência, S. relatou que, um mês após o suicídio do seu tio, seu avô foi hospitalizado e acabou falecendo também:

Então foi uma bomba atrás da outra na família, tudo do mesmo lado, do lado do meu pai. [...] acho que a morte do meu vô foi mais a tristeza do que o choque, sabe? Porque bom, já era velhinho. Eu já sabia que ele tava doente, que ele ia ir embora, né? Mas como eu tinha ficado muito apegada nele por causa da nossa viagem, fiquei bastante chateada. E foi, acho que foi nesse momento que eu percebi que nenhuma família, sabe? Que mesmo a minha que eu achava que tudo era sempre muito bom, não era mais, sabe? Não tinha mais almoço de domingo durante muitos anos na casa da avó, não tinha mais aquela alegria no meio da família, meus primos não iam mais pra praia com a gente... Perdeu um pouco a graça, sabe? (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 4).

Após as narrativas dolorosas, S. versou sobre a importância da presença e fortaleza de sua avó, que havia perdido o filho e o marido:

[...] gosto de trazer o assunto da minha avó porque uma coisa que sempre me marcou muito é que, mesmo nessa sequência de perdas tão fortes e tão rápidas ela nunca deixou de ter a fé dela, ela nunca deixou de ir à igreja. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 4).

Comentou, ainda, que imagina que:

[...] ela deve ter sentido raiva de Deus, mas ela nunca expressou essa raiva pros outros, sabe? Ela sempre continuou rezando, sempre continuou incentivando a gente a rezar, sabe? Então toda vez ela rezava assim “peço então pra Deus que cuide da minha família”. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 4).

A avó de S. foi sua catequista exatamente nesse período. S. supõe que esse fato contribuiu como auxílio à sua avó: *“Todas as missas da catequese e acho que os alunos ajudaram também um pouco, sabe? Ela se sentiu um pouco melhor.”* (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 4).

Depois desses fatos, S. disse que a vida seguiu. Ela continuava na mesma escola e ingressou em um movimento pastoral juvenil específico para adolescentes.. No início da adolescência, percebeu que causava estranhamentos em alguns outros adolescentes por estar na paróquia aos sábados ou porque vivia os feriados religiosos, como a Semana Santa. Sentia-se um pouco envergonhada por esse estranhamento, mas não deixava de participar das atividades do grupo: *“Só que no fundo eu gostava de fazer o que eu fazia, sabe? Eu sempre gostei, mas tinha um pouco de vergonha de falar ‘Ah, mas eu faço porque eu quero’, sabe?”* (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 5).

A jovem relata outro momento desafiador que, ao mesmo tempo, foi impulsionador de proximidade com o pai e o irmão: na sua adolescência, sua mãe foi realizar pós-doutoramento na Suíça. Nesse mesmo período, S. passou a integrar outro movimento juvenil que havia em sua paróquia, o Curso de Liderança Juvenil (CLJ) – o mesmo em que seus pais se conheceram. A jovem relata que sempre soube que, um dia, ela e sua prima integrariam esse grupo.

Seus relatos sugerem que a participação contribuiu para amadurecer e ressignificar alguns sentimentos: *“Não ter a minha mãe durante esse ano foi meio que compensado assim pela novidade do CLJ, então eu não tinha muito tempo pra ficar triste, sabe? Eu sempre tinha coisa pra fazer, sempre tinha alguma, algum evento.”* (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 5). Além

do aporte emocional, S. versou que se encontrava mais identificada com os jovens do grupo, por sua pertença à vida eclesial e pelo valor da amizade:

[...] consegui perceber que tinham outras pessoas assim com a mesma fé que eu, que tinham as mesmas esquisitices que as pessoas da escola apontavam que eu tinha. Então não era assim uma sozinha esquisita no mundo. E acho que foi no CLJ assim que eu aprendi assim, o que que eram amigos de verdade, sabe? Não que eu tenha só amigos de verdade só no CLJ, eu tenho outras amigas que eu amo muito assim, que sempre gostam muito de mim. Mas foi no CLJ que eu consegui aprender a ver o que realmente tipo...importa, sabe? Pra ter do lado. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 5).

A escola, no Ensino Médio, foi marcada por relações com os colegas, mas sem que isso fosse identificado como amizade:

[...] eu percebi que eu não tinha um grupo em que eu me encaixava, sabe? Então quando faziam festinha sexta de noite, tipo ah, muitas vezes não me chamavam e tal. E eu ficava bastante triste assim, mas hoje eu percebo que enfim, né? Quem perdeu não fui eu [risos]. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 6).

S. relata que a maior proximidade com o grupo de jovens da paróquia tornou a Igreja e o próprio grupo cada vez mais importantes para ela, até pela liberdade de ser ela mesma e pela segurança que encontrava: “*era lá que eu realmente sentia que podia me expressar de verdade, sabe? E mostrar quem eu era sem ter medo do que que iam achar, do que que iam pensar.*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 6).

O período de universidade foi relatado com outro tom, distinto do Ensino Médio. As colegas não a afastavam por questões de fé e até faziam perguntas: “*eu comecei a perceber que eu conseguia explicar logicamente as coisas que eu acreditava, sabe? [...] Acho que eu comecei a me sentir mais à vontade em ambientes fora do CLJ de novo.*” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 6). No entanto, o primeiro curso foi trancado, mesmo já tendo sido cursado por dois anos; a jovem iniciou sua graduação em uma universidade católica, com bolsa mérito por sua colocação no vestibular, porém acabou não se adaptando e ingressou na universidade pública federal. Depois de quatro semestres, tomou a decisão de cursar Direito.

Seu refúgio, durante a transição, foi novamente o grupo de jovens da Igreja: “*o lugar onde as pessoas me conheciam, me entendiam, e eu também conhecia elas e tinha amigos de*

verdade, era lá.” (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 6). O novo vestibular e o ingresso no segundo curso ocorreram em meio à pandemia da COVID-19:

Comecei agora na pandemia, então nem sei como que é o certo, mas já tô bem ansiosa assim pra travar novas discussões políticas, ideológicas e religiosas na faculdade. E pode ser um ambiente meio hostil, né? Mas eu gosto assim, né? Eu sempre fui bastante comunicativa e argumentativa, sempre perguntava as coisas e mesmo sempre tendo perguntado e me interessado em saber, acho que foi minha experiência dentro dos movimentos que me ensinou a ter firmeza nas minhas posições, sabe? (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 7).

A jovem conclui dizendo que:

[...] a universidade sempre é um ambiente bastante plural, onde a gente quebra um pouco a realidade de que a gente tinha na escola e conhece pessoas bastante diferentes [...] Acho que foi importante assim quebrar essa ideia de que o mundo é só isso de pessoas com experiência de vida parecidas. (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 8).

O período de quarentena foi explicado, para além da transição do curso universitário, como um ganho importante de convívio e vínculo familiar:

[...] nessa quarentena, a gente mora eu, meu pai, minha mãe, meu irmão, num apartamento... minha vó em outro, minha prima e minha tia em outro... tudo no mesmo prédio. E aí nessa quarentena a gente acabou só vendo a gente, né? (S., Entrevista 4, 12.10.2020, p. 6).

4.6.5 O jovem evangelizador digital

Com 26 anos, N., no momento da entrevista, era um jovem solteiro, licenciado em Letras e em Filosofia e cursando mestrado em Ciências Sociais. Nascido no interior do estado de Goiás, disse, muitas vezes, ser apaixonado pela cultura digital.

N. iniciou seu relato posicionando seu conteúdo: “[...] vou contar minha história de caminhada na igreja e aí vou abrindo meus elementos que que não diz a respeito à caminhada

na igreja, mas, colaboram aí pra história” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 1). Apresentou a situação da família, considerando-a bem humilde e sem vínculo religioso ou adesão a preceitos católicos. A mãe era dona de casa e o pai caminhoneiro.

Quando criança, ganhou uma Bíblia infantil que disse apreciar: “*eu queria ter livros, eu queria ter, né, estudar e tal... na minha família ninguém tem o hábito de leitura e aí foi surgindo esse desejo e tudo*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 1). Eventualmente, a mãe contava alguma história bíblica, mas, segundo ele, sem orientação religiosa:

Por exemplo quando ela quis me ensinar a questão de onde tava a face de Cristo... ela me contou uma história de que um dia um homem subiu nos céus, encontrou com Deus e deu um tapa na cara de Deus e aí Deus deu a outra face. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 1).

Quando integrou o grupo de catequese da Eucaristia, foi convidado a participar do coral das crianças que havia na Igreja: “*eu fui tomando esse hábito de tá participando do fim de semana com as coisas da Igreja, né? E aí acabava tendo que arrastar os meus pais, eles só iam pra missa pra me ver cantar.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 1). Mais crescido, saiu do coral e começou a participar como coroinha nas missas, até o início de sua adolescência. Seus pais acabaram ingressando no movimento de casais da paróquia e estavam assíduos nas missas: “*Meu irmão me acompanhava no grupo de coroinhas e assim, a família meio que me acompanhou, né? E aí eu fui meio que sentindo de repente o despertar da vocação sacramental.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 2).

Com 13 anos, manifestando o desejo de conhecer a vida como seminarista, foi encaminhado para a pastoral vocacional, que o conduziu para uma congregação religiosa masculina, visto que não havia seminário de Ensino Médio na sua região. N. relatou que sua mãe ficou bastante apreensiva com a situação:

[...] vieram em um carro com quatro, foram em casa conversar com a minha mãe, mostraram fotos do seminário pra mim e tudo. Tiraram dúvidas, deram panfletos e tal, e eu super empolgado [...]. A minha mãe ficou muito apreensiva, ela não gostou nem um pouco da ideia, tentou me proibir do caso, mas eu me mantive com a ideia [...]. E aí quando ela viu que não tinha mais como segurar, ela se rendeu, né? (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 2).

Nesse meio tempo, a mãe foi aconselhada por outros membros da paróquia a permitir o ingresso não em congregação religiosa, mas na realização do discernimento vocacional diocesano. Assim, N. começou a participar de encontros vocacionais, além de já integrar a catequese de crisma. Coursou o Ensino Médio conjuntamente com o discernimento vocacional até um pouco antes da conclusão do terceiro ano, quando decidiu não seguir mais no seminário.

Ingressou na faculdade de Letras de seu estado de origem, fazendo direção espiritual com um padre que promovia encontros para universitários. Esses encontros se configuravam como:

[...] um curso que a gente ia e dava formação teológica pra dentro [...] aí fui participando e ficando amigo de outros jovens que eram universitários como eu, que tinham a vivência religiosa como eu e tinham o “ter alma missionária” como eu. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 3).

O tempo de faculdade foi vivenciado com intensidade pastoral e paixão pela literatura e pela cultura *geek*⁷⁴⁸:

E sempre com o desejo de ser escritor, escrever e coisa de literatura e tal. E aí comecei na onda dos blogs, então temos o blogspot e tal e eu fazia vários blogs. Na época eu sempre tinha algum blog, alguma coisa que eu fazia eu tentava digitar assim pra ver se tinha alguma repercussão e tal. E eu me lembro que um amigo meu, que estudou comigo antes do ensino médio em Petrópolis, me indicou para um site de conteúdo grande. [...] E aí eu entrei como colunista, eu fazia matéria sobre videogame no site, sabe? Eu sou fã do Senhor dos Anéis, sou apaixonado pela obra do Tolkien, foi por causa dele que eu escolhi o curso de letras inclusive. Gosto muito de videogames,, sempre joguei videogame desde pequeno, então essa lógica do mundo geek, hoje mesmo eu jogo RPG de mesa. Então assim, eu gosto muito dessa coisa do universo geek e essa coisa do blog, do site. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 3).

Foi presente nesse universo digital que N. afirmou que, em seus “*acessos criativos*”, percebeu que não existia *podcast* católico: “*Nós não temos um podcast católico, na época não tinha...*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 4). Foi assim que, organizados em um grupo de WhatsApp, N. e outros amigos, inseridos na vida da Igreja e com desejo de expansão na

⁷⁴⁸ A cultura *geek* é uma grande tendência entre tribos juvenis e está relacionada a pessoas ligadas a novas tecnologias, *games*, livros, filmes e cultura pop em geral. Pode ser definida como uma variante da cultura *nerd*, porém possui um acento mais popular e sociável. Normalmente, é aficionada por jogos eletrônicos e de tabuleiro e especialistas em suas áreas de interesse.

cibercultura, iniciaram um percurso de evangelização em meios digitais. O projeto foi construído enquanto se deslocavam para um retiro de recolhimento mensal que unia padres e leigos:

[...] a gente arrumava uma comitiva, juntava os jovens interessados, botava todo mundo, rachava gasolina e participava e voltava. E aí o Padre mesmo que ajeitava quem é que ia, botava todo mundo dentro do carro, [...] quando eu vi, dentro do carro estava exatamente [...] a galera do grupo (do WhatsApp) e aí fomos conversando, trocando ideia, falando, chagando em Goiânia, a gente já tinha tudo montado. [...] Só faltavam três coisas: o lugar pra gravar, que a gente não tinha equipamento; alguém pra editar, porque nenhum de nós cinco sabíamos; e um nome pra esse podcast. Aí fomos, participamos do recolhimento, encontramos outro amigo [...]. E aí a gente foi comer o sanduíche e como tava nós cinco e ele, nós contamos do projeto pra ele né. E aí ele virou e disse “eu já fui DJ, e eu sei editar. Eu edito!” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 4).

N. se anima em seus relatos, rememorando as primícias de um dos maiores canais de evangelização católica entre jovens da atualidade⁷⁴⁹. Segundo N., o projeto tinha por objetivo alcançar os jovens que consomem conteúdo digital, “*com o humor pra colocar, mostrar o lado divertido da fé.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 4). Conseguiram, com a rádio local, o empréstimo dos estúdios, levavam um *pendrive* e saíam com um arquivo bruto gravado “perfeito” na mesa de som: “*a gente se empolgou muito, eu escrevi uns roteiros do programa e a gente começou a gravar e foi um negócio fantástico. Foi um tremendo sucesso.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 4). Para hospedar os *podcasts*, foi preciso evoluir para a construção de um *site*, que gerou coluna de artigos de texto: “*eu voltei a ser o blogueiro, só que agora o blogueiro católico e aí foi fluindo, o negócio era muito bom. Bom, e aí eu já tava acabando a faculdade, né?*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 5).

Com a conclusão da faculdade, N. decidiu voltar ao discernimento vocacional. Durante os quatro anos no seminário maior diocesano, “*tive um tanto de atrito, porque eu era visto meio que como o seminarista estrelinha, né? Que ia nas paróquias e o povo pedia pra tirar foto e tal.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 5). No entanto, a vida no seminário e na atividade de evangelização, em meios digitais, foi seguindo conjuntamente. Então, decidiu conversar com o reitor, pensando em fazer episódios que mostrassem a vida de seminarista: “*Ninguém sabe como*

⁷⁴⁹ As redes sociais do canal, atualmente, possuem 40,7 mil de seguidores no Instagram, cerca de 10.500 no Facebook e 131 mil inscritos no Youtube.

é que é a vida de seminário.” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 5). Toda a organização e o roteiro foram feitos pela equipe do site:

E eu levei a equipe, eles passaram o dia todo lá filmando, o negócio foi superengraçado, o seminário ficou todo tenso, né? E aí com as câmeras filmando o dia a dia deles, né? E aí fizemos uma série que chamava “Vale a pena, vale a vida” com quatro episódios, mostrando como é que é a vida vocacional, e tá tudo disponível no YouTube. [...] essa série então bombou bastante, porque o pessoal tem curiosidade... como é que vive e tal, e a gente fez uma pegada bem... porque assim, geralmente quando se fala da vocação sacerdotal geralmente fala muito do ser padre... Mas pra ser padre precisa ser seminarista, e como é ser seminarista? Então a gente mostrou o dia a dia, enfim... Fez testemunhos, entrevistas, um negócio bacana. Foi bem elogiado na época, que a gente fez os DVDs lá da série, presenteou o reitor, o bispo e eles gostaram muito do trabalho. A pastoral vocacional chegou a utilizar como um material vocacional ao longo do ano. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 6).

N. relatou que sentiu o desejo de fazer um programa próprio dentro do projeto existente, trazendo elementos de literatura e cultura britânica e inglesa, pelas quais se considera fascinado. O programa começava com o grito clássico:

E aí, “Djóvens”!!!! e em seguida “hi, peoples! [...] o pessoal fala “ah, mas é porque ‘peoples’ se usa no plural?”. Eu falei: “mas é ‘peoples’ no sentido de ‘povos’, ‘gentes’, né?” Como a Lumen Gentium... a luz dos povos, enfim. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 6).

Além disso, queria trazer elementos da cultura *geek*, por considerá-la um modo de evangelização com jovens:

[...] eu queria fazer um programa católico nerd. Pegar conteúdos nerds, geeks que eu gosto, que eu conheço bem, eu tenho no meu quarto cerca de trezentas revistas em quadrinhos, né vários jogos de videogame, que eu quero falar disso, mas dar um olhar católico. Por quê? Quando eu era pequeno a minha família não era religiosa, mas eu aprendi o cristianismo não por meio de Jesus, mas por meio de outro sujeito, que é o Homem-Aranha. Eu assistia os desenhos, lia os quadrinhos, jogava os jogos e eu vi ele falar que grandes poderes trazem grandes responsabilidades. O fato de que eu posso fazer me obriga a fazer...por que eu preciso fazer o bem? Porque eu sou capaz de fazer isso, né. Isso pra mim depois vai se transformar em tudo à vista do evangelho, pois a quem muito foi dado, a muito será cobrado né? (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 6).

O programa de N. teve 24 episódios; ele relatou que os gravava nas férias e ao longo do ano os lançava. Nesse momento, viu que a vida no seminário já não lhe parecia compatível:

O meu jeito não batia com o jeito do seminário. Eu tenho um jeito muito mais pro mundo acadêmico, pra essa pra essas ideias novas de educação e tudo, né? E acabei saindo... eu saí do seminário novamente, só que eu consegui concluir a filosofia no seminário. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 6).

Com a descontinuidade do seminário, N. relatou que se tornou professor universitário e deu sequência ao mestrado. O estúdio onde os programas eram gravados acabou sendo transferido e redimensionado, com ampla colaboração dos seguidores do canal. Encontra-se, agora, em uma paróquia da diocese, contando com bom equipamento de áudio e vídeo: “*aqui nesse tempo de pandemia, por exemplo, as missas eram filmadas [...] e transmitidas no canal [...] E aí a gente tem um estúdio lá, o bispo já visitou o estúdio, abençoou o projeto.*” (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 7).

Dado momento, N. decidiu encerrar o programa e atuar nos bastidores, impulsionando conteúdo. N. afirmou que a internet, assim como disse Bento XVI, é um novo continente:

Ela é um continente com suas regras próprias, então ela tem sua própria linguagem, ela tem seus próprios ideogramas, ela tem sua própria vestimenta, tem os memes, os emojis, as... a forma de falar, ela tem toda uma pegada própria. E ela é um espaço, apesar de ser um espaço virtual, né? E como todo um espaço, nós temos que ir a todo mundo pregar o evangelho, né? Então a gente precisa chegar ali pra seguir o continente. De forma missionária, só que é um continente que, como eu posso dizer, ele tá selvagem ainda, né? [...] a igreja quando ela tenta se pronunciar, é de uma forma muito tímida, né? Então o padre vai no Facebook fazer textão... ninguém lê textão no Facebook, né? (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 8).

Os relatos de N. passaram a demonstrar a importância da evangelização inculturada nos meios digitais:

[...] no sentido de que se a gente vai pelo continente, um continente com essas tribos digitais, a gente tem que se colocar no espírito dos jesuítas. [...] Eles aprendiam a linguagem, né? [...] nosso querido padre Anchieta, escreveu a gramática que ele aprendeu os costumes dos índios, né? E a forma do cristianismo fazia muito isso, o cristianismo ele se insere dentro do contexto cultural, né? (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 8).

A sequência narrativa de N. traz exemplos de evangelizadores que emergiram nas culturas dos povos, bem como que dialogaram e as transformaram com a presença do cristianismo:

Eu sou apaixonado por exemplo pelo jeito que o são Bonifácio, se eu não me engano, o jeito que ele entra dentro da mitologia nórdica, pra provar, quem é Cristo, né? Daí que ele rouba o maior símbolo da mitologia nórdica que vira o símbolo cristão que é a árvore de Natal. Símbolo totalmente cristão e ele toma. Outro que também meu preferido, ele fica até colando na parede aqui, né? São Patrício, a forma como ele usa o trevo de três folhas pra explicar a Trindade, aquilo é sensacional. Ele usa do próprio elemento cultural dos irlandeses pra colocar o cristianismo, né? Dessa forma de pegar o obelisco pagão e enfiar uma cruz na ponta é o jeito que o cristianismo faz, né? Então falei “a gente tem interesse na internet. A gente tem que se apropriar da cultura da internet e colocar a cruz na ponta, né?”. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 8).

Para isso, N. acredita que a internet é um campo de cultura juvenil:

Aprender a linguagem de cristão de como os jovens fazem a internet? Então não só estar na internet como os blogueirinhos católicos que foram surgindo com o tempo desde que a gente começou que aparece, mas sempre naquele mesmo estilo... um tanto piedosinho, meio que... É uma pregação gravada, não é a linguagem da internet, a gente precisa de jovem que use a linguagem dentro da internet. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 8).

Ainda, N. apresentou um exemplo de um projeto que disse ter atingido muitos jovens:

Um programa só com tiradas de santo, mostrando que os santos tinham um bom humor, eram humanos, né? [...] Depois a gente faz a “Mulher macho sim senhor”, mostrando só as mulheres santas muito fortes, ao som de Gonzaguinha... Paraíba masculino, mulher macho sim senhor, ... Luiz Gonzaga né? A gente foi mostrando a história daquelas mulheres que são bem fortes... Teresa de Ávila, que é uma mulher bem forte, Joana D’Arc que é uma mulher bem forte. (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 8).

Na conclusão de sua entrevista, N. afirmou que entende esse papel missionário como um trabalho de presença da Igreja no meio digital:

No continente da internet a gente tem que pegar a cultura da internet e cristianizar a cultura da internet. Já que ela vive tão pagã entre ideologias, discussões e moralidades, né? A gente quer fazer essa conversão marcando a presença da igreja ali. É isso! (N., Entrevista 5, 14.10.2020, p. 9).

Por fim, o jovem relatou que sua pesquisa de mestrado compara a influência do franciscanismo nas obras da poetisa Adélia Prado e nas obras de Tolkien e Chesterton. Segundo N., cada um faz uma construção distinta do outro, porém sob inspirações semelhantes.

Em suas palavras, N. trazia uma forte dimensão missionária e um claro posicionamento de se sentir parte de um novo modelo de evangelização através das ambiências digitais.

4.6.6 O jovem vocacionado ao cuidado

A narrativa a seguir é de A., um seminarista que tinha 32 anos quando entrevistado, graduado em Enfermagem, Filosofia e Teologia, com pós-graduação em Liturgia. A. inicia seu relato a partir da sua cidade de origem, no interior do estado, conhecida como “campanha”, por ser fronteira com Uruguai e Argentina, com atividade marcada pela agropecuária em fazendas com pequenos centros urbanos em cidades polo. Sua família segue morando na região.

Os relatos de infância indicam os detalhes de uma família numerosa, com a mãe dona de casa e o pai caminhoneiro: “[...] viajar, pra nós, não era sinônimo de férias, viajar era sinônimo de trabalhar. [...] Então pras nossas férias de colégio era viajar com o pai, não era viajar de férias, tinha uma outra conotação.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 1).

As memórias trazidas por A. são ricas vivências com primos e avós maternos, inclusive ressaltando que, na adolescência, a casa dos avós era a referência familiar:

Então pra nós era o domingo da casa da avó, com casa cheia. Depois com o tempo, quando eu fui crescendo, lá fora também tinham os meus primos, brincava ao final de semana junto com aqueles primos. Meu vô era leiteiro e o vô ia todos os finais de semana [...] na sexta-feira ele passava lá em casa de carroça. E aí eu ia pra fora [...] de carroça com o avô [...]. Era andar a cavalo, ajudar na horta, tirar leite, era dar comida pros bichos e tava ali na casa da vó, né no aconchego da casa da vó. E no domingo, quando chegava domingo a mãe ia almoçar e eu ia embora. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 1).

Além dos relatos familiares, A. descreveu o período de escola: “*eu sempre estudei no mesmo colégio, o colégio era perto de casa e desde o meu pré até o terceiro ano do ensino médio.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 2). A vivência comunitária foi ressaltada, também, na escola, quando citou as amizades constituídas no tempo escolar, as quais traz hoje para a vida adulta.

A irmã mais velha de A. era catequista na capela comunitária do bairro. A matriz ficava na região central da cidade: “*E nós, era tradicional, digamos todo mundo ser batizado*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 2). A. afirmou que foi batizado já com 5 ou 6 anos no feriado do Carnaval: “*como meus padrinhos moravam aqui na Região Metropolitana, nunca dava certo um feriado ou alguma coisa assim pra eles irem no batizado.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 2). A avó de A. foi referida como uma líder comunitária, que organizou o batizado com autorização do padre para batizá-lo na segunda-feira do feriado de Carnaval: “*Pra falar a verdade eu não tava entendendo muito o que tava acontecendo. [...] E eu ficava me perguntando ‘o que que é isso?’*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 2).

Após o batismo, A. frequentava, com sua família, a celebração da Palavra, pois a celebração eucarística ocorria somente em dois finais de semana. Havia uma carteirinha que as crianças que faziam catequese apresentavam com o preenchimento de sua presencialidade nas celebrações: “*Então como na minha comunidade do bairro tinha celebração duas vezes, eu ia as duas vezes porque eu queria minha carteirinha preenchida, enfim... Até tenho ela ainda lá.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 2). Na catequese de Eucaristia, sua turma era considerada muito complicada: “*ninguém queria ser catequista daquela turma, todo mundo que ia desistia, dava algum problema*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 3). Segundo ele, a catequista se surpreende atualmente: “*eu tive que voltar e assumir e, pra dar a catequese pra vocês. E olha, essa turma hoje vai dar um padre pra igreja, né?*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 3).

O impacto da vida comunitária está em todos os relatos da infância e da adolescência de A.:

[...] a gente se conhecia era todo mundo assim, era muito bom morar lá, entendeu? As pessoas com quem eu brincava eram as pessoas que a minha mãe tomava chimarrão na calçada. [...] essas coisas assim sempre foram muito positivas e não era só um vizinho de lado a lado da frente, eram praticamente dois quarteirões de rua de pessoas conhecidas, só tinha esse intuito de se conhecer, se visitar e se ajudar, e ali foram surgindo as relações e o pessoal da comunidade também era visto, né? (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 3).

O entrevistado afirmou que era muito curioso e lhe chamavam atenção as experiências que vivia na Igreja; ainda, mesmo quando sua família não aderiu a alguma prática, costumava ir com os demais membros da comunidade: *“as pessoas da comunidade que iam nas procissões, iam na romaria, nas romarias que tinha fora, romaria da conquistadora [...] como minha mãe não ia e meus irmãos não iam, eles me convidavam e eu ia junto.”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 3).

Assim, tornou-se coroinha da comunidade e recordou que sua vestição ocorreu na festa do Arcanjo Gabriel. Comentou que, muitas vezes, era apontado pelos outros adolescentes, mas não se incomodava. Inclusive, por vezes, ia de bicicleta até a Igreja matriz para participar da missa lá: *“Ser coroinha na matriz né, igreja lá no centro, igreja grande e tudo né?”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 3).

Sua narrativa segue pautando a vida comunitária eclesial em que A. se engajou também como catequista: *“então eu, com a minha bicicleta, fui lá pelos catorze anos, catequista da São Paulo Apóstolo, lá do bairro”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 4). Concomitante, realizava a animação litúrgica como músico:

[...] comecei a tocar na missa domingo de noite [risos], e eu tava ali envolvido, eu já tava, eu já ia na missa domingo de manhã e de noite lá na matriz, de bicicleta, domingo oito horas da manhã. Eu saía de casa seis e meia, com frio, com sol, com chuva, todo mundo achava loucura, mas pra mim aquilo era uau, era o máximo, sabe? (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 5).

Na adolescência, fez a crisma sem a preparação em um curso, mas a convite do padre que reconheceu em A. a vivência e adesão à vida paroquial e comunitária:

“O que tu vai fazer hoje de noite? Vai vir na missa?” e eu falei: “ah, vou vir sim!”. [...] Ele [o padre] disse assim: “Então hoje tu vai te crismar.” E eu disse: “tá, mas eu não fiz a preparação”. E ele: “tu não precisa fazer preparação”. Aí eu fui, avisei a mãe e aí convidei essa senhora lá do bairro pra ser minha madrinha, tudo assim no dia. Ninguém ficou sabendo da minha crisma, eu fui crismado sem preparação assim. Sem fazer encontro com minha turma. O padre disse que vai crismar os duzentos e três que tem aqui e “tu vai ser o duzentos e quatro”. E aí tu vai ser o último da fila e tu vai ser o coroinha. “Pô, tudo bem!” e fui. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 5).

Começou a trabalhar na adolescência na academia de sua irmã e entre a escola e o horário de trabalho participava da missa. Começou a sair com amigos, frequentando boates e bares, e, segundo A., acabou se cansando da rotina. Saía no sábado à noite com os amigos e se organizava para ir à missa de domingo à noite, “[...] porque às dezenove era o horário que eu tava na praça já com a gurizada.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 6). Outro relato que acentuou a participação litúrgica do entrevistado foi quando se recordou de um feriado de Carnaval em que foi acampar com os amigos:

[...] foi pra uma fazenda acampar e disse: “Bah, e agora como vou na missa?”. Aí nós fizemos agito, coisa e tal e aí eu escutei a missa no rádio no domingo de manhã. Todo mundo dormindo e eu escutando a missa lá na minha barraca [risos]. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 6).

Quando terminou o Ensino Médio, A. começou a se questionar sobre a sua carreira profissional. Descartou o trabalho como educador físico e tomou a decisão de adentrar a área da saúde: “*eu quero fazer uma coisa ligada na área da saúde. E o que me chamava atenção, eu gostava bastante que era o hospital. Hospital, principalmente o de cuidar.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 6). A. define ainda mais o tipo de hospital ou de área da saúde que chamava atenção:

E sempre me chamava atenção das irmãs no hospital que tinha na minha cidade. A comunidade religiosa que tinha lá. [...] Religião, cuidar, o próximo, o bem, essa função toda. E aí eu disse: “não, eu vou fazer enfermagem.” Por causa que, porque eu tinha, eu gostava de duas religiosas lá que eu admirava muito. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 7).

Por outro lado, para fazer uma faculdade de Enfermagem, precisaria sair da cidade. Outra questão é a realidade sacerdotal que lhe foi apontada também: “*Não, eu não tinha por nada o interesse de ser padre na face da terra*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 7). A. foi para uma cidade “grande”, mais ao centro do estado, para fazer curso pré-vestibular. Sair de sua cidade foi um marco importante. Uma tia e mais alguns primos foram junto; os primos para o pré-vestibular, e a tia “*era viúva e foi morar junto pra cuidar das crianças.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 7).

Concluía as aulas no cursinho e ia à missa. Frequentava, também, o Santuário de Schoenstatt, pois *“lá tinha adoração sempre. Então saía de tarde, passava a dar uma caminhadinha, passava lá pra rezar.”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 7). No entanto, A. afirmou que não estava se adaptando naquela região. Seu interesse era morar e cursar a faculdade na capital do estado. Os pais se preocuparam, visto que não tinham condições de manter a faculdade mais a estadia na capital.

Assim, A. foi morar com a família de sua madrinha em uma cidade da região metropolitana. Passou no vestibular e começou a cursar Enfermagem em uma universidade confessional em outra cidade da região: *“Lá na universidade eu me senti bem, me senti em casa...porque lá tinha uma igreja muito bonita. E era tipo aquele clima de familiaridade, porque tinha desde o maternal ali do prezinho até os cursos da faculdade, né?”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 7).

Na estadia com sua madrinha, A. enfrentou relações familiares muito distintas daquelas com as quais estava acostumado. Seu padrinho era alcoólatra e, aos finais de semana, ficava difícil estudar naquele ambiente. Os primos tinham uma criação distinta e com envolvimento em drogas de modo não explícito: *“Então eu sabia que pra mim estudar eu teria que passar por isso”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 8). Ainda, não havia a tradição do almoço familiar de domingo: *“Cada um almoçava por si a hora que dava ou fazia sua comida, sabe? Mesmo se tu programasses a fazer comida todo mundo junto. Não tinha o sentar todo mundo junto.”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 8).

No entanto, perto da casa da madrinha, havia uma paróquia com um padre jovem e muito didático em suas homilias. Além disso, a paróquia possuía uma comunidade em que muitos jovens eram integrados:

[...] e aí, fantástico, fantástico, meu interior, cheguei, quando eu vi aquele padre jovem [...] e naquela homilia eu achei fantástico, fantástico. E aí como eu não gostava de ficar na casa da madrinha, eu ia nas missas de final de semana na paróquia. Eu ia em todas, e a missa de domingo de noite [...] era peculiar porque ela tinha muito jovem, muito jovem. E pra nós ter noção né, retiro e reencontro [...] aquela igreja era entupida de gente. E o pessoal cantava, e aquilo, eu me sentia bem lá, sabe? (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 8-9).

Em uma das missas, o jovem padre estimulou aos jovens presentes que questionassem a si mesmos acerca de sua vocação. Ele cita a lembrança do conteúdo da homilia:

[...] o pedido do padre hoje pra vocês é que vocês, quando fizerem, botarem a cabeça no travesseiro em casa, se perguntem o que que Deus quer de vocês. O padre não tá dizendo pra você ser religioso ou religiosa, mas [...] o que vocês querem pra sociedade. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 9).

Segundo A., foi a partir desse momento que ele começou a considerar o sacerdócio:

[...] eu fiquei com aquilo... por que que eu não posso ser padre? Porque eu via o padre jovem como os meus irmãos, sabe? Ele pode ser meu irmão, sabe? E aí aquilo era fantástico assim, era muito comunicativo, organizado e eu posso ser assim. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 9).

A. foi conversar com o padre, para se apresentar, e aproveitou para se confessar. Foi convidado a se inserir no grupo de cantos da paróquia e iniciar os encontros de Kairós.

Mesmo quando o jovem padre foi transferido, A. seguia fazendo acompanhamento espiritual com ele, já em outra paróquia. A. relatou outro aconselhamento significativo do padre: *“[...] se essa é a tua vocação, ela nunca vai morrer. [...] Não sou eu que vou dizer que é pra ti entrar agora ou depois, pode fazer qualquer curso [...] que se Deus quer isso aí, vai ficar sempre dentro de ti. Tem que dar uma chance pra ti e pra Deus”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 10).

Na paróquia, seguia buscando “se enturmar” com a comunidade, principalmente através do coral. Dado momento, a situação na hospedagem foi ficando cada vez mais complicada. Assim, foi convidado a morar na comunidade paroquial; logo, enquanto seguia seus estudos, realizava o acompanhamento vocacional e mantinha as atividades pastorais. Uma visita de padres e seminaristas na paróquia provocou ainda mais o desejo de viver a comunidade eclesial, quando conheceu um jovem seminarista que, depois, veio a ficar doente e a fazer exames no hospital em que A. estava estagiando.

Os estágios da faculdade começaram a acontecer na capital em uma distância bastante significativa. Assim, A. precisou fazer nova mudança, indo morar com uma prima. Passou a participar da missa na região central perto do hospital em que estagiava. No entanto, conservou amizade com a comunidade que o acolheu, salientando, sobretudo, a convivência com uma família: *“[...] fui tratado como um filho na casa desse casal.”* (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 12).

Nesse mesmo hospital, o jovem seminarista que A. havia conhecido e do qual tinha se tornado amigo veio a ser internado com o diagnóstico de câncer. Seu acompanhamento espiritual também seguia. Foi nessa condição que a fé daquele jovem seminarista doente o fez tomar a decisão de assumir o percurso vocacional ao sacerdócio:

Meu Deus, como é que pode um amor tão grande pela igreja?... Sabe, crucifixo, a missa, aquele entra e sai de gente, um monte de padres comecei a ver ali [no hospital]. Eu disse assim: “tem algo que move... que ele tão novo, indo embora tão novo, né? E eu com tanta saúde, porque que eu não posso ser padre também? [...] Eu posso fazer o bem pra tantas pessoas.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 12).

Nesse momento de escolhas e decisões vocacionais, seu pai viu a necessidade de investir em uma moradia própria para o filho. O jovem seminarista, do qual A. ajudou a cuidar, acabou vindo a falecer e, com isso, a certeza da decisão da oferta de vida se concretizou:

[...] eu nunca tinha chorado por alguém, eu não sou de chorar. Eu nunca tinha chorado por alguém que eu não, que eu não conhecia ele faz anos. Eu conheci pouco tempo, sabe? Mas que tinha tanto sentido, tanto sentido [...] ele dizia que amava gente [...], mas como uma pessoa pode dizer que me ama se nem me conhece direito? (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 13).

Com maior maturidade no discernimento, A. foi morar novamente em outra comunidade paroquial, enquanto retomava os encontros de Kairós naquele ano. A. estava trabalhando no hospital, concluindo a faculdade e realizando o percurso inicial vocacional:

Trabalhei até o último dia com muito afinco [...] eu tinha muito medo, muito de sair pro seminário, eu gostava do meu trabalho, eu gostava do meu trabalho, eu gostava de cuidar das pessoas, eu gostava, como eu gostava. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 15).

Sua demissão aconteceu com uma conversa realizada diretamente com a gestão do hospital: “A gente tem que apoiar [...] tu não tá saindo porque tu é um mal funcionário, tu é um excelente funcionário e tu tá saindo por uma causa muito nobre e justa.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 17).

Contar para sua família foi desafiante, pois haviam investido na sua vida acadêmica e esperavam vê-lo atuando na profissão: “[...] eu sabia que ia ser uma decepção. E aí que eu ia em casa e não tinha coragem de falar.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 15). De um modo geral, as pessoas de sua convivência já sabiam de sua decisão de ingresso no seminário, mas seus pais ainda não. Para sua mãe, foi o padre que o acompanhava espiritualmente que contou. Para o pai, foi mais demorado; ele levou meses para conseguir falar. Já estava demitido, pronto para o ingresso no seminário, quando seu pai ligou:

[...] disse assim: “ah, tô vendo que tu se mudou, né?” Eu disse: “pois é, me mudei”. Ele disse: “é, não conta nada... tava com medo e tudo”. Eu disse: “não, eu não queria te magoar. Ia deixar esperar” [...]. Aí ele disse assim: “não, tu pode ir, tu pode ir. Não precisa ter medo, tu pode ir, mas lá em casa, tem o teu quarto” [...] Aí eu fui, daqui a pouco já meus irmãos me ligaram [...] foi uma experiência boa assim. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 16).

Quando voltava ao interior, os amigos se reuniam para encontrá-lo e manifestavam alegria em ter um amigo padre na capital: “*Nós vamos ter um amigo padre!*” [risos]. *Então a gurizada me deu todo o apoio, meus irmãos também, a mãe também, o pai também, ficaram felizes assim. A vó ficou radiante, ela ficou radiante.*” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 16).

Concluindo a narrativa, A. afirmou que já estava uns oito anos no seminário, nos quais pôde conhecer novos amigos e novas comunidades e enfrentar os desafios e as alegrias do percurso:

Eu sou muito feliz na decisão que eu fiz, porque algo tinha em mim, né? Parecia que eu tinha uma vida dupla...eu queria ser enfermeiro ou queria ser religioso. E agora não, eu sou religioso, né? Mas o meu sentido de cuidar não sai de mim. Tanto que o meu trabalho de TCC é da saúde, né? Mas também posso ser um padre que cuida, o padre cuida também, cuida da alma. (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 17).

A demonstração de gratidão pelas comunidades paroquiais que o acolheram também se destacou nos relatos: “[...] eu tenho pela paróquia gratidão e carinho. Eles me apoiaram muito [...] tô muito feliz aqui na arquidiocese, no seminário.” (A., Entrevista 6, 08.10.2020, p. 18).

4.6.7 O jovem entre dois mundos

Nascido na cidade província de Huíla, na Angola, Z. é um jovem de 20 anos, solteiro, que, atualmente, cursa Engenharia de Controle e Automação em uma universidade pública na capital do estado.

A narrativa de Z. se inicia com o relato da situação em seu país de origem:

Angola é um país muito jovem na independência [...] e a guerra civil só terminou em dois mil e dois. [...] nasci e o país ainda tava com a guerra civil, logo eu acredito que até hoje eu consigo ver resquícios não só do meu povo, mas da minha própria família de traumas de guerra. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 1).

Ele comentou que os diálogos familiares ressaltam a situação atual do país:

[...] as vezes eu ouço a minha mãe a falar [...] da questão e da situação atual do país, porque querendo ou não a independência, ela se deu em setenta e cinco e de setenta e cinco até hoje é o mesmo partido que tá no poder, e questões políticas assim né, mundiais, a gente sabe que foi tirado uma elite branca né, de lá e foi colocado uma elite preta do tipo, não mudou muita coisa, mudou a questão de quem explora o povo. Logo, ainda tem muita imaturidade no meio político, acredito que maldade na verdade, eu acredito. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 1).

Z. conta que a juventude de seus pais foi marcada pela fome e que seus parentes eram vendedores ambulantes. A avó trabalhava em um hospital e vivia com o medo constante de que levassem seus filhos para a guerra:

E foi isso que fez com que meu pai fosse um dos únicos irmãos que se focasse nos estudos... Ele foi um dos únicos que tavam realmente “pô, o que que eu posso fazer pra mudar essa situação?”. Ele focou nos estudos, foi um dos primeiros irmãos a conseguir um emprego. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 1).

O valor que o pai recebia contribuía com a melhoria da situação da família: “[...] então todos viveram em situação de vulnerabilidade social.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 1). Z.

possui um olhar crítico em relação aos conflitos de seu país de origem: “[...] por conta da colonização, a gente recebeu os povos portugueses, o europeísmo, o grande problema foi que eles não separaram o cristianismo e o europeísmo, do... da questão eurocêntrica.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 1).

Seus pais se conheceram, por conta da colonização, e viveram a prática católica, batizando seus filhos:

Todo o domingo a gente coloca as nossas melhores roupas que tem pra ficar apresentados e assim vai todo mundo pra igreja. Isso é algo muito, que eu acho muito lindo, sinceramente fora a parte do historicídio [...] Daí ele era coroinha lá, e eu até perguntei esses tempos “pai, por que o pai não foi padre?” aí ele “ah, por falta de instrução, filho”, ele disse bem assim [risos]. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 2).

O pai conseguiu uma bolsa de estudos e iniciou a faculdade na área da saúde. Para isso, precisou se mudar para a capital, afastando-se da família quando o menino tinha 3 ou 4 anos:

As primeiras lembranças que eu tenho é de justamente, roubando entre aspas [...] celulares dos parentes e das pessoas que apareciam em casa porque eu, pô era uma criança. Eu sempre me senti muita falta de um pai. [...] tipo com uns quatro anos eu pegava qualquer celular que eu via, eu discava o número dele que era, ele tava na capital e eu ligava. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 2).

Segundo Z., o pai vinha nas férias, nos aniversários e em momentos possíveis, sem deixar de assistir economicamente:

[...] por isso que eu sempre via meu pai assim como um herói, herói tipo bem herói assim, como um Papai Noel da vida que tem a parte legal e a parte trágica, né? Porque o Papai Noel só aparece no Natal [risos]. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 2).

Z. é o irmão mais velho; com o nascimento do seu irmão, a mãe decide ir com os dois filhos para a capital, onde o pai de Z. estudava: “a mãe decidiu [...] pô, vamos para a capital, porque eu não aguento mais esse negócio de tá o pai lá e a gente aqui.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 2). Foram, então, morar na casa de parentes e, depois, alugaram “[...] um quarto de sala no que tava assim que... era tipo ‘O Cortiço’. Não sei se você já leu o livro ‘O Cortiço’?” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 2). Foi nesse local onde nasceu sua outra irmã.

Para ir para a escola, era preciso andar muito:

A gente tinha que andar muito assim, a mãe levava... a escola era muito longe, era muito longe. [...] Daí a mãe com o meu irmão nas costas lá e eu andando, nos deixava ali. No primeiro dia eu nem quis ficar porque pô, era uma escola nova e tal e eu digo “Pô, mãe! E se tu ficar?” E ela ficou o dia todo. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 3).

Nesse meio tempo, seu pai conseguiu uma bolsa de estudos e foi morar em Portugal. A família se dividiu novamente: “[...] ficou só eu e a mãe, o Pai em Portugal e os meus irmãos na Huíla.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 3). Por conta da situação, a mãe começou a administrar a construção da casa da família. Nas férias e no Natal, a família se reencontrava e os filhos aguardavam os presentes que o pai trazia. Enquanto a mãe trabalhava e cuidava da construção, os irmãos mais novos eram cuidados por tias e avós. Por ser mais velho, Z. foi desenvolvendo maior autonomia: “[...] eu sempre fiquei muito sozinho em casa, tipo que eu era o mais velho e aquele negócio: “consegue se virar um pouco mais, porque teus irmãos são mais novos?” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 3).

A sequência do relato de Z. acentuou a aprovação de seu pai na seleção de mestrado em uma universidade federal do Brasil. A estadia no Brasil ocorreu durante o mestrado e a sequência dos estudos no doutorado. Com isso, os dois irmãos mais velhos vieram morar no Brasil com o pai, e a mãe e a irmã mais nova de Z. permaneceram na Angola. Sobre esse momento, Z. descreve:

[...] essa foi a primeira vez que tipo eu me separei da minha mãe, tipo sempre fui, a gente sempre foi carente, assim. [...] Pô, era Brasil, Brasil, vou pro Brasil e tal. [...] E a gente assim pra, pra subir pro avião, eu vi, tava muito empolgado “nossa, eu vou ficar com meu pai”... depois de tanto tempo a gente ia ficar com o pai e tal. E eu parei e vi que, pô, era hora de subir o avião e eu olhei pra minha mãe e ela estava a chorar e tipo... deu. Mano, foi naquele momento eu pensei assim, sério, eu tinha onze anos e eu pensei “não, eu vou ficar com a minha mãe. Eu não quero mais ir, eu vou ficar com a minha mãe, sabe?” E mas não tinha, né... não iam me deixar ficar por causa disso, daí a gente subiu no avião e tal e foi a primeira vez que eu fiquei longe da minha mãe, longe. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 4).

Sobre a realidade encontrada no Brasil, Z. descreve que “[...] teve a questão de se adaptar a uma nova cultura, se adaptar a novas pessoas, deixar todos os vínculos que a gente tinha lá [...] E ah, tudo isso foi bem pesado assim, foi bem pesado, entendeu?” (Z., Entrevista

7, 05.07.2021, p. 4). Ele reconhece a melhoria no fator econômico e educacional, mas a saudade era contundente: “*Porque foi muito pesado, esse negócio do cara conviver com a saudade da mãe, saudade dos avós, saudade dos amigos [...] porque pô tenho vários [risos].*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 5).

Além da cultura e da saudade, Z. abordou a questão migratória e étnico-racial: “*E a gente veio pra cá, o cara viu... pô, que loucura, né? Eu tava acostumado com todo mundo ser da minha... [risos] e todo mundo branco aí... ficou aquele negócio de ‘o cara é de Angola e tal’*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 5). Z. passou a frequentar os anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública no Brasil. Por mais que fizesse amigos na escola, sentia as relações distintas:

Eu chorava quase todo dia [...] o pessoal ficava tipo “bah mano, por que que o cara chora toda hora?” Mas, pô! É muito diferente, entendeu? É muito diferente, tipo o cara, eu pensava tipo “eu chegava no Brasil, vou fazer amigos, vou fazer os meus amigos no condomínio, a gente vai ficar sentado nas escadas até altas horas”. Isso é uma coisa que na Angola a gente tem até hoje de certa forma, na Angola sempre tem alguma coisa pra se fazer quando você ficava entediado. [...] a gente não conhecia nem o nome dos vizinhos [no Brasil]. Tipo, sabe? E ah, tudo isso, cara foi indo pro psicológico e tudo mais. O cara chegou pra se adaptar o estudo e com notas baixas, porque o sistema era totalmente diferente... (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 5).

Na época do Ensino Médio, o pai precisou voltar para a Angola, ficando no Brasil Z., o seu irmão mais novo e um jovem tio. Relatou morar, também, em casas de amigos de seus pais no Brasil. Descreveu que a drogadição era parte de alguns ambientes em que circulava, mas que não aceitava e pensava muito nos diálogos com sua mãe:

É, o pessoal fumando maconha e cigarro, e pô eu tinha muito orgulho que, quando eu chegava assim eu falava pra minha mãe, ela perguntava: “Tá vendo agora esses negócios que tem e tal? Mas felizmente tu não aceitou quando te deram... tu não aceitou. Eu tenho muito orgulho de ti”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 5).

Conhecer novos colegas no Ensino Médio também foi relatado como algo positivo:

[...] foi uma das melhores coisas que aconteceu porque tipo, eu conheci pessoas novas, eu fiz amizades novas, tipo foi muito bom assim pra minha própria autoestima

que é uma autoestima péssima, péssima, péssima assim, tanto que nesse meio tempo daqui pra cá eu engordei né? (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 5).

Nessa época, Z. relatou enfrentar problemas com distúrbios alimentares e emocionais. A saída encontrada foi pela via da expressão artística:

[...] comecei a fazer a questão mais artística, comecei a ver tipo... comecei a ver realmente essa questão de não reprimir, né, tipo todos os meus sentimentos de tipo “não, eu tenho que ser forte, eu tenho que ser forte e é isso, é isso”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 6).

Z. descreve seu primeiro namoro com uma menina angolana que também estava no Brasil. Foi nesse período que começou a apresentar crises de ansiedade. Recordava dos conselhos de seu pai sobre a vida no Brasil:

Só falei “pai, eu não sei se confio nas pessoas”. Tipo, aí ele me disse exatamente “filho, você tem que confiar não confiando. [...] Por quê? Porque a tua própria sombra até no meio-dia te abandona” assim, ele disse, ele disse exatamente assim. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 6).

Por questões políticas e econômicas, naquele período, Z. descreve que muitos angolanos voltaram para a Angola, inclusive a família de sua namorada: “[...] eu senti um desamparo muito grande.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 7).

Foi na escola, em meio à realização de uma prova, que ocorreu sua primeira crise:

Daí quando vê, eu comecei a suar frio assim eu caí pro lado, [...] meus olhos fecharam, eu não conseguia abrir os olhos de jeito nenhum e eu comecei a falar um monte de coisa assim [...] tudo que me doía assim, porque eu tinha certeza assim, parecia que eu tinha certeza que eu ia morrer, sabe? (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 6-7).

Z. foi acolhido pelos próprios colegas: “[...] ô meu, tu tá bem? O que que foi? Tu tá bem mano? Respira... respira negão [risos]... respira negão.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 7).

Ele disse que naquele momento: “[...] *mano, eu só queria sumir. Tipo, eu só queria sumir, eu só queria tá no meu lugar, de preferência tá no meu país com a minha vó, deitado no colo dela assim no meio do mato [risos].*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 7). A gestão escolar precisou acionar o serviço de atendimento médico de emergência, que o atendeu.

Nas férias daquele ano, voltou à Angola, destacando que “[...] *eu fui pra Angola nesse meio-tempo foi como se eu fosse lutador de box, luta ali, luta, luta, depois vai o tempo de sentar no banquinho, passar o negócio no rosto.*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 8). Pensou seriamente em ficar na Angola, mas acabou optando por voltar para o Brasil, pelas condições econômicas e educacionais. Seguiu alternando as estadias na casa de amigos brasileiros de seus pais. De volta ao Brasil, as crises de ansiedade seguiram:

Pô, esse ano tem que ser diferente, né? Só que daí o cara já começa a ficar preocupado, já começa a ficar na ansiedade, já começa a ficar naquilo, não conseguia estudar, não conseguia dormir, fiquei tipo uns cinco dias sem conseguir dormir direito, começar a ter dores com sintomas psicossomáticos, como se diz... comecei a ter dores nas costas, voltei a ter problemas gastrointestinais, que com o estomago tava todo a ser afetado, não conseguia dormir direito [...] e eu acabei sendo internado... (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 8).

Os relatos dos dias da internação alternam entre os fatos reais e o que poderia ser alucinação, com sentimentos de morte que sugeriam que ele estivesse sob efeitos de substâncias psicoativas: “[...] *a enfermeira olhava assim ‘bah, ô negão, minha festa não foi tão legal que nem a tua’ [risos]*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 10). Durante a crise, precisou fazer múltiplos exames: “[...] *Daí foram fazer todos os exames toxicológicos pra ver se não tava drogado, porque eu literalmente falava ‘eu sei que eu vou morrer, eu sei que eu vou morrer’ e tipo não conseguia fechar os olhos de jeito nenhum.*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 9). Como Z. ainda não tinha 18 anos e os seus responsáveis estavam na Angola, precisou de autorizações legais à tutoria do tio que o acompanhava no hospital durante o período de internação.

Z. indicou que, nesse momento de internação, em que entendia a morte como possibilidade concreta, voltou a pensar na religiosidade:

[...] se eu morrer ali eu não tava em paz com Deus, não tava paz comigo mesmo, tinha muita coisa mal resolvida e eu pensava tipo: “eu não posso morrer, eu não posso fechar meus olhos aqui agora”... tanto que entrar nessa questão do espiritual e tal, entre devaneio e... devaneio, loucura ou o que seja. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 9).

Nessa hora, lembrou-se de uma avó:

[...] ela reza até hoje todo dia, ela não consegue... ela acorda, pega um terço e reza. Antes de dormir ela pega o terço, pede por tudo que ela fez, ela reza. E tipo, o meu dia era tipo [...] tu estás a me proteger na batalha espiritual nesse momento. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 9).

Recordou-se de um fato em que *“[...] começou uma tempestade do nada assim, e tipo abriu a janela do quarto, a janela do quarto abriu assim aí, daí ficou um vento assim e eu fiquei tipo ‘Uou, vieram buscar minha alma? O Espírito Santo veio me salvar?’”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 10). Naquele momento, pediu que ligassem para sua mãe: *“[...] liga pra minha mãe, diz pra ela que eu amo muito e tal”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 10).

Na alta hospitalar, o serviço de psicologia do hospital o encaminhou para tratamento sequencial junto ao centro de atendimento social. Na saída do hospital, uma enfermeira se apresentou como de filosofia espírita e conversou com ele e seu tio, recomendando que o jovem buscasse integração em grupos juvenis pastorais que existiam nas comunidades católicas:

[...] a gente saindo assim do pronto socorro e ela falou “vocês são cristãos? Tem religião ou alguma coisa?” [...] Daí ela olhou pra mim e falou: “eu sou espírita e seguinte... começa, trata de ir pra igreja e rezar de verdade, ser mais praticante. Não só ir lá e ficar sentado porque tu sabe que tem alguma coisa atrás de ti”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 10).

Z. manifestou, ainda, muitas adversidades ocorridas nesse período de vida, desde suas preocupações com a família, na Angola, que havia sido assaltada, até o seu dia a dia e o de seu irmão aqui no Brasil. Estava no final do terceiro ano do Ensino Médio, seguindo o tratamento psicológico e psiquiátrico, em atendimento social para depressão e ansiedade. Descreveu, com detalhes, o acolhimento positivo que a escola, através de seus professores, fez e o impressionou: *“A gente nunca tinha parado pra pensar em, aqui no Brasil já é um tabu as questões psicológicas, né? No que diz respeito a psicologia, e em Angola pior ainda.”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 12). O preconceito sofrido por precisar de medicação foi evidenciado nas falas: *“[...] aquele negócio do tabu, tipo... agora realmente quando as pessoas falarem ‘ah o que que foi? Esqueceu de tomar remedinho?’ quem sabe eu esqueci mesmo [risos]. Daí eu ficava noiado com tudo isso, eu chorava e tal.”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 13).

Nesse itinerário, Z. começou a pensar em sua profissão, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e no vestibular e percebeu que não queria percorrer a área da saúde como seu pai: *“Eu sempre pensei ‘Medicina é o que eu quero fazer, né?’. Daí eu fui me achando assim na parte da artística e tudo mais, do rap, das letras”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 11). Por outro lado, Z. abordou o racismo que vinha enfrentando calado: *“[...] eu chego aqui no Brasil, tem toda a questão social, de diferente, de tudo, novos amigos, a questão do próprio preconceito, de uma vez até andar na rua e tipo a pessoa achar que u vou assaltar ela ou que...”* (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 11).

Z. destacou um fato específico que envolveu uma colega de colégio, em que ela se dirigiu a ele, que permaneceu sem reação, enquanto a jovem dizia:

[...] “ele não fica bem de jeito nenhum, ele é negro”. [...] Só que justamente por ter aquela questão de um complexo de inferioridade muito forte, por conta das questões, a minha autoestima muito baixa, embora muitas pessoas talvez acharem que não, né. Tipo, eu não fiz nada. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 11).

Os próprios colegas que presenciaram essa fala levaram o caso à direção da escola, que se posicionou contra qualquer tipo de racismo.

A composição foi destacada por Z. como seu forte meio de expressão para entender a realidade de seus dois contextos, angolano e brasileiro:

[...] de certa forma sou muito brasileiro já né? Até aquele momento muito brasileiro. E até na arte eu chamo esse personagem brasileiro [...] e tipo ficou os três personagens assim, um era tipo estrangeiro, tipo “mano, a gente tá estrangeiro” estrangeiro do tipo “esse mundo não é pra nós”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 11-12).

Z. passou a integrar um grupo de jovens da Igreja Católica, justamente pela questão emocional. Sua mãe acabou vindo da Angola com seus irmãos mais novos e reunindo a família no Brasil. Acompanhando o tratamento de Z., descobriu que, em uma paróquia perto do apartamento em que viviam, havia atendimento com psicólogo. Ao inscrever Z. para o acompanhamento, a secretária paroquial divulgou a existência de um grupo de jovens que se reunia aos sábados à tarde. Z. relatou como se deu sua inserção no grupo:

[...] quando vê no sábado eu apareci lá [...] procurando o grupo de jovens, quando vê entrei na salinha e quem tava lá? Nada mais, nada menos que uma jovem negra mostrando seu novo corte de cabelo. Daí eu: “ó que legal” [risos], não eu cheguei assim e pá eu sentei com a tia ali, também tinha jovens que me receberam [...] Todo mundo era bem mais criança, ainda são [risos]...mas daí começou a fazer uma batalha de rima e eu já tava fazendo batalha de rima ali no ensino médio né, com meus colegas. Eu já tava envolvido com o pessoal do grupo de rap. Daí ele, falando na batalha de rima ali e tal, daí eu “ah é, deixa eu participar então”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 12).

Após esses relatos de ingresso, Z. descreveu diálogos com padres e bispos sobre a historicidade do cristianismo na África e no Brasil, bem como sobre os versos que ele compôs sobre os contextos que viveu e os pensamentos que derivaram seus *raps*. Da escola, guardou o estímulo que muitos professores ofereceram por sua capacidade de escrita:

Meus professores, muitos deles disseram “agora tu não é mais meu aluno, tu é meu amigo”. [risos] Daí ela pegou o oclinhos dela, colocou assim, ela olhou o texto “nossa, muito bom! Muito bom.” [risos] “eu sempre te disse” [...] Tá muito bom esse texto, muito bom.” Daí ela pegou assim, anotou e disse “um dos melhores, um dos melhores”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 13).

Z. voltou a namorar, porém com outra menina, e identifica as crises de ansiedade que, sob tratamento, estão controladas como algo que exige atenção:

[...] minha ansiedade, não sei se tu sabe o apóstolo Paulo, o espinho da carne, que diz tipo alguma coisa que Deus colocou em ti [...] pra tu ter essa dependência desde tu saber “Pô, filho... Eu te escolhi, tu tá escolhido e não tem volta, entendeu?”. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 14).

Citou, também, que, por vezes, é questionado sobre sua vivência cristã:

[...] eu tô num nível que eu já consigo diferenciar o que que é Cristo e o que que foram os europeus e o imperialismo fez, entendeu? Um negócio político, foi um negócio de querer ir lá e dominação, não foi querer levar a palavra de Cristo” porque querendo não o historicídio faz bastante isso: a gente olhar o branco como o salvador. Sendo que a bíblia em si, a história cristã é uma parada que vem de bem mais próximo de nós. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 14).

Segundo Z., o padre de sua paróquia o ajuda e o faz pensar que “[...] posso ser cristão, o padre mesmo disse ‘[...] tem como ser cristão e ser africano, ter os teus costumes africanos. Isso não exclui uma coisa e não exclui uma outra’.” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 14). Quanto ao grupo de jovens ao qual pertencia na época da entrevista, Z. comentou que:

[...] teve uma época ali que era muita resenha e pouco Deus, só que quem vai pra encontrar Deus, encontra. Tu vai, tu encontra o que tu quiser, entendeu? Se tu for querer resenha, vai ver resenha, é isso. Se tu for encontrar Deus, vai encontrar Deus. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 15).

Z. relatou que muitos jovens estão ali para aprovação social e para autoafirmação, enfrentando questões emocionais sérias. Afirmou que começou a despertar para a vida:

No início e também ser muito a questão da caminhada, meus estudos bíblicos e parar pra ver essa sensibilidade querendo ou não. Parece que entra a questão do divino sabe? Tipo, entra a questão do divino, entra a questão do cristianismo, tipo. Não sei se foi querendo ou não, tudo isso que aconteceu comigo foi horrível, foi. Foi, só que aquele negócio, não teria Davi sem Golias [...] Entendeu? E essa é a... e isso que entra a minha fé em tudo que eu passei até hoje, sabe? (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 15).

Na conclusão da entrevista, Z. cita o nome de algumas mulheres que o acompanharam e afirma que elas são as “*Marias que recebi na vida*” (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 16). Comentou que uma delas é uma das adultas acompanhadora do grupo de jovens e que ela questionou, em um retiro, se os jovens haviam presenciado Deus em algum lugar, ao que Z. respondeu:

[...] eu vi Deus nas árvores, eu vi Deus nos pássaros que tavam voando ali, tipo de manhã cedo quando eu acordei e vi Deus no pós que tava se esforçando pra a gente fazer, ter um retiro ótimo ali. Eu vi Deus em todo mundo que teve a entrega ali, que teve todo momento que todo mundo chorou ali, se mostrou humano ouvindo os áudios das famílias. Porque na verdade é isso, todo mundo tem suas dores aqui, todo mundo te sua vivência e o ego que a gente tem, que a gente carrega. Muitas vezes eu acredito que as pessoas se sentem muito bem falando comigo justamente porque eu tento diminuir ao máximo o meu ego pras pessoas, pra pessoa ver que tipo não é sobre a gente, sabe? É sobre o coletivo real. É sobre a gente ser o corpo de Cristo literalmente. Tipo e um ajudar o outro e caminhar junto, que daí todo mundo vai tá bem e assim que eu tô vendo Deus. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 16).

Na realidade eclesial, Z. afirmou que encontrou uma família ampliada:

[...] eu tive porque minha mãe sempre esteve longe, meu pai sempre esteve longe. Nesse meio tempo eu recebi vários Josés, várias Marias. Tipo entre a questão espiritual e a questão bíblica porque eu digo que eu tenho mais de um pai, mais de uma mãe. (Z., Entrevista 7, 05.07.2021, p. 17).

Z. segue seu percurso como compositor e *rapper*, com um canal no YouTube, por meio do qual transmite e compartilha seu trabalho.

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises realizadas a partir do cruzamento das vivências narradas, organizadas em categorias contribuintes para um integrar e integrador dos encadeamentos formativos, assim como as prioridades para a formação humana e cristã das jovens gerações, apontadas pelos participantes do estudo. Os achados serão discutidos à luz da fundamentação teórica antropológica de Edith Stein.

5 ENTRECAMINHOS QUE FORMAM O NOVO: ANÁLISES CATEGÓRICAS DOS DADOS

Das narrativas, emergiram significados e significantes que sinalizam aspectos fundamentais do percurso formativo ao longo da vida. A sistematização categórica se debruçou mais especificamente nas relações vivenciais que formam o humano, colocando uma lente mais alargada nas vivências juvenis. Assim como indica Edith Stein, foi possível contemplar a historicidade presente nas narrativas da vida vivenciada, em suas vivências (*Erlebnis*), experiências (*Erfahrung*), causalidades e motivações (*Kausalität und Motivation*), percepções (*Wahrnehmung*) em suas tomadas de posição no *continuum* que adentra e perpassa a juventude.

A partir do ser vivenciado e antropologicamente posicionado, evidencia-se fluxos de consciência (*Bewusstseinsstrom*) constituintes do corpo próprio (*Leib*) como identidade e personalidade única. Pode-se reconhecer, inclusive, a dimensão de alteridade na relação empática da consciência relacional com o *outro* (*Einfühlung*), na formulação do *nós*, que integram as redes comunitárias.

Ser pessoa é possuir liberdade (*die Freiheit*) ontológica e também ser alguém em relação: as narrativas são carregadas de interlocutores, de pessoalidades e intersubjetividades que acentuam a empatia e o caráter comunitário nas vivências do eu próprio.

Os impactos sociais e planetários são destacados no espaço-tempo integrativo da condição juvenil e englobam o macrocosmo formativo do microcosmo singular. Cada vivência apresenta um olhar da regionalidade e da globalidade. Além disso, é possível intuir como cada pessoa (*Person*) percebe e constrói sua visão de mundo (*Weltanschauung*) a partir do sentido que assume do mundo. As vivências revelam a vinculação com o sagrado, lendo-as desde dentro (*intus legere*) de seu núcleo pessoal (*Kern*), como um ser em si e um ser em contextos relacionais humanos e divinos.

Ademais, as narrativas destacaram distanciamentos e aproximações ao que se refere à natureza e a consciência da presença do divino que habita o humano e a humanidade nas realidades das juventudes. As relações de adesão à fé católica perpassam o plano humano, nas linguagens, nos gestuais e, sobretudo, no acolhimento das pluralidades. A comunidade eclesial muitas vezes é descrita como o anseio de encontrar uma comunidade familiar ampliada, com citações referentes a pessoas, lugares, momentos fortes de compreensão do sentido e modo de agir cristão.

Há uma manifestação importante nas vivências que revelam um hiato entre a vida infantil e adolescente e o ingresso na universidade como jovem. A exigência de autonomia e liberdade, carregada de responsabilidades singulares, muitas vezes esteve conjugada com relatos de solidão, sobretudo em casos de jovens oriundos de outras realidades culturais.

A exigência de uma consciência cristã diante do possível abismo entre fé e razão também sinaliza o fundamental aporte de acompanhamento que jovens anseiam e nem sempre encontram tanto na Igreja quanto no universo acadêmico. Esse jovem, por vezes, conta somente com grupos de amigos, consigo mesmo, com adultos específicos entre consagrados e leigos com atitudes mais sensíveis a tais realidades. Em ambientes profissionais e acadêmicos, encontram a vivência religiosa mais privada e menos socializada.

O descritivo das narrativas, a partir da consciência manifestada pelos participantes acerca da dimensão das essências (*Wesen*) do vivenciado, acentua as intencionalidades (*Intentionalität*), dos valores (*Wert*) e dos paradigmas projetados para o caminho (*in via*) em adesão à fé católica através da vivência humana e humanitária.

Na sequência das entrevistas, os participantes indicam o que entendem como prioridades para a formação humana e cristã das juventudes contemporâneas. Desde o olhar de suas juventudes, falaram de seus contextos e dos contextos que almejam que outros jovens encontrem no itinerário formativo. O *corpus* textual gerado das sete entrevistas é composto por 15 documentos que totalizam 136 páginas de transcrições das narrativas. No total, emergiram 514 unidades de sentido organizadas em 112 categorias iniciais.

Para melhor visualização, gerou-se com auxílio do *software* Atlas.ti, através dos cálculos de magnitude das citações inicialmente categorizadas, a seguinte nuvem de palavras.⁷⁵⁰

⁷⁵⁰ Nuvens de palavras são recursos gráficos que representam a frequência de palavras/expressões em um texto. Por meio de *softwares* específicos, é possível construí-las. Para fins desta tese, foi utilizada para melhor visualização da relevância das categorias iniciais analisadas através do *corpus* das entrevistas.

Figura 4 – Categorias iniciais geradas a partir das narrativas biográficas⁷⁵¹

Pode-se perceber com maior volume de unidades de sentido pontos relativos aos contextos juvenis acerca das vivências universitárias articuladas com a vida de fé (n. 30), seguida de relatos de ansiedade (n. 26), do discernimento vocacional (n. 21), das vezes em que identificam a manifestação da graça divina na vida cotidiana (n. 20). Juventude, universidade e trabalho também foram âmbitos conectivos, problematizados significativamente pelos entrevistados (n. 14). As memórias da Igreja na vida infantil (n. 19) estiveram presentificadas nas memórias das experiências na Igreja na juventude (n. 13) e na vida adolescente (n. 12).

A família nuclear, sobretudo nas memórias infantis, foi apontada (n. 12), destacando o pai (n. 15) e a mãe (n. 10) como principais figuras referenciais, tanto de positivities quanto de adversidades. Da relação com as pessoas divinas, Jesus Cristo foi identificado como paradigma do divino (n. 10) com rosto humano (n. 6). Deus foi sinalizado predominantemente como sentido de vida plena (n. 9), fonte de lamentos principalmente quando associado às mortes, doenças e injustiças ocorridas (n. 8).

A formação ética foi considerada como principal prioridade nas ações com jovens (n. 14) e a escola como primeiro espaço comunitário reconhecido (n. 13) no percurso formativo,

⁷⁵¹ Elaborada pela autora (2021), por meio do *software* Atlas.ti.

além da família. Além dos ambientes familiares, educacionais e eclesiais, os ambientes virtuais foram referenciados como espaços onde os jovens habitam, produzem e se relacionam (n. 10).

A saúde juvenil foi associada à formação predominantemente na esfera existencial de solidão (n. 9), de saúde física (n. 8) e frente às superações aos males sociais, sendo citado em maior número o racismo (n. 8). Sair de casa na juventude (n. 8) foi a transição mais referenciada como ressignificação de sua posição no mundo e projeção de que tipo de pessoa escolhe se tornar.

Para fins desta tese, das 112 categorias iniciais, organizou-se um quadro com as categorias detalhadamente analisadas nas singularidades das narrativas e oportunizando cruzamentos transversais. Para melhor apresentação dos achados, o conteúdo foi sistematizado em duas macrocategorias:

- 1) Vivências juvenis e a formação do si mesmo;
- 2) Prioridades na formação humana e cristã das jovens gerações.

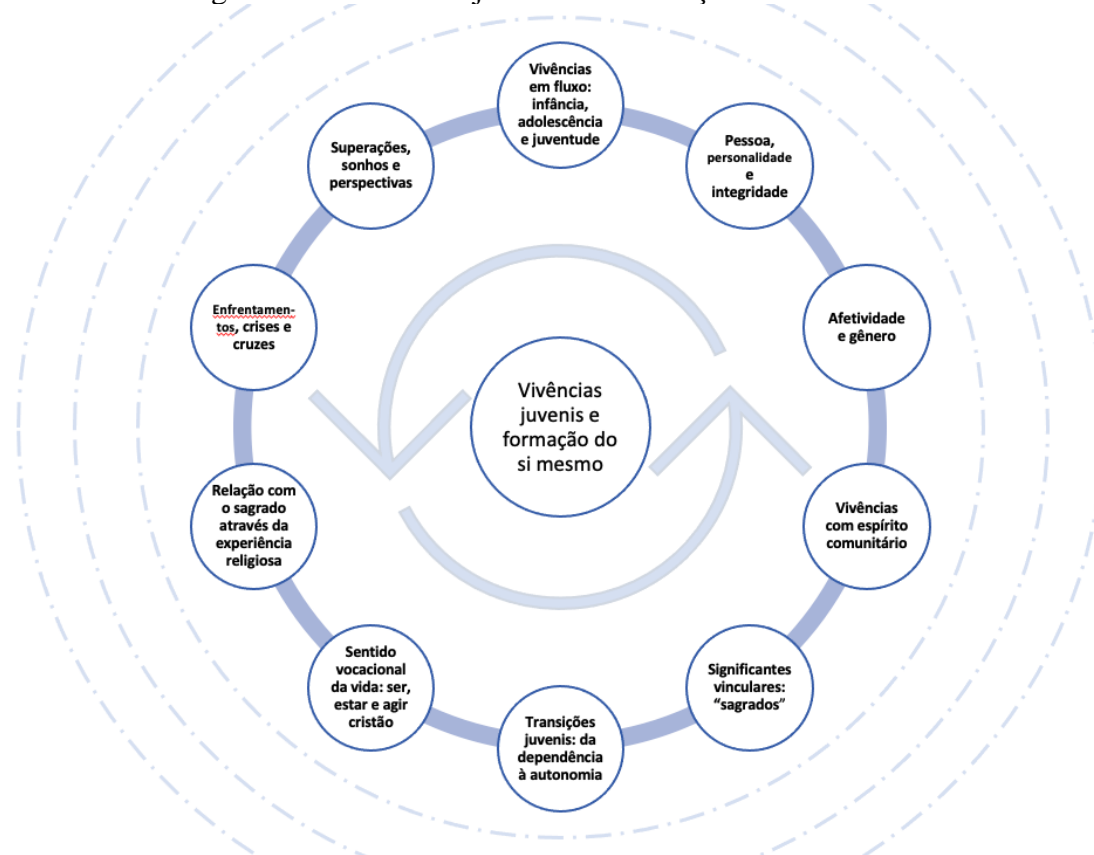
A seguir, apresenta-se os quadros macrocategóricos com as categorias intermediárias emergentes, seguidas das análises decorrentes.

5.1 VIVÊNCIAS JUVENIS E A FORMAÇÃO DO SI MESMO

A macrocategoria “Vivências juvenis e a formação do si mesmo” foi organizada em 10 categorias intermediárias: 1) Vivências em fluxo; 2) Pessoa, personalidade e integralidade; 3) Afetividade e gênero; 4) Vivências com espírito comunitário; 5) Significantes vinculares ‘sagrados’; 6) Transições juvenis: da dependência à autonomia; 7) Sentido vocacional da vida: ser, estar e agir cristão; 8) Relação com o sagrado através da experiência religiosa; 9) Enfrentamentos, crises e cruces; 10) Superações, sonhos e perspectivas.

Na imagem a seguir, é possível visualizar o esquema categórico:

Figura 5 – “Vivências juvenis e a formação do si mesmo”⁷⁵²



A imagem representa as categorias na dinâmica de interrelação, visto que cada categoria se integra no todo do *continuum* vivencial que contribui com a estruturação do “eu” manifestado e presentificado nas narrativas dos participantes. Os tracejados do entorno indicam um eu constituído que se manifesta ao meio externo.

No quadro a seguir, apresenta-se a síntese da análise categórica “Vivências juvenis e a formação do si mesmo”:

⁷⁵² Elaborada pela autora (2022).

Quadro 2 – Análise categórica “Vivências juvenis e a formação do si mesmo”⁷⁵³

| Vivências juvenis e a formação do si mesmo | |
|---------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Vivências em fluxo | As vivências juvenis revelaram-se encadeadas com os contextos da adolescência e infância e com projeções futuras. Tanto o imaginário infantil, as aprendizagens iniciais, quanto as memórias afetivas são presentificadas e ressignificadas na adolescência e respondidas na juventude. As vivências juvenis aspiram novas formas e assumem novas consciências, também em fluxo, impulsionadas e motivadas por sonhos que respondem à descoberta de si enquanto singularidade e relação com sua própria historicidade. A história pessoal e a própria história dos familiares são assumidas como referência para um futuro que perpetua e/ou inova. O “agora” está entre o passado e o futuro, e, por vezes, parece estar tão estreitado, podendo suprimir a própria consciência do si mesmo como alguém no seu momento autoconsciente e intencional. As vivências juvenis do “agora” parecem estar sempre respondendo a algo/alguém e nem sempre “o si mesmo” consegue encontrar sua autonomia como “eu” ontologicamente livre e responsável. A vontade indica merecer uma <i>educere</i> mais crítica-reflexiva, para estar mais integrada à consciência do si mesmo, visto que expectativas alheias conferem um peso muito elevado e, por vezes, assumem a resposta do si mesmo. |
| Pessoa, personalidade e integralidade | O corpo jovem vivenciado se constitui de importantes transformações biológicas que se interligam com o psiquismo. Aspectos de saúde física, mental e ambiental se encontram interligados na formação da personalidade, assim como os modelos educacionais e as sociabilidades. A construção do eu autoconsciente se apresentou com sua processualidade desafiadora, implicando nas diferenciações entre o eu e o não eu. A autoconsciência não se estrutura de modo automático, mas de progressiva conexão com as motivações advindas do espírito humano correlacionadas com as causalidades naturais. O feminino se expressa ainda mais complexo pelas especificidades das alterações orgânicas e pelas superações enfrentadas em algumas estruturas familiares e sociais. Ser pessoa enquanto compreensão da universalidade do gênero humano indicou a conotação de agir em um mundo que não é claro. Isto é, a “humanidade” nem sempre se revelou como “humana”, o que torna a constituição do si mesmo enquanto pessoa singular e jovem um processo ainda mais complexo, visto que a consciência da unicidade e a irrepetibilidade da personalidade em algumas realidades são obscurecidas, exigindo o salto da dependência para a autonomia sem que isso assuma características de egoísmo, oportunismo e agressividade. |
| Afetividade e gênero | O sentido afetivo revela afetos e sentimentos duradouros oriundos de diferentes relacionamentos, principalmente ocorridos com a família e na intensidade com o vínculo de amigos. Tanto paradigmas de masculinidade quanto a feminilidade possuem fortes referências no exercício da paternagem e maternagem. As constituições do “ser” feminino e masculino são formadas na interioridade, porém, com busca de arquétipos antropológicos e éticos. Assim, pessoas de fora do círculo familiar foram citadas como novos paradigmas, não exaurindo na família tais referências. Tornar-se si mesmo, como feminino e masculino, para além da sexualidade, revelou a autoconsciência desenvolvida a partir da abertura e fechamento com o meio para responder na interioridade: que “tipo” de mulher/homem eu serei? O que aprendi/aprendo, olhando pai/mãe/avó/avó/tios/tias/primos e pessoas fora desse núcleo? Tornar-se si mesmo feminino/masculino indicou assumir também um discurso. Ao passo que o desafio pareceu estar na autenticidade do que se é, em vistas de não se perder em discursos que outros fizeram para si. |

⁷⁵³ Elaborado pela autora (2022).

| | |
|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Vivências com espírito comunitário</p> | <p>A autoformação e consciência do si mesmo recebe fundamentalmente impactos ambientais. A regionalidade – sobretudo o lugar do nascimento – indicou características para a singularidade e confere vínculo sólido na memória afetiva. O núcleo familiar em suas dinâmicas históricas e vinculares é frequentemente presentificado enquanto esteio, balizamento, estímulo ao desenvolvimento e ao não desenvolvimento. A vida escolar integra fortemente a rede formativa, não pelos métodos instrucionais necessariamente, mas pelas sociabilidades, conversações e parâmetros diferenciais e comparativos que apresenta. A escola foi apresentada como espaço do conhecimento e do vínculo afetivo. Espaços eclesiais assumem o imaginário das memórias infantis. As narrativas integram a criatividade e instigam a curiosidade na infância. Nas vivências juvenis, as narrativas entram em espaços paradoxais que, por vezes, paralisam e arrefecem o ser e o conviver, e outras vezes impulsionam ao fazer. Os vínculos institucionais pareceram mais fortalecidos quando sustentados pela comunidade formada que cuida e forma seus membros. O sentido de “lugar” ou “não lugar” indica a necessidade juvenil de pertencimento. A busca em se sentir pertencente a algo/algum/uma causa é expressa como essencial na juventude: uma configuração do “ser”, do “para quem ser” e do “porquê ser”.</p> |
| <p>Significantes vinculares</p> | <p>A vida se revelou como vincular. Os vínculos mais solidificados foram apresentados em suas significações mais íntegras. É do ser interior a outorga do lugar do sentido, isto é, pessoas, lugares, objetos, relações, causas, desejos assumem significância na interioridade ontológica autoconsciente, livre e decidida. Pessoas significativas – pais, irmãos, primos, tios, avós, amigos, professores, catequistas, religiosos/as e padres – são sinalizados como diferenciais na vida dos jovens, pelo acompanhamento e investimento afetivo comprometido. Lugares e espaços-tempos marcantes, como viagens, passeios, retiros, encontros, eventos, marcam as vivências juvenis e são presentificados pela memória significativa, tanto pelas construções, reconstruções e inovações vividas quanto pelo refúgio afetivo que se tornaram. Símbolos e gestos guardam significados. Objetos são descritos como símbolos de valor que armazenam um sentido particular e totalmente pessoal, como se materializarem os anseios e os significantes mais profundos do eu. Gestos de atenção, cuidado, escuta, potencialização das competências e atitudes pessoais frente aos jovens são iluminadores. Estimulam a adesão às causas e provocam novos significados pelos quais “vale a pena” empenhar esforços.</p> |
| <p>Transições juvenis: da dependência à autonomia</p> | <p>A vida juvenil possui forte acento em transições: seja do corpo, das relações, da própria personalidade que se constitui quanto do meio. As mais pontuadas foram as mudanças sociais relacionadas às etapas educacionais, predominantemente citada a transição do Ensino Médio à universidade. Poder sonhar com o espaço acadêmico de formação não esteve no fluxo das vivências naturais para alguns. Com suporte econômico e afetivo ou não, ingressar na vida universitária é adentrar um mundo bastante novo e, por vezes, disruptivo. Para muitos, significa mudar de cidade, conseguir um emprego, encontrar moradia, fazer novas relações, em curtos espaços de tempo. A saída do espaço de dependência familiar possui forte significado. As subjetividades e a consciência dos seus porquês nem sempre acompanham o ritmo acelerado das necessidades desse momento de vida. As transformações ocorrem inclusive em nível cultural e social. A autonomia encontra-se aliada a movimentos sociotransformadores, isto é, de se reconhecer não somente com consciência de si enquanto personalidade, mas com consciência de cidadão que impacta a sociedade integram esse momento. Das transições citadas com impactos no si mesmo, inclusive como pessoa com vivências religiosas, essa foi a que revelou a necessidade de maior atenção pelas inúmeras transposições que a nova realidade exige. Esse momento se revelou instável em diferentes níveis e expôs enfrentamentos solitários de (re)significações numerosas. Aqueles que possuem maior amparo comunitário encontram maior acompanhamento nesse momento. O suporte afetivo aqui se encontra marcado pela pertença aos grupos de pares (amigos, familiares, comunidades eclesiais, principalmente).</p> |

| | |
|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Sentido vocacional da vida: ser, estar e agir cristão</p> | <p>As experiências com carismas de congregações, mesmo com as vivências familiares, paroquiais e escolares, são trazidas tanto na memória afetiva quanto nas intencionalidades de seguimento aos ensinamentos cristãos. Os relatos de discernimento vocacional à vida consagrada e à vida laical passaram por encontros com pessoas, lugares, símbolos e realidades significativas. Iniciativas que congregam os jovens como corresponsáveis nas ações evangelizadoras são sinalizadas como potencial na decisão pela vida com sentido católico. O ciberespaço foi reconhecido como ambiente novo de evangelização e protagonismo juvenil, porém, como um espaço com linguagens próprias e riscos de incompreensões encadeadas. A “boa notícia” se encontra entranhada entre falsas notícias ou visões reducionistas/fragmentadas e subjetivistas. Ser, estar e agir nesse espaço exige consciência antropológica e ética. Fato é que, nos diferentes ambientes citados, o agir cristão foi problematizado e colocado em pauta, tanto pelas insuficiências encontradas na relação anúncio-testemunho quanto pela ressignificação entre o que se aprendeu/aprende e o que se fará com o que se sabe sobre o ser cristão em cada um dos ambientes. Ser-estar-agir são integrados nos vínculos de convivência e percebidos “caso a caso” nos mais distintos espaços em que os jovens circulam. Ao que indica que a vocação enquanto chamado à vida, não se delimita no nível do autoconhecimento, mas também na autorregulação e consciência atitudinal.</p> |
| <p>Relação com o sagrado através da experiência religiosa</p> | <p>Pessoas da família e profissionais da educação e da saúde predominam na apresentação da fé católica integrada no desenvolvimento infantojuvenil. Regiões em que o ritmo da comunidade eclesial integra o ritmo a vida social também favorecem a abertura à experiência da fé, pelas vivências comunitárias que abraçam as famílias. Porém, o inverso também se apresentou: crianças e jovens conheceram a vida de fé e aderiram a ela por outras influências e acabaram trazendo seus familiares para o convívio eclesial. O que indica que investir nas famílias é investir em infâncias, adolescências e juventudes; e investir em crianças e jovens é investir nas famílias. A Igreja se encontra como espaço da memória afetiva daqueles que possuem vivências com essa realidade desde a infância e de ação missionária para aqueles que possuem engajamento desperto na adolescência e juventude. Revelou-se não padronizada nas formas de acolhida. Alguns relatam que não encontraram sentido de pertença em algumas realidades sociais, predominantemente as realidades urbanas como comunidade nem sempre se revelaram acolhedoras e inclusivas, restringindo mais a acolhida de grupos, de padres, religiosos/as, catequistas e os próprios jovens. Em todas as histórias, evidenciou-se o quanto jovem congrega jovem. Encontros, retiros, eventos, liturgias, músicas, formações, livros, narrativas, jogos, brincadeiras, torneios esportivos, ações culturais, iniciativas de ação social, aconselhamentos, inovações em práticas de evangelização direcionadas e desenhadas com e entre os próprios jovens, destacam-se pelo significado que assumem nas vivências. Na experiência religiosa juvenil, a fé é pessoal, coletiva e se aprofunda por diferentes vias. Em comum em todos os relatos, é a adesão religiosa através da aceitação da juventude como expressão viva da fé que merece ser reconhecida pelos contextos adultos. Pensar a evangelização da juventude é pensar a formação do universo adulto: formar os formadores para que construam um diálogo horizontalizado que supere as estereotipações, para que contribuam com a formação do jovem real e não idealizado. Além das referências em pessoas humanas, as pessoas divinas foram sinalizadas, tanto quanto refúgio de proteção como personalidades de confiança e inspiração. Deus foi referenciado como proteção e justiça; Jesus Cristo como a figura proximal, como um Deus pessoal, amigo e paradigma de conduta, que chama e envia; alguma compreensão do Espírito Santo apareceu nas imagens do “vento” e da “luz”. As referências à Maria estavam associadas à maternidade e à feminilidade. Santos católicos foram assumidos como “orientadores” proximais, pessoas potentes e como aqueles cujas histórias têm muito a ensinar. Nesse sentido, a mística na juventude se associa ao que contempla com seu impulsionamento ativo. A religiosidade juvenil não se apresentou restrita à interioridade ou exterioridade, mas integrada.</p> |

| | |
|-------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Enfrentamentos, crises e cruces</p> | <p>Os desafios e sofrimentos da vida marcaram sobremaneira os jovens e impeliram a uma reação. Alguns relatam uma nova (auto)consciência que se forma após fatos dolorosos. O conforto nesses momentos foi indicado à luz do vínculo fortalecido do amor por quem partiu/adoeceu/sofreu. Os sofrimentos próprios são ampliados pelos sofrimentos dos núcleos de relacionamento. O que indica que jovens carregam suas angústias e de pessoas significativas e, por vezes, encontram auxílio onde menos esperam. Sofrimentos unem e sofrimentos afastam, a depender da qualidade de relação afetiva que se estabelece nas vivências das crises. Lugares e não lugares de pertença geram sofrimentos emocionais fortes aos jovens. Sofrimentos e adoecimentos sociais e comunitários adoecem as singularidades. Quando relatam a dor, transparecem a necessidade de encontro com espaços vinculares saudáveis. Doenças e mortes no círculo de relações impactam fortemente e alteram percursos de vida. Diferentes realidades sofrem com a morte de alguém, e a pessoa jovem acaba absorvendo suas dores e a dos ambientes. Diante de fatos de morte narrados, as vivências juvenis em sua maioria buscaram dar uma resposta de vida. A drogadição foi descrita como possibilidades de curiosidade e de enfrentamento às situações desafiadoras da vida. Em alguns casos, apareceu a drogadição como expectativa do universo adulto ao olhar para o jovem.</p> |
| <p>Superações, sonhos e perspectivas</p> | <p>O ensino superior se revelou como objetivo e sonho, mas não indicou etapa de resolução da vida profissional. Apareceu como importante superação, seja porque não era um horizonte natural em algumas realidades e mesmo para que cresceu envolto na narrativa do ensino superior, as superações pessoais mencionadas possuem intensidade. Houve apontamentos e vivências sistemáticas de educação continuada, mas nem sempre esse caminho foi permeado por seguranças, o que indicou inconstâncias e insuficiências nas estruturas educacionais. Os que possuem maior engajamento eclesial paroquial apontaram necessidades em aliar sua profissão com sua missão na Igreja e na sociedade. Os desafios abordados foram desde conceitualizações e dificuldades em estabelecerem sozinhos a articulação entre fé e razão, ou mesmo de não reconhecerem os espaços universitários como abertos ao diálogo e acolhimento da religiosidade, por carregarem apriorismos por vezes contrários à instituição eclesial. Observou-se um abismo entre as esferas acadêmicas, profissionais e engajamento eclesial, porém, com desejo de reversão desse quadro muito pautado pelos esforços pessoais e em iniciativas mais isoladas. A articulação entre fé e vida se torna bastante desafiadora nesse momento em que vidas acadêmica, profissional e cidadã exigem respostas. As perspectivas e construções fundamentais da construção da vida adulta aparecem conjugadas com esses desafios. Edificação ou não de família própria, discernimentos vocacionais entre e após a faculdade, carreira profissional (e que tipo de profissional), responder como cidadãos diante de legislações vigentes, arquiteturas de viagens de estudos, de trabalho ou mesmo de lazer aparecem nos projetos de vida. Talvez a grande diferença do ser adolescente e do ser jovem é o entendimento nem sempre consciente que o projeto de vida pessoal é desafiado a ser um projeto de vida social e até mesmo eclesial: quem serei para a sociedade? Quem serei para a Igreja? Tais projeções remetem ao desafio de se reconhecerem agentes ativos de um espaço civilizatório, que nem sempre o contexto adulto respondeu/responde, pesando aos jovens a responsabilidade de assumir um mundo complexo e adoecido para transformarem.</p> |

A partir do quadro “*Vivências juvenis e a formação do si mesmo*”, é possível compreender *o humano em formação*, visto que parte do entendimento não delimitado, padronizado e reduzido, mas como a própria personalidade narra a si mesma. Outrossim, entende-se o jovem como *pessoa em juventude* na integralidade corpo-mente-espírito.

Diante das narrativas biográficas e a partir de suas análises, a pesquisadora reconheceu a necessidade de investigar mais profundamente a formação das jovens gerações a partir da escuta dos próprios entrevistados. Para isso, formulou uma questão e, em um segundo momento, após a análise das vivências, tornou a entrevistar cada um. Frente a tantas conexões possíveis, foram tecidas algumas considerações à luz fenomênica: o que será que, para os participantes, seria prioritário na formação dos jovens contemporâneos? O que será que entendem como formação?

Assim, reportou a seguinte questão aos participantes: *em nosso mundo contemporâneo, quais seriam as prioridades na formação da juventude em sua percepção?* As respostas seguiram o mesmo método de análise e suas categorizações e discussões são apresentadas a seguir.

5.2 PRIORIDADES DESTACADAS NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DAS JOVENS GERAÇÕES

A macrocategoria “Prioridade na formação humana e cristã das jovens gerações” foi organizada a partir das sugestões e comentários dos participantes do estudo para a questão acerca das prioridades da formação das gerações contemporâneas. Da análise das entrevistas, emergiram as categorias expostas a seguir. O quadro foi dividido em cores, na lógica da sinalização de mobilidade: 1) verde, para impulsionamentos a serem potencializados: Antropologia integral e integradora, Ética cristã, Comunidades familiares, Formação pela via da educação, Instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta, Horizonte de projeto de vida e futuro, Inclusão, responsabilidade social e cidadania empática; 2) amarelo para atenção ao que se deve constatar: Intergeracionalidade, *Influencers* digitais como referenciais eclesiais, Ambientes e comunidades digitais, Impactos da pandemia COVID-19; 3) vermelho, alertas que advertem para conversão das realidades: Polarizações e cultura da discórdia, Fenômenos de massa. Nele, há descrição de breve síntese analítica.

Quadro 3 – Prioridades na formação humana e cristã das jovens gerações⁷⁵⁴

| Prioridades na formação humana e cristã das jovens gerações | | |
|-------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | O que evidenciam? | O que pormenorizam? |
| POTENCIALIZAR | Antropologia integral e integradora | Compreensão antropológica da totalidade do ser: ser em si e o ser em relação – de modo integral e integrador. |
| | Ética cristã | Entendimento aprofundado acerca de virtudes, valores e caráter. Responsabilidade entre o conteúdo/anúncio da fé e práticas cotidianas. |
| | Comunidades familiares | Diligência no cuidado integral e na estruturação integral de crianças, adolescentes e jovens. A começar pelas famílias para que sejam espaços de pertença ao encontro de potências de vida e desenvolvimento comunitário e social. |
| | Formação pela via da educação | Conjugação das realidades mais articuladas e naturalizadas. |
| | Instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta | Pedagogias com maior fluidez e horizontalidade nas relações e mediações culturais compreendidas nas vivências concretas e reais. |
| | Horizonte de projeto de vida e futuro | Formação <i>no e para</i> o sentido transcendente da vida com perspectiva de construção de futuro. |
| | Inclusão, responsabilidade social e cidadania empática | Ética cristã transformadora das realidades ambientais e sociais na pluralidade das iniciativas em superação dos paradigmas de exclusão. |
| CONSTATAR | Intergeracionalidade | A contemporaneidade exige novas aprendizagens e convivências entre diferentes gerações. |
| | <i>Influencers</i> digitais como referenciais eclesiais | Sugerem maturidade espiritual, compreensiva, atitudinal, afetiva e referencial dos adultos leigos e consagrados acompanhadores das juventudes. |
| | Ambientes e comunidades digitais | Acompanhamento responsável por parte dos adultos e discernimento crítico-reflexivo das ações juvenis no continente digital: conectividades que se (con)fundem. |
| | Impactos da pandemia COVID-19 | Reconhecimento do período pandêmico como um tempo planetário pedagógico a ensinar os limites e o essencial à vida humana: a vida e a morte no cotidiano dos jovens. |
| ALERTAR | Polarizações e cultura da discórdia | Alertas à atual conjuntura de discórdia social e eclesial como um perigo à fraternidade e à vida humana. |
| | Fenômenos de massa | Preocupação com modismos, apontada como movimento de reprodução de comportamentos e ideias ausentes de consciência crítica e empática. |

A seguir, cada categoria intermediária será discutida a partir das fundamentações teóricas que embasam esta investigação.

⁷⁵⁴ Elaborado pela autora (2022).

5.3 O QUE POTENCIALIZAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS?

5.3.1 Antropologia integral e integradora

Os entrevistados indicaram a necessidade em potencializar a consciência da totalidade do ser e do ser em relação: *“Acredito que a formação precise ser baseada no processo de formação integral, a partir das suas dimensões e correlações. Tendo este foco, os assuntos, suas abrangências e necessidades vêm à tona naturalmente, a partir de cada realidade.”* (D., Entrevista 2, 26.04.2021, p. 1).

A entrevistada enviou uma síntese em que a formação integral do ser jovem indica a garantia das seguintes relações: consigo, com o outro, com a sociedade, com o Sagrado, com uma missão. A partir de situações discutidas com os jovens, é possível despertar (auto)questionamentos como: “quem sou eu?”, “quem é o outro?”, “para quem sou?”, “com quem sou?”, “onde estou?”, “o que faço aqui?”, “qual meu papel na sociedade?”, “de onde venho?”, “por que(m) existo?”, “o que me move?”, “como fazer?”. Na busca pelas respostas, os jovens se sentem desafiados e “chamados” a *“ser, possuir-se, conhecer-se, trabalhar-se, conviver, comunicar-se, partilhar, situar-se, comprometer-se historicamente, transcender-se, fazer e construir.”* (D., Entrevista 2, 26.04.2021, p. 1).

Assim, encontra-se na fundamentação a abordagem antropológica steiniana da constituição da pessoa humana na totalidade do ser como *corpo anímico*. O ser é corpo e é alma, em unidade. Essa autocompreensão é indicada não somente em termos espirituais e corpóreos, mas na formação da personalidade saudável, conjugando corpo-psique-espírito.

No aspecto psíquico, também deve ser considerado, segundo os entrevistados, que:

[...] a formação da juventude carece de iniciativas para o desenvolvimento do autoconhecimento, inteligência emocional [...] é necessário um acompanhamento psicológico, pois já se sabe que a tendência é cada vez mais as pessoas serem acometidas com transtornos de ansiedade e depressão. (Z., Entrevista 2, 08.07.2021, p. 1).

Além do foco pessoal, a saúde psíquica integrou os aspectos sociotransformadores:

[...] em sentido de inteligência emocional, eu diria, pra poder encarar esse mundo e acompanhar esse mundo e conseguir viver, viver de uma forma saudável e contribuir de uma forma saudável, pra sociedade, pras outras pessoas. (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 3).

Reconhecendo o quanto adoecimentos e sofrimentos psíquicos comprometem a própria imagem de si e de sua potência espiritual, são sinalizados que *“as dificuldades da vida são importantes para um amadurecimento saudável, pois ninguém é privado delas e se o são, por momento que seja, acabam por sucumbir quando são confrontados por elas”* (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 2). Além do que, *“este bom entendimento com relação às dificuldades e sofrimentos ajuda o jovem a não desestimular de seus ideais e faz com que tenham o pé na realidade da vida e não em fantasias que poderão frustrá-los.”* (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 2).

Percebe-se a convergência das falas ao que Edith Stein propõe como antropologia, principalmente a partir da perspectiva fenomenológica integrativa que postula o corpo *Leib*, a *Aufbau*, isto é, a estruturação da pessoa humana na dinâmica de *Bildung*, dar forma ao humano.

5.3.2 Ética cristã

A formação ética das juventudes emergiu a partir do entendimento aprofundado acerca de virtudes, valores e caráter. A responsabilidade entre o conteúdo/anúncio da fé e práticas cotidianas, em que fé e obras visam articulação e sintonia, foi apontada como uma importante prioridade. A formação ética, com valores sólidos e constituição do caráter, foi pautada por distintos entrevistados como grande prioridade.

Penso que o primeiro ponto a ser tratado é a construção de uma base moral sólida. Sinto que hoje tudo é muito dinâmico, as coisas mudam rapidamente, as pautas políticas se multiplicam e há uma repetição do discurso de que nada é errado, tudo depende da perspectiva. Acredito que isso faz com que o jovem se perca. A nossa sociedade foi fundada em cima de princípios que possibilitam a estabilidade e estes princípios deveriam ser mais ensinados aos jovens. (S., Entrevista 2, 15.04.2021, p. 1).

Alguns entrevistados reportam a formação ética como nuclear à estruturação de personalidade com as formas de agir socialmente e na vivência da fé e mesmo necessária aos não crentes: “[...] a prática das virtudes não é algo exclusivamente cristão [...] este elemento – a virtude – é uma necessidade humana.” (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1). Outro aspecto considerado é que é preciso maior clareza no entendimento do que é virtude:

[...] é muito comum quando surge um influencer católico, vem o jovem perguntar: isso é pecado? Aquilo é pecado? O que você pensa sobre isso? Eu posso fazer tal coisa? É uma verdadeira consulta, primeiro lugar, de uma ética muito fechada, [...] é um pode ou não pode. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1).

Pode-se considerar inclusive que:

[...] por causa desta suposta liberdade pregada nos últimos dois séculos, ele [o jovem] não consegue desenvolver os seus potenciais mais nobres e ficou escravo de seus sentidos e instintos que os leva a serem manipulados com maior facilidade. (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1).

Dessa maneira, compreendem que:

[...] uma virtude chama outras assim como um vício chama outros. Temos a obrigação de formar o jovem na verdade do que ele é e isto significa que não são apenas animais reservados a viver pelos instintos, são seres dotados de inteligência e vontade a serem desenvolvidas e que são estas potências que nos fazem semelhantes a Deus. (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1).

Nesse sentido, é considerada “[...] uma das prioridades na formação da juventude hoje é a formação do caráter” (A., Entrevista 2, 19.04.2021, p. 1). Assim, na contemporaneidade, indicam que adultos devem “[...] mostrar ao jovem as virtudes e fazer com que isto seja importante em suas vidas” (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1). No entanto, essa “[...] é uma tarefa muito lenta; requer anos de paciência para formador e formando, pois, devemos lembrar que a geração atual tem todo tipo de informação em mãos, na hora que quer.” (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1). Logo, não se deve esquecer “[...] que o crescimento humano, psicológico

e espiritual, é paulatino, requer anos, ou melhor, uma vida inteira. Que tem altos e baixos e não ocorre como em uma máquina, isto é, sem erros” (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 1).

Alargando a necessidade de formação do caráter e da prática das virtudes humanas e cristãs, foi considerada a vida centrada em valores:

[...] é a grande questão de como lidar com tudo isso de uma forma saudável [...] eu acredito que é importante o desenvolvimento de valores, né? De valores nas pessoas, nos jovens em especial, que esses jovens, enraizado nesses valores né, consigam lidar, de uma forma consciente e saudável, com toda essa transformação, com toda essa realidade de mundo e se adaptar da melhor forma possível, conduzindo também o mundo e a sociedade para um caminho bom para todos, né? Por isso que eu acredito muito nessa formação centrada em valores, né? Eu acredito que vai ser uma demanda cada vez mais forte aí pros próximos anos, né? (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 3).

Apontada como uma questão da educação, acentuou-se que:

[...] é a grande questão, por isso me preocupa muito a educação, então não só a educação em termos de escola, de conhecimento, mas principalmente uma educação, uma formação e sentido de valores e sentido de questões morais. (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 3).

De acordo com Edith Stein, tornar-se um si mesmo implica inclusive na dimensão relacional, através da ética estruturante que tange a liberdade pessoal comprometida com a responsabilidade das escolhas. Para isso, a fenomenóloga aponta a formação da consciência como indispensável aos processos educativos em que os valores de vida em verdade, autenticidade e bem comum se expressam através do caráter como posicionamento do ser no mundo.

5.3.3 Comunidades familiares

Diligência no cuidado e na estruturação do desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens foi apontado como prioridade, iniciando pelas famílias e ampliadas e

seguindo nas instituições de ensino, com espaços de pertença ao encontro de potências de vida e desenvolvimento comunitário e social.

Para os entrevistados, “[...] *a começar pelas famílias ou pelos lares, pelas casas, de onde esses jovens habitam, né? Eu diria até os lares acho que podem ser alguns... existem jovens que não têm famílias, né?... Infelizmente.*” (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1). A preocupação com jovens sem famílias foi sinalizada como ausência de pertencimento e de uma base formativa: “[...] *uma formação a partir daí [da família] porque é realmente, acho que a base, a essência da formação de um jovem.*” (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1).

O aspecto levantado retoma a família como célula social e núcleo pessoal. Pertencer a uma comunidade familiar e se reconhecer como pertencente fortalece as bases que constituem o jovem. Interessante que, no contexto infantil, a família é parte integrante e indissociável enquanto responsabilização afetiva, social e pedagógica, por exemplo. Porém, na juventude, a responsabilidade por si e por suas trajetórias tende a ficar mais sob responsabilidade dos próprios jovens. Alguns encontram na família um acompanhamento, isto é, uma ponte de travessia entre o estado de dependência e a constituição de autonomia. Todavia, como sinalizado pelo entrevistado, essa não é uma realidade para todos. Muitos jovens acabam contando consigo, com amigos e com educadores.

Edith Stein acentua a família como primeira responsável pela formação integral das jovens gerações. Não a única, mas a primeira comunidade formativa. De acordo com os apontamentos dos entrevistados, pensar na formação de crianças, adolescentes e jovens implica em também contribuir com a formação familiar, o que é e o que implica ser, conviver e se realizar enquanto família como núcleo potencializador da pertença de seus membros.

5.3.4 Formação pela via da educação

Educação aqui está com um conceito mais amplo do que escolarização. Nos aspectos indicados, a conjugação das realidades fé e vida mais articuladas precisam estar mais naturalizadas: “[...] *acredito que a palavra-chave pra resposta da formação da juventude no mundo contemporâneo é educação.*” (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1).

Para Edith Stein, a educação é o gesto diligente que dá forma ao humano e à própria humanidade. Insistiu em seus escritos que a educação não se constrói “em castelos de areia”, mas em bases sólidas antropológicas, o que traz para a corresponsabilidade de todos essa visão

mais sistêmica da consciência da formação que não exclui o conhecer e o fazer, do ser e do conviver. Para tal, é preciso fortalecer os papéis da família, instituições de ensino e sociedade, como sustentadores de paradigmas educacionais promotores da vida e do desenvolvimento.

5.3.5 Instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta

Além da família, as instituições de ensino também são sinalizadas como importantes no desenvolvimento juvenil, porém com alertas de transformação: “[...] nas instituições de ensino, a formação da escola que eu acho que precisa de muitas mudanças.” (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1).

Paradigmas pedagógicos com maior fluidez e horizontalidade nas relações e mediações culturais compreendidas nas vivências concretas e reais são exemplificados como necessidades contemporâneas:

[...] na minha faculdade [...] acompanhei aí nos últimos anos uma reformulação do curso, eu não cheguei a ser afetado, mas eu achei muito interessante, uma pegada muito mais de prática [...] eles adequaram o currículo assim muito focado em inovação, focado muito na experimentação prática e na elaboração de competências. Assim que preparam o aluno pra realmente a resolução de problemas, enfim que essa é uma das tendências que se enxerga, das necessidades que se enxerga nesse mundo contemporâneo né? Que a gente vive que é a resolução de problemas complexos [...] Vejo algumas outras instituições se renovando ou novas instituições, principalmente na área da educação ou grandes empresas mesmo. Oferecendo grandes oportunidades nesse sentido, eu diria, já mais adaptado à essa nova realidade de mundo. Então, por isso, que eu acho que procurar trazer o jovem ao máximo possível para uma experimentação dessa realidade, dessas oportunidades e... para estar cada vez mais preparado pra esse mundo. (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1).

A constituição da visão de mundo que um jovem assume remete às transformações que evoca para esse mesmo mundo. Nesse sentido, as instituições estão sendo desafiadas a romperem o *status* centralizado, para paradigmas educacionais mais “desde dentro” das vivências pessoais e comunitárias, como Edith Stein traz em seus axiomas educacionais.

5.3.6 Horizonte de projeto de vida e futuro

Formação no e para o sentido transcendente da vida com perspectiva de construção de futuro exige, segundo os entrevistados: “[...] *atuarmos a partir dos projetos de vida das juventudes.*” (D., Entrevista 2, 26.04.2021, p. 1).

Nesse sentido, o projeto de vida foi sinalizado como uma perspectiva pessoal: “[...] *acho que deveria ser uma prioridade na formação juvenil é o da perspectiva de vida. De que vale viver? Qual o sentido de viver? Qual o meu projeto de vida? Por que ter um projeto?*” (S., Entrevista 2, 15.04.2021, p. 1); e transcendente: “*Percebo os jovens desmotivados ‘para que ter um projeto se a vida acaba aqui?’ . Bom, eu sei que não acaba aqui, então, acho que instigar os jovens a vislumbrar uma perspectiva de vida nos torna mais humanos e felizes.*” (S., Entrevista 2, 15.04.2021 p. 1).

Certamente esse é um ponto significativo da antropologia steiniana, visto que, através da educação, para ela, deve acontecer a aproximação entre natureza e graça. A perda do *logos* educativo contribui para a perda do *logos* pessoal. A vida como *continuum* aponta para a esperança e confere perspectiva aos jovens. Para Edith, não somente o *statu viae* natural deve ser pensado como transcendente – do ser que vai além de si, mas também a eternidade aparece como teleologia formativa. O porquê viver alcança, assim, a Transcendência que educa para além do porquê viver, mas integrando um por quem viver. Assim, o *logos*, enquanto sentido, correlaciona-se com o *pathos*, na dimensão da empatia e *ethos*, enquanto ética de uma vida transcendente.

5.3.7 Inclusão, responsabilidade social e cidadania empática

Ética cristã transformadora das realidades ambientais e sociais na pluralidade das iniciativas em superação das culturas de exclusão. Nesse sentido, aspectos de responsabilidade social e cidadania empática foram abordados pelos entrevistados:

[...] o óbvio de sempre: trabalhar a empatia. Formar os jovens para que se preocupem com os demais e não somente com mercado de trabalho e vaidades. Posso trabalhar o quanto quiser para comprar os sapatos mais caros do mundo e não conseguir

“calçar o sapato” do meu irmão mais pobre, daí para o que serve tanto dinheiro com tão pouca humanidade? (S., Entrevista 2, 15.04.2021, p. 1).

Esse tema era tão caro para Stein que originou sua primeira pesquisa. *Einfühlung*, a empatia, é base do eu relacional conducente a atos sociais e relações sociais salutaras e inclusivas. Viveu na pele a exclusão por ser judia, mulher e cristã. Sua perspectiva empática incluía inclusive as gerações futuras, como se pode ver na origem de alguns de seus escritos, alertando as gerações futuras de que a ausência de empatia era capaz de desumanizar cada pessoa em si e a humanidade como um todo.

5.4 O QUE CONSTATAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS?

5.4.1 Intergeracionalidade

A contemporaneidade exige novas aprendizagens e convivências entre diferentes gerações. Nos espaços educacionais universitários e nos ambientes profissionais, diferente de outras épocas, a marca histórica configura redes de relações etárias distintas. Na vida eclesial, o que se percebe em muitas iniciativas com juventudes também se configura pelo convívio intergeracional, que, por vezes, acaba por se apresentar como um movimento de gangorra, ou os adultos incorporam a responsabilidade e pouco estão abertos às percepções juvenis; ou os jovens entendem o protagonismo equivocadamente, desconsiderando e até invalidando o acompanhamento e a sabedoria referencial do contexto adulto.

Os entrevistados sinalizam que tanto os jovens quanto os adultos precisam estar mais atentos à essa questão, pois, no cotidiano das relações unilaterais, pode-se perder importante oportunidade na corresponsabilidade formativa:

[...] as pessoas tendem a falar “não gosto desse cara porque ele é velho, não quero esse padre porque ele é velho. Não quero tal coisa porque ele é velho.” “Ah, isso é velho, eu quero o que é jovem.” Inclusive a gente vê adultos se posicionando dessa forma: “Ah, eu sou jovem. Ai, eu gosto dele porque ele é jovem!”. Então, os jovens estão vivendo esse referencial. E esses jovens não estão preparados para serem um referencial. Eles não têm, eles não foram formados para ser líderes, estão se

colocando na posição de líder, por puro talento natural. Mas dão conta disso? Não é pesado demais esse fardo? Não vai subir à cabeça? (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 3).

Os entrevistados abordaram a questão como importante aspecto a ser constatado, manifestando a necessidade de encontrarem no contexto adulto “[...] diálogos abertos com o intuito de direcionar e amadurecer ideias.” (Z., Entrevista 2, 08.07.2021, p. 1). Reconhecem que é um desafio esse estreitamento pela própria mudança cultural e histórica que se vive atualmente:

“Puxa, mas é complicado, né?” Porque, por exemplo, os meus pais, os nossos pais, eles viveram em eras diferentes, né? Então, ao mesmo tempo que não é justo, de certa forma, você querer exigir que nossos pais, por exemplo, já se adaptem pra uma realidade que pra eles é muito mais difícil do que já pra nossa realidade como jovens, né? De se adaptar nesse mundo cheio de tecnologia, cada vez mais veloz, né? (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 2).

Acabaram comparando as realidades e os projetos de vida das juventudes de diferentes gerações:

Da minha realidade, por exemplo, a minha geração acho que ainda cresceu muito com uma educação dentro de casa assim, que tinha que ir bem na escola, tirar boas notas, estudar bastante, passar numa boa faculdade, uma pública ou conseguir uma bolsa numa grande faculdade e tal. E ir bem na faculdade, entrar numa grande multinacional ou passar num concurso público e se aposentar. Então mais ou menos acho que essa foi a via que muitos da minha geração conheci, né? Só que hoje o mundo não é bem assim, aposentar pros jovens já tá ficando cada vez mais difícil e também, estabilidade é um termo que tá ficando cada vez mais defasado. Hoje as coisas mudam muito rápido, hoje exige uma série de habilidades, uma série de competências, principalmente em questões de administração emocional, resiliência... Enfim, várias habilidades aí que são necessárias. (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 1-2).

Sobre a realidade intergeracional contemporânea, certamente um dos principais autores sobre a temática à luz da fé católica é o Papa Francisco. Na contextualização desse estudo, são citados os apontamentos de aproximação entre jovens e anciãos para reconstituição de um pacto geracional. Em Stein, encontra-se o testemunho de uma jovem que dialogou com grandes filósofos de seu tempo a tal ponto de influenciá-los. Já como mulher madura, ocupou-se em

formar educadores, familiares e formadores em geral, trazendo a importância da referencialidade como pilares que edificam muitas vidas. Porém, ressaltou através da empatia o profundo respeito que se deve ter com os saberes dos jovens, capazes de criar o novo e contribuir com o desenvolvimento profícuo da própria comunidade.

5.4.2 *Influencers* digitais como referenciais eclesiais

Os entrevistados apontaram a importância de conviverem e serem acompanhados por adultos com maturidade espiritual e atitudinal. Afetividade, cuidado, compreensão e diálogo indicam percursos em que os jovens encontram seus referenciais tanto na dimensão da vida leiga quanto consagrada.

Considerando a busca por referenciais em suas vivências de vida e fé, encontrou-se nas análises os seguintes questionamentos acerca do encontro em *influencers* digitais como referenciais eclesiais:

Eu quero falar da relação de procurar nessas figuras de influencer, o pastor. Que de repente ele não encontra na própria paróquia, ou ele não tem liberdade na própria paróquia, ele não vê ali naquele espaço. Então o influencer se torna líder espiritual, um sacerdote né? Ele vê uma ponte entre ele e Deus e isso é um problema porque o sacerdote, no sentido literal da palavra, agora os padres, eles receberam uma formação para tal e mesmo assim muitos deles agem mal. Imagina um jovem influencer e seus milhares de seguidores aí... Como ele abraça? De forma ministerial? Igual o sacerdote que recebeu a formação ou ele vê isso como uma fama? Como uma autopromoção? (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1-2).

Sobre a influência de próprios jovens enquanto formadores em espaços digitais, evidenciam:

Eu tenho notado muito nos perfis católicos uma tendência a fazer a página. Aí ele cria essa página, começa a promover, ganha ali um número de seguidores, vamos ver ali, dez mil seguidores, né? E aí, quando chega aos dez mil seguidores, ele troca o perfil, coloca o nome dele, a foto dele e: “bom, gente, agora eu sou um influencer católico...” Pera aí, houve uma promoção da fama. Ele se acostumou com a posição de pastor e gostou da autoridade que ele teve ali. Ele não soube lidar com o trabalho pastoral. Então quando se trata de jovem evangelizando jovem, a gente fala de uma pessoa que muitas vezes não tem formação e está formando ou, se tem formação, tal

formação é limitada, né? Nós tamos falando de uma pessoa que não foi preparada pra um serviço ministerial que ela acabou abraçando por causa das circunstâncias. E que bom que ela abraçou, porque ela teve esse tato de ver que a igreja precisava. Mas ela não foi preparada pra isso, né? Então a gente tem um desafio aqui nesse sentido, de que acaba virando, mais uma vez eu volto, no modismo, na radicalização, uma tendência, porque ali eles vão virando referenciais de juventude que hoje em dia, no cenário em que estamos, os referenciais são os jovens. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 2).

O período em que Edith Stein produziu sua obra precede à era digital, porém, a fenomenologia pode contribuir sobremaneira com a questão. Indiferente a ambiências, a formação da consciência ontológica e empática, associada aos critérios da exigência da vida em verdade e autenticidade, são colunas do pensamento steiniano que podem contribuir para fazer pensar esse novo modo de vida. O Papa Francisco tem destacado o equilíbrio e a responsabilidade no ciberespaço, que implica nas configurações antropológicas e na ética do bem comum.

5.4.3 Ambientes e comunidades digitais

Sobre a formação de jovens contemporâneos, do ponto de vista da novidade da ambiência digital, foram destacados aspectos relacionados ao discernimento crítico-reflexivo das ações juvenis no continente digital em que conectividades se (con)fundem:

[...] eu acho que essa novidade do ambiente digital que é uma grande novidade mesmo, vem cheio de potencial, de coisa boa, muita coisa positiva, mas que, ao mesmo tempo, a gente tem que tratar com certo cuidado, né? [...] Pra saber usar de uma forma consciente, né? (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 3).

Nesse aspecto de “usar de forma consciente” a tecnologia, dois pontos podem ser elencados como destaques de constatação. Um, o futuro tecnológico que exigirá ainda maior acompanhamento da formação humana e o segundo, de consciência e discernimento do que de fato é evangelização das juventudes em ambiente digital.

Quanto à atenção na formação humana, pode-se perceber que:

O nosso mundo contemporâneo, a gente tá passando por um período de transição muito significativa. Um período em que hoje o mundo muda muito rápido né? Se pegar, por exemplo, a minha geração – eu nasci em 1992 – e comparar com a geração que já nasceu a partir do ano 2000, já existe uma diferença absurda assim no estilo de vida, na hiperconectividade, na relação com a tecnologia, enfim. E então com todo o mundo veloz que a gente vê hoje, muito potencializado pelo avanço tecnológico, pelo acesso à internet, e todas as mais altas tecnologias que a gente tem a disposição hoje, eu acredito que isso traz pra gente coisas muito boas, maravilhosas, mas também traz uma série de desafios que a grande questão, que eu acredito talvez vai ser a questão da era que nós vivemos hoje, talvez do século, eu diria, vai ser justamente como adequar o ser humano a acompanhar de uma forma saudável toda essa evolução, toda essa velocidade tecnológica. (L., Entrevista 2, 13.05.2021, p. 2-3).

Aos princípios de evangelização de jovens na formação humana e cristã, evidenciou-se que:

O primeiro desafio, sobretudo no que toca à evangelização pela internet, pelas redes sociais, é a competição com o entretenimento. [...] Então, tudo aparece como entretenimento, a propaganda, ela é feita de forma de entretenimento, as coisas são vendidas de forma de entretenimento, tudo é entretenimento. Então, é muito complicado trazer um conteúdo da fé tendo que concorrer com o entretenimento. E no meio desse “concorrer com o entretenimento”, tomar muito cuidado com não transformar a fé em entretenimento [...]. Se a gente transformar a fé em algo que é pra divertir, pra entreter... Não, a fé não é pra isso. A fé é pra mudar a vida da pessoa. Então, estar atento com isso, acho que esse é o grande desafio: do entretenimento. A gente cria conteúdo de entretenimento, mas a gente toma muito cuidado pra que seja a fé passada no entretenimento e não transformada em entretenimento, que isso é complicado. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1).

Além da confusão entre o conteúdo e a forma de entretenimento, os entrevistados apontaram os modismos nas redes sociais como uma constatação e um alerta ao catolicismo “de moda”:

Nós estamos falando do cenário de rede social, que trata muito da moda e, querendo ou não, a gente acaba criando uma moda católica, né? Uma moda de evangelização [...]. Me parece que, na internet, uma moça católica, ela precisa ser uma moça um tanto melancólica, um tanto deprimida, devota [...] que usa um saião e escreve “Totus tuus Virgem Maria” no perfil das redes sociais dela, né? Pera aí, isso é uma padronização do ser católico? Então a gente tornou o ser católico num modismo, é uma moda pra seguir? É uma tribo urbana pra se colocar? Então agora nós temos os emos, os punks, os góticos, e os católicos? Então, quando se trata de juventude, a gente tem que tomar cuidado para não transformar o catolicismo em uma moda. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1-2).

Nessa constatação, observa-se que muitos *influencers* digitais são jovens buscando evangelizar outros jovens, porém, a insuficiência na formação poderá distanciar a participação de jovens católicos nas redes sociais em realidade ambígua ao engajamento juvenil na vida pastoral paroquial:

[...] eu quero que eles [jovens seguidores] saibam separa, eu tenho colocado um discurso atento a essas radicalizações, atento a esses modismos, né? Eu tenho falado muito com os meninos com essas padronizações pra fugir do estilo né? Tem até uma piada dos meninos que não podem me seguir no Twitter e ter bandeirinha do Vaticano do lado do nome do perfil, porque tinha virado uma moda esses tempos esse negócio né? Levantar as bandeiras católicas e tal [...]. Toca muito mais no cenário da internet do que no cenário paroquial. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 2-3).

Esse aspecto trazido da difusão evangelizadora no meio digital implica um olhar de identidade e missão da Igreja no mundo. A fé como adesão aos princípios evangélicos fundados e anunciados por Jesus Cristo enquanto Verbo encarnado possui a fortaleza do Amor comunhão, como Caminho, Verdade e Vida. As distorções de discurso indicam a urgência de uma formação cristã a partir da face de Jesus Cristo pedagogo e comunicador. Ser Igreja, com identidade católica, implica em saber cuidar das jovens gerações como sustento intelectual, afetivo e volutivo, para que as fragilidades e fragmentações sejam acolhidas em vistas da potencialização da dimensão do espírito consciente de si, do outro, do Sagrado e da vocação cristã e sua forma de ação no mundo; o que indica a urgência de uma formação crítico-reflexiva, não só autônoma, mas também empática, dirigida ao Bem, Belo e Verdadeiro, indiferente ao ambiente em que se está.

Como Stein apontou anos idos, a dimensão profética exige conhecimento do conteúdo da fé, vivência na vida da Igreja e com que intencionalidade a missão evangelizadora é assumida. Sem dúvida implica formação integral dos formadores e acompanhamento das juventudes para que acompanhamentos mais personalizados sejam realizados em contribuição com a formação da consciência da missionariedade cristã junto ao anseio juvenil de propagar o catolicismo.

5.4.4 Os impactos da pandemia COVID-19

A contemporaneidade foi exemplificada pelos entrevistados não apenas pelo viés tecnológico, mas também por suas características globais e aceleratórias. O reconhecimento do período pandêmico como um tempo planetário pedagógico a ensinar os limites e o essencial à vida humana em que a vida e a morte estiveram no cotidiano dos jovens: “[...] eu acredito que sirva como reflexão pra realidade como um todo, sobretudo nesse cenário pandêmico.” (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1).

Mais uma vez, pode-se perceber no drama atual o quanto a consciência planetária precisa estar presente na consciência pessoal e relacional. Sozinho, o ser humano é uma abstração, como nos diz Stein. A pessoa é uma realidade de vida em comum e uma existência no mundo. Diante das circunstâncias contemporâneas, Edith pode contribuir com o olhar às essências da vida bem vivida. O Papa Francisco tem se firmado como um potente líder neste tempo pandêmico para cristãos e não cristãos. Sem acepção de pessoas, vem lutando para que o tempo seja superior ao espaço vivido na contemporaneidade. Formar as jovens gerações à luz do catolicismo é certamente olhar para os gestos pontífices de Francisco no trilhar contemporâneo. Uma referência profética que o chão eclesial das pastorais juvenis e, como educador em profissão e missão, pode ensinar à realidade educativa e formativa.

5.5 O QUE ALERTAR NA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÃ DE JOVENS?

5.5.1 Polarizações e cultura da discórdia

Alertas à atual conjuntura de discórdia social e eclesial foram identificadas como um perigo à fraternidade e à vida humana:

Uma realidade muito perniciosa em nosso tempo que é a polarização. Tudo tende a ser dividido em extremos [...]. O desenvolvimento de seu ideal não deve ser orientado por qualquer tipo de pensamento extremista e nem restrito à busca de sua própria felicidade como fim, mas no que ele, como pessoa, cidadão, profissional, pode

contribuir para o bem comum, pois fazer o bem ao próximo, isto é, praticar a caridade, gera como efeito colateral à felicidade que tanto o jovem almeja. (E., Entrevista 2, 12.04.2021, p. 2).

Nos aspectos de evangelização, as polarizações foram assinaladas como motivos de afastamento da mensagem do cristianismo.

No caso da juventude, afinal a formação da juventude, a gente tá falando como um todo né? [...] nós não estamos ali pra formar fanáticos religiosos, mas também nem pessoas que relativizam a fé. A gente tá ali pra formar pessoas que a fé muda totalmente a vida dele, mas, ao mesmo tempo, ele não é uma pessoa que só sabe falar de religião [...] que afasta as outras pessoas. Pelo contrário, têm que se unir, que atrair as pessoas a Cristo, né? (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 1).

Edith Stein certamente pode contribuir tanto pela obra como por sua própria vida. Foi morta pela guerra que se iniciou com polarizações, *fake news* e discursos de ódio. Tais comportamentos levaram à morte do próprio Cristo. Assim, convém nesse quesito resgatar os princípios da Pessoa-Dom, enquanto oferta e iluminação diante das noites escuras.

Os princípios da evangelização não estão resumidos na ordem da criatividade pessoal, mas da vida em vocação da primazia de um Deus que chama, um Filho que testemunha e ensina e um Espírito que é Santo, e impulsiona a integridade da vida em perfectibilidade, que, na fé católica, assume-se como santidade. A discórdia ergue-se na ausência do amor. Perdeu-se o amor, perdeu-se a essência do evangelho. A força da evangelização não está na quantidade de *likes*. Basta olhar para as origens da Igreja. Os acirramentos e cultura da discórdia em nada integram as virtudes teologais da fé, esperança e caridade, tal qual Edith aponta como esteio cristão. Assim, formar os jovens é também formar os adultos, para que egoísmos, oportunismos e agressividades não sejam associados à evangelização. A história é clara nessa revelação. Aos jovens, cabe apresentá-la como referência das sombras e luzes humanas e cristãs e as responsabilidades que o ser humano possui sobre elas.

5.5.2 Fenômenos de massa

Os entrevistados manifestaram preocupação com modismos, movimentos de reprodução de comportamentos e ideias ausentes de consciência crítica e empática, sobretudo em âmbito digital:

[...] isso nas redes sociais é muito complicado, porque há uma tendência às modas muito grande, sobretudo por parte dos próprios influencers que acabam criando, e tá ali se influenciando uns aos outros, né? Uma, um referencial, né? Se pega os influencers católicos, eles meio que seguem mais ou menos ali a mesma linha, que é uma linha de imitação [...]. Um tanto polêmicos na forma de falar, severos na forma de colocar moral, o jeito, os trejeitos que fazem pra colocar a câmera, parece assim muito, né? [...]. E esse padrão vai ser o que os jovens católicos que estão influenciando vão seguir e vira uma grande tribo, né? É por isso, não é ser católico, ser católico não é seguir um padrão. (N., Entrevista 2, 28.04.2021, p. 2).

Esse tema da massa como fenômeno de seres que aderem a algo ou a alguém sem consciência do si mesmo, da autoria de pensamento, da crítica diante da vivência é fundamental à Stein, que desenvolveu escritos sobre o contágio psíquico como base da massificação. Sem a consciência intencional, o ser se torna mero reproduzidor de ideologias e imitador passivo daqueles que o seduzem. Nem sempre os jovens reconhecem nessa adesão passiva a problemática da nulidade da potência do seu eu consciente e livre.

De fato, para Stein, a educação deve potencializar a liberdade ontológica e intelectual, responsável e empática. Sem isso, o jovem pode estar julgando seguir algo bom e, por isso, difunde-o cegamente, sem bases sólidas de formação da consciência. Nesse sentido, mais uma vez, o universo adulto traz o clamor da consciência da formação aos formadores, para que auxiliem os jovens a partir de seus próprios testemunhos e modos vivenciais na Igreja e no mundo. Para formar as jovens gerações, é preciso atentar-se para os compromissos que o contexto adulto possui como impulsionadores de muitos comportamentos. Muitos jovens ecoam o que encontram como causa reproduzida por adultos pouco comprometidos com a Verdade e com a vida em comunhão. Convém a formação social em vistas de uma consciência questionadora, mesmo dentro da Igreja, na qual possam identificar as causas que realmente fazem ressoar o Espírito cristão dialógico. A massificação impede o sagrado humano e cristão de se manifestar em plenitude desde a interioridade do núcleo espiritual de cada ser em si.

5.6 O PASSO DO COMPROMISSO EM FORMAR A PESSOA: *INSIGHTS* PARA O ACOMPANHAMENTO DAS JOVENS GERAÇÕES

Acompanhar os jovens é caminhar *com* eles. Falar *sobre* suas questões a partir do que emerge nesse caminhar, agir *para* seu pleno desenvolvimento corpóreo-psíquico-espiritual, mas, sobretudo, dispor-se a fazer percurso conjunto. Aos formadores cristãos, acompanhar é seguir o exemplo de Jesus Cristo na formação cuidadosa e pedagógica com seus discípulos. Não se inicia a ser cristão, em “[...] uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.⁷⁵⁵ Uma relação pessoal com Jesus designa encontrar, na vida espiritual cristã, o referencial da vida integral.

Só é capaz de formar no paradigma de Jesus Cristo quem se dispõe a aprender com ele ao longo do Caminho. Edith Stein, no compromisso formativo dos jovens, optou em contribuir com que seus formadores (pais, professores, gestores, formadores eclesiais, profissionais...) assumissem a responsabilidade em formar o humano e despertar o divino em cada jovem à luz da fé cristã, no esteio antropológico. A fenomenóloga acentuou o amor como fonte e essência do cristianismo, mas deixa o alerta que o corpóreo não ama isolado, mas com a alma. Assim como a alma psíquica não ama em profundidade, apenas quando potencializada pela alma espiritual. O jovem, a jovem, semelhantes em dignidade e distintos em natureza, são capazes de se tornarem cristãos na medida de sua sede de amor autêntico.

No entanto, essa medida passa por todo o processo formativo, a partir do universo adulto. É sobre esse reconhecimento de adulto responsável por um solo sagrado juvenil sedento de amor que se aborda quando se trata de acompanhamento. Para acompanhar jovens, é preciso querer ir às suas realidades. E, para isso, é preciso alcançar e ser alcançado por eles. Por isso, a relação não é unilateral, mas intergeracional. Jovem aprende com jovem. Jovem aprende com adulto. Torna-se muito mais fecundo quando o adulto também se dispõe a aprender com os jovens e fazer caminhada formativa *com* eles e *para* eles.

Não se trata de juvenizar a adultez, mas de se permitir em sua responsabilidade formativa, abrir o espaço conversacional que abraça sua inteireza e impulsiona a vida em sua plenitude. Há muitas descobertas nessa relação, sobretudo no motor de ânimo criativo e capacidade renovadora que os jovens trazem. Uma “boa nova” que enriquece quem os abraça,

⁷⁵⁵ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est: Sobre o amor cristão*, 2005. n. 1.

assim como a estabilidade madura de quem já conhece o caminho, pode oferecer a segurança e o estímulo que tanto anseiam. Não se “perde” autoridade nesse processo. *Auctoritas* indica a capacidade de fazer crescer, com autêntica força formadora. Nem arbitrário, nem permissivo, o caminho é o da autenticidade.

Capacitar os formadores para que realizem um acompanhamento espiritual e pastoral com as jovens gerações já vêm sendo sinalizado desde o Documento de Aparecida⁷⁵⁶ e salientado no Documento final do Sínodo Os jovens, a fé e o discernimento vocacional (2018). Inspirados na dinâmica da passagem dos jovens de Emaús,⁷⁵⁷ é preciso pôr-se a caminho com eles, acolhendo o dom de sua juventude. O caminho é feito no ordinário da vida:

[...] apoiar e acompanhar o itinerário rumo a escolhas autênticas, é, para a Igreja, uma maneira de exercer a sua função materna, gerando para a liberdade dos filhos de Deus. Tal serviço constitui simplesmente a continuação do modo como o Deus de Jesus Cristo age em relação ao seu povo: através de uma presença constante e cordial, de uma proximidade dedicada e amorosa e de uma ternura sem limites.⁷⁵⁸

O percurso da presente pesquisa visou contextualizar e responder a um apelo eclesiológico do Papa Francisco que impulsiona a Igreja e a sociedade a uma pedagogia do encontro com as jovens gerações. Nessa escuta da vida articulada com a fundamentação antropológica, o compromisso educativo-pastoral de colocar a pessoa no centro do processo e a formar para atuação solidária e comunitária aponta para um percurso místico que une a liberdade de Deus e a liberdade do ser.

Com esse respeito e responsabilidade, esta seção destaca alguns *insights* que emergiram do todo investigado: contextos, fundamentos, narrativas, análises. De modo breve, procura-se sintetizar em 12 pontos as respostas encontradas para a questão que originou a investigação. Importante ressaltar que os pontos apresentados foram os que predominaram da investigação, mas não esgotam possibilidades de ampliação e alargamento do estudo: *com que/quem a formação das jovens gerações deve se comprometer efetivamente para que estes encontrem o sentido do sagrado humano e divino em suas existências?*

⁷⁵⁶ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe*, 2008. n. 282.

⁷⁵⁷ Lc 24, 13-35.

⁷⁵⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento Preparatório (XV Assembleia Geral Ordinária)*, 2017. p. 91.

1. **Com a dinâmica formativa que potencie a vida juvenil integralmente, corpo e alma, pessoa e comunidade, corpo e alma, pessoa e comunidade**, em perspectiva inclusiva e equânime, propicie uma visão de mundo em prol do desenvolvimento pleno da potência humana e divina que habita o ser. Cuidar, educar, investir na integralidade do corpo anímico, é fortalecer a consciência do respeito e da dignidade do corpo em sua totalidade, rompendo as relações utilitárias e arbitrárias, as quais muitos jovens encontram naturalizadas no seu processo formativo. Ser alguém e não ser algo é formar jovens conscientes de sua dignidade, interior e exterior, para que reconheçam as insuficiências do próprio contexto adulto e mesmo nas atitudes que assumem diante dos grupos de pares. Nesse sentido, há uma responsabilidade das instituições católicas que formam o humano em intensificar a antropologia integral que enleva a inteireza da vida.
2. **Com o Sagrado que habita nos jovens no chão contemporâneo**, sem excessos de discursos arqueologistas ou futuristas, mas harmônicos entre o patrimônio antropológico da fé católica em conciliação com os apelos da humanidade hipercultural. Para isso, urge ir ao encontro do divino no jovem, em superação dos estereótipos que limitam seu potencial individual e relacional. Os jovens não são frutos do acaso, não são o problema. São frutos da primazia do Amor de Deus e podem possuir problemas decorrentes de diferentes questões, principalmente no manejo formativo. Se se perde essa convicção, a formação perde a essência do cristianismo e do princípio transformador da vida. Muito da queixa em relação às juventudes resulta de insatisfações e reproduções da educação que os adultos tiveram em sua juventude e espelham nos jovens de hoje. Pensar a juventude é (re)pensar a própria adultez diante do jovem. É pensar também em sua própria relação com o sagrado e o que essa relação comunica às juventudes.
3. **Com a sensibilidade fenomênica de olhar e escutar cada jovem em si em seu tempo histórico**, com suas dores, desafios, sonhos, perspectivas, lugares e não lugares: desenvolver pedagogias não da suposição ou da imposição, mas da proposição transformadora. Para isso, é preciso não suprimir a escuta e o olhar cada jovem e cada sociabilidade. Não dá para fazer de conta que não se escuta e não se vê o que acontece. É preciso ouvir e perceber a vida juvenil. Exige a empatia através do dom de si. Por isso, a dialógica de acompanhar e aprender a

apurar conjuntamente os arranjos formativos é imprescindível. Formar os jovens é se envolver e se arriscar a demonstrar, na autenticidade, também suas vulnerabilidades. O percurso exige paciência, descentralização, aceitação de responsabilidades.

4. **Com a educação consciente da responsabilidade com as sociabilidades juvenis** vinculares, empáticas e salutaras, atentos nos detalhes das comunicações lineares e não lineares: intersubjetivas, corpóreas e digitais. Formar a pessoa jovem é ajudar na sua formação comunitária. Para isso, é preciso despertar nos jovens a autorreflexão, a autocrítica, a potência do “eu” em relação ao outro e em relação à coletividade, e, além disso, formar o grupo juvenil a partir do espírito comunitário. Sobretudo nos tempos de pandemia, a necessidade tem sido de reconexão humana e presencialmente interativa. Um caminho é potencializar no jovem a cooperação e responsabilidade social por meio de engajamento solidário. Um itinerário de se *comover* com os demais.
5. **Com e a partir do espírito comunitário, através de comunidades formativas acolhedoras, vivazes, envolventes e impulsionadoras** que visem encontrar os jovens em seus reais contextos e ambiências (multi)culturais: *primeirar* na constituição do vínculo com a existência relacional. A proatividade e a qualidade do vínculo salva vidas juvenis. Pensar os jovens é pensar principalmente seu contexto familiar. O esforço em atingir, alcançar as famílias, integrando-as como fundamentais na responsabilidade formativa basilar, compreendendo e dialogando com suas particularidades, narrativas e cultura. Muitas vezes, os jovens vivem solitários os seus processos e assumem por “mãe”, “pai”, “irmão”, pessoas que se importam com ele, construindo novos espaços de segurança e afeto. A família também precisa do amparo da Igreja, para que se torne o que deve ser ao jovem. Assim como as instituições de ensino que sofrem os impactos do Estado, e, sendo confessionais católicas, da própria dinâmica evangelizadora da Igreja.
6. **Com o fundamental acompanhamento intergeracional de diálogo horizontalizado na forma e diligente nas funções adultas.** Adulto não é um jovem crescido. É um ser responsável pelo cuidado, acompanhamento e formação das gerações mais novas. Furtar-se a isso é deixar à deriva o novo que emerge, desinteressando-se do comprometimento geracional. Salienta-se a fragilidade em que muitos jovens se encontram principalmente na convergência

entre vida acadêmica, profissional, cidadã, relacional e eclesial. Esse momento de vida é crucial de muitas escolhas e decisões juvenis. É preciso conhecer suas narrativas em percurso: o agora, a memória e o devir. O abismo de acompanhamento entre a adolescência e juventude faz com que muitos jovens enfrentem sozinhos suas questões. Não somente nos aspectos educacionais isso pode ser visto, mesmo nos aspectos de saúde são poucos profissionais especialistas clínicos que atendem as especificidades dos jovens.

7. **Com a arquitetura de uma cultura vocacional desde dentro das vivências juvenis:** conectar com o Sagrado no humano através de linguagens verbais, gestuais, estéticas, mais conectivas com adolescentes e jovens, seja através da arte, da cultura, do esporte, no ambiente natural, da espiritualidade contemplativa e ativa, do fomento à cultura em redes solidárias pelas causas sociais (e juvenis), em diálogo crítico-reflexivo com o conhecimento da fé católica. Mais do que ajudar na potencialização do autoconhecimento juvenil, assumir uma vida na perspectiva vocacional é colocá-la a serviço. A pergunta não se resumiria em “quem sou eu?” e “com o que sou eu?”, mas expandiria para “para quem sou eu?”, “com quem sou eu?”, “para contribuir com que realidade?”. Assim, a espiritualidade vocacional também precisa de atenção, para que não retire do foco a mística cristã em favor de discursos dissociativos que segmentam a alma da corporeidade.
8. **Com a formação integral daqueles que atuam com jovens,** para que assumam bases dialógicas de interlocução e construções conjuntas, sem se furtar de suas responsabilidades enquanto adultos referenciais. Para que o desencadeamento formativo parta da visão de processo do *telos ordo amoris*, isto é, com a finalidade de viver *em, com e pelo* Amor enquanto divino que integra *logos* (enquanto sentido), *pathos* (na dimensão empática) e *ethos* (no compromisso ético cristão) seja reconhecido pelos jovens, nos adultos responsáveis por sua formação. Além disso, seria oportuno como atuação de compromisso com as jovens gerações que as dioceses garantissem equipes multidisciplinares que atuam diretamente com jovens – médicos, psicólogos, psicopedagogos, pedagogos, assistentes sociais, pesquisadores de juventudes, teólogos – para contribuir nos aconselhamentos a padres, religiosos, familiares e, principalmente, com os próprios jovens. Inclusive, contar com os próprios

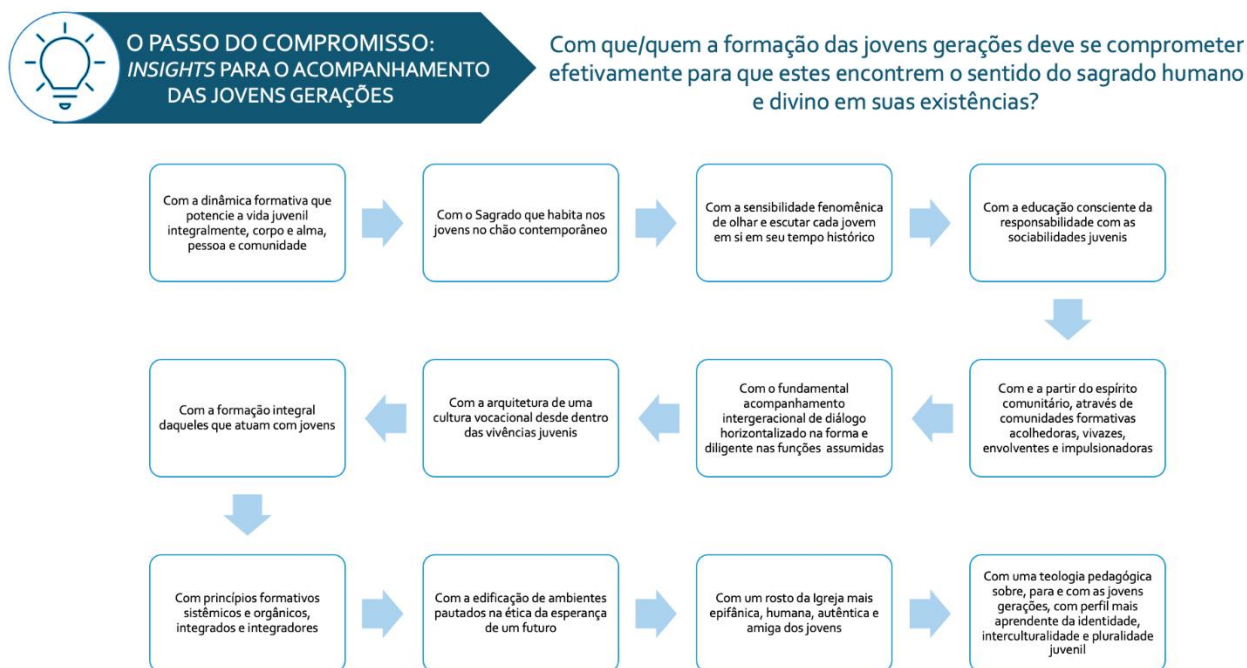
jovens universitários nesse percurso de entreatajuda formativa favorece a união de seus estudos com a promoção da vida.

9. **Com princípios formativos sistêmicos e orgânicos, integrados e integradores** com as jovens gerações, eliminando/mitigando o abismo entre imanência e transcendência, fé e razão, pessoa e comunidade, vocação e profissão, Igreja e sociedade, em vistas de maior equilíbrio antropológico da *Imago Dei* na vida familiar, educacional, social e eclesial. Para isso, torna-se necessário estruturas que pensem a formação a partir da diretriz antropológica, não se isolando nas metodologias, mas planejando “por que fazemos o que fazemos?”, “por que/quem fazemos o que fazemos?”. A pastoral com jovens, por exemplo, implica bom planejamento, norteadores, análise dos cenários regionais, das oportunidades, dos desafios e levantamentos de estratégias de ação. Por mais orgânico que se almeje o acompanhamento com jovens, de modo algum deveria prescindir da condução de gestão pastoral transformadora.
10. **Com a edificação de ambientes pautados na ética da esperança de um futuro** formado através dos rastros conscientes deixados no agora, construindo projetos de vida menos individualistas e oportunistas, e mais abertos à promoção do outro e da humanidade enquanto comunidade do gênero humano. É preciso esperar com as jovens gerações transformando o hoje. Os jovens carregam sofrimentos naturais e causados por assédios muito profundos (racismo, xenofobia, sexismo, intolerância religiosa, *(ciber)bullying*, violências morais, sexuais e tantos outros). Acarretam dores desde o profundo de si e mesmo de outros que amam. Educar para transcendência é também formar na justiça. Esse é um fator importante na formação das juventudes. O amor não suprime a verdade; e a verdade, para ser verdade, é boa e bela. O futuro é esperançado nos compromissos de vida que se assume no agora.
11. **Com um rosto da Igreja mais epifânica, humana, autêntica e amiga dos jovens**, que expanda seus horizontes vivenciais integrados, promovendo sua cidadania, superando estereótipos reducionistas que lhes roubam a esperança e a vontade de vida *na fé, com a fé e pela fé*. O cristianismo para o jovem (e para ninguém) não deveria ter atmosfera sisuda, dura, acinzentada. Ao contrário, o tom da alegria cristã, do pulso de vida em abundância, da causa social, da vida nos mistérios sacramentais, na oração como um encontro com um Deus amigo que se manifesta na vida pessoal que impele à vida comunitária. Possivelmente

a grande pergunta seria o quanto de vida a mensagem cristã que chega aos jovens possui? Uma alegria que renova e comunica ganha outro sentido no ideal juvenil. A fé é rica em musicalidade, em arte, em narrativas, em cultura, em conteúdo. Sua beleza pode estreitar e humanizar ainda mais esse processo formativo, assim como a compreensão do ser receptor/promotor de uma herança histórica, cultural e espiritual. A Igreja Católica possui uma vida enraizada na Fonte de Vida que merece ser mais conhecida e potencializada entre os jovens.

12. **Com uma teologia pedagógica sobre, para e com as jovens gerações, com perfil mais *aprendente da identidade, interculturalidade e pluralidade juvenil*: *querer aprender* com seus saberes.** Não é suficiente o discurso acerca do protagonismo juvenil, é preciso identificar se de fato há esse espaço protagonizado; não havendo, onde está o impeditivo, e, havendo, o que exatamente advogam. É preciso acompanhar as jovens gerações na perspectiva do encontro, não com ideias, suposições ou eteriedades, mas com a solides a exemplo do diálogo estabelecido pelo próprio Cristo Mestre com diferentes jovens presentes nas narrativas do Evangelho. A identificação com personagens, santos jovens, conhecer a graça e a liberdade que a relação de Jesus com os jovens oportuniza, enxergar os próprios espaços educacionais e eclesiais como locais que também possuem fragilidades e com necessidade de cuidado, indica o favorecimento de percepção de finitude e eternidade nas próprias relações humanas e espirituais. O coração juvenil, como núcleo de interioridade, e a consciência como sede do sagrado, como santuários antropológicos, não merecem superficialidades, mas a progressiva, profunda e sábia aprendizagem que confere o sabor à vida.

A imagem a seguir ilustra os destaques que iluminam e decorrem das investigações bibliográficas e qualitativas:

Figura 6 – Insights gerados na pesquisa doutoral⁷⁵⁹

Por fim, pode-se pensar a formação compromissada com as jovens gerações que lhes garanta o direito de, no percurso, mais do que caminhar, correr para aquilo/aquele em que/quem encontram o sentido do sagrado mais pleno. Parafraseando o Papa Francisco, que aos formadores das juventudes esteja acentuado o entusiasmo (*in + theos*) em vê-los “correr mais rápido do que os lentos e medrosos”.⁷⁶⁰

Contando com a cooperação humana, ciente da graça como maior fonte formadora, que os jovens possam ser reconhecidos como peregrinos capazes de percorrer seu *status viae* atraídos pelo Rosto tão amado, que é adorado na sagrada Eucaristia e reconhecido naquele que sofre.⁷⁶¹ Que as palavras de Francisco aos jovens não sejam esquecidas por nenhum dos corresponsáveis pelas vivências juvenis: “A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós”.⁷⁶²

⁷⁵⁹ Elaborada pela autora (2022).

⁷⁶⁰ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus Vivit*, 2019. n. 299.

⁷⁶¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus Vivit*, 2019.

⁷⁶² *Loc. cit.*

6 À GUIA DE CONCLUSÃO

A presente pesquisa investigou aspectos antropológicos teológicos-pedagógicos, destacando a formação humana e cristã das jovens gerações à luz de sua finalidade, ou seja, de seu *telos*. Este estudo doutoral continuou a pesquisa iniciada no mestrado da autora.⁷⁶³ No entanto, aqui, o foco foi delimitado à formação humana integral de cada jovem como pessoa singular e comunitária, social e eclesial.

Como problema, partiu-se da seguinte questão: com que/quem a formação das jovens gerações deve se comprometer efetivamente, para que elas encontrem o sentido do sagrado humano e divino em suas existências? Como objetivo geral, intencionou-se analisar narrativas de vivências juvenis católicas, buscando elementos na antropologia fenomenológica-teológica da filósofa judia e católica Edith Stein (1891-1942), para possíveis contribuições na dinâmica formativa das jovens gerações, conducentes ao sentido de vida em Deus.

Para atender aos objetivos específicos, o texto iniciou-se com a caracterização da cultura do encontro com as jovens gerações contemporâneas, proposta pelo Papa Francisco, que acentua a necessidade do princípio antropológico que reconhece, nos jovens, o *locus* teológico e, na educação, a via formativa do humano e do divino. Foi possível explorar alguns desafios trazidos pela contemporaneidade, que marcam um distanciamento entre a conexão da formação católica e os jovens. Para isso, além de análises de conjunturas, destacou-se o que emergiu do processo do Sínodo da Juventude, desdobrando-se principalmente o que os jovens participantes abordaram.

A seguir, o estudo partiu para o aprofundamento antropológico, com foco na formação dos jovens. Identificaram-se os principais fundamentos antropológicos teológicos-pedagógicos salientados na obra *A estrutura da pessoa humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*, de Edith Stein (1891-1942). Além disso, exploraram-se demais textos antropológicos da autora, que vieram a compor a compreensão da formação em *continuum* e “desde dentro” das vivências juvenis. A autora foi escolhida para o embasamento teórico por oferecer, em sua vida e em sua obra, um diálogo multidisciplinar, que enfatiza a integralidade da pessoa humana como corpo-espírito, formada por múltiplas potências naturais e divinas. Além disso, Edith Stein reconhece, em cada pessoa humana, a *Imago Dei*, trazendo pontos fundamentais da antropologia teológica católica para a formação dos jovens tanto enquanto constituição da

⁷⁶³ TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

personalidade quanto da intersubjetividade empática formada nas relações. Ademais, em Edith Stein, encontra-se a formação *intus legere*, que reconhece cada ser como habitação do divino. Essa visão provoca a pensar e a educar para o encontro do divino na pessoa do jovem e na expressão da vida juvenil.

Em sua etapa qualitativa, a pesquisa seguiu o esteio fenomenológico impulsionado pela própria obra steiniana. Assim, examinaram-se as realidades de juventudes católicas *com* ou *em* formação universitária, através do método de entrevistas narrativas⁷⁶⁴ e do levantamento de dados por meio de Análise Textual Discursiva.⁷⁶⁵ O estudo contou com sete participantes, sendo seis brasileiros e um angolano, que vive no Brasil desde a sua adolescência. De diferentes regiões, cada participante retratou a sua história de acordo com o seu conteúdo próprio, com livre temporalidade na descrição. O acesso às vivências juvenis favoreceu a percepção do solo sagrado vivenciado em primeira pessoa. Das narrativas, emergiram realidades que representavam a unicidade da narrativa de cada pessoa em si, em suas relações e em suas trajetórias formativas: a jovem com raízes e asas; o jovem em construção sinodal; a jovem mística carmelitana; a jovem cosmopolita; o jovem evangelizador digital; o jovem vocacionado ao cuidado; e o jovem entre dois mundos.

No cruzamento das vivências, pôde-se identificar o novo surgido no conjunto expressado. Destacaram-se duas macrocategorias:

- a) Vivências juvenis e a formação do si mesmo;
- b) Prioridades destacadas na formação humana e cristã das jovens gerações.

Nas vivências juvenis e na formação do si mesmo, reconheceram-se as vivências em fluxo, em que as vivências juvenis revelaram-se encadeadas com os contextos da adolescência e da infância e com projeções futuras; a pessoa, a personalidade e a integralidade, em que a construção do eu autoconsciente se apresentou com sua processualidade desafiadora, implicando nas diferenciações entre o eu e o não eu; a afetividade e o gênero, sinalizando que as constituições do “ser” feminino e do masculino são formados na interioridade, porém, com uma busca de arquétipos antropológicos e éticos na exterioridade. Há um anseio por vivências com espírito comunitário, quando a busca por se sentir pertencente a algo/alguém/uma causa é

⁷⁶⁴ ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, 2014.

⁷⁶⁵ MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*, 2016.

expressa como essencial na juventude: uma configuração do “ser”, do “para quem ser” e do “porquê ser”; há também os significantes vinculares, em que se identificou que pessoas, lugares, objetos, relações, causas e desejos assumem significância na interioridade, firmando vínculos de integridade e de vida. Quanto às transições juvenis, percebeu-se um forte acento no percurso de dependência à autonomia, o que chama a atenção para o quanto o jovem em contexto de engajamento religioso e de vivência universitária vive um período de tensionamento e de ressignificações.

Quanto ao sentido vocacional da vida, o ser, estar e agir cristão exige consciência antropológica e ética cristã. A relação com o sagrado através da experiência religiosa apresentou a mística na juventude associada ao que ela contempla com seu impulsionamento ativo. A religiosidade juvenil não esteve restrita apenas à interioridade ou à exterioridade, uma vez que esses dois aspectos estiveram integrados. Os enfrentamentos, as crises e as cruces juvenis são destacados, por acarretarem sofrimentos próprios, ampliados pelos sofrimentos dos núcleos de relacionamento, principalmente dos advindos da família. Como superações, sonhos e perspectivas, o Ensino Superior apresentou-se como um objetivo, mas não como uma resolução. Observou-se um abismo entre as esferas acadêmicas, as profissionais e o engajamento eclesial; porém, havia um desejo de reversão desse quadro, desejo esse muito pautado pelos esforços pessoais e por iniciativas mais isoladas.

Em relação às prioridades destacadas na formação humana e cristã das jovens gerações, as análises evidenciaram a necessidade de potencializar os seguintes elementos: a formação integral; a formação ética; as comunidades familiares; a formação pela via da educação; as instituições de ensino com paradigmas pedagógicos a partir da realidade concreta; o horizonte de projeto de vida e de futuro; a inclusão; a responsabilidade social; e a cidadania empática. Sinalizaram-se constatações de realidades intergeracionais, com *influencers* digitais como referenciais eclesiais, com vivências em ambientes e em comunidades digitais e com os impactos da pandemia de COVID-19 na condição juvenil. O estudo traz apontamentos de alertas, que advertem para a conversão de realidades de polarizações e da cultura da discórdia, bem como dos fenômenos de massa, os quais muitos jovens integram.

Como iluminações geradas através da pesquisa, apresentaram-se *insights* para o fortalecimento de um rosto formativo aprendente, epifânico, humano e relacional com as jovens gerações. O estudo aponta para a necessidade de arquiteturas formativas, com bases geradas a partir de uma teologia dialógica com jovens, em que eles possam ser reconhecidos como peregrinos em seu *status viae* e em que – em seus percursos vivenciais como jovens singulares, reais e concretos – eles sejam acompanhados responsavelmente, através de relações

intergeracionais comprometidas com as suas vidas em seu desenvolvimento pleno. Indica-se que o desencadeamento formativo parta da visão de processo do *telos ordo amoris*, isto é, com a finalidade de que o viver *em, com e pelo* Amor, enquanto divino que integra *logos* (enquanto sentido), *pathos* (na dimensão empática) e *ethos* (no compromisso ético cristão), seja reconhecido pelos jovens nos adultos responsáveis por sua formação.

Finalizando esta tese, constata-se que a pauta da formação de jovens está cada vez mais sendo sinalizada como primordial, como pôde ser visto na contextualização deste estudo. A expressão “formação” é bastante presente na realidade eclesial e educacional. No entanto, comumente, ela é dimensionada de forma isolada, com atividades interessantes – como palestras, cursos, eventos, partes de retiros –, mas desarticuladas de um *continuum* formativo e, por vezes, delimitadas ao campo teórico dos conteúdos da fé. Focalizar o objeto de conhecimento sem considerar os sujeitos do processo em suas cotidianidades, integralidades e sociabilidades, por mais boa vontade que se tenha, exclui a vida humana da formação. Assim, a campo de conhecimento pedagógico pode alargar a visão de “formação humana e cristã”. A visão pragmática com abordagens dialógicas resgata a consciência formativa que ocorre “desde dentro” das vivências humanas: é na relação de pessoa a pessoa que o sujeito conhece e se dá a conhecer.

Formar os jovens através de pedagogias conectivas e interlocutoras que integrem fé e vida – impulsionadas pela antropologia ontológica e comunitária que acentue a dimensão transcendente agindo através da imanência da vida vivida e além dela, com os jovens cientes da metafísica cristã – é, sem dúvida, um grande desafio ao catolicismo. No entanto, como desafio, essa questão também traz uma grande oportunidade, na medida em que se mergulha nas fontes da Revelação, que fortalecem a pessoa enquanto *Imago Dei*. Esse aspecto é basilar na formação católica das juventudes, visto que, urge abordar uma antropologia teológica cristocêntrica, porém, com estruturantes pedagógicos em interlocução com a concretude da vida dos jovens.

É crescente, na contemporaneidade, uma maior abertura à dimensão espiritual, porém, não vinculada a uma religião em si ou uma teoria religiosa. A compreensão do supranatural, do transcendente e do sagrado, ou mesmo de uma inteligência espiritual, a partir do conhecimento focado no bem viver, que identifica a espiritualidade no equânime entre o bem-estar físico, o mental e o social, vem sendo cada vez mais aceita e potencializada em diferentes áreas do conhecimento. Há um desejo aparente de se encontrarem propósitos que dão sentido à vida, nas expressões das artes, na contemplação da natureza e na experiência de algo mais profundo.

No entanto, para a teologia católica, essa realidade traz uma questão a ser investigada, pois a fé, desse modo, apresenta-se pulverizada em qualquer elemento, mas não necessariamente em um Deus como o divino que adentra a história humana. Muitas vezes, se apresenta no anseio ético e nos valores morais, mas não adesão consciente em um Deus Uno e Trino. Vemos ser revelada quase como sinônimos expressões como espiritualidade e religiosidade, havendo distanciamento das paredes de instituições religiosas.⁷⁶⁶ Ademais, isso pode indicar uma precibilidade da consciência teísta do Deus proximal e providencial.

Como formar o jovem de hoje? A formação humana geralmente é respondida em seus aspectos de constituição da personalidade ou do comportamento, e mesmo da sociabilidade; grosso modo, essa formação é considerada como algo que se desenvolve de modo mais restrito no núcleo familiar e pelas influências das amizades e do meio habitado. Ademais, a formação humana, por vezes, é configurada como algo circunscrito às vivências da infância e da adolescência. Seus significantes revelam a sacralidade despertada na raiz do mistério da confiabilidade no amor que conserva e impulsiona para o percurso da verdadeira vida em autenticidade, beleza e bondade; como proveniente do sustento e das esperanças ressurrectas ao longo do *statu viae* da história humana: finita em natureza e eterna na graça.

Por isso, potencializar a antropologia teológica como patrimônio espiritual da fé católica – ao colocar-se a pessoa humana no centro do processo e ao educá-la diligentemente *na* consciência do que se é, do que não se é e de como é o agir ético cristão na Igreja e na sociedade – aponta para uma excelente oportunidade de se humanizarem os processos formativos com as jovens gerações. O que chamou a atenção na etapa qualitativa da pesquisa é que os participantes, por mais que abordassem metodologias, sinalizaram, predominantemente, para muito mais do que isso: sinalizaram para positivities e adversidades que os impactaram, advindas dos (des)acompanhamentos dos contextos adultos.

Assim, o título desta tese resume, em síntese, que é preciso aprender a reconhecer, nas vivências juvenis, o solo sagrado. Para isso, faz-se necessário caminhar conjuntamente *com* as jovens gerações, em um compromisso com a finalidade da formação como uma fonte de vida integral, conducente do ser humano da finitude à eternidade.

Por fim, os resultados desta tese indicam que este estudo não se esgota nestas páginas, sendo possíveis novas investigações, com um detalhamento ainda maior sobre cada ponto abordado. Aos participantes, a Edith Stein e aos direcionamentos eclesiológicos, educacionais

⁷⁶⁶ SUSIN, Luiz Carlos. *Religiosidade e educação popular em contextos interculturais*, 2006.

e pastorais fomentados na realidade do chão da vida vivenciada, assim como ao meu orientador, mais uma vez, minha eterna gratidão.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. A antropologia dual como Imago Dei. In: ALES BELLO, Angela *et al.* *Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2020. p. 33-47.
- ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Bauru: EDUSC, 2000.
- ALES BELLO, Angela. Educar para a eternidade: o que Edith Stein diria aos jovens de hoje? *Parresia*, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2021.
- ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Belo Horizonte: Spes, 2017.
- ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- ALES BELLO, Angela *et al.* *Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2020.
- ALES BELLO, Angela. *Edith Stein: A Paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.
- ALES BELLO, Angela. Prefácio. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (org.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 9-13.
- ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. v. 2. São Paulo. Edições Loyola, 2002.
- ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERNET. *IBGE: 40 milhões de brasileiros não têm acesso à Internet*. 2021. Disponível em: <https://www.abranet.org.br/Noticias/IBGE:-40-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-Internet-3345.html?UserActiveTemplate=site&UserActiveTemplate=mobile&UserActiveTemplate=site#.YhF39-jMKUm>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- BARREIRA, Cristiano R. A. A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 53-93.
- BECHAUSER, Frei Alberto. *Lex Orandi, Lex Credendi!*. Franciscanos, 2013. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/lex-orandi-lex-credendi>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*. Roma, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 19 fev. 2022.
- BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOLÍVAR, Carlos Ruiz. El enfoque multimétodo en la investigación social y educativa: Una mirada desde el paradigma de la complejidad. *Revista de Filosofía y Socio Política de la Educación*, v. 8, n. 4, p. 13-28, 2008.

BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro B. (org.). *Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica: pessoa e comunidade em Edith Stein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

CARNEIRO, Suzana F. B. *Formação humana e violência à luz da fenomenologia de Edith Stein*. Curitiba: Appris, 2021.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, Amedeo. *Contruir cultura vocacional*. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Documentos da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2012. v. 85: Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fraternidade e Educação: Fala com sabedoria, ensina com amor*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Puebla: A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. *Atlas das Juventudes*, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2008. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*. Porto Alegre, Artmed, 2010.

DAYRELL, Joarez; CARRANO, Paulo César. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um novo mundo*. 2003. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf. Acesso em: 16 dez. 2021

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). *Juventude e ensino médio*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 111-133.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Nada sobre nós sem nós*. Porto Alegre: NUDDH, 2019. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/201905/10173021-nada-sobre-nos-sem-nos.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Brasília: UNESCO Brasil, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: 15 fev. 2022.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/romancuria/pt/dicasteri/dicastero-per-i-laici--la-famiglia-e-la-vita.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. São Paulo: EJC, 2004.

ESTEVES, Luiz C.; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos (org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007. p. 21-22.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Edith Stein, Modelo y Maestra de Espiritualidad*. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Una espiritualidad para hoy según Edith SteIn: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco aos jovens por ocasião da apresentação do documento preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*. Vaticano, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170113_lettera-giovani-doc-sinodo.html. Acesso em: 14 jun. 2020.

FRANCISCO. *Carta do Santo Padre Francisco aos esposos por ocasião do ano “Família Amoris laetitia”*. Roma, 2021. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/20211226-lettera-sposi-anno-famiglia-amorislaetitia.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Assis, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_encyclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 16 fev. 2020.

FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no seminário sobre o tema “Education: The Global Compact” promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais*. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html. Acesso em: 14 jun. 2020.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco às famílias em peregrinação por ocasião do ano da fé*. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131026_pellegrinaggio-famiglie.html. Acesso em: 16 fev. 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*. Vaticano, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii--gaudium.html. Acesso em: 15 jun. 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exultate: sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francisco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html. Acesso em: 25 mar. 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal para os jovens e para todo o Povo de Deus Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo*. Vaticano, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa--francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 12 jun. 2020.

FRANCISCO. *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia*. Disponível em: Roma, 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 15 jun. 2020.

FRANCISCO. *Pacto Educativo Global: Instrumentum Laboris*. 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVEZ; Paulo Sérgio Lopes; FERNANDES, Márcio Luiz. Apresentação. In: ALLES BELLO, Angela. *O Sentido do Sagrado: da arcaicidade à dessacralização*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 9-13.

GONZALEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson, 2002.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *Lancet*, v. 396, p. 874, 2020.

HWANG, Sungsoo. Utilizing qualitative data analysis software: a review of Atlas.ti. *Social Science Computer Review*, Thousand Oaks, v. 26, n. 4, p. 519-527, 2008.

JESUS, Teresa de. Castelo Interior: primeiras moradas. In: SCIADINI, Patrício (coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; Loyola, 2001. p. 441-452.

JMJ LISBOA. Disponível em: <https://www.lisboa2023.org/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio: Sobre as relações entre fé e razão*. Roma, 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II na Cerimônia de Canonização de Edith Stein*. Roma, 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do IV Dia Mundial da Juventude*. Roma, 1989. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_27111988_iv-world-youth-day.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

JUAN PABLO II. *Mensaje del Santo Padre Juan Pablo II para la IX y la X Jornada Mundial de la Juventud*. 1993. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth.index.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

JUAN PABLO II. *Santa misa del domingo de ramos y Segunda Jornada Mundial de la Juventud*. Buenos Aires, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870412_celebraz-giornata-gioventu.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

KAMPPFF, Adriana Justin Cerveira; HARRES, João Batista Siqueira. Projeto de inovação pedagógica na universidade: contextualizando os percursos formativos e os ensaios investigativos relatados. In: KAMPPFF, Adriana Justin Cerveira; HARRES, João Batista Siqueira. *Percursos de Inovação Pedagógica: ensaios investigativos da prática docente*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 13-23.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANGANARO, Patrizia. *Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2016.

MENDENHALL, Emily *et al.* Non-communicable disease syndemics: poverty, depression, and diabetes among low-income populations. *Lancet*, v. 389, p. 951-963, 2017.

MENDES, Everaldo S. *Psicologia fenomenológico-existencial: reflexões, método e intervenções clínicas, sociais e comunitárias*. Curitiba: Bagai, 2021. p. 174-186.

MENDONÇA, Tolentino. *Carta aos jovens portugueses*. Jovens Conectados, 2020. Disponível em: https://jovensconectados.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Carta-aos-jovens_D_Tolentino-Mendon%C3%A7a.pdf. Acesso em: 13 abr. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

OBSERVATÓRIO JUVENTUDES PUCRS/REDE MARISTA. Quem é o estudante da PUCRS? [recurso eletrônico]: um estudo sobre o perfil discente dos cursos de graduação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/download/relatorios/1544.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 19 fev. 2022.

PAIS, José Machado. *Tribos urbanas e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PARISE, Marília Cecília Isatto. Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein. In: PERETTI, Célia; DULLIUS, Vera. (org.). *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Appris, 2019. p. 79-129.

PAULO VI. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã*. Vaticano, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educatio-nis_po.html. Acesso em: 15 jun. 2021.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera. *A arte de Educar: Por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Appris, 2018.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Visão de homem na educação e o problema da humanização. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 337-363, maio/ago. 2007.

PRENSKY, Mark. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

ROCHA, Magda Celi Mendes; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. Edith Stein e o magistério do Papa Francisco: por uma antropologia integral e integradora como fundamento educacional. *Parresia*, v. 2, n. 2, p. 126-151, 2021.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. São Paulo: UNESP, 2019.

ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada: Gestalt e estrutura de autoapresentações biográficas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROSINA, Alessandro. Scoprire com i Giovani i motivi dela fede. *La Rivista del clero italiano*, n. 11, 2018.

RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SANCHO, Francisco Javier. Introducción general: *Edith Stein, formadora integral de la persona*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 29-44.

SINGER, Merrill; CLAIR, Scott. Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context. *Medical Anthropology Quarterly*, v. 17, 423-441, 2003.

SINGER, Merrillet *al.* Syndemics and the biosocial conception of health. *Lancet*, n. 389, 941-50, 2017.

SANDRINI, Marcos. *Como estrelas no céu: desafios da pastoral da educação*. São Paulo: Paulus, 2015

SAVIAN FILHO, Juvenal. A empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal. (org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. *Revista Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 293-315, 2016.

SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

SBERGA, A Adair Aparecida. A formação da pessoa e o percurso de conhecimento do núcleo interior. In: *In: Revista Parresia*. V.02.n.02 (2021). Educar para a eternidade. Págs. 11 – 32.

SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (org.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 167-194.

SBERGA, Adair Aparecida. *Fundamentos da Antropologia Filosófica e Pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana*. São Paulo: Editora Paulus, 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal*. Roma: Assembleia Geral, 2018. Disponível em: <https://jovensconectados.org.br/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal-agora-em-portugues.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento Final*. Roma: Assembleia Geral, 2018. Disponível em: <http://www.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

STEIN, Edith. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999.

STEIN, Edith. *Aus dem Leben einer jüdischen Familie und weitere autobiographische Beiträge*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2002.

STEIN, Edith. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2010.

STEIN, Edith. *Bildung und Entfaltung der Individualität. Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2001.

STEIN, Edith. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002. v. 2: Escritos filosóficos: Etapa fenomenológica. p. 207-520.

STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person: Vorlesung zum philosophischen Anthropologie*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2004.

STEIN, Edith. *Die Frau: Fragestellungen und Reflexionen*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2000.

STEIN, Edith. Educación Eucarística. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 149-157.

STEIN, Edith. *Eine Untersuchung über den Staat*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2006.

STEIN, Edith. *Einführung in die Philosophie*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2004.

STEIN, Edith. El Castillo interior. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 79-106.

STEIN, Edith. El Ethos de las profesiones femeninas. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 159-176.

STEIN, Edith. El Intelecto y los intelectuales. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 215-229.

STEIN, Edith. El Misterio de la navidad. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 484-485.

STEIN, Edith. El Misterio de la navidad. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 479-490.

STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. Anhang: Martin Heideggers Existenzphilosophie: Die Seelenburg*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2006.

STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad/Vitoria; Monte Carmelo: Ediciones El Carmen/Burgos, 2002.

STEIN, Edith. Estructura de la Persona Humana. *In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 555-749.

STEIN, Edith. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 421-445.

STEIN, Edith. *'Freiheit und Gnade' e weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2014.

STEIN, Edith. Fundamentos de la formación de la mujer. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 195-213.

STEIN, Edith. Fundamentos Teóricos de la Labor Social de Formación. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 127-148.

STEIN, Edith. *Geistliche Texte I*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2009.

STEIN, Edith. *Geistliche Texte II*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2007.

STEIN, Edith. Javier. Caminos del conocimiento de Dios. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 123-181.

STEIN, Edith. La colaboración de los centros conventuales en la formación religiosa de la juventud. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 111-125.

STEIN, Edith. *La struttura della persona umana*. Roma: Città Nuova, 2000.

STEIN, Edith. *Miscellanea thomistica*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2013.

STEIN, Edith. Novena de Pentecostés. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 769-775.

STEIN, Edith. O que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. *Scintilla*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2005.

STEIN, Edith. *Potenz und Akt*. Studien zu einer Philosophie des Seins. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2005.

STEIN, Edith. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. *In:* URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 753-986.

STEIN, Edith. *Selbstbildnis in Briefen I: Erster Teil 1916-1933*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2000.

STEIN, Edith. *Selbstbildnis in Briefen II: Zweiter Teil 1933-1942*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2000.

STEIN, Edith. *Selbstbildnis in Briefen III: Briefe an Roman Ingarden*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2005.

STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

STEIN, Edith. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 177-194.

STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019.

STEIN, Edith. *Übersetzung von Alexandre Koyré, Descartes und die Scholastik*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2008.

STEIN, Edith. *Übersetzung von John Henry Newman, Briefe und Texte zur ersten Lebenshälfte (1801-1846)*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2004.

STEIN, Edith. *Übersetzung von John Henry Newman, Die Idee der Universität*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2014.

STEIN, Edith. *Übersetzung: Des Hl. Thomas von Aquino Untersuchungen über die Wahrheit: Quaestiones disputatae de veritate 1*. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2014.

STEIN, Edith. *Übersetzung: Des Hl. Thomas von Aquino Untersuchungen über die Wahrheit - Quaestiones disputatae de veritate 2*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2002.

STEIN, Edith. *Übersetzung: Thomas von Aquin, Über das Seiende und das Wesen: De ente et essentia - mit den Roland-Gosselin-Exzerpten*. Eingeführt e bearbeitet de Andreas Speer e Francesco Valerio Tommasi. Helder: Freiburg-Basel-Wien, 2008.

STEIN, Edith. *Uma investigação sobre o Estado*. São Paulo: Paulus, 2022.

STEIN, Edith. Una maestra en la educación y en la formación: Teresa de Jesús. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. v. 5: Escritos espirituales. p. 53-78.

STEIN, Edith. Verdad y claridad en la enseñanza y en la educación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 61-70.

STEIN, Edith. Vida cristiana de la mujer. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003. v. 4: Escritos antropológicos y pedagógicos. p. 195-213.

STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. *Was is der Mensch? Theologische Anthropologie*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2005.

STEIN, Edith. *Wege der Gotteserkenntnis. Studie zu Dionysius Areopagita und Übersetzung seiner Werke*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2013.

STEIN, Edith. *Zum Problem der Einfühlung*. Herder: Freiburg-Basel-Wien, 2008.

SUSIN, Luiz Carlos. Religiosidade e educação popular em contextos interculturais. *Revista Práxis*, v. 1, p. 9-16, 2006.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A antropologia de Edith Stein como paradigma da educação. In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro B. *Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica: pessoa e comunidade em Edith Stein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 1-9. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/17.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A essência feminina segundo a fenomenologia de Edith Stein. In: ALES BELLO, Angela et al. *Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein*, 2020. p. 131-141.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A experiência humana da morte e a esperança cristã no testemunho de Edith Stein. *Teocomunicação*, v. 46, n. 2, p. 165-173, 2016.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Aprendizagem humana: interfaces entre a psicopedagogia e a fenomenologia do ser de Edith Stein*. In: MENDES, Everaldo S. *Psicologia fenomenológico-existencial: reflexões, método e intervenções clínicas, sociais e comunitárias*. Curitiba: Bagai, 2021. p. 174-186.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. Do logos ao logos eterno: o encontro com a verdade através da fenomenologia-teológica de Edith Stein. *Brasiliensis*, v. 9, n. 17, p. 75-97, jan./jun. 2020.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Fratelli tutti e o compromisso com as jovens gerações*. E aí, tchê, 2020. Disponível em: <http://www.eaitche.com.br/noticias/6428/fratelli-tutti-e-o-compromisso-com-as-novas-geracoes>. Acesso em: 29 ago. 2021.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. Pacto Educativo Global: a oportunidade de (re)construção do diálogo com as novas gerações. *Revista de Educação ANEC*, v. 49, n. 162, p. 45-60, 2020.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. Pensar a formação integral de adolescentes e jovens; A cibercultura em interface com a fenomenologia-teológica de Edith Stein como caminho pedagógico. *Teocomunicação*, v. 50. n. 1, p. 1-13, 2020.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima; BRUSTOLIN, Leomar. A educação em Edith Stein: breve análise histórica e conceitual. In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. (org.). *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Appris, 2019. p. 25-49.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima.; BRUSTOLIN, Leomar. A pessoa humana à luz da revelação cristã: contribuições da antropologia fenomenológica-teológica de Edith Stein. In: BAVARESCO, Agemir; VIAN, Ludinei M.; FERNANDES, Rafael M. *I Semana Acadêmica do PPG em Teologia PUCRS*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 11-31.

VATICAN NEWS. *JMJ*: os temas, as imagens e os momentos dos encontros internacionais. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-01/papa-francisco-panama-jmj-2019-temas.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

APÊNDICE 1 – CARTA-CONVITE E TERMO DE ANUÊNCIA DA PESQUISA

Prezada/o

Venho através desta carta contatá-la/o para ser participante de minha Tese de Doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Susin. Trata-se de um estudo antropológico em vivências juvenis e traz por tema a formação humana e cristã das jovens gerações. Para isso, como método qualitativo, desenvolve entrevistas particulares através de narrativas biográficas. Em minha dissertação de mestrado investiguei “A formação integral da pessoa em Edith Stein: aspectos teológicos e pedagógicos”. O trabalho pode ser encontrado na íntegra no Banco de dissertações e Teses da PUCRS através do título acima. No doutorado, seguirei esse estudo, porém de modo mais delimitado, visando pesquisar aspectos do sagrado como núcleo da formação integral e para isso, para além dos referenciais teóricos, interessa-me identificar o que emerge nas vivências juvenis em primeira pessoa.

Em aceitando, sua participação acontecerá através de entrevista pessoal em modo online, em data e hora a combinar, de modo que fique confortável e possível para você. A duração da entrevista dependerá totalmente de sua vontade, visto que pelo método biográfico, o entrevistado é livre para narrar fatos de sua vida que optar em dividir para fins desse estudo. Nos encontraremos em vídeo chamada, mas apenas o áudio será armazenado e utilizado cientificamente. No dia da entrevista, pode ser que haja algum desconforto ao recordar de algum fato narrado e em qualquer momento você poderá interromper a entrevista, garantindo riscos mínimos através dessa metodologia. O áudio será transcrito e analisado através do método científico de análise textual discursiva. Por esse método, a pesquisadora destaca os pontos do conteúdo que emergem e poderão contribuir com a investigação. Após a análise, a pesquisadora poderá realizar novo contato caso entenda a necessidade em aprofundar um tema específico abordado por você, seguindo os mesmos protocolos. Importante destacar que terei o máximo de respeito por sua narrativa e opiniões, respeitando os procedimentos éticos da pesquisa acadêmica conforme a Resolução CNS 510/2016. A entrevista em texto é não nominada. Tomarei os cuidados para preservação da sua identidade e daqueles que eventualmente venhas a citar. Durante qualquer momento do estudo, você poderá solicitar esclarecimentos ou retirar sua participação sem nenhum prejuízo. Para isso, basta contatar a qualquer momento, Patrícia

Espíndola de Lima Teixeira, no telefone (51) 84185605 e e-mail pp.patriciateixeira@gmail.com, bem como meu orientador Luis Carlos Susin (51) 99742391 e e-mail lcsusin@pucrs.br. O estudo desta tese possui fins de produção e difusão do conhecimento e assim, poderá ser utilizado em partes ou integralmente em publicações científicas e eventos, bem como, por outros pesquisadores devidamente autorizados, conforme o descrito na Carta de Anuência, que será assinada por você, caso aceite participar do estudo. Reforço que as informações de sua entrevista serão confidenciais. Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, poderá entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. Destaco que sua participação contribuirá de forma relevante para a compreensão da formação humana e cristã das jovens gerações a partir de uma perspectiva antropológica integral e integradora articulando a vida e a dimensão do sagrado.

Caso você queira ainda mais alguma informação ou confirmação da idoneidade das informações recebidas, poderá entrar em contato com o Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCRS, pelo telefone: (51) 3320.3572 e e-mail: teologia-pg@pucrs.br.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira
pp.patriciateixeira@gmail.com
Doutoranda em Teologia do PPG em Teologia da PUCRS

Luis Carlos Susin (Orientador)
lcsusin@pucrs.br
Professor do PPG em Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Av. Ipiranga, 6681
Prédio 8 – 4º andar, sala 403
Porto Alegre/RS - Brasil - CEP 90619-900
Telefone: (51) 3320.3572
E-mail: teologia-pg@pucrs.br

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____, CPF _____, declaro para os devidos fins que após esclarecida/o sobre minha colaboração no estudo e de recebido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informada/o, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos metodológicos utilizados, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes do conteúdo biográfico que poderei expor e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, cedendo os direitos do conteúdo em áudio de minha entrevista, para Patrícia Espíndola de Lima Teixeira, CPF 904084030-04, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCRS que pesquisa a temática da formação integral das jovens gerações. Entendo que a partir da data da entrevista, esta poderá ser transcrita e utilizada parcial ou integralmente para fins de estudos, pesquisas e publicações a partir da presente data, bem como por outros pesquisadores devidamente autorizados mediante aos critérios éticos estabelecidos na Resolução CNS 510/2016.

Assinatura da/o participante da pesquisa doutoral

DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTEVE O CONSENTIMENTO

Expliquei integralmente o estudo científico que desenvolvo em minha tese doutoral ao participante. Na minha opinião e na opinião do responsável pelos documentos, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira
Doutoranda do PPG em Teologia da PUCRS
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br